

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

DM.
MART/A.H.1

ISPA

Dissertação apresentada no
Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica

**ESPAÇO, TEMPO E IDENTIDADE
NA ALERGIA**

*CONTRIBUIÇÃO PARA UMA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA
EM PSICOSSOMÁTICA*

Volume I

Ana Maria Pina Martins

Nº 509

Orientador: Prof. Doutor Eurico de Figueiredo
Co-orientador: Prof. Doutor António Francisco Mendes Pedro

Lisboa * ISPA

1996



Centro de Documentação do I.S.P.A.

Tel. 836 31 84

Reg. 10062

**ESPAÇO, TEMPO E IDENTIDADE
NA ALERGIA**

*CONTRIBUIÇÃO PARA UMA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA
EM PSICOSSOMÁTICA*

Ana Maria Pina Martins

Lisboa * ISPA

1996

**ESPAÇO, TEMPO E IDENTIDADE
NA ALERGIA**

*CONTRIBUIÇÃO PARA UMA AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA
EM PSICOSSOMÁTICA*

Ao Dr. Mário Casimiro

*Espaço... do Ser.
Espaço do corpo... do desejo... da palavra...
Viagem no Tempo... Fronteira do futuro.*

No limiar da aventura de ser. Aventura essencial.

*Traço de união, alquimia, ponte ou ligação. Do Eu ao Outro.
Diluição, esbatimento, sobreposição, intercepção.*

*E os vários vértices da memória, e o esquecimento.
O caminho de re-encontro, de si.*

*De mim ao outro (... em mim por outro): o percurso que faço,
a palavra que crio,
o saber que construo,
a ideia que materializo (... e atravesso o futuro onde serei
viajante da alegria).*

**ESPAÇO, TEMPO E IDENTIDADE
NA ALERGIA**

*CONTRIBUIÇÃO PARA UMA
AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA
EM PSICOSSOMÁTICA*

Ana Maria Pina Martins

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Doutor Eurico de Figueiredo

Pela sua amável orientação e apoio
enquanto responsável pelo Seminário de Dissertação.

Ao Prof. Doutor António Francisco Mendes Pedro

A quem como colaboradora no ensino e na clínica
agradeço a amizade, orientação e apoio no percurso que me conduziu a este trabalho.

Ao Dr. António Coimbra de Matos

Director do Centro de Pedopsiquiatria e Saúde Mental do
Hospital D. Estefânia

Que me vem possibilitando a aprendizagem
e trabalho como Psicóloga no Centro que dirige
e que autorizou a utilização do material clínico aqui apresentado.

ÍNDICE

Volume I

Índice	8
Introdução	10
CAPÍTULO I - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
1.1 - O modelo de Sami-Ali no quadro das teorias da Psicossomática	14
1.2 - Breves apontamentos sobre a alergia	40
1.3 - Alergia : relação e terreno alérgico	45
CAPÍTULO II - METODOLOGIA	
2.1 - Objecto de estudo	59
2.2 - Objectivos	63
2.3 - Procedimentos	66
2.4 - Instrumentos	
2.4.1 - Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças (WISC)	69
2.4.2 - Exame Psicomotor	71
2.4.3 - Rorschach	74
2.5 - Amostra	
2.5.1 - Selecção e constituição	77
2.5.2 - Parâmetros de caracterização	78
2.5.3 - Análise	79
CAPÍTULO III - APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	
3.1 - Resultados da Wisc	
3.1.1 - Análise quantitativa	
3.1.1.1 - Estudo inter-individual	91
3.1.1.2 - Estudo intra-individual	106
3.1.2 - Análise qualitativa	
3.1.2.1 - Estudo das respostas	119
3.1.2.2 - Síntese	132
3.2 - Resultados do Exame Psicomotor	
3.2.1 - Espacialização	134
3.2.2 - Lateralidade	141
3.2.3 - Estruturação temporal	148
3.3 - Resultados do Rorschach	
3.3.1 - Síntese dos psicogramas	146
3.3.2 - Análise dos protocolos	148
3.3.3 - Síntese geral	167
CAPÍTULO IV - CONCLUSÕES	170
Bibliografia	185

Volume 2**ANEXOS:****I - Protocolos da WISC**

Resultados padronizados

Perfil de scatter

Extractos das respostas

II - Resultados do EXAME PSICOMOTOR**Espacialização****Orientação espacial**

Resultados do Teste de Piaget

Estruturação espacial

Resultados do Teste da Figura Complexa de Rey

Resultados do Teste de Head

Lateralidade

Resultados de Provas da Bateria de Lateralidade de Galifret-Granjon

Resultados do Teste das Marionetas

Estruturação Temporal

Resultados do Teste de Ritmos de Mira Stambak

III - RORSCHACH

Psicogramas

Protocolos

INTRODUÇÃO

Esta reflexão sobre a avaliação psicológica em Psicossomática tem como quadro de referência conceptual a teoria de Sami-Ali. Ao mesmo tempo a prática clínica com crianças, nesta área, bem como a minha colaboração no ensino do exame psicológico deram-me oportunidade de me confrontar com questões que este campo coloca à avaliação.

A avaliação que integra a consulta psicológica a crianças alérgicas chama a atenção para a necessidade de formas de análise que dêem conta da existência, nomeadamente ao nível espaço-temporal, de especificidades que se podem mais ou menos ocultar perante os resultados de alguns testes. A utilização de instrumentos avaliativos adequados permite considerar a sua especificidade de funcionamento.

Estas formas de análise poderão ser orientadas segundo três vectores:

- Criação de novos instrumentos;
- Adopção, segundo uma nova óptica, de instrumentos até aqui pouco utilizados;
- Reformulação daqueles já existentes.

Reporta-se assim a minha reflexão:

- A uma chamada de atenção para a necessidade de criação dos primeiros;
- Referência e reenquadramento dos segundos;
- Acentuação de novas possibilidades de leitura dos terceiros.

Se o primeiro destes objectivos se restringe a uma constatação, já os dois últimos são mais ambiciosos, serão apreciados os conceitos de espaço e tempo por

intermédio da Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças e de um exame psicomotor sumário que utiliza a Figura Complexa de Rey, a Bateria de Piaget-Head, Provas da Bateria de Lateralidade de Galifret-Granjon e o Teste de Ritmos de Mira Stambak. O Rorschach é também empregue, a incidir no estudo da constituição daquelas duas dimensões (espaço e tempo) e do seu lugar no funcionamento da criança.

Para além do funcionamento mental da criança alérgica, definido por uma relação positiva ou negativa ao imaginário, considera-se a situação conflitual, confinada ou não à presença de um impasse relacional. Este segundo termo da apreciação vai em larga medida fundamentar o tipo de anamnese proposto. Será aqui contemplado na construção dos parâmetros que organizam a amostra.

A atenção è dirigida às dimensões relacionais do espaço e do tempo, assumindo que o corpo constitui o esquema de representação e organização do pensamento e é mediador da actividade projectiva.

Constata-se na criança alérgica uma dificuldade maior de possuir um corpo que se mova num espaço e ritmo diferenciados da esfera do materno, portanto, confrontada permanentemente com um problema de identidade que lhe não permite ser outro face ao outro.

Epistemologicamente a teoria de Sami-Ali equaciona de uma maneira nova a abordagem do psíquico e do somático, trata-se de pensar a organicidade. É oportuno referir uma reflexão de René Thom sobre os objectivos que norteiam uma disciplina científica: mais do que a acumulação de conhecimentos, destaca-se o fazer nascer novas estruturas de pensamento.

CAPÍTULO I
FUNDAMENTAÇÃO
TEORICA

**O MODELO DE SAMI-ALI
NO QUADRO DAS TEORIAS
DA PSICOSSOMÁTICA**

1.1 - O modelo de Sami-Ali no quadro das teorias da Psicossomática

A Psicossomática tem vindo a ser mais trabalhada como uma aplicação da Medicina, ou uma aplicação da Psicologia e não, de uma forma individualizada, como um ramo autónomo do saber.

Do dualismo cartesiano a Psicossomática herdou o tratarem-se mente e corpo enquanto entidades. Contraopondo-se-lhe o monismo da posição holística que defende referirem-se estas noções a aspectos inseparáveis e mutuamente dependentes do homem. A crença nas forças exercidas de um sobre o outro ou a posterior resolução de totalidade.

A criação de um espaço mais ou menos alargado de *inter-*(inter-relações, inter-conexões, inter-dependências) fez com que as atenções se tenham centrado longamente: ou na consideração de perturbações mentais causadas ou agravadas por sintomas orgânicos; ou na de perturbações físicas causadas ou agravadas por factores psicológicos, com especial incidência para estas últimas.

O postulado de que algumas doenças orgânicas (a úlcera gástrica e a asma, por exemplo) tinham uma base psicológica esteve na base do conceito de doenças psicossomáticas. Os aspectos psicológicos dos doentes, julgados contribuírem ao adoecer orgânico, passaram a acrescentar o quadro etiopatogénico das doenças e a Psicossomática situou-se na Medicina, como especialidade médica.

Foi com **Flanders Dunbar** (1943) que a nova metodologia que pretendeu associar factores orgânicos e psicológicos deu lugar à especificação de perfis de

personalidade. Lançando mão de um processo que se dirigia unicamente a traços de carácter, Dunbar estabeleceu correlações entre os síndromas psicossomáticos e tipos de personalidade, considerando serem estes que permitiam caracterizar as várias doenças psicossomáticas.

O aparecimento da teoria psicanalítica permitiu posteriormente a **Franz Alexander** (1950) e à Escola de Chicago o prestar à dinâmica inconsciente a atenção que não cabia na teoria de Dunbar. Alexander vai olhar aos conflitos inconscientes que se encontram para lá dos traços de personalidade e é com eles que vai relacionar as doenças psicossomáticas. Na sua teoria verifica que nas doenças psicossomáticas, ao contrário do que acontece na histeria de conversão, a formação sintomática não actua para a resolução do conflito. Estabelece assim uma distinção entre histeria de conversão e “neurose do órgão”. Situa-se na seqüência da constatação de Freud de que parecem existir outros mecanismos, para além da conversão histérica, pelos quais a existência de atitudes inconscientes do indivíduo pode alterar funções fisiológicas sem que no entanto lhes possa ser associada a simbolização de quaisquer conteúdos inconscientes.

Alexander mantém da histeria a existência de uma vulnerabilidade do órgão atingido e teoriza que será quando a essa condição se aliam uma determinada constelação psicodinâmica e um acontecimento de vida susceptível de mobilizar o conflito inconsciente, que se vai desenvolver a doença.

Na “neurose do órgão” não se trata do corpo a expressar simbolicamente a linguagem do inconsciente porque o que se dá no sujeito é uma alteração da personalidade, relacionada com uma formação caracterial.

Esta teorização deixa em suspenso a questão da interdependência entre o psíquico e o somático, uma vez que também assenta sobre o conceito de “apoio”, existência de uma vulnerabilidade do órgão atingido.

Com **Groddeck** (1961) não se tratou já de estudar relações de causalidade entre psíquico e somático, pois ambos são expressão una e indivisível da mesma realidade humana. Expressão de uma força de organização impalpável e misteriosa a que chamou o *Id*. Portanto os laços que se podiam estabelecer eram unicamente os de expressão, então, o que as doenças faziam era servir o propósito de exprimir o *Id*. A distinção entre patologia somática e psíquica deixava pois de fazer sentido, tudo era expressão do *Id*.

Groddeck não enveredou por uma aproximação dualista mas permaneceu tendo como base o modelo Freudiano da conversão histérica: tudo tinha um sentido, tudo era simbolização.

As acepções de **Melita Sperling** (1978) continuaram elegendo a conversão histérica como paradigma das suas teorizações. O sintoma orgânico teria sempre um sentido. Considerava portanto as doenças psicossomáticas como acontecendo com base em mecanismos de conversão simbólica.

Para **Pierre Marty** e a Escola de Paris era a partir da neurose actual que os distúrbios psicossomáticos podiam ser entendidos. Os sintomas não têm sentido e é a vida fantasmática que está ausente. Resultantes de uma carência de elaboração mental, uma ausência de mentalização, eles deixariam revelar a pobreza do imaginário e das possibilidades de simbolização do sujeito. Para o definir criaram o conceito de “pensamento operatório” (1963), pensamento voltado para a praxis. O conceito económico de movimentos pulsionais está aqui implicado: quando as excitações pulsionais não fossem objecto de um trabalho

de elaboração por parte do aparelho psíquico, sofreriam uma acumulação que poderia desencadear um processo somático.

A carência de mentalização resulta num empobrecimento da vida fantasmática. No processo terapêutico a transferência aparece diminuída - "relação branca" - e não transparece qualquer conflitualização.

Esta posição teórica não assenta pois no modelo de Freud, da histeria, mas sim nas suas concepções sobre a neurose actual (1898), e a neurose de angústia¹, nas quais os estados de angústia não tinham a ver com o infantil, com um trabalho psíquico de recalçamento, mas sim com um bloqueio da energia sexual provocado pela não satisfação e pela abstinência, portanto, numa causalidade orgânica. (Os sintomas histéricos, diferentemente, mantêm uma relação com o infantil e são a expressão simbólica de um conflito aí radicado. Têm lugar devido à repressão de um afecto anteriormente associado a uma representação que entrou em conflito com o ego, afecto esse que é descarregado em sintomas por impossibilidade de manter o recalçamento. O corpo é aí investido pelo imaginário e tem a mesma linguagem do sonho).

A "alexitimia", conceito criado por **Nemiah e Sifneos** (1977), sublinha o aspecto emocional contido no conceito de pensamento operatório e define o mesmo tipo de funcionamento, aplicando-se ao sujeito que experimenta grandes dificuldades de elaboração mental e de verbalização das emoções, sentimentos e desejos.

¹ - Freud, S. - Sexuality on the aetiology of neurosis (1898), in Standard Ed., 3. London: Hogarth Press.

“Alexitimia” é uma palavra que provém do grego, *a* (falta), *lexis* (linguagem) e *thymos* (emoção): ausência de palavras para os afectos. Os seus componentes são uma diminuição da vida fantasmática e do pensamento simbólico, que podem mesmo estar ausentes, tal como pode estar ausente o sonho e a expressão dos afectos; uma orientação cognitiva dirigida ao exterior e à realidade; e uma dificuldade em verbalizar as emoções e em distingui-las das sensações fisiológicas que as acompanham.

Joyce McDougall (1974) aponta o comportamento alexitímico como resultado de uma patologia pre-neurótica. Aceitando a ideia de “carência” da Escola de Paris, explica a compulsão a agir (em detrimento dos processos de simbolização, que falham) que descreve nestes pacientes, como visando diminuir a dor psíquica proveniente de fortes terrores primitivos. Para ela a somatização cumpre a função de uma descarga que impede a elaboração psíquica.

É em relação ao modelo da psicose que se pode inscrever também a teoria de Bion. Segundo Bion a existência de sensações e afectos que não foram associados a elementos da língua, permanecendo por simbolizar (elementos Beta) estará implicada num processo do qual irá resultar o adoecer orgânico.

Vai ser a partir da teoria de Bion que Amaral Dias (1992) criará uma concepção radicalmente nova, defendendo a necessidade de um corte epistemológico. Apontando a “*recolocação outra perante o código sintomático*” (p. 41) a que a Psicossomática obrigou o pensamento psicanalítico, fundado na “*possibilidade expressiva*” - “*um corpo que falava aonde alguém não falava de si*” (Ibid.) e enfatizando a “*autêntica reversão de perspectiva*” (p. 40) implicada nos trabalhos de Marty e da Escola de Paris, Amaral Dias retoma os conceitos de

pensamento operatório e de ausência de vida fantasmática para com eles efectuar uma confrontação semiológica com a formulação de sintoma que aduz da teoria bioniana: “*Sintoma como anti-significação ou desistência de um significado ou como significado mentiroso*” (p. 44).

A questão decorrente será então “*aonde colocar aquela falha*” (p. 55) que produz “*um estar sem repercussão interna*” (Ibid.), caracterizado pelo hiper-realismo² e pela hiper-adaptação. E, usando o conceito de aparelho protomental (Bion, 1979), sede de pressupostos básicos não activados e em estreita conexão com o corpo, Amaral Dias situa aí a existência de uma clivagem que

“*implica a não-transformação e o não-acesso de partes pré e pós natais à modelação interactiva, isto é, à sua exclusão do pensamento, da linguagem e do processo social*” (1992, p. 46).

Fica aqui acentuado o papel da relação precoce, a inscrever o bebé no desejo e na fantasia maternos e a colocá-lo perante a capacidade de “*rêverie*” da mãe, geradora desejável de transformações e de autenticidade.

A qualidade solipsista da mente humana possível detentora do poder generativo da metáfora, comporta também a outra possibilidade: o não ter sido, ou não se ter permitido ter sido “*objecto de tradução*” (Amaral Dias, 1992, p. 74). Daí a designação - Somatopsicose. E o resultado daquelas duas possibilidades:

² - A propósito da mente hiper-realista:

“*uma superfície aonde desfilariam as imagens do outro (...) Uma mente que só se autoriza ao Banal*” (Amaral Dias, 1992, p. 49).

E ainda:

“*O banal aparece-nos aqui na relação sujeito/outro pela omnipresença do outro no aparelho de pensar, que é assim homicida do pensamento*” (p. 103).

- O somatopsicótico, que não suporta a alteridade que o põe a si próprio em causa enquanto ser, reduzindo-se ao mimetismo de uma adesão completa e uniforme ao real;
- E o pensamento psicótico, também inacessível à alteridade, erigindo-se a si mesmo como referente universal e único.

Para Sami-Ali, a teoria de Bion, tal como a de Joyce McDougall, repousam numa forma de compreender a psicose para estudar a perturbação orgânica. Encontra a mesma “*démarche*” na teoria lacaniana. Segundo **Lacan**: o que foi recalcado ao nível simbólico pode afectar o psíquico (psicose) ou o orgânico (somatização). Para **Sami-Ali** todas as teorias elaboradas sobre a Psicossomática, resultantes de aspectos da teoria psicanalítica, constituem uma extrapolação desta. Assim, Marty e McDougall (voltam)

“à oposição entre neuroses actuais e psico-neuroses, a fim de ligar a somatização a uma carência real na elaboração psíquica ou simbólica” (1987, p. 14),

e Sperling (faz) *“da histeria o modelo de toda a somatização, estendendo ao pré-genital o processo de conversão”* (Ibid, p. 14).

Segundo Sami-Ali, qualquer das teorias da Psicossomática procura responder às questões colocadas pela doença orgânica a partir de uma “*démarche*” que visa unicamente o funcionamento psíquico do indivíduo: utilizando o paradigma da conversão histérica, se adoptarem o modelo da histeria; explicando pela carência, se partilharem o modelo da neurose actual; e apontando a ausência de simbolização, se partilharem o modelo da psicose.

Argumentando que toda a Psicanálise é uma procura de sentido, Sami-Ali aponta que há sintomas que não têm relação com o inconsciente e que implicam que haja uma lesão, num órgão ou em todo o sistema metabólico, e que não constituem por isso uma sintomatologia da mesma ordem da sintomatologia psico-neurótica (sentido primário). Por isso, uma vez que só é possível conferir um sentido a coisas que não o têm por um processo posterior de racionalização (sentido secundário), Sami-Ali defende que a Psicossomática se situa para além das abordagens e teorizações, que refere como extensões daquilo que designa como “psicopatologia freudiana”.

Sami-Ali defende ainda conferir à Psicossomática um modelo e uma prática autónomos e é nessa base que vai construir toda a sua obra teórico-clínica na qual elabora e se propõe desenvolver um modelo multi-dimensional de somatização em que se articulam, como conceitos principais, o imaginário enquanto função e a sua ausência por recalçamento (de toda uma função e não unicamente de um conteúdo), para permitir compreender a patologia em três dimensões: psicopatologia (patologia funcional); patologia do Banal (1980 - o simétrico da projecção); e patologia mista (onde se equacionam as duas anteriores). Destaca-se na sua teorização o estatuto metapsicológico da projecção (1970), do imaginário, e compreende-se a importância do desenvolvimento de um estatuto teórico do corpo.

Segundo Sami-Ali corpo real e corpo imaginário (1977) não são duas entidades distintas mas sim duas funções. Em determinadas situações de vida a pessoa funciona mais com um ou com o outro. A projecção é o imaginário que implica percepção, pensamento e corpo próprio: é o corpo que fornece o esquema de toda a representação, segundo as coordenadas fundamentais do espaço e do tempo (aspectos desenvolvidos em 1974).

Será a partir de uma projecção sensorial, primordial, que se constitui a função do imaginário: a transformação do vivido corporal em representações.

Representa-se assim o corpo na sua dupla acepção que fundamenta o par antitético corpo real /corpo imaginário.

Corpo e sonho constituem como que a trama e a teia da Psicossomática, representando este último a “via real de acesso” às ligações entre o bio e o psíquico.

O imaginário, a projecção, cujo protótipo é o sonho, mas que também é constituído pelos seus equivalentes na vida vigil (a alucinação, o devaneio, o jogo, os afectos, os fantasmas, o transfert, as emoções, as crenças, ...) é simultaneamente psíquico e biológico, uma vez que também o sonho é um processo biológico pontuado por um ritmo e que, enquanto tal, é portanto mais do que a realização de um desejo.

Há no entanto pacientes que não se recórdam de ter sonhado... Sami-Ali descreve a sua impressão a este respeito (Prefácio a Le Banal, 1980):

“Durante a minha experiência analítica no Egipto nunca encontrei pacientes que declarassem ‘não sonhar’ (...). É no entanto o que impressiona no Ocidente, sobretudo nos pacientes ‘psicossomáticos’, a que qualificam de ‘operatórios’. O que é que acontece neste caso ao sonho e aos seus equivalentes diurnos? [o sublinhado é nosso]”
(p. 17).

A esta questão Sami-Ali vai responder explicando que o recalçamento é de tal forma total que não se trata somente de recalcar um conteúdo (uma vez que não se dá o retorno do recalcado) mas o que se recalca é toda uma função: a função do imaginário. Resta o banal - o que acontece ao funcionamento psíquico

quando o recalçamento é total e desaparece a recordação do sonho. Deu-se uma modificação durável de todo o funcionamento, que vai determinar o carácter.

O papel elaborativo desempenhado pelo imaginário fica diminuído em resultado do recalçamento caracterial da função do imaginário ou da não constituição desta função (caso das crianças com este tipo de funcionamento).

Não se trata pois de uma explicação pela negativa - carência, defeito de simbolização, mas pela positiva - recalçamento da função do imaginário. Sucesso do recalçamento: o sintoma que surgir não provém do retorno do recalcado e, ao invés de ter lugar no corpo imaginário, terá lugar no corpo real (somatização).

Esta possibilidade não tem a ver com o par metáfora / metonímia, da mesma forma que o real não é nada disso. Ele é o oposto do imaginário, o literal, aquilo sobre o qual não se exerce nenhuma projecção. Destaca-se pois também o estatuto metapsicológico do real.

O real implica para Sami-Ali uma patologia específica, a patologia da adaptação, que não supõe uma projecção.

Como diz Frederico Pereira³ :

“Uma realidade que não está animada pelo sonho não é uma realidade real, é um hiper-real feito de superfícies - apenas - superfícies, de imagens sem imaginário, sem volumetria.”

³ - Pereira, F.(1996). Extracto do discurso pronunciado na *Sessão de Lançamento do Livro “Vinte e Quatro Poemas de Malangatana”*, realizada no Ispa/Lisboa em 2 de Março de 1996.

Na patologia da adaptação há um hiato entre o consciente e o inconsciente, e entre estas duas instâncias nada se passa. O par que aqui é colocado em oposição é o literal/figurado.

O modelo de Sami-Ali levanta a questão da etiopatogenia: nem aspectos psicológicos a influenciar o soma, nem aspectos orgânicos a influenciar a psique. Trata-se antes de um modelo multidimensional que procura dar conta da multiplicidade dos fenómenos encontrados⁴ e da variabilidade sintomática possível de estar presente no mesmo indivíduo. Para Sami-Ali a diversidade dos fenómenos de somatização representa apenas os diferentes aspectos de um mesmo processo psicossomático. Vai então distinguir três modalidades de somatização: o figurado, o literal e o neutro, nos quais se combina diferentemente, de uma forma positiva ou negativa, a relação com o imaginário:

“Ao fracasso do recalçamento corresponde a psicopatologia freudiana, onde a somatização resulta exclusivamente do figurado; ao sucesso do recalçamento, a patologia da adaptação onde predominam o literal e o neutro; e à oscilação entre a ausência do recalçamento e o recalçamento mantido, uma patologia mista onde alternam o figurado, o literal e o neutro” (1987, p. 3-4).

Constitui a Psicossomática o desenvolvimento de um conhecimento que progride nas interfaces de outros conhecimentos (nomeadamente da Psicanálise e da Medicina), e constitui terreno promissor o próprio alargamento de saberes, também eles de interface, tais como os que se situam entre os campos da Imunologia ou das Neurociências.

⁴ - Estudando estes sob uma articulação do nível relacional biológico com o nível relacional psíquico.

A “psicopatologia” freudiana baseia-se no processo: recalçamento / fracasso do recalçamento / retorno do recalçado sob a forma de sintoma. O sintoma possui um sentido traumático, patogénico, e é resultante de um conflito inconsciente que foi submetido ao recalçamento. No entanto isto diz unicamente respeito aos sintomas funcionais, produzidos porque o recalçamento falhou e se deu o retorno do recalçado. Trata-se de uma patologia de nível funcional, que vai causar distúrbios sobre o corpo imaginário. Nenhuma semelhança com o que se passa quando existe distúrbio orgânico pois aí o atingido é o corpo real (literal ou neutro).

Em 1915, Freud afirma⁵:

“Se o recalçamento não obteve sucesso na prevenção do eclodir de sentimentos de desprazer ou ansiedade podemos afirmar que falhou, (...) O recalçamento falhado atrairá mais o nosso interesse do que qualquer um que possa ter tido sucesso, dado que este último ter-se-á, a maior parte das vezes, subtraído ao nosso exame”
(p. 153).

Indicia pois uma outra via. E que aconteceria então se o recalçamento fosse mantido? Questionar a possibilidade de um sucesso do recalçamento equivale a questionar a capacidade do modelo da histeria para dar conta da diversidade de situações respeitantes à patologia somática. Esta questão radica nas correspondências entre o actual e o neurótico.

⁵ Freud, S. “Repression” in Papers on Metapsychology (1915), Standard Ed., 14, London: Hogarth Press.

Freud vai estabelecer as ligações entre as neuroses actuais e as psiconeuroses: na neurose actual o sintoma, que se manifesta no plano somático, não resulta da expressão simbólica e é concebido como constituindo o nó e o precursor do sintoma psiconeurótico, segundo o princípio de que o neurótico repousa sobre o actual tal como o psíquico sobre o somático. A isto Sami-Ali contrapõe a crítica de que é impossível colocar a neurose actual antes da psiconeurose uma vez que a neurose actual reenvia a um distúrbio da genitalidade enquanto que a psiconeurose reenvia a distúrbios pré-genitais. Defendendo que a Psicossomática contemporânea assenta sobre esta dualidade, que oscila entre o actual e o psiconeurótico, numa lógica da existência ou inexistência de sentido, Sami-Ali vai criticar as várias conceptualizações teóricas posteriores que vão nesta direcção.

Reich (1952) acentua o aspecto actual das psiconeuroses: as psiconeuroses possuem, segundo este, um nó de neurose actual e as neuroses actuais possuem uma superestrutura psiconeurótica:

“A estase sexual genital, uma vez criada por uma inibição, pode por sua vez aumentar facilmente essa inibição e reactivar desejos infantis que tomam então o lugar das ideias normais. (...) Como essas experiências infantis entram em conflito com a organização psíquica adulta devem ser mantidas sob recalçamento. Desenvolve-se assim a psiconeurose crónica, com o seu conteúdo sexual infantil” (p.245).

Representando esta “estase genital” um fenómeno psíquico e corporal conjunto, coloca-se então a questão de um monismo conceptual sobre a identidade do psíquico e do somático.

Groddeck (1969) situa-se no polo oposto, a psiconeurose é o paradigma da sua conceptualização:

“A doença física, que é sempre uma doença psíquica, fala-nos do Id e do seu inconsciente com a mesma clareza que a doença psíquica, que é também e sempre uma doença física” (p. 9).

Psíquico e somático mantém entre si uma identidade expressiva pois o *Id* pré-existe à origem da criação do corpo e é o laço que mantém entre o psíquico e o somático uma ligação de expressão. Não há pois razão para a oposição da dualidade.

Sami-Ali pensa que, de alguma forma, todas estas concepções radicam no uso do modelo da histeria: a lógica do sintoma visto à luz do paradigma da conversão histérica - formação de compromisso resultante de um conflito e da ineficácia da função defensiva.

É pela análise do conceito de projecção que Sami-Ali vai avançar nessa outra via deixada em aberto pela questão da existência de um recalçamento mantido, sem falhas. Assim, analisando o processo de distanciamento das representações constitutivo da sintomatologia psiconeurótica⁶ Sami-Ali (1970) argumenta que permanece ambíguo o caminho que vai do recalçamento da representação ao aparecimento dos sintomas:

“Entre o esforço voluntário do paciente ao reprimir a representação ‘inconciliável’ e a emergência de sintomas

⁶ - Representações inconscientes que, sob o efeito do recalçamento, reaparecem sob a forma de sintomas.

neuróticos, existe uma lacuna que o conceito de defesa inconsciente está destinado a colmatar” (p. 22).

Sendo que Freud propõe o conceito de projecção numa acepção defensiva⁷ a questão que se coloca é: será possível conceber uma projecção que o não seja?

Estudando a evolução do conceito de projecção na teoria psicanalítica Sami-Ali aponta a mudança operada no pensamento de Freud a este respeito. Assim, é a partir de 1915 que Freud concebe este processo como mais abrangente⁸. Coloca-se em jogo a caracterização do processo projectivo sob um triplo aspecto: genético, dinâmico e económico.

Ao assimilar a projecção ao sonho, Freud (1917)⁹ aponta a existência de uma dupla regressão, temporal e tópica: a libido retira-se dos objectos para voltar a uma etapa de narcisismo primário, e o eu regressa a um estágio de satisfação alucinatória do desejo. É esta assimilação que permite, segundo Sami-Ali, estabelecer “*a identidade das percepções internas e externas*” (1970, p. 53). Como Freud (1917) afirmava já este reconhecimento: “*Um sonho é pois também uma projecção, a exteriorização de um processo interno*”¹⁰.

⁷ “Apesar das dificuldades de fundo, o uso freudiano do termo projecção é, como podemos ver, nitidamente orientado. Trata-se sempre de repelir para o exterior aquilo que se recusa ser ou reconhecer em si próprio”. Laplanche, J. - B. (1963). *Délimitation du concept freudien de projection*, in *Bull. de Psychologie*, 225 (4), p. 65.

⁸ - Freud, S. “*Instincts and their vicissitudes*” in *Paper on Metapsychology* (1915), Standard Ed., 14, London: Hogarth Press.

⁹ - Freud, S. *A metapsychological supplement to the theory of dreams* (1917), Standard Ed., 16, London: Hogarth Press.

¹⁰ - Freud (1917,p. 126).

É em 1923 que Freud, ao estabelecer no quadro da segunda tópica, a descrição do sistema percepção / consciência, vai assinalar o papel desempenhado pelo corpo na emergência da subjectividade e na génese do eu:

“O eu é antes do mais um eu corporal - ele é - não apenas uma entidade de superfície, como uma entidade que corresponde à projecção de uma superfície”¹¹.

Este desenvolvimento do conceito de projecção abriu as vias à compreensão do papel desempenhado pelo corpo na constituição do imaginário, logo, às ligações entre corpo real e corpo imaginário, constituindo por intermédio da projecção um sistema conjugado de relações entre o psíquico e o somático.

— Para Sami-Ali o corpo possui um poder original de projecção. Ele fornece um esquema de representação mental da realidade constituindo, no imaginário, um “espaço”, um “tempo” e um “objecto”. É o corpo próprio que vem modular o objecto através da projecção, esta exerce-se sobre o mundo sensível, possibilitando a que este se comece a desenhar no espaço e no tempo. Assim, o espaço começa por ser uma entidade corporal em que os objectos são, de início, imagens do corpo. A projecção constitui pois o espaço e o tempo dos objectos através dos jogos da projecção e da introjecção na díade mãe/criança. Na génese deste processo o sonho constitui o “imaginário primordial”:

“ Existem pois um espaço e um tempo imaginários pelos quais se define o inconsciente como imaginário

¹¹ - Freud, S. The Ego and the Id (1923), Standard Ed., 19, London: Hogarth Press, p. 26.

primordial. Imaginário cujo sonho é o paradigma por excelência e que conduz uma projecção que constitui uma unidade com o processo onírico e cria uma outra realidade na qual o sujeito desdobrando-se, se transforma em objecto, em espaço e em tempo. Tudo aí é uma imagem do corpo, reflexo do sujeito incarnado, passagem pelo corpo enquanto esquema de representação” (Sami-Ali 1990, p. 29)

Temos pois que, para Sami-Ali, a projecção possui também uma função não defensiva constituída por esta actividade sintética que comporta este poder unificador do corpo e o erige como esquema primordial de representação.

Partindo pois desta série de conceitos e estruturas teóricas que havia desenvolvido¹². Sami-Ali sintetiza a sua abordagem (1987).

A Psicossomática é, com Sami-Ali, uma maneira de pensar a totalidade do ser humano enquanto unidade. Ela pretende compreender a unidade do funcionamento através da multiplicidade dos sintomas (integra assim a questão da variabilidade sintomática). Tem sempre em conta a necessidade de encontrar um elo entre as diferentes expressões sintomáticas (como por exemplo, a dificuldade de nascer, enquanto ser humano, na sua alteridade, será uma das questões de fundo que permite compreender a patologia do sujeito alérgico nas suas diferentes possíveis formações sintomáticas, de asma, eczema atópico, ou

¹² Sami-Ali. De la projection. Une étude psychanalytique. Paris: Dunod, 1970.

Id. Le Haschich en Egypte. Essais d'anthropologie psychanalytique. Paris: Payot, 1971

Id. L'espace imaginaire. Paris: Gallimard, 1974.

Id. Corps réel, corps imaginaire. Paris: Dunod, 1974

Id. Le Banal. Paris: Gallimard, 1980

Id. Le visuel et le tactile. Essai sur la psychose et l'allergie. Paris: Dunod, 1983.

manifestações hipomaníacas (Sami-Ali, 1983). Se assim não se pensar corre-se o risco de agir sobre o sintoma e de fazer, por assim dizer, “saltar” a patologia de sintoma para sintoma, sem se encontrar a verdadeira unidade de funcionamento que rege aquela variabilidade. Em vez da mudança desejável que seria a de uma situação de doença para uma de cura. Isto pode conduzir a situações de impasse terapêutico em que o paciente passa de terapeuta para terapeuta sem se chegar a uma verdadeira cura e percorre diferentes especialidades relacionadas com a área da saúde, psíquica e / ou física.

É aliás esta questão da variabilidade sintomática que Sami-Ali levanta como objecção à metodologia que consiste em procurar estabelecer perfis de personalidade associados às doenças somáticas¹³. Para Sami-Ali, a dificuldade que obsta à viabilidade desta abordagem

“está enfim na impossibilidade de chegar, pela multiplicação da mesma ‘démarche’ empírica, a uma visão de conjunto que se aproxime, tanto quanto possível, de uma teoria compreensiva” (1987, p.2).

E aqui Sami-Ali introduz na apreciação a sua teoria de impasse:

“Pode ser que o que desencadeie a somatização seja menos o tipo de personalidade que a própria natureza do conflito o qual, por outro lado, não tem a necessidade de se articular com qualquer doença psicossomática” (1987, p. 2).

¹³ - Tratava-se, como anteriormente já observámos, da proposta de Flanders Dunbar, em 1943. (vd. Dunbar, F. Psychosomatic Diagnosis. New York: Hocber).

Redefinindo o modelo freudiano de somatização, Sami-Ali repega a questão da existência de uma patologia que surge onde o insucesso do recalçamento não tem nenhum papel: “*não porque o recalçamento seja conseguido mas porque, desde a origem, não existe recalçamento*” (1987, p.63). Patologia onde o recalçamento se mantém, desde sempre, sem deixar brechas. Far-se-à portanto sentir:

”Não sobre um conteúdo imaginário, mas sobre a própria função do imaginário, quer dizer, sobre o sonho e os seus equivalentes na vida diurna. O seu sucesso significa que ele actua através de uma modificação caracterial durável de todo o funcionamento psicossomático” (1987, p. 64).

Propõe Sami-Ali uma outra explicação para este quadro, descrito por outros autores¹⁴ como sendo o de uma grande pobreza fantasmática que parece caracterizar estes pacientes. Sendo o sonho um facto biológico comum a todos os homens porquê conferir um estatuto inferior a estes pacientes? O que se

¹⁴ - Para Pierre Marty e para a “Escola de Paris”, a neurose actual permite compreender os distúrbios psicossomáticos. Resultantes de uma carência de elaboração mental, de uma ausência de mentalização, eles deixariam revelar a pobreza do imaginário e das possibilidades de simbolização do sujeito. O conceito de ‘pensamento operatório’ permitiu a estes autores definir este funcionamento.

Para Pierre Marty pode existir um estado que predispõe à somatização: a “depressão essencial” ou “depressão branca”, que denomina uma reacção a sentimentos de desespero ou abandono vividos em resultado de uma experiência traumática ocorrida numa fase do desenvolvimento em que a criança não possuía meios para ultrapassar o abandono vivido. Nesta situação funcionar através do pensamento operatório será uma possibilidade custosa de retomar o equilíbrio psíquico perdido. Se na vida adulta vêm a ocorrer acontecimentos da mesma natureza, vai haver uma forte possibilidade de que se repita o traumatismo, dada a possibilidade de eles se situarem aquém das possibilidades de elaboração do sujeito. Terá então lugar a depressão essencial. O seu aspecto sintomático pode ser aparentemente enganador, pois não se relaciona com os aspectos depressivos inibitórios mas o sujeito é, apesar disso, habitado pelo vazio, numa “relação branca” caracterizada por um pensamento do tipo operatório, de onde estão ausentes os afectos.

A dificuldade de elaboração mental organizadora do ego, conduz o indivíduo a uma regressão a um funcionamento no qual os níveis psíquico e biológico não estavam ainda suficientemente diferenciados, predispondo por isso à somatização (Vd. Marty, 1980).

verifica neles é o esquecimento persistente de todos os sonhos, uma ruptura com uma parte de si próprios representada pela vida onírica.

“A falta de memória é um acto de recalçamento eminente positivo e, à força de serem esquecidos, os sonhos acabam por deixar de existir objectivamente. A vigilância é total, e a noite é assediada pela mesma consciência implacável” .
(Sami-Ali, 1987, p. 64).

Dá-se então o recalçamento do imaginário como função recalçamento total - e não unicamente um recalçamento parcelar de conteúdos. Isto constitui um processo progressivo aonde, periodicamente, a erupção do sonho surge com a identidade do pesadelo, muitas vezes repetitivo. O que se instaura então é um ciclo vicioso em que o recalçamento passa, de principal defesa, a única forma defensiva contra a actividade do sonho:

“ Nestes casos, a falha do recalçamento reforça-o em lugar de lhe mostrar os limites e permitir o perfilar de outras possibilidades (...) A formação caracterial é este funcionamento paradoxal determinado pelo recalçamento e que o determina por seu turno” (Sami-Ali, 1987, p. 64).

Se o insucesso do recalçamento estabelece uma continuidade com o mundo do imaginário, neste tipo de patologia a força do recalçamento é tal que este se vai apoderando progressivamente de toda a vida onírica. O paciente apresenta uma cisão com a sua vida imaginária aderindo cada vez mais ao real:

“O real corresponde então aos estereotipos do pensamento e da sensibilidade, às regras de funcionamento onde, através dos comportamentos, se

perpetua a pertença anónima ao social” (Sami-Ali, 1987, p. 65).

O imaginário subjectivo cede lugar a um imaginário social que o sujeito reproduz fielmente por meio de condutas adaptativas. É ao resultado deste processo que Sami-Ali chama “patologia da adaptação” uma patologia na qual

“o sucesso do recalçamento da função do imaginário cria uma situação de risco máximo, que predispõe às somatizações destituídas em si de todo o valor expressivo e que tocam o corpo real: somatizações do literal e do neutro surgidas sobre um fundo caracterial inalterável, donde que o seu sentido simbólico só poderá ser secundário. Fundo que não favorece de forma alguma o retorno do recalcado e que mantém o recalçamento de uma forma constante” (Sami-Ali, 1987, p.77).

A patologia da adaptação define-se pois na antítese da que se representa sob o modelo da histeria. Nesta última os sintomas são funcionais, apenas atingindo o corpo imaginário. Existe a possibilidade de se lhes atribuir um sentido simbólico primário, em ligação directa com o insucesso do recalçamento. Patologia que releva do figurado enquanto que na primeira o que é atingido é o corpo real na sua organicidade, numa correlação negativa com o imaginário de cujo contacto o sujeito anda dramaticamente arredado.

Sami-Ali dá conta da variabilidade de que os sintomas por vezes se revestem. Sistematiza assim uma terceira forma de patologia aonde a passagem de um recalçamento falhado a um recalçamento mantido conduz ao desaparecimento gradual da vida onírica. Esta mudança de funcionamento conduz a patologia, do corpo imaginário para o corpo real - patologia mista.

Nestas duas formas de patologia, a patologia da adaptação e a patologia mista, o figurado cede lugar ao literal e ao neutro.

Sami-Ali propõe um modelo multidimensional de somatização que se apresenta sob a forma de doze pares antitéticos que, pela sua oposição, prefiguram as dimensões fundamentais do fenómeno de somatização. Eis então, segundo Sami-Ali, as categorias propostas para pensar o somático:

- “1. *Corpo real - Corpo imaginário.*
2. *Sentido primário - Sentido secundário do sintoma orgânico.*
3. *Imaginário (projecção) - Banal (ausência de projecção).*
4. *Função psicossomática constituída -
Função psicossomática em vias de constituição.*
5. *Regressão - Impossibilidade de regressão.*
6. *Sintoma neurótico ou psicótico (formação simbólica) -
Equivalente orgânico de um sintoma neurótico ou psicótico.*
7. *Recalcamento conseguido - Recalcamento ausente.*
8. *Recalcamento de um conteúdo imaginário -
Recalcamento da função do imaginário.*
9. *Impasse ultrapassado (psicose) -
Impasse inultrapassável (somatização).*
10. *Causalidade linear - Causalidade circular.*
11. *Somatização reversível - Somatização irreversível.*
12. *Passagem do psíquico ao somático -
Passagem do somático ao psíquico” (1987, p. 15).*

São os conceitos aqui contidos que deverão guiar a análise e interpretação dos casos clínicos. Estabelece-se assim uma dupla correlação que domina todo o campo da Psicossomática (1987, p. 16):

- “ a) *Uma correlação positiva entre projecção e somatização dando lugar, na conversão histérica, a uma patologia por excesso do imaginário.*
- b) *Uma correlação negativa entre projecção e somatização cuja consequência é uma patologia somática, não conversível, por defeito do imaginário.”*

É pois a relação ao imaginário que dermina toda a somatização, quer a histérica, quer a não histérica. Esquematiza assim três formas de somatização, que vão do

“visível ao invisível, do localizável ao inlocalizável, da superfície às profundezas: o figurado, o literal e o neutro.[o sublinhado é nosso] Graus de passagem do corpo imaginário ao corpo real, passagem que não significa que existam duas entidades corporais distintas, mas antes duas junções dialéticas que fazem aparecer o corpo sob o ângulo do imaginário e do real, segundo este é suportado ou não pela projecção”(1987, p. 16).

Ressalvando o facto de nem todas as doenças orgânicas serem explicáveis à luz da Psicossomática Sami-Ali aponta que a compreensão dos processos psicossomáticos não pode residir unicamente numa análise do

funcionamento, mas que este não pode ser separado da situação conflitual que o sujeito vive.

Distingue-se assim a concepção de Sami-Ali de todas as dicotomias que se estabelecem entre o psíquico e o somático. Para ele ambos constituem o relacional e esse é que pode ser definido em relação ao nível biológico e em relação ao nível psíquico. Tal metodologia permite que o centro de interesse seja o doente e não a doença (entidade abstracta). E se a descrição da doença deve ser feita segundo várias dimensões (modelo multi-dimensional), para se compreender o processo psicossomático em causa será necessário que a análise se centre sobre o sujeito, no seu funcionamento e na sua situação de vida. Sami-Ali define a existência de uma unidade de base, unidade inseparável que relaciona um funcionamento mental com uma situação conflitual particular.

O funcionamento define-se pela relação do sujeito do imaginário - presença ou ausência de vida onírica (o sonho ou os seus equivalentes na vida vigil); a situação conflitual diz respeito à existência de um conflito e à forma especial de que este se reveste, resolúvel - comportando a possibilidade de o sujeito optar ou de estabelecer uma solução de compromisso, ou irresolúvel - onde qualquer opção é impossível. É a esta situação que Sami-Ali chama "situação de impasse".

Vai então descrever a situação de impasse como a de

“uma estrutura lógica (que) é a de uma contradição que fecha todas as saídas e torna inelaborável um conflito próximo do impensável psicótico: em simultâneo ‘a e não-a’ e ‘não-a e não não-a’”(Sami-Ali, 1987, p.16).

O conflito resolúvel engloba o conflito neurótico, o conflito irresolúvel situa-se no domínio do impensável e conduz a uma situação de bloqueio. Preso

de uma situação de impasse e possuindo um funcionamento mental adaptativo, afastado através de um recalçamento caracterial, do sonho e da função do imaginário, o sujeito vai somatizar. (A psicose é outra via de resolução onde se integra a contradição).

Sami-Ali confronta a teoria do Stress de Selye (1975) com a sua teoria do impasse. Para Selye o stress é uma reacção adaptativa a um agressor exterior (agente stressante). Essa reacção vai ser dupla, fuga e ataque, onde todas as forças do organismo vão estar implicadas. É esta mobilização massiva que provocará um esgotamento e a concomitante diminuição do nível das defesas imunitárias criar-se-à assim uma situação de predisposição ao aparecimento de doenças orgânicas.

Para Sami-Ali este modelo apenas diz respeito ao funcionamento mental, enquanto que a questão que permanece sem resposta face a esta explicação será a de saber o que impede o organismo de concretizar ou o ataque, ou a fuga, apesar de toda a energia mobilizada. A resposta, para Sami-Ali está na constatação de que este facto revela já a existência de uma situação de impasse que urge então identificar.

Com Sami-Ali, a Psicossomática ganha perspectivas de se individualizar como ciência.

Ele não nega à Psicossomática as suas origens, mas reivindica-lhe uma autonomia face à Psicanálise e à Medicina. Uma independência que lhe advém do modelo teórico e da metodologia que Sami-Ali tem vindo a desenvolver ao longo da sua obra.

**BREVES APONTAMENTOS SOBRE
A ALERGIA**

1.2.- Breves apontamentos sobre a alergia

Alergia. Palavra criada no início do século por um médico austríaco, Clement von Pirquet, provém do grego, *állos* (outro) e *érgon* (acção). Reacção do sistema imunitário, “diferente” e “diferida”: face a um primeiro e aparentemente inofensivo contacto com uma substância estranha nada de assinalável ocorre, é o segundo encontro que desencadeia a manifestação alérgica. O organismo guardou a memória da substância estranha, ao voltar a encontrá-la vai identificá-la e desencadear a crise.

Se a imunização previne a doença, o processo de sensibilização alérgica é o seu prelúdio.

A similaridade entre a resposta alérgica e a resposta do sistema imunitário à erradicação de parasitas constitui um factor em favor da hipótese da selecção natural: Assim, a resposta alérgica teria estado inicialmente envolvida numa reacção corporal contra a infestação por parasitas e os genes envolvidos neste processo teriam sido passados às gerações posteriores uma vez que os organismos que os possuíam teriam sido aqueles com maiores possibilidades de sobrevivência e, conseqüentemente, maior possibilidade de passar os seus genes à geração posterior. A presença de parasitas conheceu um decréscimo, aquela capacidade do sistema imunitário porém ter-se-á mantido. Já não como defesa útil mas como reacção a outras substâncias inofensivas para o organismo.

Não existe na alergia uma relação tal, que a mesma coisa desencadeie sempre efeito semelhante. De facto, os vários sintomas estão relacionados com diferentes órgãos.

Parte das interacções moleculares e celulares que constituem a resposta alérgica são similares entre os alérgicos, pese embora as diferenças entre as substâncias que provocam a alergia e os sintomas apresentados. Esta diferença na sintomatologia deve-se, em parte, em que a interacção com o sistema imunitário se processa em diferentes pontos do corpo, e pode ir desde uma simples rinite, ao nível das vias aéreas superiores, até ao choque anafilático, por implicação da corrente sanguínea, de consequências por vezes mortais.

Definindo-se como a capacidade do organismo humano reagir especificamente face à presença de substâncias do seu meio ambiente constituídas como alergénios, após a existência de um primeiro contacto sensibilizador, a alergia ocorre quando o organismo reage através da estimulação dos seus meios de defesa e tendo como intermediário o sistema imunitário. Reacção excessiva, que ultrapassa uma reacção normal de protecção e que tem lugar quando a substância alergénica penetra no organismo.

Resultado de uma predisposição hereditária e da confrontação com factores favoráveis existentes no meio a alergia implica estas duas premissas. A predisposição para desenvolver alergia é uma característica inata e constitui o terreno alérgico, terreno atópico ou atopia: por assim dizer, uma capacidade exagerada do organismo para produzir defesas específicas, anticorpos, imunoglobulinas do tipo *E* ou *Ig E*, em resposta a substâncias estranhas, os alergénios do seu meio ambiente.

Entre os factores que ocorrem para o desencadeamento da resposta alérgica, enfraquecendo as defesas do sujeito alérgico e diminuindo-lhe o limiar da sensibilidade, contam-se: os factores psicológicos - tais como as reacções face a situações de luto, decepções, perdas ou choque emocional; ou circunstâncias

exteriores, nos campos familiar ou profissional, susceptíveis de elicitar ou agravar ansiedades; a fadiga; o excesso de trabalho; doenças infecciosas; intervenções cirúrgicas; alguns tratamentos médicos; ou ainda modificações hormonais como as implicadas na gravidez ou na menopausa¹⁵.

A produção de anticorpos *Ig E* é elicitada por um primeiro contacto, aparentemente inócuo, com a substância que se vem então a constituir como alergénio. Uma vez iniciada, esta produção é persistente. O resultado é a existência contínua de anticorpos *Ig E* nos receptores *Ig E* localizados

¹⁵ - Acerca destes aspectos Léon Kreisler (1974) estabelece algumas críticas quando sublinha a posição dos alergologistas na abordagem da asma sobre uma perspectiva psicossomática. Aponta pois os factores habitualmente relatados por estes especialistas:

- "1) A intervenção de factores psíquicos no desencadeamento das crises;*
- 2) O seu papel enquanto factores de agravamento (...)*
- 3) A insuficiência da explicação imunológica nos casos em que a crise não é provocada por um alergénio definido:*
 - a) A opinião mais geralmente admitida é a possibilidade do desencadeamento das crises sobre as influências de agressões psíquicas (...);*
 - b) A maior parte dos somaticistas confere um lugar de destaque às consequências secundárias (da doença)."* (p. 281)

Acabando por comentar:

"De facto, estes esquemas psicológicos não são tidos em conta pelos alergologistas senão em relação a uma certa categoria de doenças e mais cabalmente aquelas que resultam num fracasso terapêutico" (p. 285).

Não deixa contudo de acrescentar *"a atitude pragmática é baseada na eficiência"* (p. 287) destes profissionais, bem como a constatação de que *"o seu interesse essencial incide sobre as consequências psicológicas e sociais"* (p. 287) que a doença alérgica acarreta para o sujeito e para o meio em que está inserido.

especialmente no tecido epitelial, onde se produz o contacto com o exterior, prontos a reagir ao próximo contacto com o alergénio. É este facto que explica que algumas alergias ocorram tardiamente: apenas nessa altura o sujeito terá voltado a ter ocasião de reencontrar o seu alergénio.

É o segundo contacto com o alergénio que vai desencadear a resposta alérgica. O encontro do alergénio com os anticorpos *Ig E* activa a libertação celular de elementos químicos - os mediadores alérgicos - que vão produzir os sintomas alérgicos. Muitas vezes a reacção alérgica progride para um estágio crónico também chamado "reacção tardia" caracterizado por um retorno prolongado da reacção alérgica.

Nem sempre se experiencia esta terceira fase , após uma reacção alérgica aguda. Contudo, uma exposição continuada aos alergénios por parte de indivíduos previamente sensibilizados, pode ter como resultado a permanência de uma fase crónica com remanescência dos sintomas.

**ALERGIA: RELAÇÃO E TERRENO
ALÉRGICO**

1.3 - Alergia : relação e terreno alérgico

A personalidade alérgica debate-se principalmente com a problemática da identidade. Trata-se de uma indistinção eu / não-eu, oposição esta que define simultaneamente a busca de si e o processo imunológico.

No funcionamento alérgico a relação eu / outro estrutura-se com base num funcionamento em que o outro se define pela ausência de diferença (questão da indistinção), dada a impossibilidade de uma estruturação pessoal para lá da presença do rosto materno (lugar das primeiras identificações).

Colocam-se nesta abordagem duas questões:

- Aspecto nosográfico
- Dimensão da temporalidade

Quanto à questão nosográfica trata-se aqui do papel reservado ao jogo psíquico / somático. Trata-se agora de uma apreciação de que actuam em presença vários pares antitéticos, num modelo multifactorial. De facto, na alergia, apesar da existência de mecanismos neuróticos e psicóticos, a nenhum dos dois tipos ela é redutível, não o sendo igualmente aos aspectos biológicos que comporta.

E a dimensão da temporalidade? Ela é observável na variabilidade sintomática e nas características da personalidade alérgica, na oscilação e no peso das manifestações, na sua localização mais no foro do somático ou no foro do psíquico, sendo os dois afinal lugar da mesma problemática de diferenciação eu / não-eu ao nível relacional imunológico e ao nível relacional psíquico.

Assim, mais do que alergia (consideração da manifestação alérgica tomada isoladamente), decorre antes a apreciação sobre um outro ângulo, o da reacção alérgica, reacção esta que pode pois mudar de lugar¹⁶.

Alternância sintomática que induz ainda a questão do sentido: como pode pois ser conferido um sentido à doença psicossomática¹⁷ se o que se sucede concerne ao próprio corpo, atingido nos seus aspectos imunológicos e não no plano funcional que constituiria, por conversão, o retorno do recaiado sob a forma de sintoma? Qualquer sentido atribuído seria um sentido secundário pois na alergia não é o sentido que determina o sintoma. O que está aqui em jogo coloca-se para cá e para além dessa busca de uma significação simbólica. No plano relacional, em que se articulam corpo real e corpo imaginário, e em que se move toda uma dinâmica de projecção.

Ressalta aqui a questão do imaginário como função que possui um valor biológico: imaginário em que prima o sonho e os seus equivalentes na vida diurna.

De novo em jogo o par corpo real / corpo imaginário, a passagem de um a outro determinada pelo tipo de funcionamento mental e pela natureza do conflito.

Quando o funcionamento mental se detém no recalamento, não de um conteúdo mas de toda uma função - a função do imaginário, este recalamento / empobrecimento projectivo, priva o sujeito de meios para lidar

¹⁶ - A alternância possível das manifestações alérgicas, como a encontrada nos casos de co-existência entre a asma e a dermatite atópica.

¹⁷ - Por exemplo, afirmar que a crise asmática se trataria de um grito de dependência frustrada que, reprimido, encontraria a sua via através da somatização. Acresce ainda a questão da variabilidade sintomática, a manifestar-se também, por exemplo, aos níveis dos distúrbios da fala ou das perturbações da visão binocular.

com os conflitos. Em presença de um impasse na sua vida (conflito sem saída possível) agrava-se para o sujeito a sua forma de o viver como contradição inultrapassável. Desta conjugação, do recalçamento do imaginário com o vivenciar de uma situação de impasse, resulta uma patologia que tem lugar no corpo real.

Sami-Ali propõe-se reformular o conceito de alergia de forma a ultrapassar o questionamento acerca das suas componentes psicológicas (como por exemplo o estudo de Marty (1958) sobre a relação de objecto alérgica¹⁸),

¹⁸ - Marty, P. (1958) confere especificidade ao tipo de relação de objecto encontrada em pacientes alérgicos (adultos) e atribui-lhe importância semelhante à de outros sistemas de relações de objecto conhecidos (Bouvet, 1967). Assinala particularmente a excessiva proximidade ao objecto aqui dominante apontando a existência de duas fases activas nesta relação:

- Fase de procura do objecto
- Fase do controlo do objecto

A passageira e temporária “apropriação” do objecto é marcada também pela excessividade. Ela assume a forma de uma identificação massiva que redundna na indiferenciação e visa manter afastada a possibilidade de qualquer conflito. A indistinção de limites conduz à confusão com o objecto. Existe também um aspecto de impermanência que facilita a permutabilidade entre os objectos “apropriados” e que é resultante da dimensão espaço-temporal dos contactos havidos.

Contudo, este carácter de impermanência é ultrapassado em alguns casos, em razão do valor particular que determinados objectos assumem para o sujeito, necessitando por isso de uma dinâmica que possibilite a fusão e o controlo. Este processo é gradual e requer um contacto prolongado. Os mecanismos da projecção e da identificação vão então anular as diferenças entre sujeito e objecto.

- Então o sujeito exercerá uma projecção tendente a preencher o objecto com as suas próprias características;
- E pela identificação prover-se-à a si próprio com as características do objecto.

O que o sujeito alérgico procura é a unificação com o objecto, e a escolha que dele faz depende da existência neste de características concordantes com as do ideal que de si próprio constitui, dependente predominantemente das características neuróticas resultantes das suas fixações pré-genitais a um estado de indistinção primária com a mãe. Isto introduz algumas modificações na forma que a relação de objecto assume, conforme as características das formações neuróticas de cada sujeito e acontecerá quando sobre aquele pesar a ameaça de um conflito. A separação do objecto far-se-à apenas à custa da identificação com um novo objecto, podendo o afastamento constituir uma defesa contra a emergência da diferença.

Marty aponta a aparente ingenuidade e infantilidade dos pacientes alérgicos como resultado das suas formas de investimento massivo e abandono abrupto, bem como da sua permanente necessidade de identificação.

O ego do sujeito alérgico, inconsciente e fraco, disfarça a sua fraqueza através dos mecanismos atrás descritos.

A regressão, que pode ocorrer após situações de perda afectiva, sucederá ainda em casos em que novas características do objecto conectado excedam as capacidades de identificação do sujeito (as dificuldades de identificação marcarão a evolução posterior deste conceito), ou quando se venham a revelar incompatibilidades entre o objecto da identificação e um objecto anterior que permanece agora como possibilidade de servir de auxílio perante as vicissitudes relacionais. A emergência dessa diferença situa-se para além das possibilidades que o sujeito possui de gerir o processo fusional de identificação.

Poderão ocorrer estados de despersonalização se a regressão não fôr interrompida. Seja pelo surgimento de um novo objecto com especial poder apelativo, seja pelo próprio sintoma somático ao fazer o seu aparecimento. A crise alérgica poderia constituir uma solução quando os outros mecanismos não eram possíveis. Marty salienta no sujeito alérgico a necessidade de uma dependência profunda com o objecto maternalizado.

A regressão marca para Marty as características aparentemente psicóticas que se podem operar na alergia. A ausência de patologia em termos estruturais (enquanto psicose) traduzir-se-à na fácil oscilação do sujeito alérgico entre estados de despersonalização e de re-personalização.

Ao estabelecer estas aproximações com a psicose, Marty não põe de lado a possibilidade também de aproximações à estrutura neurótica, contemplando a hipótese de formas transitórias entre a estrutura alérgica e a histérica devido a semelhanças entre ambas.

bem como o confinamento desta patologia ao sentido simbólico que terá a ver com as particularidades de cada sujeito.

Sami-Ali dá conta, simultaneamente, da generalidade de uma metodologia e da particularidade da sua aplicação: o ter em consideração o sujeito doente mais do que a sua doença e, consecutivamente, a história individual deste.

A importância atribuída ao corpo como lugar de constituição do real e do imaginário situa a problemática da alergia, enquanto patologia orgânica atingindo o corpo real, para além do campo exclusivamente psicopatológico. Impõe-se pois uma abordagem correlativa com esta constatação.

Fundando-se na assunção de que os níveis somático e psíquico são ambos constituintes relacionais da mesma existência, elabora uma teoria, também ela relacional, assente sobre um modelo multidimensional que contempla o funcionamento mental e as características do conflito. É da configuração destes dois elementos que decorre a investigação clínica. Onde o sonho (e seus derivados), entidade simultaneamente biológica e psíquica, como primado do funcionamento. O sonho, lugar do processo projectivo, constituinte também das articulações entre real e imaginário.

E a relação ao sonho. O lugar que lhe é atribuído pela actividade consciente, conferindo-lhe a possibilidade de uma recordação diferentemente presente ou variável. Essa presença ou variabilidade definem quatro

Marty salienta no sujeito alérgico a necessidade de uma dependência profunda com o objecto maternalizado porém, à hereditariedade caberá aqui uma parcela importante e o papel materno na génese desta patologia é aligeirado por Marty ao confiná-lo a uma parte da super-estrutura neurótica do sujeito.

possibilidades principais: existência ou ausência permanentes da recordação do sonho, cessação ou retorno dessa recordação.

Confirmando a necessidade de não atender unicamente ao funcionamento mental como definidor da patologia orgânica, verifica-se que o sujeito alérgico pode ser enquadrado, conforme os casos, em qualquer uma destas formas de relação à vida onírica. Uma relação

“que se instaura antes do nascimento, desenvolve-se à nascença e precede os próprios termos que constitui pelos quais é constituída” (Sami-Ali, 1996, p.9).

A perspectiva relacional de Sami-Ali transcende a consideração exclusiva de “sujeito” e “objecto” como executores daquela mutualidade. O psíquico é relacional, tal como o biológico é relacional.

O relógio biológico, enquanto elemento fulcral da concatenação do somático e do psíquico enfatiza o papel da relação precoce mãe-bebé na regulação e sincronização de importantes ritmos vitais: lugar aqui de destaque ao ritmo circadiano da vigília-sono. Nesta noção de ritmo inscreve-se a própria matriz da unidade psicossomática. Sucessão biológica das fases do sono; sucessão psíquica da recordação do sonho; projecção que implica a actividade do sistema nervoso central e a expressão do imaginário.

Decorrentes são “espaço” e “tempo” como conceitos preponderantes na organização psicossomática do indivíduo: factores que organizam a cronobiologia da criança e que são objecto de modelação exercida pela mãe.

Avulta pois o papel que tem que ser atribuído à doença alérgica, bem como aos aspectos conflituais da situação vivencial em que ela ocorre. Nesta

perspectiva qualquer significado simbólico só poderá constituir uma atribuição secundária de sentido.

A questão da identidade como problemática central no sujeito alérgico instaura uma situação em que os níveis relacional biológico e relacional psíquico se combinam mantendo permanentemente a somatização alérgica como potencialidade: coloca-se a questão da sua ocorrência na relação, que se prende com uma diferenciação eu / não-eu ao nível do sistema imunitário, com analogias ao nível psíquico. A constituição de uma identidade como diferenciação ao outro em que os campos imunitário e psicológico se encontram indissolúvelmente ligados pela sua natureza relacional.

O rosto como lugar de identidade adquire um relevo particular na alergia. Rosto que se adquire primeiro numa relação expressiva como o rosto materno que reenvia à criança a sua própria imagem numa circularidade de trocas, e cujos primórdios de consolidação se encontram na angústia sentida perante o rosto do estranho, a emergência da diferença, constatada por Spitz (1965) por volta do 8º mês de vida da criança. A imagem em falta que a ausência de um retorno não devolve: perda do rosto materno que prefigura a despersonalização (perda consequente do seu próprio rosto).

Devida à prevalência do rosto materno a personalidade alérgica exclui a percepção da diferença, o outro não é reconhecido na sua alteridade. Do mesmo modo está a angústia do 8º mês excluída da configuração de experiências da criança alérgica, que se situa aquém dessa vivência

As substâncias que se vêm a constituir como alergénios terão uma ligação directa com o “clima maternal precoce” Sami-Ali, 1996, p.11):

“Os alérgenos formam-se neste contexto ambíguo em que a diferença é negada e afirmada, transpondo para o plano imunológico um aforismo existencial” (Sami-Ali, 1984, p. 141).

O estilo relacional na alergia reduz a diversidade à percepção do idêntico através de uma elaboração baseada na prevalência do materno. O alérgico confronta-se permanentemente com uma dificuldade de nascer, de possuir uma identidade (tanto ao nível relacional como imunitário), um corpo que ele próprio domine. Identidade enquanto rosto, o alérgico possui o rosto da mãe, ao qual todos os outros se reduzem. A diferença está afastada do seu campo relacional e a sua tarefa consiste em mantê-la assim pois é a sua emergência que, marcando a impossibilidade do processo projectivo continuar operante na ultrapassagem da contradição, situação de conflito insolúvel que constitui um impasse, vem a precipitar a crise alérgica.

“A reação alérgica que comanda uma relação específica entre anticorpos e alérgenos e que funda a distinção marcada entre eu e não-eu, confirma ao nível biológico a emergência do outro como diferente de si: imunologicamente o outro é reconhecido na sua diferença, é reduzido aos alérgenos, contra os quais se dirigem os anti-corpos” (Sami-Ali, 1984, p 134).

Toda a problemática da alergia é uma problemática da diferença. Diferença entre eu e não-eu, que se põe ao nível da formação de alérgenos e anti-corpos. A tarefa de elaborar um sistema relacional no qual a diferença não chega a existir e todos os rostos se confundem com o rosto da mãe relaciona-se com três mecanismos específicos:

- Identificação (de si ao outro e do outro a si);
- Projecção;
- Idealização.

Utilizando estes três mecanismos a pessoa alérgica chega a um funcionamento em que não há diferença entre si e o outro. O comportamento da criança é como se não houvesse diferença entre as pessoas. Há uma familiaridade geral e não existem os estranhos porque todas as pessoas são como a figura materna.

“Opera-se uma redução segundo a aritmética do imaginário: como os outros são a mãe e a mãe o sujeito, três são duas vezes dois e dois, um” (Sami-Ali, 1984, p. 134).

Assim não é possível a instauração de uma situação edipiana e a figura do pai prima pela ausência. Senão de facto, pelo menos como factor de triangulação.

Por detrás dos mecanismos neuróticos ou psicóticos há na alergia este conflito fundamental de a criança se viver separada da mãe e conseqüentemente de si mesma. Toda a possibilidade de separação implica a possibilidade de destruir a mãe e de ser destruído por ela.

Todas as pessoas são então reduzidas a uma figura materna, todos os problemas reduzidos ao problema eu / não-eu.

Assinala-se o papel desempenhado pela atitude materna nesta patologia, uma atitude que não permite à criança diferenciar-se. A mãe domina-lhe a

organização corporal do espaço e do tempo, constituindo um super-ego corporal impeditivo da autonomia do funcionamento psicossomático da criança.

As consequências desta ausência de autonomia podem assumir contornos decisivos entre a vida e a morte. Caso da asma alérgica em que a sufocação parte de uma impossibilidade de expulsar o ar e esvaziar os pulmões. Isto reproduz o momento do nascimento, o momento de expulsão da mãe. Em volta da respiração joga-se aqui este movimento inicial da separação.

A predominância de uma relação dual joga por vezes com a depressão materna, ela própria a denunciar já uma situação de impasse. Impasse relacional onde uma figura materna, presente pela ausência, relega a criança a uma insatisfação permanente, possibilitando que paire sobre ela um abandono afectivo, qualquer que seja alternativa do seu comportamento. O conceito de “depressão à priori”¹⁹ tem aqui lugar pela possibilidade de instauração de um funcionamento caracterial.

A existência de um terreno alérgico e de uma determinada configuração relacional conjuga-se na alergia. Como sublinha Jean-Marie Gauthier (1993): *“Se é absolutamente necessário ter em conta uma herança genética, é verosímil que os cromossomas não expliquem todas as formas de alergia”* (p.p. 30-31).

Constata também Gauthier a presença de um mecanismo de transmissão transgeracional (a nível relacional) de formas de impasse, que o fazem

¹⁹ - No conceito de “depressão a-priori”, a que Sami-Ali também chama “depressão caracterial”, o sujeito coincide completamente com a instância interditora e, por isso, mantém o seu nível de adaptação, à custa da interdição da sua subjectividade. Nenhum caminho está pois aberto ao imaginário, com o qual a “depressão a-priori” se encontra em correlação negativa. A depressão abarca toda a extensão da vida psíquica do sujeito, que continua a existir mas por ausência, na ausência de si próprio que o coloca, por isso mesmo, em risco de sofrer o desencadear de somatizações graves.

denominar a patologia psicossomática como uma “*patologia do destino*” (Gauthier, 1996, p.55).

Sami-Ali aponta que o sujeito alérgico é um ser de fronteiras e de ritmos, a braços com uma problemática da identidade, também sentida ao nível imunológico, onde a questão fundamental é a da diferença eu / não-eu, e onde a dimensão temporal se reflecte também na variabilidade sintomática da localização da manifestação alérgica. Assim,

“a asma pode, por exemplo, transformar-se em eczema, ou vice-versa (...) [podendo, por outro lado] num dado momento, o funcionamento alérgico passar inteiramente por um síndrome maníaco ou delirante próximo da psicose”(1989, p. 69).

Quando alguém produz sintomas relevando de registos diferentes isso deve ser avaliado como o problema central do sujeito. Pode indicar uma situação de impasse terapêutico se não se tomar em conta, pois a oscilação não é entre uma doença e a cura mas sim entre uma doença e outra doença.

A patologia, na sua variabilidade, é o sinal de uma patologia que se inscreve numa situação de impasse. Na alergia o impasse reside na impossibilidade de se tornar diferente.

A evolução psicossomática na alergia pode permitir a confrontação progressiva com a emergência da diferença e com uma situação triangular, inflectindo a patologia para um contexto edipiano. A impossibilidade de encontrar uma solução pode ser o ponto de partida para o encontrar de uma solução de tonalidade psicótica, em que a indistinção eu / não-eu é prevacente.

Tudo será então possível mas é a razão que está perdida - a realidade não existe e, portanto, os problemas não existem também. A organização de uma solução hipomaniáca é a integração da diferença eu / não-eu. A criança não estabelece nenhuma diferença entre sujeito e objecto, tudo é pois possível.

Uma outra via para a ultrapassagem do impasse com iste numa aproximação através de um trabalho terapêutico.

Este deverá consistir na elaboração de uma diferenciação progressiva, tendo em conta o real e o imaginário. Será preciso perceber como é que as coisas chegaram ao impasse. Será preciso retomar os termos do problema: ajudar o sujeito a pôr o problema noutros termos que não os do impasse. Fundamental também compreender qual o funcionamento psíquico do sujeito. A falta de sonhos é a presença de um processo de recalçamento. Mas há a possibilidade, na relação terapêutica, de as coisas poderem voltar a ser retomadas: deixar na terapia o lugar ao funcionamento onírico. É nesta altura que se pode ver qual a relação particular entre o funcionamento mental, a situação conflitual e a doença orgânica e possibilitar que a patologia alérgica não fique cindida na história do sujeito.

Os dois *termos*: o funcionamento mental e situação conflitual sofrerão pois uma transformação. Permitir-se-à ao primeiro a permeabilidade ao imaginário, (este possibilitará transformar as contradições em conflitos intra-psíquicos), e ao segundo um re-equacionamento a possibilitar uma conflitualização outra que a que antes resultava numa situação sem resolução possível.

CAPÍTULO II
METODOLOGIA

OBJECTO DE ESTUDO

2.1 - Objecto de estudo

É a relação com a figura materna que possibilita à criança o desenvolvimento e a construção de referências espaço-temporais.

A figura materna funciona como uma entidade sincronizadora dos ritmos da criança no processo de constituição da essência do seu funcionamento. O corpo da criança constitui o esquema primordial da sua organização do espaço e do tempo, lugar onde se articulam corpo real e corpo imaginário, e que o próprio imaginário materno molda e conduz.

Na alergia é a própria gênese destas funções que se encontra atingida e não o seu conteúdo simbólico. A problemática coloca-se portanto ao nível das perturbações de carácter instrumental (não é um mero aspecto funcional que se encontra em causa).

As perturbações espaço-temporais manifestam-se nos campos do movimento, da linguagem e das capacidades intelectuais. Nelas está implicada uma paragem na organização espaço-temporal e, dado que o corpo é o lugar da projecção primordial que constitui o imaginário, a manifestação de uma paragem no evoluir deste processo dialéctico.

Na alergia o corpo da criança é preso de uma situação particular, no lugar do encontro da sua própria ritmicidade está a imposição de um ritmo outro, exterior, que lhe é fornecido pelo corpo materno e que Sami-Ali conceptualiza como “super-ego corporal”.

Espaço e tempo são pois noções fundamentais para a avaliação em psicossomática. Enquanto funções psicossomáticas por excelência, que se criam a partir da relação com o outro. As dificuldades na estruturação destas funções pesam no desenvolvimento e aquisição de um sentimento de identidade.

A criança alérgica tem uma dificuldade fundamental no domínio da identidade: possuir um corpo próprio, num sistema para o qual tanto o psíquico como o orgânico concorrem.

Este sentimento de identidade, que repousa sobre uma identificação progressiva do mundo exterior, relaciona-se com a diferenciação ao objecto materno e a descoberta da diferença eu / outro. Numa primeira fase a criança não possui ainda um rosto. Depois, o rosto da mãe, objecto de identificação primária, constitui uma totalidade indestrinçável com o rosto da criança.

Ao primeiro sorriso (primeiro organizador da vida mental, segundo Spitz), a que corresponde para a criança a elaboração de um rosto que é o rosto da mãe (fase que se situa aquém da separação sujeito-objecto), segue-se uma evolução em direcção a uma tarefa de diferenciação: a confrontação com o rosto do estranho (a desencadear o segundo organizador de Spitz a angústia do 8º mês - angústia de despersonalização para Sami-
- Ali), fruto de um desenvolvimento maturativo que estabelece uma distinção entre percepções internas e externas, impede a continuação daquela totalidade inicial. É então que se vai elaborar a diferença eu / outro, uma vez que o estranho não é redutível ao rosto da mãe. O reconhecimento do estranho introduz a triangulação ao permitir a possibilidade de relações não duais.

A personalidade alérgica situa-se também aquém daquela diferenciação e, enquanto isso se puder manter, enquanto puder funcionar sob a égide da prevalência do rosto materno, o sujeito estará ao abrigo de produzir uma crise alérgica. A estratégia consistirá pois em apagar as diferenças, reduzindo todos os rostos a um rosto único. Os meios para o conseguir: a identificação, a projecção e a idealização.

O objecto de estudo deste trabalho é pois a estruturação das funções psicossomáticas do espaço e do tempo e a constituição da identidade na alergia.

OBJETIVOS

2.2 - Objectivos

A avaliação psicológica dirige-se, em Psicossomática, à unidade de base que constitui o sujeito. Deverá portanto ter em conta o seu funcionamento mental e a sua situação conflitual.

Sendo o funcionamento mental definido pela relação positiva ou negativa ao imaginário - presença ou ausência de vida onírica, na criança alérgica é o próprio processo de constituição do imaginário que se encontra entravado na sua génese, uma vez que as funções do espaço e do tempo, base do jogo que articula corpo real e corpo imaginário, se caracterizam nela por apresentarem uma constituição que obedece a coordenadas exteriores.

Segundo Sami-Ali (1996) *“a alergia define-se, simultaneamente, como relação e como situação conflitual”* (p. 10).

Na criança alérgica a situação conflitual prende-se com uma situação de impasse relacional, com uma impossibilidade fundamental de ser, de se confrontar com a diferença, de se constituir como diferente da mãe. A emergência da diferença precipita a somatização e constitui o impasse.

A problemática relacional está inteiramente ligada à questão da identidade e da diferenciação eu / não-eu. Identidade enquanto rosto, aqui indiferenciado do materno, *“excluindo toda a estranheza e criando uma familiaridade inter-mutável”* (Sami-Ali, 1996, p. 13).

O objectivo principal deste trabalho consiste então em propor uma avaliação psicológica de base para crianças alérgicas que, tendo em conta as características e as disponibilidades psicométricas para o seu grupo etário, dê atenção ao funcionamento mental e à situação conflitual.

Em função do objectivo principal propõe-se este trabalho contribuir para o estudo da avaliação psicológica em Psicossomática, indo ao encontro de formas que permitam compreender: as características de estruturação que o espaço e o tempo apresentam nestas crianças e a constituição do imaginário e da sua identidade; e a forma pela qual se estrutura a relação, como funcionamento dual que exclui a presença de um terceiro (espaço bi-dimensional) ou onde se avizinha a emergência da diferença (da tri-dimensionalidade), como sinal precursor de uma situação de impasse que afasta da criança a imagem materna estruturante.

Procurar -se-à também pôr em evidência, através das características estudadas na amostra: quer o terreno alérgico (antecedentes familiares relacionados com patologias alérgicas); quer a situação conflitual (para além do impasse relacional fundamental - impossibilidade de se confrontar com a diferença), já a testemunhar a presença de um impasse nas situações de depressão materna, ausência de angústia de despersonalização, variabilidade sintomática ou pesadelos recorrentes.

PROCEDIMENTOS

2.3 - Procedimentos

A génese das funções do espaço e do tempo encontra-se em causa na alergia. Isto condiciona a relação com os outros e o conhecimento. As manifestações decorrentes das dificuldades daqui emanantes situam-se aos níveis da inteligência, da motricidade e da linguagem. Impõe-se pois, em primeiro lugar, abordar a organização cognitiva na sua generalidade. O passo seguinte terá em atenção cada um dos níveis sub-sequentes²⁰, efectuando particularmente uma avaliação do nível psicomotor.

A personalidade alérgica debate-se com uma problemática da identidade, uma impossibilidade de estruturação pessoal para além da influência do materno. Torna-se então necessário compreender o jogo dos mecanismos de defesa utilizados como estratégias de redução ao idêntico e o grau em que consegue manter a relação, em termos duais, sem a inclusão do terceiro termo.

O estudo da organização cognitiva na sua generalidade (aspectos verbais e motores) será efectuado a partir da WISC - Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças, particularmente adequada devido à sua organização interna em duas sub-escalas, verbal e de realização.

²⁰ - Como oportunamente será referido, este trabalho dirige-se, conforme os objectivos propostos, às questões relacionadas com o trabalho efectuado directamente pelos psicólogos na avaliação em Psicossomática. Por esse motivo, as perturbações da linguagem, cuja avaliação foi fruto de um trabalho inter-disciplinar com terapeutas da fala, encontram-se reportadas no estudo da amostra.

O estudo da motricidade recorrerá a um **Exame Psicomotor** que vai avaliar a organização espaço-temporal.

A compreensão dos mecanismos de defesa utilizados e a sua influência no estilo relacional socorrer-se-à de um teste projectivo - o **Rorschach**, além de não ser esquecida numa abordagem qualitativa dos outros testes utilizados.

Tratando-se de um trabalho de investigação que versa sobre a globalidade dos resultados apresentados nos testes, remetemos outros aspectos (a exemplo, antecedentes familiares de patologia alérgica - indicando a existência de terreno atópico; depressão materna; variabilidade sintomática e perturbações motoras ou de linguagem associadas; recalçamento onírico ou pesadelos recorrentes - indicando a existência de situações de impasse relacional) para o estudo das características da amostra.

INSTRUMENTOS

2.4 - Instrumentos

2.4.1 - Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças (WISC)

A WISC - Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças, é utilizada no estudo geral da organização cognitiva.

Foi utilizada a adaptação e aferição portuguesa realizada por Ferreira Marques (1970), destinada a crianças entre os 6 e os 15 anos de idade.

A WISC permite comparar a eficiência intelectual verbal e não verbal. Não esquecendo que a limitação de qualquer teste está, à partida, no facto de apenas poder determinar aproximadamente as competências do sujeito, nas capacidades que lhe solicita e nas situações em que o faz. Assim Wechsler apontava o “fim determinado” :

“A inteligência é a capacidade global e complexa do indivíduo, de agir com um fim determinado, de pensar de uma maneira racional e de manter relações úteis com o meio” (1956, p. 13).

As particularidades de construção da WISC possibilitam que se efectue : um estudo inter-individual dos resultados - baseada na comparação das notas ponderadas das crianças (uma vez que a média e o desvio padrão são também aqui uniformes: $\bar{x} = 10$ e $\sigma = 3$) e dos seus Q.I.s (uma vez que a media e o desvio padrão são também aqui uniformes: $\bar{x} = 100$ e $\sigma = 15$); e um estudo intra-individual - baseado na comparação intra - sub - testes de cada criança (efectuada com o auxílio do “método dos sinais” proposto por Wechsler e que se trata de uma análise da dispersão à média pessoal das notas dos sub-testes de cada sujeito: os limites dos intervalos respeitantes a

cada sinal são calculados a distâncias regulares, somando ou subtraindo de cada vez à média o valor de meio sigma - 1,5 pontos. Em caso de existir diferença assinalável entre as duas sub-escalas²¹, o procedimento é idêntico embora executado em relação a duas médias independentes)..

O estudo intra-individual recorrerá à análise proposta por Simone Bourgès (1984) referente aos diversos factores (intelectuais, instrumentais e afectivos) implicados nas diversas provas, agrupadas conforme as implicações e solicitações que decorrem da sua especificidade. Este método permite retirar elementos que só farão sentido quando colocados perante o conjunto dos restantes elementos da avaliação.

A WISC permite ainda uma aproximação projectiva, já referida por Hussain (1989). Este estudo, de carácter qualitativo, esboçará uma análise de conteúdo das respostas dirigida à compreensão e detecção dos mecanismos de defesa implicados na alergia.

²¹ - Ferreira Marques (1969), considera que, para a população portuguesa, a diferença é significativa se o seu valor for igual ou superior a 14 pontos.

2.4.2 - Exame Psicomotor

O exame psicomotor é utilizado na avaliação da organização espaço-temporal. Para a estudar foram recenseados os seguintes parâmetros: espacialização (orientação e estruturação espacial); lateralidade (tipo de lateralidade e pesquisa de sincinésias); e estruturação temporal (ritmo espontâneo e reproduzido).

Para avaliar a espacialização em relação à orientação espacial utilizou-se o **Teste de Piaget**, constante da Bateria de Piaget-Head adaptada por Galifret-Granjon (1965) com a finalidade de examinar o grau de reconhecimento da esquerda e da direita.

Este teste permite medir o conhecimento da direita/esquerda, primeiro no próprio e depois no outro face a face. Não utilizámos, na apreciação dos resultados, a perspectiva genética que foi conferida por Piaget a esta prova (vd. Galifret-Granjon, 1968) uma vez que o que este se propôs foi demonstrar a relatividade progressiva das noções espaciais (direita e esquerda) que corresponderiam a processos de socialização progressiva e de des-subjectivação na criança. Os parâmetros da nossa observação moldam-se pelos objectivos que formulámos e por isso daremos atenção à comparação dos resultados em relação às questões postas por esta prova: avaliar da possibilidade de as crianças terem um ponto de vista próprio na orientação espacial ou, pelo contrário, estritamente dependente do ponto de vista do outro.

Para avaliar a espacialização em relação à estruturação espacial utilizou-se o **Teste da Figura Complexa de Rey** (1959) - forma A, aferido para sujeitos a partir dos 4 anos de idade.

Este teste permitiu conhecer o tipo de reprodução espacial dominante, na presença e na ausência do modelo, relacionado com as características de execução gráfica da reprodução e o grau de exactidão da mesma (numa comparação percentilica ao grupo etário).

Utilizou-se ainda o **Teste de Head**, incluído na Bateria de Piaget-Head adaptada por Galifret-Granjon (1965) que permite avaliar a capacidade de execução de gestos, por imitação do outro face a face ou através de ordem oral. À semelhança do que dissemos anteriormente em relação ao Teste de Piaget quanto aos parâmetros a observar, vamos por isso dar atenção novamente a uma relação entre as questões postas pela prova: avaliar a possibilidade de as crianças funcionarem em termos de lateralidade sem a interferência de um referencial externo.

Para avaliar o tipo de lateralidade, dominância funcional dos dois lados do corpo (direito e esquerdo) foram utilizadas provas pertencentes à **Bateria de Dominância Lateral de Galifret-Granjon** (1965) que visa medir a lateralidade de utilização. Assim, estudámos a lateralidade dos órgãos pares (mãos, olhos e pés). Para a lateralidade manual a prova aplicada foi a da “distribuição de cartas”, para a lateralidade visual foi usada a prova de “pontaria” e para a lateralidade pedal usou-se a prova de “shooting”. Não nos interessou avaliar questões relacionadas com a idade. De facto, nas idades consideradas pela nossa amostra, já se encontra definida a lateralidade de utilização que é aquela implicada por estas provas. Os casos de lateralidade cruzada e consequentes dificuldades de coordenação óculo-manual serão objecto de apreciação.

A pesquisa de sincinésias - movimentos parasitas, involuntários e repetidos, feitos por uma parte do corpo (o outro órgão par) que devia estar em repouso, foi feita através do **Teste das “Marionetas”** - diadocinésia (Bergès, 1985)

Por último, o estudo da estruturação temporal, nas suas componentes dos ritmos espontâneo e reproduzido, foi realizado por intermédio da Prova de Ritmos de Mira Stambak (1965). Pretendeu-se aqui avaliar a necessidade de dependência de um referencial externo em termos de temporalidade.

2.4.3 - Rorschach

O Teste de Rorschach é usado com o propósito de compreender mais aprofundadamente a organização espaço-temporal em causa, bem como as modalidades defensivas nestas crianças.

O estudo da organização espaço-temporal funda-se em dois pressupostos:

- A existência de uma projecção sensorial, primordial, que funda a emergência da constituição espacial, e do objecto, enquanto pertencente ao campo do real e do imaginário. "*O mecanismo projectivo está inserido na matéria sensorial (...) [que lhe permite] quando o princípio do real se põe a funcionar, constituir-se à parte como um processo imaginário*" (Sami-Ali, 1970, p. 197);
- O papel desempenhado pelo corpo próprio como fornecedor do esquema mental das representações em função das concepções de espaço e de tempo.

Estes pressupostos justificam a função sintetizadora do corpo como mediador da actividade projectiva e do mundo do imaginário. "*O corpo próprio mediatiza a passagem da actividade perceptiva àquela que encontra no sonho a sua expressão mais adequada*" (Sami-Ali, 1977, p. 84).

O tempo cria-se na relação, através dos ritmos biológicos e relacionais, e vai-se organizando num tempo corporal. O espaço estrutura-se a partir de uma projecção sensorial primária que permite a elaboração das distinções de dentro e fora, alto e

baixo, à frente / atrás, esquerda e direita. Esta projecção vai dar origem à representação, que não pode ser desligada de toda a experiência corporal.

A construção da representação mental e do imaginário assenta na experiência corporal. Existe pois uma evolução de um espaço sensorial para um espaço de representação simbólica.

Resulta desta breve exposição que as dimensões a procurar no Rorschach não se podem confinar ao estudo dos conteúdos projectivos na articulação entre o latente e o manifesto já que, na alergia, é a própria génese das funções psicossomáticas do espaço e do tempo que está em causa. Além do conteúdo importa então a forma.

Cada cartão do Rorschach constitui um plano de projecção que receberá, pela resposta, a projecção das coordenadas do corpo próprio - e temos a organização espacial refletida na localização das respostas na prancha.

O desenrolar do processo de resposta obedecerá a um ritmo - e temos a organização temporal reflectida no movimento oscilatório da maior ou menor pessoalidade de elaboração projectiva.

AMOSTRA

2.5 - Amostra

2.5.1 - Seleção e constituição

A amostra foi recolhida por selecção sistemática de 15 casos clínicos de crianças com patologia alérgica atendidos em dois serviços: Gabinete de Psicologia Clínica de uma escola do ensino básico, particular, e Consulta de Psicologia do Departamento de Pedopsiquiatria do Hospital D. Estefânia (atendimento em Psicossomática).

Todas as crianças traziam previamente diagnóstico médico relacionado com alergia.

As crianças foram trazidas à consulta por iniciativa dos pais ou envio médico e, em ambas as situações, o pedido tinha como base a existência de dificuldades relacionais e/ou de deficiências no rendimento escolar.

2.5.2 - Parâmetros de caracterização

A amostra foi caracterizada pelos seguintes parâmetros:

- **Identificação** - Sexo; idade;
- **Período pré-natal** - Gravidez (intercorrências; duração);
- **Período neo-natal** - Parto (tipo de parto); ocorrências neo-natais; angústia do 8º mês (presença/ausência);
- **Antecedentes familiares** - Grau de parentesco dos sujeitos com patologias alérgicas;
- **Alergias** - Tipo de afecção e idade das primeiras manifestações;
- **Outras patologias** - Tipo de patologias;
- **Problemas instrumentais** - Fala; visão; actividade motora;
- **Ritmos vigília/sono** - Problemas relacionados com o sono; recordação do sonho;
- **Situação escolar** - Ano de escolaridade; número de reprovações;
- **Situação familiar** - Situação dos pais (juntos; separados); fratria (existência de irmãos);
- **Tipo de pedido** - Problemas escolares e/ou problemas relacionais;

- **Iniciativa da consulta** - Quem teve a iniciativa.

2.5.3 - Análise

Serão analisados os vários parâmetros considerados para caracterização da amostra.

Identificação

Sexo

SEXO	N	%
Masculino	5	33,3
Feminino	10	66,7
TOTAL	15	

Sexo

O número de crianças do sexo feminino é consideravelmente maior.

Idade

IDADE	N	%
[6 anos - 6 anos e 11 meses]	5	33,3
[7 anos - 7 anos e 11 meses]	2	13,3
[8 anos - 8 anos e 11 meses]	3	20
[9 anos - 9 anos e 11 meses]	2	13,3
[10 anos - 10 anos e 11 meses]	1	6,7
[11 anos - 11 anos e 11 meses]	2	13,3
TOTAL	15	

MÁXIMA	MÍNIMA	MODA
11 A e 2 M	6 A e 2 M	6 A

Idade

As idades situam-se entre os 6 e os 11 anos. Preferimos situar estas crianças segundo os níveis etários, pois nem todas se encontram na mesma fase de desenvolvimento psico-genético. A idade mais representada é a dos 6 anos.

Período pré-natal

Intercorrências na gravidez

INTERCORRÊNCIAS NA GRAVIDEZ		N	%
Depressão materna	Separação ou afastamento do casal	9	60
	Luto por falecimento de familiar	2	13,3
Ansiedade ou doença materna		2	13,3
Ausência de intercorrências		2	13,3
TOTAL		15	

Intercorrências na gravidez

Em todos os casos se deu uma gravidez de termo.

Há uma grande incidência de problemas de depressão materna (73,3%) relacionados com situações de vida em que decorre separação ou afastamento do casal ou um luto por falecimento de familiar. Com as conseqüentes implicações que esta situação provoca na relação diádica mãe-criança ao nível do não investimento do bebé ou de uma excessiva preocupação em lhe fornecer uma resposta, diminuindo a qualidade das trocas emocionais entre ambos e dificultando o papel de mãe em funcionar como sincronizadora dos ritmos do bebé.

Deste modo a depressão materna (sendo já sinal da presença de um impasse para a mãe - (situação em que todas as soluções são igualmente negativas) vai conduzir a vicissitudes na estruturação da relação primária mãe/filho que vão desempenhar um papel particular nestas crianças, colocando-as precocemente numa situação de impasse relacional: a da existência de uma figura materna presente pela ausência, que prende a criança a uma dependência corporal e psíquica a uma instância exterior que, não permitindo a autonomia, impossibilita a separação.

Período neo-natal**Parto**

PARTO		N	%
Eutócico		5	33,3
Distócico	Cesariana	8	53,3
	Forceps	2	13,3
TOTAL		15	

Parto**Ocorrências neo-natais**

OCORRÊNCIAS NEO-NATAIS	N	%
Colocação em incubadora	2	13,3
Asfixia neo-natal	3	20
Sem ocorrências	10	66,7
TOTAL	15	

Ocorrências neo-natais

Existe um elevado número de partos distócicos (66,6%) que ocorrem predominantemente através de cesariana. Esta existência de dificuldades durante o nascimento joga-se com o movimento inicial de separação - a autonomia respiratória que é, simultaneamente, um movimento no estabelecer da identidade corporal.

A existência de ocorrências neo-natais (colocação em incubadora e asfixia neo-natal) refere-se a 1/3 das crianças da nossa amostra e acarretou situações de momentânea efracção no relacionamento inicial da díade mãe-criança, com reflexos na instalação dos cuidados maternos primários e na auto-imagem e sentimentos de competência dos pais.

Angústia do 8º mês

ANGÚSTIA DO 8º MÊS	N	%
Fez	3	20
Não fez	12	80
TOTAL	15	

Angústia do 8º mês

A maior parte das crianças não fez a angústia do 8º mês (80% dos casos), teorizada por Sami-Ali como angústia de despersonalização, mostrando a precocidade do impasse a que estas crianças puderam estar submetidas; presas num contexto relacional que lhes dificultou uma adequação do meio e uma interacção harmoniosa entre as exigências adaptativas e o seu ritmo próprio, o que veio onerar e entravar o processo de construção de uma identidade que permitisse apresentar uma angústia em face do estranho nesta fase da vida do bebé.

Antecedentes familiaresGraus de parentesco

GRAUS DE PARENTESCO	N	%
Pais	12	80
Irmãos	4	26,7
Avós	2	13,3
Tios	3	20

Graus de parentesco dos familiares com patologias alérgicas ⁽¹⁾

⁽¹⁾ Não são apresentados totais uma vez que cada uma destas frequências se refere à totalidade dos sujeitos da amostra.

Em todas as crianças da amostra se verifica a existência de familiares com patologia alérgica, quase sempre nos próprios pais (80% dos casos) ou familiares em linha directa (avós e irmãos em 40% dos casos). Verificou-se a existência destas patologias em familiares em linha colateral (tios em 20% dos casos). O que demonstra a existência de um terreno alérgico nestas crianças.

Alergias

Patologias alérgicas

PATOLOGIAS ALÉRGICAS	N	%
Dermatite atópica / Asma brônquica	4	26,7
Bronquite asmática / Dermatoses alérgicas	3	20
Bronquite asmática	3	20
Rinite alérgica	1	6,7
Síndrome alérgico respiratório	1	6,7
Dermatoses alérgicas	3	20
TOTAL	15	

Patologias alérgicas

Predominam na nossa amostra as patologias alérgicas do foro respiratório sobre as do foro cutâneo, sendo importante a existência de patologias associadas (dermatite atópica/asma brônquica, bronquite asmática/dermatoses alérgicas, em 46,7% dos casos), relacionada com os aspectos patogénicos e com as questões da variabilidade sintomática nas alergias.

Idade das primeiras manifestações

IDADE	N	%
3 meses	9	60
3 anos	3	20
5 anos	3	20
TOTAL	15	

Idade das primeiras manifestações

A idade em que se verificaram com maior predominância as primeiras manifestações alérgicas foi a de 3 meses (60% dos casos), idade em que têm lugar profundas e relevantes modificações na vida do bebé quer a nível fisiológico, quer relacional. Idade do aparecimento do primeiro organizador da vida psíquica segundo Spitz - o sorriso, é também, com frequência, a idade do desmame. Modifica-se também a arquitectura do sono do bebé ao mesmo tempo que se organiza em ritmo circadiano. Constitui-se além disso a personalidade imunológica do bebé.

Constituíem-se aos 3 meses diferentes ritmos, relacionais e fisiológicos, que interagem. Ritmos pelos quais o imaginário e a vida emocional dos pais se reflectem na criança: numa maior ou menor possibilidade de adequação e estruturação que lhe vai ou não permitir a possibilidade de ter um ritmo próprio ou, pelo contrário, um ritmo que lhe é imposto do exterior, com as dificuldades decorrentes em termos de identidade própria.

Nas crianças em que é referido o aparecimento das primeiras manifestações alérgicas aos 3 ou aos 5 anos, isso coincidiu com momentos de separação dos pais - entradas no infantário ou na pré-primária.

Outras patologias

OUTRAS PATOLOGIAS OU SINTOMATOLOGIAS	N	%
Gastrenterite	2	13,3
Obstipação	3	20
Cólicas idiopáticas	2	13,3
Pneumonia	2	13,3
Enfisema pulmonar	1	6,7
Dispneia	1	6,7
Sinusite crónica	5	33,3
Amigdalites	3	20
Otitis repetitivas	4	26,7
Adenoidites	2	13,3
Conjuntivites	2	13,3
Celulite palpebral alérgica	3	20
Úrticária infantil	3	20
Cefaleias	2	13,3

Predominam as patologias do foro respiratório. Surgem algumas manifestações alérgicas bem como patologias gastro-intestinais ou funcionais.

Problemas instrumentais

PROBLEMA INSTRUMENTAL		N	%
Fala	Taquitemia	1	6,7
	Problemas de articulação	5	33,3
	Dislexia	3	20
Visão	Estrabismo convergente	3	20
Motricidade	Hiperquinésia e instabilidade	4	26,7
	Hipotonia e lentificação	5	33,3

Problemas instrumentais⁽³⁾

A presença destes problemas ao nível da fala, da visão e da motricidade traz consigo a marca das vicissitudes relacionais e da imaturidade corporal que, ao nível do corpo real, constituem uma dificuldade relacionada com a constituição das funções espaço-temporais.

Ritmos vigília/sono

SONO / SONHO		N	%
Sono	Sem problemas	1	6,7
	Dificuldade em adormecer	4	26,7
	Acorda de noite	1	6,7
	Fala ou grita durante o sono	7	46,7
	Sono agitado	11	73,3
	Ressona	2	13,3
Sonho	Não recorda ou não gosta de sonhar (só recorda pesadelos)	9	60
	Presença frequente de pesadelos	10	66,7
	Recorda os sonhos	6	40

Sono/Sonho⁽⁴⁾

⁽³⁾ Id.

Destaca-se a presença de aspectos variados que se prendem com problemas nos ritmos de vigília/sono: especialmente o sono agitado, presente em 73,3 % das crianças da amostra.

A recordação do sonho é pouco presente, referindo muitas das crianças (60% dos casos) que não se recordam, não gostam de sonhar e/ou que apenas recordam pesadelos (presentes em 66,7% dos casos), o que revela o seu acesso ao imaginário e a restrição ou desprazer que impedem sobre a vida projectiva destas crianças.

Situação escolar

Ano de escolaridade

ANO DE ESCOLARIDADE	N	%
1º ano	6	40
2º ano	5	33,3
3º ano	2	13,3
4º ano	2	13,3
TOTAL	15	

Ano de escolaridade

Número de reprovações

NÚMERO DE REPROVAÇÕES	N	%
0	12	80
1	1	6,7
2	2	13,3
TOTAL	15	

Número de reprovações

(4) Cada uma das frequências tem a respectiva percentagem calculada sobre a totalidade das crianças da amostra.

As crianças frequentam a primeira classe em número maioritário e as percentagens de reprovações são baixas, mesmo em relação àquelas que não frequentam a escola pela primeira vez.

Situação familiar

Situação dos pais

SITUAÇÃO DOS PAIS	N	%
A viverem juntos	8	53,3
A viverem separados	7	46,7
TOTAL	15	

Situação dos pais

Um grande número de crianças são filhos de pais separados (46,7% dos casos) o que pode agravar no plano concreto as suas dificuldades de triangulação e fechá-las ainda mais num espaço materno.

Existência de irmãos (Fratrã)

EXISTÊNCIA DE IRMÃOS	N	%
Filho único	8	53,3
Com irmãos	7	46,7
TOTAL	15	

Existência de irmãos (Fratrã)

Há um número elevado de filhos únicos nesta amostra.

Tipo de pedido**Motivo do pedido**

MOTIVO DO PEDIDO	N	%
Problemas escolares	8	53,3
Problemas relacionais	1	6,7
Problemas escolares e relacionais	6	40
TOTAL	15	

Pedido

É acentuada a apresentação de problemas escolares no pedido formulado inicialmente pelos pais: dificuldades de concentração e organização do trabalho escolar, distractibilidade e dificuldades nas aprendizagens, nomeadamente na leitura e na aritmética. Os aspectos relacionais são colocados em segundo plano e referem-se à instabilidade e alheamento ou à existência de sintomatologia funcional, dando nota da existência de formas mistas de patologia.

Iniciativa pela consulta

INICIATIVA	N	%
Pais	3	20
Professores	7	46,7
Médicos	5	33,3
TOTAL	15	

Iniciativa pela consulta

É muito pouco frequente a iniciativa pela consulta partir dos pais. Na nossa amostra as crianças tiveram maioritariamente indicação de profissionais que se ocupavam delas (médicos ou professores, em 80% dos casos).

**CAPÍTULO III
APRESENTAÇÃO E
DISCUSSÃO DOS
RESULTADOS**

RESULTADOS DA WISC

3.1 - RESULTADOS DA WISC

3.1.1 - Análise quantitativa

3.1.1.1 - Estudo Inter-individual

Vamos proceder ao estudo dos resultados da WISC obtido por este grupo de crianças alérgicas.

Efectuámos a conversão das notas brutas em notas normalizadas padronizadas através das normas constantes da aferição portuguesa (Ferreira Marques, 1970).

Abordaremos primeiro o agrupamento dos resultados segundo o nível do Q.I. Global:

NÍVEL DE Q.I. GLOBAL		Nº DE CRIANÇAS	%
130 e >	Muito superior	3	20
120 - 129	Superior	3	20
110 - 119	Normal brilhante	6	40
90 - 109	Médio	3	20
80 - 89	Normal lento	0	-
70 - 79	Zona fronteiraça	0	-
69 e <	Deficiência mental	0	-
TOTAL		15	

Nível de Q.I.G

Verificamos que podemos considerar a existência de resultados globais situados na sua totalidade ou na média ou acima desta, com maior incidência daqueles pertencentes ao nível imediatamente superior a esta (Normal brilhante - 40%).

Sintetizando, julgamos importante apontar a existência de um nível global superior médio, na nossa amostra.

Procedamos agora ao estudo separado das duas sub-escalas que compõem a WISC: Verbal e de Realização. Efectuemos primeiro esta análise em torno dos níveis dos Q.I.

NÍVEL DE Q.I.	CLASSIFICAÇÃO DO Q.I.	N	%
130 e >	Muito Superior	2	13,3
120 - 129	Superior	2	13,3
110 - 119	Normal brilhante	8	53,4
90 - 109	Médio	3	20
80 - 89	Normal lento	0	-
70 - 79	Zona fronteira	0	-
60 e <	Deficiência mental	0	-
TOTAL		15	

Nível de Q.I. v

Continuamos a verificar o mesmo comportamento atrás descrito: QI Verbais a situarem-se apenas no lado positivo da curva de frequências, resultados na média ou acima desta.

De um modo geral, agrupados em termos de classificação por níveis, os QI Verbais não traduzem a existência de dificuldades particulares a esta escala da parte do nosso grupo de crianças.

Observemos agora o que se passa em relação aos Q.I. de Realização:

NÍVEL DE Q.I.	CLASSIFICAÇÃO DE Q.I.	N	%
130 e >	Muito Superior	2	13,3
120 - 129	Superior	3	20
110 - 119	Normal brilhante	5	33,3
90 - 109	Médio	5	33,3
80 - 89	Normal lento	0	-
70 - 79	Zona fronteira	0	-
60 e <	Deficiência mental	0	-
TOTAL		15	

Nível de Q.I. R

Continuamos a obter resultados que se classificam sempre nos níveis situados na média ou acima desta.

Devido à natureza complementar destas duas escalas e ao sentido particular que podem assumir as diferenças de resultados, não basta o estudo até aqui efectuado em torno do nível do Q.I. e de uma análise separada de cada um deles. É necessário pois proceder a

uma comparação posterior entre estes, que nos permita conhecer qual a diferença existente entre a parte verbal e a parte de realização da WISC, avaliar a significância desta e o sentido em que pesa. Tal análise porém marca tradicionalmente a análise dos resultados à luz de uma outra perspectiva, a de um estudo no plano intra-individual. Deixemos pois este caminho em aberto, oportunamente o retomaremos.

Continuemos então a situarmo-nos no campo do estudo inter-individual dos resultados da WISC.

Tratando-se de efectuar um estudo que assenta na comparação dos resultados de sujeitos em relação a sujeitos do seu grupo etário, estamos a recorrer a critérios normativos. Tomemos então como medidas a média e o desvio padrão calculados para cada um dos Q.I. (Verbal, de Realização e Global), bem como para cada uma das notas normalizadas padronizadas dos dez sub-testes aplicados. Para alargar a nossa perspectiva tomemos também os valores mínimo e máximo de cada um destes.

TESTES	MÉDIA	DESVIO PADRÃO	VALOR MÍNIMO	VALOR MÁXIMO
Informação	10,53	3,48	3	16
Compreensão	14,73	2,31	11	19
Aritmética	11,26	2,76	6	16
Semelhanças	14,53	2,67	11	20
Vocabulário	11,86	3,09	7	20
Lacunas	12,2	2,21	9	17
Sequências	14,06	2,96	10	20
Cubos	12,73	2,37	7	16
Reconstituição	11,85	3,52	6	18
Código	11,13	2,95	6	16

RESULTADOS GLOBAIS	MÉDIA	DESVIO PADRÃO	VALOR MÍNIMO	VALOR MÁXIMO
Q. I. Verbal	116,6	13,2	92	145
Q. I. Realização	115,3	12,46	91	136
Q. I. Global	117,1	12,93	91	141

Resultados globais

Podemos verificar que as notas padronizadas de cada teste se situam na sua totalidade acima da média ($\bar{x} = 10$) oscilando entre os 10 (10,53) e os 14 pontos (14,73). A dispersão é pouco relevante para todos os testes.

Em termos de valores médios, na nossa amostra, podemos verificar a seguinte ordenação das provas por ordem decrecente de dificuldade:

Informação
 Código
 Aritmética
 Reconstituição
 Vocabulário
 Lacunas
 Cubos
 Sequências
 Semelhanças
 Compreensão

Embora, como já apontámos, a dispersão não seja relevante verificamos que os resultados são mais homogêneos nas provas de Lacunas (desvio de 2,21) e Compreensão (desvio de 2,31) e mais dispersos na prova de Reconstituição (desvio de 3,52). Mais tarde

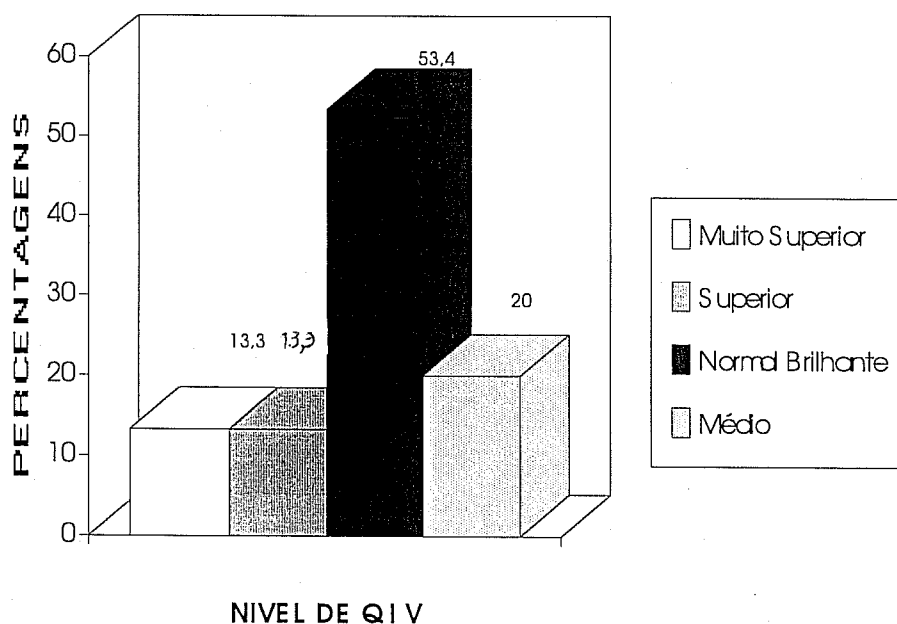
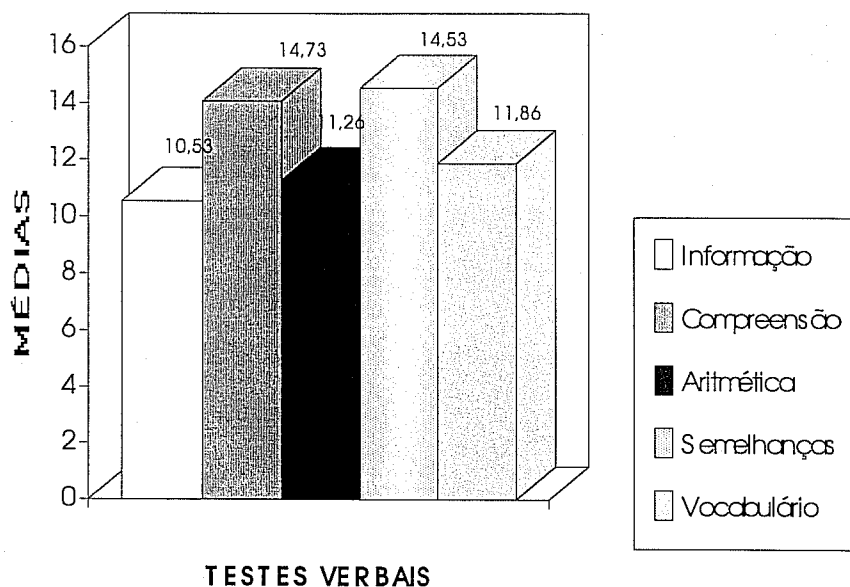
debruçar-nos-emos sobre a natureza particular das respostas aos ítems da prova de Reconstituição para percebermos a existência de pontos em comum apesar da dispersão mais marcada.

Observando os valores mínimos e os valores máximos ressalta a grande amplitude que estes intervalos abarcam. (Adiantemos que a análise intra-individual, dos scatters, nos revelará uma maior homogeneidade nos sinais atribuídos às provas de Realização : 49% de desvios à media significativos, contra 63% atribuídos às provas Verbais).

Em relação aos resultados globais verificamos a grande proximidade dos valores médios do Q.I. e a semelhança dos valores que a dispersão assume. A variação traduzida pela amplitude entre os valores mínimos e máximos é também elevada, como já tinha sucedido em relação às provas. Como veremos mais à frente a grande amplitude destes valores fica a dever-se a alguns casos de crianças com notas muito elevadas, já que a diferença entre Q.I. Verbal e Q.I. de Realização não é significativa em 80% dos casos (considerando que apenas uma diferença superior ou igual a 14 pontos é considerada significativa para a aferição portuguesa), sendo a média das diferenças de 5,5 pontos.

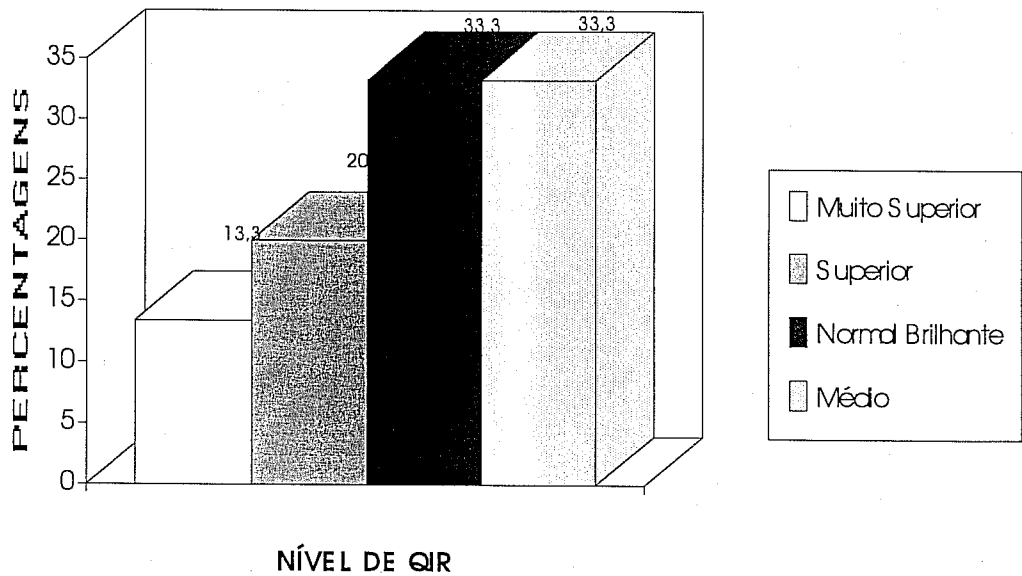
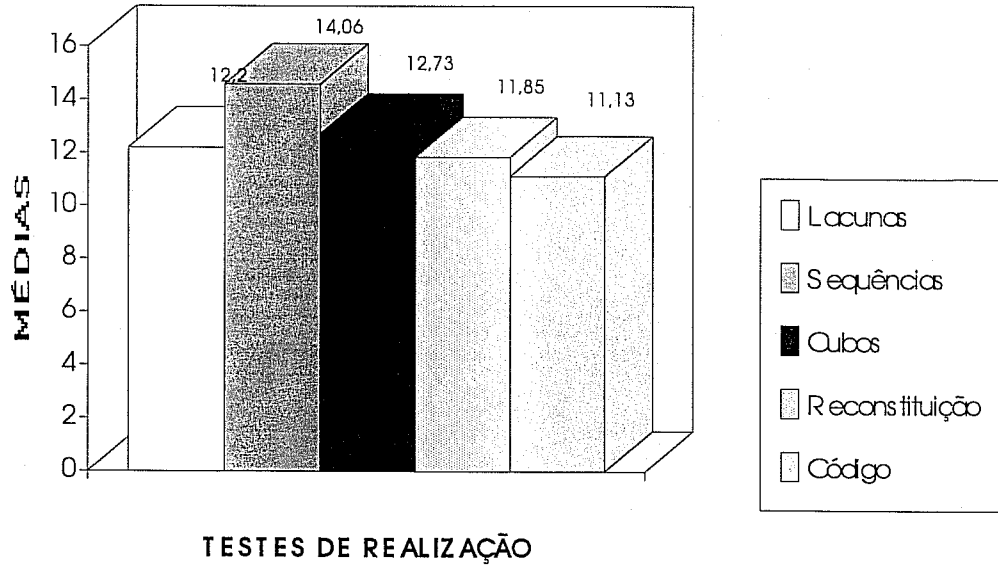
Para que nos seja facilitada uma visão de conjunto passamos a esquematizar graficamente estes dados.

Começemos pela **Escala Verbal**.



Os testes com resultados mais elevados são Compreensão e Semelhanças; o nível mais representado do Q.I. Verbal é o Normal Brilhante (53,4% das casos):

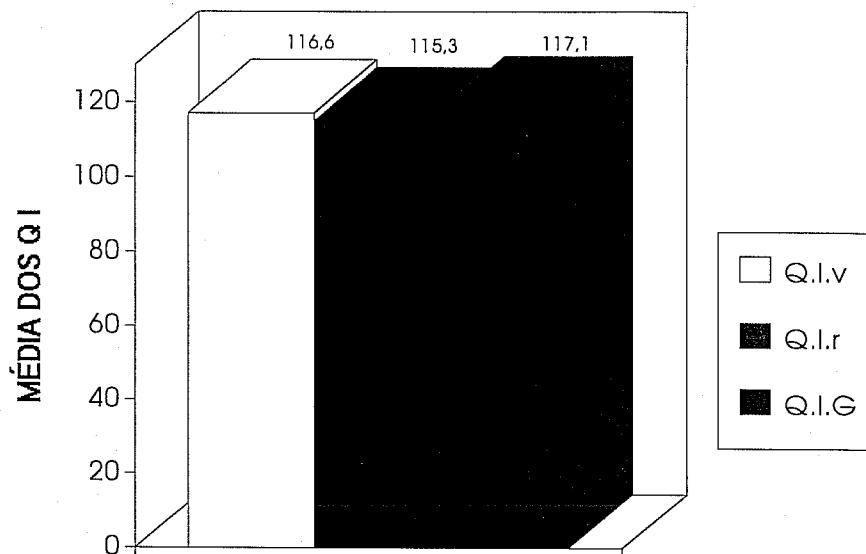
Vejamos em seguida a Escala de Realização.



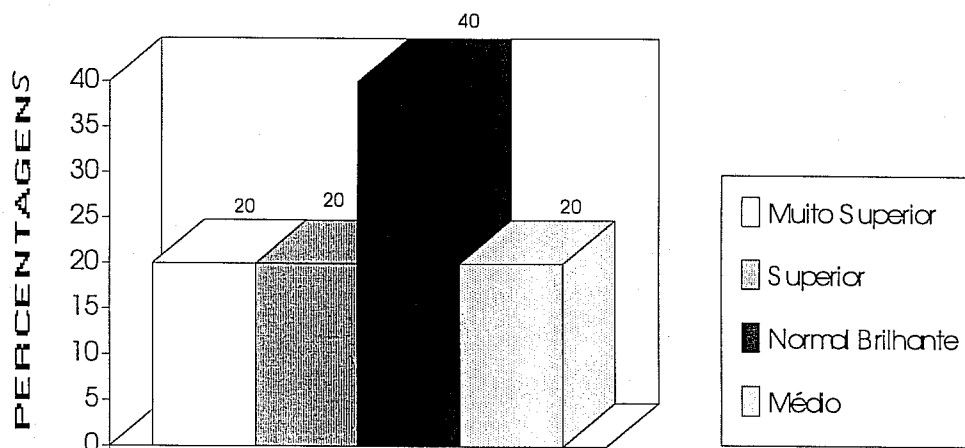
A primeira constatação é a de que os resultados apresentam uma maior homogeneidade, tal como já tínhamos visto em relação aos sinais de scatter. Os Q.I. de

Realização mais acentuados são os Normal Brilhante e o Médio, que se situam com o mesmo peso (33,3% cada).

Vejam os por último os **Resultados Globais**.



ESCALAS



NÍVEL DO QI

Apenas um se destaca da uniformidade geral: o nível Normal Brilhante (40% dos casos em relação a 20% de cada um dos outros).

Em síntese, podemos dizer que as crianças da nossa amostra apresentam homogeneidade de resultados, ficando as diferenças existentes a deverem-se a alguns casos. Estas diferenças constituem-se com mais acuidade no aspecto das competências globais (resultados individuais de Q.I.v, Q.I.r e Q.I.g) e menos no tocante às relações entre as escalas, que se comportam de maneira idêntica nos sentidos de sub ou sobre-investimento, tal como veremos a seguir.

RELAÇÃO ENTRE OS Q.I.	N	%
$Q.I.v < Q.I.r$	5	33,3
$Q.I.v > Q.I.r$	10	66,7
TOTAL	15	

Relação entre os Q.I.s

DIFERENÇAS ENTRE OS Q.I.	N	%	% DAS DIFERENÇAS
$Q.I.v - Q.I.r < 14$	12	80	5,5
$Q.I.v - Q.I.r \geq 14$	3	20	15
TOTAL	15		

Diferenças entre os Q.I.s

DIFERENÇAS ENTRE Q.I.	$Q.I.v < Q.I.r$			$Q.I.v > Q.I.r$		
	N	%	x Diferen	N	%	x Diferen
$Q.I.v - Q.I.r < 14$	3	20	5,7	9	60	5,4
$Q.I.v - Q.I.r \geq 14$	2	13,3	14,5	1	6,7	16
TOTAL	5			10		

Relação das diferenças entre os Q.I.s

Os Q.I. Verbais são superiores aos Q.I. de Realização em 66,7% dos casos. Esta clara superioridade da Escala Verbal não é acompanhada contudo de uma diferença significativa entre os Q.I., já que em 80% dos casos tal diferença é inferior a 14 pontos. Numa apreciação que tem em conta quer a significância das diferenças, quer o sentido das mesmas, a grande maioria dos casos encontra-se claramente neste campo (60% dos casos em que o Q.I.V é superior ao de Realização, não sendo a diferença entre ambos significativa).

Observemos agora se os resultados desta amostra são significativamente diferentes dos resultados encontrados na amostra de aferição da escala para Portugal. Para tal recorreremos a um teste de significância para a diferença das médias.

Uma vez que o número de sujeitos da nossa amostra é inferior a 30 a distribuição amostral não se aproxima da normal. Há que introduzir as correcções necessárias. A fórmula que utilizamos é portanto a recomendada para pequenas amostras. A distribuição é a distribuição “ t de student “, incluída na teoria exacta da amostragem, assim denominada dado os resultados obtidos serem válidos tanto para as grandes como para as pequenas amostras.

A fórmula é:

$$t = \frac{\bar{x}_1 - \bar{x}_2}{\sigma \sqrt{1/N_1 + 1/N_2}} \quad \text{na qual} \quad \sigma = \sqrt{\frac{N_1 S_1^2 + N_2 S_2^2}{N_1 + N_2 - 2}}$$

Em que N_1 e N_2 são os tamanhos de duas amostras extraídas de populações normais e cujas médias e desvios padrão são dados por \bar{x}_1, \bar{x}_2 e S_1, S_2 respectivamente.

Para testar a hipótese H_0 segundo a qual qualquer diferença entre as amostras é unicamente devida ao acaso, utiliza-se o valor de t .

Definidos previamente os intervalos de confiança de 95% e de 99% e obtemos então os valores de t .

Para isso há que conhecer o número de graus de liberdade, ou seja, o número N de observações independentes da amostra menos o número K dos parâmetros populacionais que devem de ser estimados por meio das observações amostrais (o número de graus de liberdade define-se por gl).

Temos então que:

$$H_0 : \mu_1 = \mu_2 \text{ (não existe diferença importante entre ambas as amostras)}$$

$$H_1 : \mu_1 \neq \mu_2 \text{ (existe uma diferença significativa entre as amostras)}$$

Com base num teste bilateral, para $(N_1 + N_2 - 2) = (15 + N_2 - 2)$ graus de liberdade, calculemos que para N_2 igual a 100, $(15 + 100 - 2) = 113$ graus de liberdade. Como não existe, na tabela de valores críticos de t , uma entrada para gl igual a 113, utilizam-se os valores mais próximos. Então:

Para o nível de significância 0,01 pode-se rejeitar H_0 se t estiver fora do intervalo de $-t_{0,95}$ a $t_{0,95}$, o qual, para 113 graus de liberdade, é o que vai de -2,62 a a 2,62 (utilizou-se a entrada mais próxima, relativa a 120gl);

Para o nível de significância 0,05 pode-se rejeitar H_0 se t estiver fora do intervalo de $-t_{0,975}$ a $t_{0,975}$, o qual é, para 113 graus de liberdade (e recorrendo também à entrada de 120 gl), o que vai de - 1,98 a 1,98.

Vamos testar H_0 para cada um dos QI e para cada uma das escalas, separadamente.

De acordo com a aferição portuguesa da escala podemos obter os valores das médias e dos desvio-padrão, eles são:

Para os QI a $\bar{x} = 100$ e o $\sigma = 15$ ¹

Para os testes a $\bar{x} = 10$ e o $\sigma = 3$ ²

Sabemos ainda os valores de N em jogo³

Tomar-se-ão sempre como valores de \bar{x}_1 , S_1 e N_1 os valores (média, desvio-padrão e total de sujeitos) do QI ou do teste considerado na nossa amostra; Tomar-se-ão como valores de \bar{x}_2 , S_2 e N_2 os valores (média, desvio-padrão e total de sujeitos) da amostra de aferição da WISC para Portugal. Da aplicação da fórmula resultou o seguinte quadro:

QI/Testes	σ	$\sigma\sqrt{1/N_1 + 1/N_2}$	$\bar{x}_1 - \bar{x}_2$	t	\bar{x}_1	S_1
QIV	14,907	4,099	16,6	4,049	116,6	13,2
QIR	14,823	4,076	15,3	3,753	115,3	12,46
QIG	14,876	4,09	17,1	4,18	117,1	12,93
Informação	3,093	0,85	0,53	0,623	10,53	3,48
Compreensão	2,944	0,809	4,73	5,846	14,73	2,31
Aritmética	2,995	0,823	1,26	1,53	11,26	2,76
Semelhanças	2,985	0,82	4,53	5,524	14,53	2,67
Vocabulário	3,038	0,835	1,86	2,227	11,86	3,09
Lacunas	2,856	0,785	2,2	2,802	12,2	2,21

¹ - " Predeterminou-se que a média dos QI devia ser 100 e o desvio-padrão 15. " (Marques, 1970, p.16).

² - " Os resultados normalizados padronizados foram derivados de modo a obter, em cada idade e para cada um dos testes, uma média de 10 e um desvio-padrão de 3 ". (Marques, Ib., p. 15).

³ - " (A WISC) foi aferida com uma amostragem de 50 rapazes e 50 raparigas da população escolar, por cada ano de idade". (Marques, Ib., p. 9).

Sequências	2,862	0,787	4,06	3,195	14,06	2,96
Cubos	2,951	0,811	2,73	3,366	12,73	2,37
Reconstituição	3,099	0,852	1,85	2,171	11,85	3,52
Código	3,019	0,83	1,13	1,361	11,13	2,95

Valores de t

Relembrando a fórmula:

$$t = \frac{\bar{x}_1 - \bar{x}_2}{\sigma \sqrt{1/N_1 + 1/N_2}} \quad \text{na qual} \quad \sigma = \sqrt{\frac{N_1 S_1^2 + N_2 S_2^2}{N_1 + N_2 - 2}}$$

- Para $\alpha = 0,01$ rejeitamos H_0 se t estiver fora do intervalo de - 2,62 a 2,62;
- Para $\alpha = 0,05$ rejeitamos H_0 se t estiver fora do intervalo de - 1,98 a 1,98.

Então, temos resultados significativamente diferentes na nossa amostra, a um nível de significância de $\alpha = 0,01$ quanto aos QIV, QIR e QIG, e quanto aos testes de Compreensão, Semelhanças, Lacunas, Sequências e Cubos.

Ao nível de significância $\alpha = 0,05$ acrescentamos àqueles resultados os testes de Vocabulário e Reconstituição, que são provavelmente significativos.

Pode-se concluir que as diferenças encontradas na nossa amostra se situam nos aspectos postos em jogo para estes valores, a saber (tal como se verá adiante, na análise de dispersão): no que respeita à adaptação, na sua vertente da adaptação social (Compreensão e Sequências) e da adaptação à realidade (Lacunas); no que se refere aos aspectos gerais de inteligência, ao factor G (Semelhanças, de acordo com os três valores de QI), e possibilidade de adaptação às tarefas na presença de um modelo (Cubos).

Voltemos pois a centrarmo-nos sobre os resultados da nossa amostra.

Antes de passarmos para uma análise intra-individual podemos tirar algumas conclusões do conjunto de dados até aqui apresentado:

- Em termos de **resultados globais** as crianças desta amostra não apresentam problemas. (Os desvios em relação à média, bem como os valores mínimos dos Q.I. não se afastam do nível médio) sendo, além disso, significativamente diferentes dos encontrados na amostra de aferição;
- **Considerando separadamente as duas escalas**, Verbal e de Realização, não se encontra um número elevado de diferenças significativas entre Q.I.V e Q.I.R;
- **A escala Verbal é superior à de Realização** na maioria dos casos. Apesar portanto de não existir índice revelador da descida da eficiência intelectual numa das áreas verifica-se a existência de algumas dificuldades nos domínios que põe em jogo competências práticas;
- Os testes de Compreensão, Sequências, Lacunas, Semelhanças e Cubos apresentam **diferenças significativas em relação à amostra** de aferição, situando portanto as diferenças nos factores relacionados com a adaptação e o nível geral de inteligência.

3.1.1.2 - Estudo intra-individual

Vamos efectuar a análise de scatter segundo o método dos sinais proposto por Wechsler e conforme a metodologia empregue por Bourges (1984), afim de podermos diferenciar e compreender os vários graus de desvios à média pessoal de cada criança.⁴

Assim temos a seguinte atribuição de sinais por cada uma das dez provas.

⁴a) Nos casos em que a diferença entre Q.I. Verbal e Q.I. de Realização é significativa, isto é > 14 pontos, calculámos dois scatters separados com base nas médias de cada uma das escalas (\bar{x}_V e \bar{x}_T). Quando a diferença não é significativa (< 14 pontos). calculámos um satter único, com base na média da escala completa (\bar{x}_T). b) Considerámos o desvio de 3 pontos e juntámos ou retirámos à média, sucessivamente, o valor de 1,5 pontos.

TESTES	SINAIS DE SCATTER													
	---		--		-		0		+		++		+++	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
Informação	2	13,3	2	13,3	6	40	2	13,3	3	20	-	-	-	-
Compreensão	-	-	-	-	-	-	5	33,3	5	33,3	3	20	2	13,3
Aritmética	-	-	1	6,7	6	40	7	46,6	1	6,7	-	-	-	-
Semelhança	-	-	-	-	-	-	6	40	3	20	6	40	-	-
Vocabulário	1	6,7	1	6,7	2	13,3	9	60	1	6,7	1	6,7	-	-
Lacunas	-	-	-	-	4	26,7	11	73,3	-	-	-	-	-	-
Sequências	-	-	-	-	-	-	9	60	3	20	2	13,3	1	6,7
Cubos	1	6,7	-	-	2	13,3	7	46,6	3	20	2	13,3	-	-
Reconstituição	-	-	2	13,3	4	26,6	5	33,3	3	20	1	6,7	-	-
Código	2	13,3	1	6,7	4	26,6	6	40	1	6,7	1	6,7	-	-

CLASSIFICAÇÕES DE SCATTER DOS TESTES

Para podermos ter uma visão mais directa das tendências que assumem na amostra os conjuntos de sinais positivos (+; ++ ; +++), neutros (0) ou negativos (-; --; ---) de cada prova, procedemos ao seu agrupamento, de acordo com este critério e recorrendo à utilização dos seguintes sinais convencionais:

NOTAÇÕES CONVENCIONAIS	
—	Σ sinais negativos (--- ; -- ; -)
0	Σ de zeros
+	Σ sinais positivos (+++ ; ++ ; +)

Sinais convencionais para classificação das tendências das provas

Passamos portanto a obter a seguinte composição de valores tendenciais:

TESTES	NOTAÇÕES CONVENCIONAIS					
	—		0		+	
	n	%	n	%	n	%
Informação	10	66,6	2	13,3	3	20
Compreensão	-	-	5	33,3	10	66,6
Aritmética	7	46,6	7	46,6	1	6,7
Semelhanças	-	-	6	40	9	60
Vocabulário	4	26,6	9	60	2	13,3
Lacunas	4	26,6	11	73,3	-	-
Sequências	-	-	9	60	6	40
Cubos	3	20	7	46,6	5	33,3
Reconstituição	6	40	5	33,3	4	26,7
Código	7	46,6	6	40	2	13,3

Valores tendenciais das provas

A fim de procedermos posteriormente à análise comparada dos resultados tendenciais de cada prova segundo os factores aí postos em jogo (análise igualmente proposta por Bourgès, 1984), vamos resumir, em termos de notação, as tendências apresentadas por cada prova (sinais convencionais que correspondem a valores iguais ou superiores a cerca de 70% dos casos).

TESTES	NOTAÇÕES CONVENCIONAIS
Informação	-
Compreensão	+
Aritmética	- / 0
Semelhanças	0 / +
Vocabulário	0 → -
Lacunas	0
Sequências	0 → +
Cubos	0 → +
Reconstituição	- → 0
Código	- → 0

Tendências apresentadas pelos testes

Notações convencionais

- Tendência negativa
- 0 Tendência neutra
- + Tendência positiva

Seguida observemos as características apresentadas pelas crianças da nossa amostra.

FACTORES IMPLICADOS	TESTES IMPLICADOS	VALORES TENDENCIAIS	CARACTERÍSTICAS APRESENTADAS
FACTORES INTELECTUAIS <u>Tipos de inteligência</u> Conceptualização	Semelhanças Cubos	0/+ 0 → +	Boa capacidade de generalização e de pensamento categorial sobre dados concretos. Razoável capacidade de abstracção através da análise e síntese sem dados concretos
Factor G	Semelhanças	0/+	Em consonância com os valores de Q. I. acima da média.
<u>Representação simbólica</u>	Aritmética Cubos	-/0 0 → +	Dificuldades nas operações mentais a partir de situações concretas representadas através de símbolos numéricos. Razoável facilidade na composição e reestruturação mental de esquemas espaciais abstractos.
<u>Adaptação escolar</u> Em relação com a língua materna Em relação com as operações aritméticas Capacidade de aprendizagem	Informação Vocabulário Aritmética Código	- 0 → - -/0 - → 0	Dificuldades na memorização de dados escolares e sócio-culturais. Discreta dificuldade na representação de coisas através das palavras Dificuldades na transposição de dados concretos para símbolos numéricos e de efectuação de operações. Dificuldades na memorização visual de signos e símbolos numéricos e de concentração da atenção nessa actividade. Dificuldade de aprendizagem relacionada com a aptidão visuomotora.

Memória	(Código)	- → 0	Dificuldades na memorização através de percepções visuais repetidas, de signos e símbolos numéricos.	
	(Informação) (Vocabulário)	- 0 → -	Dificuldades de memorização nas aquisições de dados escolares e sócio-culturais.	
Adaptação Social	Compreensão	+	Boas capacidades de adaptação prática relacionada com a integração da educação parental, das normas sociais e dos valores de grupo.	
	Sequências	0 → +	Boas capacidades de ordenação lógica e temporal de uma situação concreta e social.	
Adaptação à realidade	Lacunas	0	Razoáveis capacidades de observação fina com atenção aos detalhes.	
FACTORES INSTRUMENTAIS				
Verbalização	Q.I. Verbal Vocabulário	$\bar{x} = 116,6$ 0 → -	Razoável capacidade de denominação com discretas dificuldades na língua materna.	
Percepção	Percepção auditiva	Q.I. Total	$\bar{x} = 117,1$	Razoável capacidade de percepção auditiva.
	Percepção visual	Q.I. Realização	$\bar{x} = 115,3$	Razoável capacidade de percepção visual.
Estruturação espacial, lateralização	Cubos	0 → +	Razoável capacidade de análise e síntese de esquemas espaciais na presença do modelo.	
	Reconstituição	- → 0	Dificuldades de representação mental de esquemas espaciais com implicação do esquema corporal e da imagem do corpo na ausência do modelo.	
Estruturação temporal	Sequências	0 → +	Razoável capacidade de se situar numa temporalidade social.	
Motricidade	Manipulação			
	Cubos	0 → +	Razoável capacidade de manipulação digital habitual.	
	Reconstituição	- → 0	Dificuldades na manipulação digital fina.	

Grafismo	Código	- → 0	Dificuldades em executar rapidamente uma tarefa grafomotora que exige a memorização visual de signos e símbolos.
Esquema corporal	Reconstituição	- → 0	Dificuldade na estruturação do esquema corporal.
FACTORES AFECTIVOS Comportamento	Q.I. Total Aritmética Cubos	$\bar{x} = 117,1$ - / 0 0 → +	Dificuldades na representação mental de situações concretas através de símbolos numéricos.
Abstracção	Semelhanças Cubos	0 / + 0 → +	Razoável capacidade de categorização e decomposição e recomposição de esquemas espaciais abstractos na presença do modelo.
Não-implicação pessoal	Código Cubos	- → 0 0 → +	Dificuldades relacionadas com a necessidade de recorrer a um modelo exterior na execução de uma tarefa que exige a memorização rápida de símbolos.
Representação mental	Aritmética Cubos	- / 0 0 → +	Dificuldades na representação mental de operações concretas relacionadas com símbolos numéricos.
Referências espaciais	Cubos Reconstituição	0 → + - → 0	Dificuldades no âmbito da existência de referências espaciais que funcionem sem um recurso a um modelo exterior que possa colmatar a organização e estruturação espacial.
Expressão motora	Código	- → 0	Dificuldades na execução grafomotora relacionados com aspectos instrumentais no âmbito da constituição das funções espaço-temporais
Referências temporais	Sequências	0 → +	Razoável investimento na estruturação de uma temporalidade social como forma de encontro adaptativo de um esquema exterior de fornecimento de coordenadas temporais.

<u>Imagem do corpo</u>	Reconstituição	- → 0	A descida particular de resultados no puzzle do rosto testemunha dificuldades específicas em torno da identidade.
<u>Referências categoriais</u>	Semelhanças	0/+	Bom investimento na categorização como forma do reassuramento de esquemas exteriores de referência.
<u>Investimento da escolaridade</u>	Informação Aritmética Vocabulário Código	- - / 0 0 → - - → 0	Dificuldades no investimento escolar e na aprendizagem relacionadas com as dificuldades de representação mental da espacialidade através do corpo próprio.
<u>Expressão verbal</u>	Q.I. Verbal Vocabulário	$\bar{x} = 116,6$ 0 → -	Razoável capacidade de expressão oral e comunicação mas revelando discretas dificuldades no âmbito da língua materna.
<u>Valor simbólico dos números</u>	Aritmética Código	- / 0 - → 0	Dificuldades relacionadas com aspectos de inibição relacionados com tarefas que exigem a representação mental de dados numéricos ou operações concretas.
<u>Desejo de êxito</u>	Código	- → 0	Dificuldades de investimento relacionadas com a necessidade de recorrência constante a referências exteriores
<u>Sociabilidade</u>	Compreensão Sequências	+ 0 → +	Sobreinvestimento do sistema de adaptação aos outros recobrando as necessidades de procura de referências no exterior como forma de suprir as carências relacionadas com o corpo próprio ^{em} funcionar como esquema de representação mental do espaço.
<u>Ligação à realidade</u>	Lacunas	0	Razoável ligação à realidade como lugar de encontro das referências para a auto-organização.

Sintetizando vemos que os factores **mais em evidência pela positiva** são:

No campo intelectual - Conceptualização, Factor G e Adaptação social;

No campo instrumental - Percepção e Estruturação temporal;

No campo afectivo - Abstracção, Referências temporais, Referências categoriais e Sociabilidade.

Quanto aos **factores que se evidenciam pela negativa** temos:

No campo intelectual - Adaptação escolar e Memória;

No campo instrumental - Grafismo e Esquema corporal;

No campo afectivo - Expressão motora, Imagem do corpo, Investimento na escolaridade, Valor simbólico dos números e Desejo de êxito.

Debrucemo-nos um pouco sobre estes dois conjuntos.

Quanto aos **factores com classificação positiva** observamos resultados que vão em consonância com os resultados globais que obtivemos: a conceptualização e o factor G estão de acordo com os Q.I. Globais, na média ou acima desta, e confirmam-nos. O que ressalta é o grande investimento na adaptação (quer a adaptação social, quer os factores relacionados com uma temporalidade social - estruturação temporal e referências temporais, como as próprias referências categoriais e sociabilidade vão nesse sentido). Em que medida este resultado não constituirá uma necessidade premente de ligação a referenciais externos? A observação detalhada dos factores com classificação negativa permitirá lançar um pouco de luz sobre esta hipótese.

Os resultados positivos nos aspectos relacionados com a percepção revelam a inexistência de déficits visuais ou auditivos que perdem o reconhecimento visual e comunicacional nestas provas.

Em relação aos **factores com classificação negativa** verificam-se dificuldades assinaláveis para este grupo de crianças no que concerne ao campo da escolaridade e às aprendizagens, o que é tanto mais interessante quanto aos resultados globais bem como os anteriores descritos não o fariam prever. (Nesta linha temos a adaptação escolar, o investimento na escolaridade e o desejo de êxito). Ressaltam ainda os aspectos que concernem às competências relacionadas com a psico-motricidade (grafismo e expressão motora), surge por último a imagem do corpo, vertente imaginária constituída por uma projecção corporal habitada pelos desejos e pelos conflitos, e o esquema corporal, de índole mais cognitiva. Daqui resulta uma conclusão um pouco paradoxal: sendo causadoras de problemas estas questões relacionadas com o corpo, com a representação da sua estruturação e com as suas aptidões praxicas, podemos-nos interrogar acerca da qualidade do seu papel enquanto constituintes do esquema de representação mental do espaço e do tempo. Problemas nesta área fazem prever dificuldades na constituição das funções espaço-temporais. Temos porém que a estruturação espacial e lateralização e as referências espaciais, bem como a estruturação e referências temporais, não parecem afectadas excepto no que se refere aos resultados da prova de Reconstituição. A que se poderá ficar a dever tal facto?

Detenhamo-nos então em cada uma das provas implicadas, a saber:

Cubos	0 → +	Estruturação espacial/lateralização Referências espaciais
Reconstituição	- → 0	
Sequências	0 → +	Estruturação temporal Referências temporais

As características das provas, do que é pedido ao sujeito em termos de competências e do que lhe é fornecido em termos de material fornecem uma hipótese explicativa.

Cubos e Reconstituição: o que existe de fundamentalmente diferente nas duas primeiras provas, para além dos aspectos relacionados com o carácter abstracto da primeira (Cubos) e concreto da segunda (Reconstituição) (e que não parece implicados nesta diferença de resultados uma vez que ambos aparecem com boa classificação noutros pontos - concretude na classificação positiva das provas de Semelhanças e Cubos), é o facto de na prova de Cubos ser fornecido um modelo para a estruturação espacial, enquanto que na Reconstituição o não é. A existência deste modelo permite à criança colmatar deficiências internas em termos de representação mental da espacialidade através das referências exteriores que são postas à sua disposição e às quais recorre para se organizar. Esta possibilidade existe pois vimos já que existe um sobre-investimento na adaptação.

Quanto à prova de **Sequências**, cuja classificação positiva pesa num investimento positivo dos factores relacionados com a temporalidade, observamos que ela solicita ao examinado a sua competência para estruturar uma situação social de acordo com os critérios lógicos da causa/efeito, antes e depois. Sendo assim o que está em causa é a avaliação de uma temporalidade social e não daquela que se prende com a estruturação temporal através do corpo próprio. Acresce ainda o facto de que nesta prova pesam positivamente os factores relacionados com a necessidade de adaptação social sentida por estas crianças.

Eis pois as hipóteses de explicação que entendemos estarem em causa na observação destes resultados. Para as avaliarmos, e também para obtermos mais dados que nos permitam compreender como estas crianças se estruturam em termos de espaço, tempo e identidade, recorreremos mais tarde à introdução de um exame psico-motor na avaliação.

Antes de partirmos para o último passo da análise da WISC, o estudo qualitativo das características apresentadas pelas respostas aos sub-testes, retomemos primeiro uma questão deixada em aberto anteriormente: os estudos detalhados das características dos êxitos e fracassos na prova de Reconstituição, uma das que apresenta a maior dispersão de resultados entre as dez aplicadas e, simultaneamente, a única que permite supor a existência de dificuldades a nível da estruturação e referências espaciais:

Reconstituição

$\bar{x} = 11,85$

$\sigma = 3,52$

Valor mínimo apresentado - 6

Valor máximo apresentado - 18

Sinais de Scatter:

---	-	0%	$\Sigma_- = 40\%$
--	-	13,3%	
-	-	26,7%	
0	-	33,3%	
+	-	20%	$\Sigma_+ = 26,7\%$
++	-	6,7%	
+++	-	0%	
	-		

Valor tendencial : - \rightarrow 0

PUZZLES	ORDEM DE DIFICULDADE							
	1 ^a		2 ^a		3 ^a		4 ^a	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Manequim	3	5	7	11,7	3	5	2	3,3
Cavalo	6	10	8	13,3	1	1,7	-	-
Face	9	15	5	8,3	1	1,7	-	-
Automóvel	3	5	5	8,3	6	10	1	1,7

**Classificação dos puzzles por ordem decrescente
de dificuldade de execução⁵**

1. Percentagens calculadas sobre um total de 60 puzzles : 4 puzzles x 15 testes.

⁵ Percentagens calculadas sobre um total de 60 puzzles: 4 puzzles x 15 testes.

A ordem de dificuldade destes puzzles para as crianças da nossa amostra é então o seguinte:

- **Face** (15% na primeira ordem de dificuldade e 8,3% na segunda);
- **Cavalo** (10% na primeira ordem de dificuldade e 13,3% na segunda);
- **Manequim** (5% na primeira ordem de dificuldade e 11,7% na segunda);
- **Automóvel** (5% na primeira ordem de dificuldade e 8,3% na segunda).

Pensamos que o facto do puzzle da “face” ser o de mais difícil execução se relaciona com a questão da identidade em termos de rosto. O rosto é um lugar de identidade e a dificuldade em o reconstituir coloca o problema de constituição de uma identidade própria.

Em relação ao “cavalo” pensamos que ele se encontra no lugar imediato da ordem de dificuldade devido a apenas possuir uma *gestalt* em termos de contorno e não ter qualquer traçado interior que constitua ponto de referência que guie a execução. Isto pode constituir uma dificuldade particular para crianças para as quais já se viu ser tão importante a existência de referências.

Em relação ao “manequim” torna-se curioso observar que, embora constitua o primeiro item e o “automóvel” o último e o teste estar ordenado por ordem de dificuldade, se torne de execução mais simples para as crianças da nossa amostra do que o último. Pensamos que isto tem a ver com o tratar-se de uma figura cuja reconstituição apela de forma muito directa à existência de um esquema corporal bem estruturado, nomeadamente em termos de lateralidade, já que o erro mais frequente se relaciona com uma inversão direita/esquerda através da troca das pernas da personagem, ou ainda de não colocação destas.

3.1.2 - Análise qualitativa

3.1.2.1 - Estudo das respostas

Olhando os protocolos de cada criança, no plano da qualidade das respostas, observam-se alguns pontos em comum que aparecem a seguir classificados segundo os aspectos em jogo mais relevantes.

As **categorias encontradas** são as seguintes:

- A - **Generalização / Uniformização** (Redução ao idêntico)
- B - **Generalização / Imprecisão de conceitos** (Redução ao idêntico)
- C - **Dificuldades de orientação / Referenciação espacial** (Problemas espaço-temporais)
- D - **Desorientação temporal** (Problemas espaço-temporais)
- E - **Confusão das sequências temporais** (Inclusões recíprocas)
- F - **Indistinção sujeito / objecto** (Redução ao idêntico / Inclusões recíprocas)
- G - **Referências à simetria** (Imaturidade corporal)
- H - **Problemas com o esquema corporal** (Imaturidade corporal)

Agrupamos em seguida as respostas de acordo com os itens designados.

A - Generalização / Uniformização (Redução ao idêntico)

Semelhanças

Item 5 - Ameixa - pêsego

- "*São seres da natureza e comem-se. São seres redondos, da agricultura.*" (caso 8)
- "*Às vezes o pêsego tem a casca da ameixa, o caroço é o mesmo.*" (caso 13)
- "*Porque eles são quase parecidos, todos redondos. É tudo redondo, tudo liso!*" (caso 15)

Item 6 - Gato-rato

- "*Têm os bigodes quase iguais, e os nomes são quase iguais. Sim, são iguais!*" (caso 15)

Item 7 - Cerveja - vinho

- "Porque bebe, e algumas são diferentes porque algumas cervejas têm o mesmo gosto do vinho." (caso 1)
- "São parecidos. Iguais, iguais ..." (caso 11)

Item 10 - Quilo - metro

- "São iguais." (caso 12)
- "Um quilo é um metro e um metro é igual. É um." (caso 13)

Item 12 - Montanha - lago

- "São seres da natureza." (caso 8)
- "São iguais." (caso 12)
- "São dois seres não vivos." (caso 14)

Item 14 - Liberdade - justiça

- "São assim um gênero universal." (caso 14)

Aritmética**Item 8 - Multiplificação simples**

(Aludindo ao conteúdo dos itens 4,6 e 8.)

- "São todas iguais? É tudo fruta!" (caso 8)

B - Generalização / Imprecisão de Conceitos (Redução ao idêntico)**Semelhanças****Item 6 - Gato - rato**

- "Comem a gente, mordem a gente! São parecidos! Mães, têm pais. e são primos, iguais!" (caso 11)

Item - Piano - violino

- "*São coisas das pessoas.*" (caso 9)
- "*É outro violino.*" (caso 11)

Item 11 - Tesoura - caçarola

- "*Também são coisas das pessoas.*" (caso 9)

Vocabulário

Item 1 - Cão

- "*É um ser que vive na terra.*" (caso 2)
- "*É outro cão. É com olhos azuis, com pelo azul, preto, liso, preto e branco.*" (caso 11)

Item 3 - Faca

- "*É outra faca.*" (caso 11)
- "*É uma faca! ... É de cortar comida.*" (caso 12)

Item 6 - Prego

- "*É um prego.*" (caso 11)
- "*É alguma coisa para prender alguma coisa.*" (caso 15)

Item 7 - Camioneta

- "*É uma coisa que anda.*" (caso 1)
- "*Um carris. É uma carrinha.*" (caso 12)

Item 8 - Burro

- "*É uma coisa que come cenouras.*" (caso 1)
- "*É um ser ... como os outros! Não, faz hi-ho, hi-ho.*" (caso 15)

Item 9 - Jogo

- "*É jogo. Serve para nós jogarmos.*" (caso 11)
- "*É às vezes quando é um puzzle, às vezes são muitas meninas a construir os puzzles.*" (caso 13)

Item 12 - Valente

- "*É um homem. É uma pessoa boa.*" (caso 12)
- "*É um homem.*" (caso 15)

Item 14 - Letra

- "*É uma letra.*" (caso 11)

Item 16 - Herói

- "*É sempre um homem.*" (caso 15)

Item 26 - Associar

- "*São os meninos, todos os meninos. Na escola! Todos com o bibe e a mochila.*" (caso 9)

C - Dificuldades de Orientação / Referenciação espacial (Problemas Espaço-temporais)**Informação****Item 16 - Pôr-do-Sol**

- "*Do meio.*" (caso 1)
- "*De todos os lados. Ah! É do lado esquerdo? Não sei.*" (caso 4)
- "*É do lado detrás de mim.*" (caso 8)
- "*Ele anda, está daqui sabias? Se viro vai para outro lado, vai embora!*" (caso 9)
- "*É lá no looonge!!!*" (caso 10)
- "*Em cima das nuvens.*" (caso 11)
- "*Do céu.*" (caso 12)

- "*Pode ser da direita ou da esquerda.*" (Aponta ao contrário.) (caso 13)

- "*À volta da terra.*" (caso 15)

Vocabulário

Item 15 - Binóculo

- "*É aquelas coisas para ver ao longe e ... ao perto?*" (caso 7)

Cubos

- Grande lentidão e dificuldade de análise/síntese. (caso 1)

- Estratégia de tentativa e erro; dificuldades de gestalt em termos de figura/fundo. (caso 2)

- Proceda associando unidade a unidade, mas sem fazer os conjuntos pois não mantém as ligações. (caso 3)

- Tenta fazer apenas as configurações vermelhas com as faces dos cubos vermelhas. (caso 6)

- Tenta funções dispersas das cores vermelhas sem respeitar a configuração do quadrado. (caso 8)

- Faz configurações em que deixa as peças todas afastadas. (caso 11)

- Diz "*Já está*" e faz figuras completamente diferentes. (caso 12)

- Vira vários cubos de todos os lados à procura que lhe apareça a posição adequada à composição da figura, ignorando que são todos iguais. (caso 13)

- Faz associações de peças duas a duas. (caso 14)

Reconstituição

Item - Manequim

- Pega num dos pés da figura e comenta: "*Esta parte não sei bem o que é!*" Vai experimentando várias uniões até que consegue encontrar o sítio certo e mostra-se surpreendido. (caso 10)

Item - Cavalo

- Começa pela cabeça e vai tentando juntar-lhe todas as outras peças com encaixes sem lógica. (caso 3)
- Começa pela peça da cauda e tenta fazer o cavalo de lado. Não consegue reconstituir a figura e exclama: "*Acho que sobram peças.*" (caso 7)
- Faz várias tentativas, sem olhar à forma e pelo encaixe (caso 8)
- Sem orientação. Tenta encaixes absurdos. Fica perplexo pois "*sobram peças.*" (caso 12)

Item - Face

- Procura reconstituir pelos encaixes. Tenta unir os traçados da figura sem atender aos contornos exteriores. (caso 1)
- Move constantemente as figuras que tenta reconstituir, não mantém um ponto de vista fixo. A ordem da reconstituição processa-se sem qualquer sentido e por qualquer peça, alternadamente. Vai tentando unir a aresta exterior da figura, sem dar importância ao traçado do desenho. (caso 4)
- Fica bastante desorientado e sobrepõe as peças acabando por desistir. (caso 8)
- Comenta: "*O que é isto? Cortaram ...*" Tenta unir as peças pelos contornos exteriores sem conseguir mais que duas uniões. (caso 9)
- Deixa peças afastadas entre si. Vai rodando as peças todas sem manter qualquer direcção ou ponto de vista. (caso 11)
- Tenta encaixes absurdos, sem respeitar a forma exterior nem o conteúdo. (caso 12)

Item - Automóvel

- Não tem a mínima noção do que a figura representa. Ao fim de 3 minutos pergunta, depois de tentar encaixes ao acaso: "*O que é isto?*" (caso 2)

Código

- Grande lentidão e referência constante ao modelo. (caso 2)
- Grande lentidão e referência constante ao modelo (caso 5)
- Muito lento e com erros frequentes por sobreposição de símbolos. (caso 7)
- Muito lento, referencia-se constantemente ao modelo. (caso 15)

D - Desorientação temporal (Problemas espaço-temporais)

Informação

Item 10 - Estações do Ano

- "*Outono, Janeiro, Verão, Inverno, Natal, Natal.*" (caso 3)
- "*Março, Abril, Junho, Fevereiro, Setembro.*" (caso 4)
- "*É do lado detrás de mim.*" (caso 8)
- "*Terça, quarta, ... sábado, no sábado estou em casa com a mãe.*" (caso 9)

Sequências

- Histórias sem qualquer lógica, com uma temática "ao lado" ou mesmo sem relação com a imagem. (caso 3)
- Muda por várias vezes as sequências de algumas histórias e não se mantém em nenhuma. (caso 4)
- Não mantém a sequência nas histórias, de peça para peça muda o acontecimento. (caso 6)
- As histórias têm lógica, mas a ligação entre as acções descritas resulta quase nula. (caso 12)

E - Confusão das sequências temporais (Inclusões recíprocas)

Compreensão

Item 7 - Criminosos

- "*Por causa que os criminosos podem matar gente e a nossa mãe não pode saber de nós e nós podemos ir para o céu e ficar lá muitos dias e depois ficamos pequeninos e depois ficamos na barriga da mãe e depois crescemos. Eu, quando estava na barriga da mãe tinha um ano e depois fiz dois.*" (caso 5)

Item 10 - Naufração

- "*Porque as mulheres tinham morrido e podiam afogar-se e elas não podiam ver porque o mar já ia a pôr ondas e elas iam meter dentro de água e tinham afogado.*" (caso 1)

- *"Porque os homens morrem, se afogam, ficam pequeninos."* (caso 9)
- *"Porque não podem estar afogados. Porque eles depois vão para o fundo do mar e morrem e depois a mãe vai para o mar e a mãe morre e vai para o fundo do mar e eles ficam sózinhos."* (caso 11)
- *"Porque sim - Os homens não se afogam, eles se alevantam e nadam e o barco afoga e eles morrem todos ao mesmo tempo."* (caso 12)
- *"As crianças não sabiam nadar, morriam. E o mar é muito fundo, as mulheres tinham que os levar na barriga."* (caso 14)

Vocabulário

Item 23 - Véspera

- *"É o dia que se comemora nesse dia."* (caso 2)

Sequências

Item 4 - Piquenique

- *"O cão levou o frango, estava a comer. Eles viram que não tinham lá, comeram o frango, levaram no cesto."* (caso 2)

Item 7 - Chuva

- *"O homem foi com o chapéu, ficou todo molhado porque a mulher deu o chapéu a ele."*(caso 1)

F - Indistinação Sujeito / Objecto (Redução ao idêntico / Inclusões recíprocas)

Informação

Item 9 - Dedo

- *"O teu? O meu? ... Não sei qual é."* (caso 9)

Compreensão

Item 7 - Criminosos

- *"Porque eles fazem mal, prendem os policiais. E depois vão para a prisão."* (caso 15)

Item 10 - Naufração

- *"Porque as mulheres são as crianças e não sabem nadar."* (caso 6)

Semelhanças

Item 6 - Gato-rato

- *"São iguais. Porque o gato come queijo e o rato bebe leite e o leite e o queijo são parecidos."* (caso 1)
- *"Porque os gatos comem os ratos e os ratos gostam dos gatos e comem-nos."* (caso 7)
- *"É que um é mais maior e o outro é mais grande. Só que um gato pode apanhar um rato e um rato pode apanhar um gato!"* (caso 10)

Item 9 - Papel-carvão

- *"É que o papel serve para escrever e o carvão serve para escrever os lápis."* (caso 10)

Item 12 - Montanha-lago

- *"Os lagos estão ao pé das montanhas, ... nascem de lá de dentro e as montanhas estão no meio dos lagos."* (caso 7)

Vocabulário

Item 2 - Chapéu

- *"Serve para se usar no sol."* (caso 2)

Item 4 - Guarda-chuva

- "*É preciso para tapar a chuva.*" (caso 2)

Item 13 - Disparate

- "*Nós vamos jogar bola e acertamos com o homem na vista.*" (caso 1)

Item 16 - Herói

- "*Quem vem salvar o herói.*" (caso 10)

Item 18 - Diamante

- "*É onde as pessoas metem as pulseiras.*" (caso 6)

Item 21 - Desinfectar

- "*Serve para desinfectar micróbios e casas.*" (caso 2)

- "*É tratar os pensos, que nós estamos aleijados.*" (caso 15)

Lacunas**Item 10 - Casaco**

- "*Falta uma pessoa.*" (caso 3)

Item 20 - Casa

- "*Falta as mulheres.*" (caso 11)

G - Referências à Simetria (Imaturidade corporal)

Lacunas

- Procura assinalar as diferenças indicando a falta de pequenos traços em simetria, irrelevantes para o desenho. (caso 7)

Item 3 - Raposa

- "*Não tem uma orelha? Não pode ter orelha de um lado.*" (caso 13)

Item 10 - Casaco

- "*Botões deste lado.*" (caso 10)
- "*Um risquinho destes.*" (Em simétrico.) (caso 13)

Item 13 - Mosca

- "*Outro olho.*" (caso 3)

Item 14 - Galo

- "*Mais uma asa.*" (caso 2)
- "*O outro olho e a outra asa.*" (caso 14)
- "*A outra asa. O outro olho aqui.*" (caso 15)

Item 15 - Perfil

- "*Falta um braço e a outra cara.*" (caso 1)
- "*Um senhor! Falta o casaco e do outro lado.*" (caso 2)
- "*Outra orelha.*" (caso 3)
- "*O outro olho ... Mas não dá para ver o cabelo daqui .. não pode ser ... É o cabelo!*" (caso 4)
- "*O resto do braço.*" (caso 6)
- "*A outra orelha.*" (caso 8)
- "*Uma orelha.*" (Toca na dela) (caso 11)
- "*Uma orelha.*" (caso 12)
- "*O outro olho e a outra sobrancelha.*" (caso 14)

- "*Um bocadinho do cabelo deste lado.*" (caso 15)

Item 17 - Chapéu

- "*A outra orelha.*" (caso 1)

- "*É um senhor ... Falta um braço!*" (caso 2)

- "*Uma orelha, os braços.*" (caso 3)

- "*Uma orelha.*" (caso 10)

- "*Uma orelha.*" (caso 11)

- "*Uma orelha.*" (caso 12)

- "*Faltam-lhe estes risquinhos.*" (Em simétrico.) (caso 13)

Item 19 - Vaca

- "*O outro olho.*" (caso 3)

H - Problemas com o Esquema Corporal (Imaturidade corporal)

Informação

Item 14 - Estômago

- "*Comer. Respirar.*" (caso 2)

Reconstituição

Item - Manequim

- Lenta na execução pois troca primeiro as pernas e só depois é que acerta. (caso 2)

- Move ao acaso ambas as metades da parte superior do tronco e exclama: "*Esta é daqui? Que boneco tão estranho! Só acho estranho é as pernas!*" (caso 3)

Item - Cavalo

- Comenta "*Esta não tem duas partes da cabeça* (aponta a única orelha do perfil), *não consigo fazer!*"

Item - Face

- Só consegue colocar o cabelo e troca anarquicamente as posições dos olhos, nariz e boca (caso 2)
- Comenta: "*É uma pessoa!*" Ao colocar as peças subrepõe várias à peça maior e deixa de lado o olho e a boca: "*Sobram estas...*" (caso 3)
- Julga que a testa são os bigodes. Só tenta juntar as peças duas a duas e só atende a um dado de cada vez. (caso 6)
- "*É uma menina ou um menino!*" Mostra-se surpreendida quando as peças se juntam acertadamente. (caso 13)
- Troca o olho com a boca e não acaba. (caso 14)

3.1.2.2. Síntese

Os processos em jogo nestas respostas e que podemos agrupar segundo as vertentes

Redução ao idêntico

- Generalização / Uniformização
- Generalização / Imprecisão de conceitos

Espaço de inclusões recíprocas

- Confusão das sequências temporais
- Indistinção sujeito / objecto

Problemas espaço-temporais

- Desorientação temporal
- Dificuldades de orientação / referenciação espacial

Imaturidade corporal

- Referências à simetria
- Problemas com o esquema corporal

Reunem-se sob a égide de um mesmo problema: a dificuldade de distinguir eu / não-eu e a problemática da identidade que realiza, através de uma elaboração acentuada, a tarefa de manter afastada a confrontação com a diferença e com a possibilidade de emergência da contradição. A dar corpo a este princípio estrutura-se um espaço de inclusões recíprocas que esbate as diferenças e pode perfigurar a cristalização de formações psicóticas que assentam no mesmo primado do objecto único próprio da personalidade alérgica.

Patologia de um corpo desmunido e desapossado na origem pela presença de um condicionamento relacional superegóico que rege os ritmos ao nível relacional biológico e ao nível relacional psíquico, configurando e dominando a matriz espaço-temporal do ser.

**RESULTADOS DO
EXAME PSICOMOTOR**

3.2 - Resultados do Exame Psicomotor

O exame psicomotor aplicado constou de três pontos principais:

- A - **ESPACIALIZAÇÃO** (orientação e estruturação espaciais)
- B - **LATERALIDADE** (tipo de lateralidade e pesquisa de sincinésias);
- C - **ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL** (ritmo espontâneo e reproduzido).

Procedamos ao estudo de cada um deles.

3.2.1 - Espacialização

1 - Orientação espacial (Teste de Piaget)

a) Noção Direita / Esquerda em si

- Não adquirida ou insuficientemente:

- . Respostas casuais
- . Hesitações / Reformulações
- . Truques de reconhecimento

- Adquirida

Consistência da noção		n	TOTAIS
Não adquirida ou insuficientemente	Respostas casuais	2 13%	9 60%
	Hesitações / / inversões	1 7%	
	Truques de Reconhecimento	6 40%	
Completamente adquirida		6 40%	6 40%
TOTAL			15

Noção D / E em si

O pequeno número de sujeitos da amostra não nos permite avaliar a correlação existente entre as idades dos sujeitos e o grau de consistência do seu conhecimento da lateralidade. O que se torna porém importante aqui é a elevada percentagem da utilização de truques de reconhecimento D / E como referências externas a colmatar dificuldades de representação mental da espacialidade através do corpo próprio (40%).

b) Noção Direita / Esquerda no outro

- Não adquirida ou insuficientemente:

- . Respostas casuais
- . Respostas em espelho

- Completamente adquirida

Consistência da noção		n	TOTAIS
Não adquirida ou insuficientemente	Respostas casuais	1 7%	10 67%
	Respostas em espelho	9 60 %	
Completamente adquirida		5 33%	5 33%
TOTAL			15

Noção D / E no outro

À semelhança do que dissemos há pouco, não pretendemos efectuar correspondências correlacionais mas apenas apontar a importância da percentagem de respostas em espelho (60%) como componente de uma relação espacial que se estrutura sem independência e separação, e numa bi-dimensionalidade onde sobressai a prevalência do materno - "o meu corpo é o teu corpo, organizado por ti."

2 - Estruturação espacial (Teste da Figura Complexa de Rey)

a) Tipo de reprodução espacial

Presença do modelo (Cópia)

Tipo III: Contorno geral da figura

Tipo III/IV: Inclui todas as acentuações possíveis dos dois tipos de reprodução quando presentes em simultâneo (Contorno geral da figura/Justaposição de detalhes).

Tipo IV: Justaposição de detalhes

Tipo IV/VI: Inclui a presença simultânea dos dois tipos de reprodução (Justaposição de detalhes/Redução a um esquema familiar).

TIPOS DE REPRODUÇÃO	n	%
III - Contorno geral da figura	3	20
III/IV - Contorno geral da figura/ /Justaposição de detalhes	5	33,3
IV - Justaposição de detalhes	6	40
IV/VI - Justaposição de detalhes/ /Redução a um esquema familiar	1	6,7
TOTAL	15	

Tipo de reprodução em presença do modelo

A "Justaposição de detalhes" é o tipo de reprodução predominante, quer isolado, quer junto com outros (tipos III e VI). Isto mostra a ausência da capacidade de apreender uma gestalt central organizadora do espaço da figura, que situa estas crianças num espaço de bi-dimensionalidade.

A reprodução através do "Contorno Geral da Figura", de forma isolada ou conjunta (com o tipo IV) revela uma fragilidade da identidade devido à necessidade de acentuação dos limites.

b) Ausência do modelo

TIPOS DE REPRODUÇÃO	n	%
III - Contorno geral da figura	2	13,3
III/IV - Contorno geral da figura/ /Justaposição de detalhes	5	33,3
IV - Justaposição de detalhes	6	40
IV/VI - Justaposição de detalhes/ /Redução a um esquema familiar	2	13,3
TOTAL	15	

Tipo de reprodução na ausência do modelo

As características são as mesmas da situação anterior.

Em ambas as situações se observam ainda alguns aspectos que mostram as particularidades de construção espacial destas crianças: nos casos números 7, 11, 12 e 13 a orientação inicial da folha é rapidamente perdida e a reprodução é reiniciada, de cada vez, em qualquer lado, indiscriminadamente, o que se relaciona com a inexistência de um ponto de vista próprio; no caso número 14 os traçados são feitos sistematicamente de baixo para cima, empurrando o lápis em vez de o puxar, numa posição de face a face em que a criança parece estar a fazer o desenho em simétrico com a folha do modelo ou sob a dependência do ponto de vista do examinador; no caso número 2 a reprodução simétrica é, simultâneamente, uma ligação indissociável a uma projecção corporal nos seus eixos fundamentais de alto / baixo, esquerda / direita imagem de espelhamento que retrata a impossibilidade de ser, separado.

b) Exactidão da reprodução espacial

Presença do modelo (Cópia)

Utilizam-se como critério as divisões percentílicas para os pontos atribuídos à figura executada e os tempos de realização.

PERCENTIS	PONTOS		TEMPOS	
	n	%	n	%
$p \leq 10$	6	40	2	13,3
$10 < p \leq 25$	2	13,3	1	6,7
$25 < p \leq 50$	6	40	2	13,3
$50 < p \leq 75$	1	6,7	6	40
$75 < p \leq 100$	0	---	4	26,7
TOTAL	15		15	

Exactidão da reprodução em presença do modelo

A quase totalidade das reproduções situa-se aquém da média da amostra de aferição para os respectivos níveis de idades, o que demonstra as dificuldades inerentes à tarefa de reproduzir uma estrutura espacial. O tempo de execução é contudo mínimo mostrando que os mecanismos de que estas crianças se servem são de recurso imediato.

Ausência do modelo (Memória)

Utilizam-se igualmente as divisões percentíficas anteriormente referidas.

PERCENTIS	PONTOS		TEMPOS	
	n	%	n	%
$p \leq 10$	6	40	1	6,7
$10 < p \leq 25$	7	46,7	1	6,7
$25 < p \leq 50$	2	13,3	2	13,3
$50 < p \leq 75$	0	---	4	26,6
$75 < p \leq 100$	0	---	7	46,7
TOTAL	15		15	

Exactidão da reprodução na ausência do modelo

O nível da execução da figura na "Memória" é inferior ao da "Cópia" mostrando o acréscimo de dificuldades destas crianças em se organizarem espacialmente na ausência de

uma referência exterior estruturante, o que aponta para a existência de um super-ego corporal que dimensiona os vectores da espacialidade. A rapidez continua a ser a nota dominante: sem recurso ao modelo não há a possibilidade de manter a presença do objecto.

c) Execução de gestos (Teste de Head)

Imitação do outro face a face

Classificamos estas respostas englobando no item "Imitação em espelho" aquelas totalmente realizadas desta forma e aquelas que tiveram, apesar de tudo, alguns acertos após hesitação. Ao item "Respostas correctas" reservamos aquelas a que as crianças responderam com número maioritário de acertos e aquelas que apenas obtiveram um pequeno número de erros ou hesitações.

TIPO DE IMITAÇÃO		n	%
Em espelho	Totalmente em espelho	8	53,3
	C/ alguns acertos	2	13,3
Correcta	C/ hesitações	4	26,7
	Totalmente correcta	1	6,7
TOTAL		15	

Imitação do outro face a face

As respostas foram, na quase totalidade dos casos alvo de inversão mais ou menos pronunciada.

As respostas em espelho atingem mesmo 2/3 da amostra o que revela a dependência destas crianças de um outro, que funciona como aquele que fornece as coordenadas espaciais no lugar onde a própria autonomia do funcionamento corporal faz defeito.

Imitação através de ordem oral

Classificamos estas respostas englobando no item "Respostas ao acaso" aquelas em que não se apresentou nenhuma orientação definida; em "Inversões com alguns acertos" as que foram objecto de hesitação e acabaram por ser respondidas um pouco ao acaso e um pouco pela troca das posições indicadas. Estes dois itens constituem as "Respostas incorrectas". Agrupamos também, nas "Respostas correctas" as que foram maioritariamente bem respondidas embora possam ter sido objecto de alguns erros (minoritários) ou hesitações.

TIPO DE RESPOSTA		n	%
Incorrecta	Ao acaso	4	26,7
	Inversões e hesitações c/ alguns acertos	6	13,3
Correcta	C/ hesitações	4	26,7
	Totalmente correcta	1	6,7
TOTAL		15	

Execução de gestos através de ordem oral

Na maior parte dos casos, 2/3, as crianças fornecem respostas incorrectas, fruto do acaso ou de inversões ou mesmo da impossibilidade de referenciar ou / e coordenar correctamente as duas premissas que a instrução comporta. Apenas uma das crianças consegue responder correctamente à totalidade dos pedidos (à semelhança do que tinha sucedido com a instrução anterior). Estes números mostram a dificuldade destas crianças em possuírem uma resposta estruturada (mesmo que em espelhamento, por dependência de um ponto de vista alheio) na ausência de um referencial externo que lhes permita organizarem-se. Mostram também as dificuldades de conhecimento do esquema corporal conceptualizado em termos de lateralidade.

3.2.2 - Lateralidade

1 - Tipo de lateralidade

Classificamos a lateralidade em respostas estáveis e respostas indiscriminadas. Situam-se no primeiro caso as respostas estáveis quanto a lateralidade homogénea (dos órgãos pares: mão, olho e pé), destra ou esquerdina, e a lateralidade cruzada, (quando os órgãos pares apresentam uma predominância lateral diferente). Subdividimos as respostas indiscriminadas segundo a sua orientação preferencial, destra ou esquerdina.

TIPO DE LATERALIDADE		n	%	
Respostas Indiscriminadas	Predomínio lateral E	2	13,3	
	Predomínio lateral D	1	6,7	
Respostas Estáveis	Homogénea	Destra	1	6,7
		Esquerdina	1	6,7
	Cruzada	Predomínio lateral E	2	13,3
		Predomínio lateral D	8	53,3
TOTAL		15		

Tipo de lateralidade

A lateralidade recebe maioritariamente respostas estáveis, sendo cruzada, com predomínio lateral à direita. Uma vez que, nestes casos, o órgão par com lateralização esquerdina é a mão (lateralidade de utilização). Pensamos que este facto se pode dever à organização preferencial que se estrutura, face ao outro, através da utilização. Aspecto que vem no sentido de uma não autonomia corporal em termos da espacialidade e da existência de uma projecção sensorial que aqui actua por impossibilidade de diferenciação do representante materno.

2 - Pesquisa de sincinésias (Teste das marionetas)

A classificação baseia-se na presença ou ausência de sincinésias, tónicas ou axiais.

SINCINÉSIAS		n	%
Ausência		6	40
Presença	de	8	53,3
	Imitação		
	Axiais	1	6,7
TOTAL		15	

Pesquisa de sincinésias

A percentagem reparte-se por crianças que não apresentam sincinésias e as que as apresentam sendo estas, contudo, na sua maioria, de imitação. Isto demonstra que exista na amostra um grau importante de imaturidade corporal em termos de lateralidade já que são estas as que mais se relacionam com o desenvolvimento psicomotor. Pomos a hipótese de que isto possa ter a ver com a existência de uma lateralidade de utilização marcada a partir de uma projecção sensorial que actua em espelho, em referência pois a uma entidade externa em relação à qual a criança não adquiriu autonomia.

3.2.3 - Estruturação Temporal (Teste de Mira Stamback)

1 - Ritmo expontâneo

Classificamos este ponto segundo o critério da possibilidade ou impossibilidade de manutenção de um ritmo próprio. À segunda alternativa subdividimos em ritmo "não adquirido" quando se verificam importantes acelerações e / ou retardamentos, ou em "caótico" quando o ritmo imprimido é totalmente desordenado.

RITMO EXPONTÂNEO		n	%
Não Adquirido	C/ Retardamentos e/ou acelerações	12	80
	Caótico	2	13,3
Adquirido		1	6,7
TOTAL		15	

Ritmo expontâneo

As dificuldades em possuir um ritmo próprio estão bem patentes nesta amostra em que apenas uma criança consegue manter uma cadência de batimentos ritmada. O que mostra que também no plano da temporalidade se verifica uma marcada ausência de referências em termos de corpo próprio.

2 - Reprodução de estruturas rítmicas

Apontamos o número de erros das estruturas rítmicas correctamente reproduzidas pela criança. Note-se que elas são 21 no total e que a sua complexidade aumenta progressivamente.

Idades	n	\bar{x} de erros	Medianas de Aferição
6A a 6A e 11M	5	6	9
7A a 7A e 11M	2	4,5	7
8A a 8A e 11M	3	3	5,5
9A a 9A e 11M	2	1,5	3
10A a 10A e 11M	1	1	3
11A a 11A e 11M	2	1,5	3
TOTAL	15		

Os valores obtidos pela amostra de aferição do teste figuram apenas a título indicativo uma vez que, tratando-se de medianas, não são susceptíveis de comparação com a nossa amostra.

Queremos salientar o reduzido número de erros que estas crianças praticaram na reprodução das 21 estruturas que compõem o teste o que atesta da excelente qualidade da reprodução aqui observada.

Comparando com os resultados que obtivemos na prova de avaliação do ritmo espontâneo verifica-se que na presença de uma referência exterior que forneça um esquema de organização da temporalidade esta dimensão é projectada com correção. Na sua ausência o corpo não possui autonomia de funcionamento que lhe permita executar uma tarefa que ponha em jogo uma temporalidade própria.

ANÁLISE DOS RORSCHACH

3.3.1 - Síntese dos Psicogramas

A síntese dos Psicogramas apresentada a seguir pretende apenas resumir os valores encontrados. A análise far-se-á caso a caso.

Não são apresentados os valores normativos uma vez que se tratam de crianças de várias idades e as normas variam consoante a idade em causa.⁶

Chama-se a atenção para o facto de que não se apresenta a fórmula complementar, incluindo-se os seus valores (em termos de estompagens e cinestésias animais) no T.R.I., uma vez que se trata de crianças.

⁶ - Foram considerados os valores apontados por Cecile Beizman em Le Rorschach de l'enfant à l'adulte. Étude génétique et clinique. Paris : Délachaux et Niestlé, 1974.

Síntese dos Psicogramas

PROTOCOLO	R	G%	D%	Dd%	Dbl%	Do%	F%	F+%	A%	H%	Ban	T.R.L.	R.C.%	Esc.+	Esc.-
1	33	15	73	9	0	3	91	90	42	18	5	3/4,5	36	III-VIII	IV-IX
2	25	72	28	0	0	0	100	40	92	4	4	0/0,5	16	V-VII	VI-X
3	12	50	50	0	0	0	92	82	42	8	2	0/1,5	25	VI-VII	II-III
4	9	56	44	0	0	0	100	83	78	22	3	1/0	22	II-VII	IV-I
5	18	39	61	0	0	0	100	72	28	39	5	1/0	44	VII-IX	I-II
6	13	92	1	0	0	0	100	50	38	38	1	0/0,5	31	IX-X	I-IV
7	26	15	85	0	0	0	85	50	46	19	4	2/2	46	VII-VIII	IV-VI
8	14	72	21	0	7	0	86	29	78	7	2	0/1,5	21	III-X	VIII-IX
9	10	80	20	0	0	0	90	56	50	30	2	0/0,5	30	I-V	IV-IX
10	10	90	10	0	0	0	80	50	50	30	1	3/2	30	III-V	I-IV
11	13	77	23	0	0	0	69	11	62	0	0	0/4,5	23	VIII-IX	II-III
12	17	47	47	6	0	0	88	27	71	0	2	0/3,5	24	III-V	I-II
13	12	67	33	0	0	0	100	71	67	8	5	0/0	33	IV-VII	I-II
14	14	36	64	0	0	0	100	64	79	14	3	2/0	43	I-VII	III-VIII
15	21	52	48	0	0	0	95	50	57	19	3	0/2,5	43	VIII-X	III-IX

Valores Normativos
 Valores subinvestidos
 Valores sobreinvestidos

3.3.2. Análise dos protocolos

Caso nº 1

Sexo: Feminino

Idade: 7 anos

Análise quantitativa

Verbalização prolixa com dilatação da produtividade, com elevado número de respostas.

Grande acentuação do detalhe e elevado número de apreensões verbais confabuladas revelando o sincretismo da percepção.

A abordagem puramente formal é escassa mas a estimulação sensorial integrada não faz decrescer o nível de adequação formal revelando a operatividade da conduta defensiva.

Os índices de socialização estão elevados demonstrando uma grande adaptação social marcada até por uma certa necessidade de conformismo.

O T.R.I. dilatado reafirma a grande ressonância à estimulação externa (Extratensivo mixto) e a acentuação do polo quinestésico indica a existência de alguma importância assumida pela questão da identificação. Indica também a importância do processo projectivo ligado ao corpo imaginário que se articula, no entanto, com uma projecção do corpo real, elevada percentagem de conteúdos humanos, Anatomia e Arquitectura, por deslocamento. Isto configura também a premência da questão das identificações primárias.

Análise Qualitativa

A problemática principal desta criança situa-se no nível da identidade.

A importância do seu mundo projectivo, que cria um espaço imaginário de inclusões recíprocas e toca muitas vezes aspectos hipomaníacos relacionados com o processo primário, acentuando a falta de limitação face ao outro, passa também por uma projecção sensorial em que o registo táctil predomina.

Situa-se num espaço de bi-dimensionalidade, com prevalência de uma função materna englobante que capta o fluir do tempo prendendo-o num espaço de onde qualquer saída é

impossível. A indistinção da identidade é a resultante de um duplo processo de identificação de "si" ao "outro" e do "outro" a "si".

Caso nº 2

Sexo: Feminino

Idade: 10 anos

Análise Quantitativa

O traço que mais se salienta na verbalização é o de uma ruminação que mostra a sideração em que a criança se encontra envolvida quando se trata de conferir uma forma às manchas.

A apreensão é, maioritariamente na globalidade, mesmo nos cartões de configuração bilateral: apreensões globais simples e imediatas ou com grande participação de uma confabulação resultante do sincretismo da percepção e que tem a ver com uma dificuldade relacional acentuada, bem como com uma problemática respeitante à identidade.

A abordagem é feita quase exclusivamente por intermédio do registo formal. A associação de outros determinantes perfaz a totalidade das respostas mas, nem por isso, permite aumentar o nível de ligação ao real. Existe de facto uma grande desadequação neste campo que tem a ver com uma difícil tentativa de constituição de um corpo inteiro.

Os conteúdos animais caracterizam a quase totalidade das respostas, traduzindo a importância do deslocamento em detrimento dos conteúdos humanos que são em número quase inexistente. Apesar disto o número de banalidades é considerável (tem todas as banalidades principais) revelando conformidade projectiva.

O T.R.I. é coartativo, apenas com uma leve expressão do pólo cor e a ressonância à cor assume muito pouca importância neste protocolo. Isto traduz uma grande restrição do imaginário.

Análise Qualitativa

A problemática que aqui se joga tem a ver com a identidade, acompanhando-se de alguma angústia que pesa sobre a integridade com a possibilidade da aproximação a um espaço relacional: ela tem de ser preservada quando face ao outro pois é posta em risco por uma agressividade potencial que a relação implica. Joga-se uma necessidade constante de constituir uma imagem de si integrada e inteira, a que dificilmente é dada uma resposta satisfatória. O afastamento da realidade é mais saliente quando está em jogo a constituição de uma imagem de si, bem delimitada, face ao outro.

Apresenta uma agressividade de carácter oral predominante, num registo que se situa entre o viver-se, na sua integridade, face a uma imagem materna que pode apresentar o risco de ser englobalizante e, simultâneamente, a sua posição de dependência oral passiva e carência narcísica, apesar de esta imagem ser sentida como invasora. As angústias quanto à sua integridade conduzem a atitudes de passividade e retracção narcísica ou idealização que não demonstram ter valor de desimpedimento, acentuando-se quando face ao directo apelo relacional e conduzindo a problemática à possibilidade de destruição, do próprio ou do outro.

O tempo parece não ter um fluir, ser imutável.

Fica muito patente o carácter de evitamento fóbico da relação e a necessidade de controle que se revela muito difícil pois os mecanismos de defesa são pouco operantes (são postos em jogo mecanismos de defesa pelo recurso e controlo da realidade: evitamento, isolamento, ruminação, formação reactiva, denegação, hesitações e justificações).

A imagem viril apresenta aspectos inquietantes. A posição activa comporta um carácter fobogéneo e aspectos de analidade (difícil integração do passivo / activo).

A não manutenção de um ponto de vista estável e autonomizado revela a grande imprecisão da identidade.

É interessante notar que o bestiário predominante é aéreo e situa-se basicamente em cartões de configuração inteira, o que parece reflectir aqui o jogo de uma problemática em torno de uma autonomia da respiração, afastamento de uma identidade externa que organiza o corpo e não permite a separação.

Apresenta por vezes a possibilidade do recurso à fantasia, que se revela operante embora limitado.

Caso nº 3

sexo: Feminino

Idade: 9 anos

Análise quantitativa

A verbalização é muito reduzida, comportando quase só substantivos. A instabilidade psicomotora desta criança é acentuada. Este excesso não passa, contudo, pela projecção - ausência de quinesias - mas sim pela movimentação corporal. A apreensão é quase sempre pela globalidade mostrando as dificuldades relacionais e de integridade corporal.

O registo formal é maioritário e, na sua maioria, adequado. Há um carácter muito restritivo na utilização de outros determinantes, o que vai também de acordo com a restrição projectiva desta criança.

Os conteúdos animais são aqueles em número mais acentuado. Aparecem vários conteúdos desvitalizados. O número de banalidades é reduzido comportando no entanto os cartões mais importantes, à excepção daquele que evoca o movimento relacional mais flagrante.

Análise qualitativa

A problemática tem a ver com a identidade. A proximidade relacional é evitada pois é portadora de uma agressividade potencial que impende sobre o próprio. Há um movimento de estranheza inicial compensado por projecções que visam o restauro narcísico.

A imago materna não é securizante e comporta mesmo um conteúdo de ameaça para a integridade pessoal. Diluem-se as fronteiras entre o "eu" eo "outro" confundindo-se agressor e agredido. Não há qualquer conduta projectiva relacionada com a identificação secundária.

A elaboração fica prejudicada passando os conteúdos por uma necessidade de projecção corporal e do agir. A estabilidade interna desta criança apresenta grande fragilidade.

Trata-se de uma criança adaptada, mas com uma estabilidade precária, com possibilidade de se vir a configurar mais sobre o registo do agir, mas onde o registo psicótico permanece como potencialidade.

Caso nº 4

Sexo: Feminino

Idade: 11 anos

Análise quantitativa

Reduzido número de respostas, ponteadas por várias hesitações e comentários que têm a ver com a desvalorização pessoal e traduzem uma grande insegurança. A verbalização fica quase que apenas reduzida a substantivos e alguns adjetivos, mostrando uma projecção que se configura dificilmente e revelando a dificuldade relacional que se estrutura no plano narcísico: a confrontação com um outro igual a si próprio, sem diferença. O registo formal é o único existente, quer na sua vertente simples, quer na vertente cinestésica aqui dada por deslocação. Além disso é maioritariamente adaptado. Os conteúdos animal e humano são os únicos presentes e o número de banalidades é muito elevado. Isto mostra o nível adaptado embora empobrecido desta criança, bem como as dificuldades que impendem sobre o seu mundo imaginário. De facto, o corpo imaginário está em detrimento do corpo real.

Análise qualitativa

Criança muito insegura para quem os aspectos relacionais se estruturam no plano narcísico. Relação com um duplo narcísico igual a si própria.

A imago materna não é portadora de segurança mas também não é de angústia. Antes configura um espaço relacional fechado onde o outro é reduzido a uma relação de igual. Há contudo alguma aproximação a uma posição activa relacionada com a introdução da imagem viril.

A relação com os afectos está quase que fechada num retraimento onde o carácter fóbico se espelha.

A projecção é diminuta em prol de um corpo real de que dificilmente consegue ser dona. Todos estes aspectos boicotam o rendimento desta criança que resulta empobrecido.

Caso nº 5

Sexo: Feminino

Idade: 9 anos

Análise quantitativa

Verbalização retraída de débito custoso e inseguro.

A apreensão formal é dominante e adequada. Os conteúdos são predominantemente humanos embora com grande peso de conteúdos parcelares, denotando a construção custosa da identidade. Há um grande peso de conteúdos desvitalizados que cristalizam os aspectos pulsionais ou por onde estes passam em filigrama. Há um elevado número de banalidades que denotam os aspectos adaptativos desta criança. O mundo projectivo é restrito e fica em detrimento dos aspectos reais. De facto, a aproximação ao corpo real é muito intensa existindo mesmo um nível de angústia corporal muito elevado. Os aspectos relacionados com os afectos são dificilmente exprimíveis e quase que unicamente ligados ao carácter de estranheza que impende sobre o próprio sujeito.

Análise qualitativa

Vive-se intensamente a problemática da identidade em torno da constituição de um rosto próprio.

Paralelamente, a imagem de si é povoada por uma inquietante estranheza situada nos primórdios da introdução de um terceiro enquanto termo da relação. Vive assim esta criança num espaço que se situa entre o bi e o tri-dimensional. A imago materna é diluída e faz viver um movimento de redução ao idêntico de onde contudo a diferença tenuemente emerge.

Neste protocolo o corpo assume as dimensões do rosto, e vice-versa, num processo de intensa elaboração que visa reaceder continuamente a uma identificação em espelho com a imagem da mãe.

Caso 6

Sexo: Feminino

Idade: 6 anos

Análise quantitativa

Verbalização muito reduzida no discurso espontâneo e que se alarga depois em termos explicativos. Apreensão maioritariamente formal mas com baixo nível de adequação ao real devido à grande incidência da tentativa de uma conduta globalizante muito inadequada. De facto, a apreensão é global na quase totalidade das respostas revelando que os aspectos da identidade são prioritários sobre os da identificação.

Os conteúdos humanos são os que se encontram em número mais significativo o que, de par com a ausência de cinestésias, revela a predominância do corpo real sobre o corpo imaginário.

O número de banalidades é reduzido, quase inexistente, comprometendo o nível de ligação ao real desta criança.

Existe também um número importante de conteúdos desvitalizados mas onde uma projecção humana se prefigura.

De entre os conteúdos humanos, que na sua quase totalidade são parcelares, ressalta quer o carácter irreal das imagens, quer o seu grau de indistinção quanto aos reinos. Existe um índice de angústia corporal bastante elevado.

Análise qualitativa

A problemática principal é a da identidade enquanto rosto, rosto que se constrói pela percepção do outro face ao qual se constitui um movimento especular de identificação. Neste processo de construção da identidade joga-se com grande premência a possibilidade de se perder uma ligação ao real que se mantém num nível precário.

A imago materna, portadora de alguma acentuação fálica, não deixa aceder à possibilidade de diferenciação. Provoca-se um retraimento onde a agressividade não é suficientemente metabolizada.

O nível relacional fica pois praticamente ausente pois a necessidade mais premente é a da constituição de uma imagem corporal, por vezes a preço de um alheamento do nível adaptativo.

Caso nº 7

Sexo: Masculino

Idade: 8 anos

Análise quantitativa

Verbalização abundante e variada com elevado número de respostas e grande recurso à fantasia.

A abordagem puramente formal é escassa mas percentualmente elevada quando integrada em percepções cinestésicas. O nível de adequação formal é contudo baixo pois a apreensão através do detalhe é inadequada.

Existe um elevado número de conteúdos animais e humanos embora este último seja mais significativo. O número de banalidades é também acentuado. Deste modo é a conduta defensiva (que actua por isolamento) que faz perder o nível de adequação formal.

Há um forte nível cinestésico que actua mais por deslocação. A reactividade à estimulação externa é também alta e provoca a acentuação projectiva.

Trata-se de um protocolo rico, com uma intensa elaboração projectiva.

Análise qualitativa

A proximidade relacional faz perigar a integridade.. A ameaça presente acentua o nível projectivo e cria um espaço onde sujeito e objecto se confundem por um processo de dupla identificação.

A abertura para um espaço de tridimensionalidade provoca uma regressão onde se pode jogar uma diluição das fronteiras de si ou uma perda do nível conceptual pois que a agressividade evocada provoca uma diferenciação difícil de integrar. Situa-se assim entre uma dimensão especular e uma dimensão onde é possível aceder parcelarmente à introdução de um terceiro termo na relação.

A relação com o imaginário é extensa e situa esta criança no limiar da possibilidade de se confrontar com a problemática das identificações secundárias.

Caso nº 8

Sexo: Masculino

Idade: 11 anos

Análise quantitativa

Número de respostas dentro da normalidade embora a verbalização seja muito reduzida, composta quase unicamente por substantivos.

A utilização do determinante formal, sem qualquer associação, é extensiva a quase todo o protocolo embora o seu nível de adequação seja muito baixo. Os conteúdos animais preenchem a quase totalidade das respostas e o número de banalidades é muito reduzido, o que prejudica o nível de adaptação à realidade desta criança. Há uma grande escassez cinestésica que revela pobreza projectiva. A apreensão é, na sua quase totalidade, pela globalidade e a ressonância à estimulação externa é praticamente nula.

Trata-se de um protocolo restrito e restritivo, quer do ponto de vista afectivo, quer intelectual, pois existe quase que uma sideração em torno de uma mesma problemática.

Análise qualitativa

Está em jogo a possibilidade de aceder a uma identidade precária, com exclusão de um nível relacional. Identidade enquanto rosto onde uma projecção corporal actua visando manter uma unidade de bases frágeis e intáveis. A criança situa-se num espaço bidimensional em que existe uma sobreposição sujeito / objecto, que se confundem numa relação de inclusões recíprocas. O esteio narcísico é de uma profunda fragilidade e embora permita alguma integridade reflecte a existência de uma imago materna fonte de carência narcísica.

Trata-se de uma criança com uma profunda falha narcísica, presa de um espaço depressivante onde o encontro frustrado de si própria se perde na inexistência de um rosto que apenas devolve uma imagem de ausência.

Caso nº 9

Sexo: Feminino

Idade: 7 anos

Análise quantitativa

Verbalização muito reduzida no discurso espontâneo, quase apenas composta por substantivos, que se alarga um pouco no inquérito ficando contudo apenas num nível descritivo que permite compreender a problemática que está por detrás das imagens dadas.

Utilização extensa do determinante formal embora com deficiente nível de adequação. A utilização de conteúdos humanos tem um peso significativo nas respostas cujo leque temático é bastante reduzido. O número de banalidades é escasso. Tudo isto revela que a concentração na problemática dominante provoca desadequação à realidade.

As cinestésias, embora presentes, estão mais relacionadas com a afirmação de uma presença de si do que com um nível relacional. Existe dificuldade de expressão afectiva.

Análise qualitativa

Todo o protocolo redundava numa conduta projectiva que tem a ver com a busca acentuada de uma identidade enquanto rosto. A relação pode ser abordada de uma forma unicamente especular e a inexistência de uma gestalt do rosto pode provocar mesmo imagens de fragmentação. Reflecte-se a existência de uma agressividade de carácter oral predominante e de um fundo de carência narcísica.

Trata-se de uma criança que vive num espaço de bidimensionalidade procurando intensamente a construção de uma identidade própria, com um vivido de sofrimento que não deixa margem para outras preocupações.

Caso nº 10

Sexo: Masculino

Idade: 6 anos

Análise quantitativa

Verbalização reduzida e mesclada de alguma incerteza.

Grande incidência do determinante formal com baixo nível de adequação. Número significativo de conteúdos animais e humanos mas quase inexistência de banalidades. O grau de adequação ao real fica pois comprometido.

A apreensão faz-se praticamente apenas pela globalidade da mancha.

Apesar do carácter restrito deste protocolo existe um número considerável de cinestésias, bem como de reactividade afectiva que revela flexibilidade no acesso ao imaginário.

Análise qualitativa

Há uma instabilidade na construção da identidade dado que é necessário um apoio anaclítico na relação sem o qual aquela pode ser posta em perigo na sua integridade. Uma perda de si quando a relação é posta em jogo, na sua alteridade, na agressividade que esta implica.

A afectividade constitui uma possibilidade deste funcionamento embora com uma tónica que pode implicar efracção nos limites do corpo.

Face à presença de vários elementos a abordagem é efectuada não mediante um nível implicando relação mas através da conduta particular que consiste num procedimento de generalização que visa a redução ao objecto único.

A dificuldade da construção de uma identidade enquanto rosto situa esta criança num espaço fechado que a limita e circunscreve nas suas potencialidades, uma vez que também a libertação desta dimensão relacional a uma imago materna pouco securizante e exigente não parece possível.

Caso nº 11

Sexo: Feminino

Idade: 6 anos

Análise quantitativa

Há um carácter muito particular neste protocolo proveniente do nível sensorial das respostas e da grande efracção que estas mostram produzir sobre os limites do corpo. Contudo o número de respostas é baixo. De tal forma isto se verifica que inclusive o determinante formal tem pouco peso sendo escassíssimo o seu grau de adequação ao real. De igual modo não existe nenhuma banalidade.

Os conteúdos utilizados são, maioritariamente o conteúdo animal e, com grande peso, conteúdos relacionados com a perda de limites, quer formal, quer conceptual.

A abordagem é quase exclusivamente pela globalidade. Não existe nenhuma quinesesia antes se evidenciando, em extremo, o polo que respeita à reactividade à estimulação exterior.

Análise qualitativa

Os limites desta criança constituem barreiras muito frágeis. A cada passo fica em perigo a manutenção da integridade corporal.

Existe uma imago materna que não desempenha a função continente, ressaltando com grande intensidade angústias provenientes de um mau objectivo interno persecutório. Esta problemática provoca uma sideração visível praticamente desde o início até ao fim do protocolo onde a configuração de imagens inteiras vai de par com imagens de carácter fobogénio que não deixam de lado a presença de uma agressividade oral intensa e destruidora.

Há uma confusão entre sujeito e objecto, patente numa sobreposição de espaços de onde a alteridade está excluída. A identificação projectiva está muito presente e a ameaça que a proximidade relacional implica provoca uma confusão entre o interno e o externo.

Trata-se de uma criança que mantém um custoso e muito precário nível adaptativo imbuído de uma angústia muito premente. A evolução psicótica permanece como potencialidade.

Caso nº 12

Sexo: Masculino

Idade: 6 anos

Análise quantitativa

Comentários presentes em quase todo o protocolo que se aparentam com a crítica do objecto relacionam-se com a estranheza face à imagem de si. À excepção da pseudo-riqueza dos comentários, o seu carácter repetitivo e a natureza da verbalização, escassa, traduzem o nível restrito deste protocolo. Os determinantes implicados nas respostas têm um grande peso formal mas um baixo nível de adequação. O número de banalidades é também baixo. O que demonstra o nível de desinserção desta criança de um pensamento socialmente adaptado.

De entre os temas utilizados são os conteúdos animais que imperam. O nível cinestésico é baixo e há uma grande reactividade às estimulações exteriores.

Análise qualitativa

Existe uma grande imprecisão na imagem de si que custosamente se percebe inteira já que a falha e a incompletude narcísicas estão sempre subjacentes. A proximidade relacional conduz a uma agressividade que possui um alto nível destrutivo e perante a qual a anulação da diferença entre o "eu" e o "outro" é a estratégia utilizada face à confrontação com a diferença. Estrutura-se um espaço de inclusões recíprocas em que sujeito e objecto, continente e conteúdo, são intermutáveis. A proximidade pode conduzir a um nível inquietante já que a identificação projectiva actua veiculando ao exterior um objecto interno pouco tranquilizador e securizante.

A estimulação externa não se depara nesta criança com suficiente capacidade de contenção. A evolução psicótica permanece pois como potencialidade.

Caso nº 13

Sexo: Feminino

Idade : 8 anos

Análise quantitativa

Verbalização reduzida composta quase exclusivamente por substantivos e tornando-se descritiva no inquérito.

As respostas são maioritariamente globais com baixo nível de adequação formal. Onde a acentuação no carácter unitário do percepto a revelar falhas na constituição da identidade.

A introdução do movimento faz elevar a qualidade formal: o carácter imaginário imprimido não é desorganizador, antes faz ressaltar a temática de fundo.

Há uma problemática emergente onde o corpo real se reflete numa busca de constituição de identidade, que alterna com uma factura geral de aparente conformismo. As banalidades (vistas em todas as pranchas que as possuem), constituem a superfície de um dinamismo mais rico onde ressurgem, do recalçamento inicial, toda uma constituição especular onde a proximidade com o cartão por vezes quase que subverte as distâncias, transformando um que é imagem do outro, na iminência da perigosidade de um mesmo que se anula.

O TRI é intratensivo, vivendo das transposições espaciais atrás descritas.

Análise qualitativa

Joga-se neste protocolo uma problemática de identidade onde a questão do rosto prevalece. Uma indistinção entre um corpo que tem as dimensões de um rosto e um rosto que tem as dimensões de um corpo, não constituído, intermutável. A proximidade pode fazer o espaço especular aproximar-se da unidimensionalidade, de tal modo o eu e o outro se confundem.

Ainda quando perante a existência de dois a verbalização indica que falar dos dois é falar de um e falar de um é falar de ambos já que constituem imagem um do outro, numa dupla identificação, de si ao outro, e do outro a si: a criação do objecto único.

Caso nº 14

Sexo: Feminino

Idade: 8 anos

Análise quantitativa

O número de respostas é curto embora a verbalização comporte aqui e ali momentos de prolixidade, onde os verbos de acção têm lugar.

As imagens globais dizem maioritariamente respeito aos cartões unitários. O detalhe aparece quando faz recurso ao isolamento perante a agressividade que emerge na relação: aquilo que comporta um distanciamento, a possibilidade de uma triangulação, é simultaneamente potencialmente lesivo da integridade própria.

O TRI, marcadamente introversivo, assinala que a busca activa de identificação toma o seu lugar para esta criança.

A abordagem formal é maioritariamente utilizada mas a sua adequação é reduzida, especialmente na percepção e interpretação do detalhe, o que assinala a pouca operacionalidade da defesa pelo isolamento.

Os conteúdos animais e humanos estão bem representados e a banalidade que se destaca pela ausência é a do cartão III, onde a proximidade racional é flagrante.

Análise qualitativa

Esta problemática situa-se entre a bi e a tri-dimensionalidade. Existe o acesso à triangulação mas o espaço especular não fica ausente pois a emergência de agressividade provoca uma distanciação que faz perigar o próprio. Daí a regressão, o isolamento, a desvitalização.

A emergência da estranheza provocada pelo aparecimento do terceiro induz então a uma regressão com centração sobre a constituição do rosto como lugar de uma identidade em risco.

Diferenciação das imagens, mas imagem materna prevalecente.

Caso nº 15

Sexo: Feminino

Idade: 9 anos

Análise quantitativa

O número de respostas é razoável, podendo considera-se normativo. A verbalização é unicamente nominativa, reduzindo-se por vezes aos próprios substantivos. No inquérito assume um nível descritivo.

A apreensão global surge com maior frequência tendo um valor de constituição da identidade ou de reassseguramento narcísico, por vezes pouco operante. A apreensão do detalhe serve o isolamento quando a diferença e a agressividade emergem. Esta defesa pode assumir um valor de desimpedimento.

A abordagem formal alcança os limites inferiores da normatividade, tornando-se muito elevada quando associada a elementos afectivos, regressivos ou persecutórios. O controle formal é de nível inferior dando conta do carácter massivo da problemática em causa.

Os conteúdos animais e humanos são normativos e, de entre as banalidades principais a do cartão III é a única que não é dada, espelhando-se neste, de modo franco, a questão da identidade enquanto rosto (perante a estranheza provocada pela introdução do terceiro).

O TRI, extratensivo, reflecte as reacções regressivas ou do pulsionar agressivo, que aparecem pontualmente devido à problemática existente.

Análise qualitativa

O tipo de relação rege-se num espaço especular.

Existindo já a percepção da diferença, esta conduz ao perigo de perda de si. Leva então à necessidade de uma tentativa de reorganização, em termos de corpo real, constitutiva de uma identidade, de limites frágeis e instáveis, onde a bidimensionalidade impera.

A imagem paterna não é suficientemente estável para introduzir a triangulação na relação simbiótica.

A criança situa-se assim entre a bi e a tridimensionalidade, vivenciando reacções de estranheza e desconforto relacional.

3.3.3 - Síntese geral

Estes Rorschachs evidenciam as formas de acesso e as diferentes possibilidades de constituição de um espaço imaginário onde, conjuntamente com estruturas espaciais mais elaboradas, podem também prevalecer outras mais arcaicas, testemunhando a presença dos níveis regressivos que as fazem surgir e que são, eles próprios, indício de oscilação no movimento projectivo.

Nestas crianças a questão central é a da identidade, e a articulação projectiva fica capturada num espaço fechado que não permite a confrontação com um terceiro: é o impasse que bloqueia o acesso à autonomia, onde para “existir” há que “não ser” e qualquer esboço deste equivale à perda de si.

As estratégias empregues consistem em reduzir a diferença, anulá-la pela criação do objecto único. Operando por sucessivas reduções elabora-se a conformação ao primado do materno.

O espaço da indiferenciação anuncia o pólo alergia / psicose prefigurando por vezes angústias de destruição muito arcaicas.

Encontramos então crianças com maior ou menor dependência ao outro como super-ego corporal, diferentes presenças da confrontação com o impasse, diferentes possibilidades de configuração de movimentos projectivos aonde a projecção corporal se faz diferentemente sentir na constituição de um espaço imaginário.

A existência de um rosto próprio como lugar de identidade é central nesta problemática, a sua presença é porém desigual.

Predomina uma relação espacial bidimensional marcada pela prevalência do materno, numa proximidade de onde a alteridade está excluída. A aproximação da tri-dimensionalidade (casos 5, 10, 14 e 15) faz avizinhar o impasse relacional que pode ser vivenciado sob uma forte angústia de despersonalização. A importância da imagem especular assume diferentes proporções, da reduplicação do próprio à introdução da presença do outro: a estranheza basculando os mecanismos de redução ao idêntico e transformando em estranho o outrora familiar.

No espaço que se situa entre a bi e a tri-dimensionalidade indicia-se a elaboração da presença e da ausência da figura materna, a possibilidade da constituição de uma distância.

A presença da temática do rosto é muito premente netas crianças como lugar de constituição de uma identidade: um rosto que se objectiva e que pode provocar inquietude.

Verifica-se nalguns protocolos a presença de um registo hipomaniaco (caso 1), ou de aspectos psicóticos (casos 6, 7, 9, 11 e 12), que colocam a questão da proximidade entre alergia e psicose, a subentender em ambas a mesma proximidade à figura materna, a mesma indistinação dos limites.

Contrastando com estes, encontramos protocolos onde impera a a-conflitualidade (casos 2, 4, 8 e 13).

O registo do agir, a indicar possibilidades de evolução psicótica, encontra-se também presente (caso 3).

CAPÍTULO IV
CONCLUSÕES

4 - Conclusões

Propusemo-nos estudar as características do espaço e do tempo num grupo de crianças alérgicas e, ao mesmo tempo, a constituição do seu imaginário e da sua identidade. Mantendo como objectivo principal pensar a especificidade que a avaliação em Psicossomática comporta.

Olhando agora o conjunto de resultados que obtivemos é oportuno referir que, não tendo sido utilizada a metodologia do estudo de caso, houve que introduzir os elementos resultantes da elaboração da anamnese através de uma apreciação clínica das características da amostra em estudo.

Para além do funcionamento mental importa também ter em conta a história de vida que pode, em certas etapas, colocar a criança perante situações relacionais sem saída possível - situações de impasse relacional que devem ser equacionadas com o funcionamento mental do sujeito.

Assim, no grupo de crianças estudado, podemos verificar como a elevada ocorrência de casos de separação ou afastamento do casal parental, concomitantes a situações de depressão materna, conduziram ao afastamento da figura paterna no plano da realidade, tendo ao mesmo tempo contribuído para o "enclausuramento" na relação simbiótica. Simultaneamente, verificou-se na maioria das mães a existência de história de depressão ocorrida perante aquelas situações, onde o afastamento esteve em causa. Face ao vivenciar destas duas situações encontra-se um facto algo paradoxal nestas mulheres: mães com desinvestimento relacional e dificuldade de elaborar a perda. Mães presentes

pela ausência, que se encontram elas próprias em situação de impasse e que conduzem esse facto para a relação diádica.

A ausência nestas crianças da angústia do 8º mês, angústia desencadeada quando o estranho se encontra presente ao mesmo tempo que a mãe, aponta nestas crianças para a não possibilidade de constituição de uma diferenciação em termos de rosto, num funcionamento onde todos os rostos são reduzidos ao rosto materno.

A importância de um terreno alérgico é observada na existência de patologias deste foro na maioria dos familiares, especialmente naqueles em linha directa.

A idade do aparecimento das primeiras manifestações clínicas aponta a importância de atender aos momentos determinantes na constituição da organização psicossomática da criança (como exemplo os 3 meses de idade, com todo a sua implicação em termos de definição da personalidade imunológica e de uma re-organização de ritmos biológicos, de par com outros factores relacionais como seja o desmame), ou a situações de separação da figura materna muitas vezes devidas ao ingresso na escolaridade, com toda a consequente alteração de ritmos de vida que acarretam.

A existência de outras patologias deixa antever o interesse que poderá advir do estudo feito sobre a sua incidência, conjuntamente com as patologias alérgicas, num mesmo indivíduo (refira-se como exemplo a existência, por vezes, de otites repetitivas).

A existência de problemas do nível instrumental, ao nível da fala (tais como a gaguez), da visão (e damos como exemplo o estrabismo e as suas implicações sobre a

possibilidade de constituição de uma distância à figura materna) e / ou da motricidade (como exemplo situações de hipo- ou hipercinésia), indica a importância de se atender à variabilidade e oscilação sintomáticas nestas crianças, permitindo ao mesmo tempo que se articule a compreensão da patologia.

A incidência de problemas relacionados com o sono ou com a existência de pesadelos aponta para a necessidade de se atender ao equacionamento das questões ligadas aos ritmos biológicos e à sua ligação à actividade onírica.

O grande número de pedidos efectuados por profissionais que se ocupam com as crianças, nos campos da educação ou da saúde, chama a atenção para a importância de ser trabalhada a possibilidade da elaboração de um pedido por parte dos pais.

A incidência dos encaminhamentos motivados por problemas escolares indica a necessidade de compreensão das possibilidades de representação mental e das implicações que os problemas que advêm do difícil manejo da espacialidade e da temporalidade podem apresentar para estas crianças. Acresce pois a importância da avaliação das funções espaço-temporais em cuja génese se encontra o corpo como esquema de representação.

Os resultados obtidos pela Escala de Wechsler mostram que este grupo de crianças não está afectado em termos de rendimento global (e isto apesar de a aferição portuguesa utilizada apresentar notas que conduzem facilmente à obtenção de resultados elevados), mas existe um declínio da pontuação relativamente aos factores implicados pelas provas da parte de realização relacionadas com as capacidades práticas.

Não existe uma assimetria pronunciada entre os resultados das duas sub-escalas uma vez que as diferenças entre os QI_s parcelares não são significativas na quase totalidade dos casos. Este facto não permite no entanto afastar a hipótese da existência de capacidades desarmónicas nestas crianças, facto que se comprovará pela aplicação do exame psicomotor. Vão ser precisamente os aspectos relacionados com a espacialidade e a temporalidade que estão aqui em jogo e a apresentar dificuldades. Estes aspectos passam mais directamente nalguns sub-testes embora noutros passem apenas em filigrana, o que leva a olhar com cautela a capacidade discriminatória da WISC quanto a patologias desta ordem.

Ressalta nestas crianças o grande investimento do factor adaptação (relativamente às provas de Compreensão e Sequências) relacionado com a necessidade de captação de referências do exterior.

Verifica-se a existência de dificuldades assinaláveis em relação ao investimento na escolaridade, o que contrasta com o nível dos resultados globais. Os factores relacionados com a competência gráfica e a expressão motora resultam diminuídos. Relaciona-se este facto com as dificuldades em termos de o corpo próprio poder funcionar como esquema de representação mental do espaço e do tempo. Torna-se pois importante compreender estes aspectos não sob uma perspectiva de alterações funcionais ocorridas em funções já constituídas mas sim de alterações ao próprio nível instrumental resultantes do facto de as funções psicossomáticas do espaço e do tempo poderem estar alteradas na sua própria génese. Verificamos pois a coexistência de patologia instrumental em crianças alérgicas.

Os resultados da WISC são também possíveis de ser avaliados em termos qualitativos. Assim verifica-se que existem, em alguns sub-testes e em alguns itens, características que lhes conferem um grau projectivo maior (face aos mecanismos

utilizados por estas crianças e que se prendem com as suas estratégias de redução ao idêntico)¹ do que outros.

E temos, a título de exemplo, a prova de Semelhanças relativamente à possibilidade de a criança alérgica pôr em marcha um mecanismo de redução ao idêntico por impossibilidade de entender a diferença. Mecanismo esse que também pode estar ligado à existência de uma patologia da identidade relacionada com a indistinção dos limites. Em relação a este aspecto é a prova que mais se acentua.

Também a prova de Vocabulário é muito susceptível de apresentar a incidência de uma generalização tão levada ao extremo em que, em última análise, tudo é igual a tudo (exemplo - *“é um ser como os outros”*, ou *“é um ser que vive na Terra”*).

Outro aspecto muito acentuado reside nas grandes dificuldades encontradas para a realização da prova de Reconstituição, relativamente ao item “rosto humano”. E pensa-se em tudo quanto até aqui foi dito sobre a possibilidade de estas crianças adquirirem um sentimento de identidade enquanto rosto.

O item “pôr-do-sol”, da prova de Informação é muito susceptível de acusar dificuldades de orientação e referenciação espacial, pelo conhecimento da lateralidade e das noções cardeais que implica.

¹ - E são utilizados processos de generalização inadequada que, por se tornar tão lata faz com que a diferença seja abolida provocando uma uniformização, ou uma imprecisão dos conceitos formulados, ou mesmo uma indistinção sujeito / objecto. Está também presente uma dificuldade em termos espaço-temporais relacionada com a deficiente orientação e referenciação espacial e com a desorientação temporal.

Os problemas que advêm da dificuldade em utilizar o corpo como esquema de representação podem também ser observados nas referências que se fazem à simetria e nos problemas com o esquema corporal.

A prevalência de um espaço de inclusões recíprocas em que o “dentro” é igual ao “fora”, o “pequeno” é igual ao “grande”, encontra-se especialmente presente na confusão das sequências temporais.

Relativamente às noções temporais os itens “estações do ano” e “dias de semana” da prova de Informação são susceptíveis de acusar alguma desorientação.

O item “naufrágio” da prova de Compreensão é o mais sensível à possibilidade de reflectir confusão das sequências temporais.

A prova de Lacunas é aquela onde se encontram mais as referências à simetria.

O Exame Psicomotor revela-se de grande utilidade na compreensão dos problemas do espaço e do tempo, tão perto ainda da corporalidade nestas crianças.

Vamos encontrar dificuldades especiais no que toca ao conhecimento da lateralidade. Neste capítulo dominam as referências em espelho por impossibilidade de distanciação do referente materno. Está aqui em jogo um espaço de complementaridade imaginária estruturado em espelho no qual é a posição espacial do outro que serve de referência. Neste espaço de simetria não existe diferença entre a lateralidade própria e a lateralidade do outro em face. Tem aqui lugar o espaço de inclusões recíprocas, em que “dentro” e “fora” se equivalem e onde domina a bidimensionalidade.

Pensamos que o facto de se verificar uma maior incidência de uma lateralidade cruzada com predomínio lateral à direita e onde o órgão par com lateralidade esquerdina é a mão, aliado ao facto de se verificarem maioritariamente sincinésias de imitação e tendo presente que estas se relacionam com a lateralidade de utilização, pensamos que o que aqui está em causa é a existência de uma diferença entre lateralidade de utilização e lateralidade espontânea nestas crianças. A utilização da mão esquerda far-se-á por referência à mão direita da figura materna.

A diferença entre lateralidade manual e ocular vai provocar acréscimos de dificuldades a estas crianças em termos de compreensão e execução de tarefas que apelem à estruturação espacial.

Também a noção de direita / esquerda em si ou no outro é necessariamente insuficiente. Como medida de recurso verifica-se alguma presença de truques de reconhecimento que possibilitam a localização lateral com o auxílio de referências exteriores.

Em relação à temporalidade destaca-se a importância de utilizar um instrumento de avaliação que ponha em jogo uma temporalidade mais ligada a uma ritmicidade própria e mais próxima do corpo. Foi neste sentido que foi utilizado o Teste de Ritmos de Mira Stambak. Destaca-se o melhor nível de realização quando se trata de reproduzir estruturas rítmicas do que quando se trata de pôr em jogo um ritmo espontâneo que aparece nestas crianças sujeito a grandes flutuações em termos de retardamentos ou acelerações, uma vez que é a autonomia de funcionamento que aí aparece posta em causa e que nestas crianças se revela difícil.

A aplicação do Rorschach mostra a presença de diferentes estruturas espaciais onde as mais elaboradas podem coexistir com outras mais arcaicas. Assim, estas crianças estão perante diferentes proximidades a um espaço tridimensional, de características mais edipianas, mas onde a introdução de um terceiro termo na relação coloca ainda muito de problemático. A prisão num espaço simbiótico está muito presente embora seja mais acentuada em alguns casos. Nesta medida o impasse para estas crianças reside fundamentalmente numa dificuldade de "ser", de nascer para a alteridade.

Os protocolos estudados situam-se, ou na a-conflitualidade, ou numa diferente intensidade de presença do registo psicótico, dos mecanismos hipomaniacos a uma fragmentação mais fanca, que permite estabelecer uma relação entre os pólos psicose / alergia.

A avaliação psicológica corresponde a uma actuação clínica, a alicerçar-se numa postura configurada por uma infinidade de parâmetros, parâmetros que entre outros aspectos, põem em causa as fundamentações teóricas do clínico modelando indelevelmente o seu sentido de observação e a sua expressão relacional.

Sem partir por particularizar o tipo de patologias dentro do qual tal ou tal metodologia (com tudo o que de redutor esta expressão isolada corre o risco, de veicular) terá aplicabilidade, a avaliação psicológica deverá ter em conta o questionamento de áreas apreciadas insuficientemente, senão de forma nula, num quadro avaliativo

Nesta medida, a Psicossomática não constitui uma área que se relacione apenas com determinada especificidade de doenças. As contribuições de Sami-Ali, conceptualizando a importância da constituição do imaginário, conferindo-lhe um carácter que ultrapassa o de uma especificidade da Medicina ou da Psicopatologia, autonomizam-na como ciência em termos teóricos e metodológicos.

Com as contribuições de Sami-Ali, mais do que um "saber", que referindo-se a certos tipos de doenças ou de personalidades a si mesmo se espartilha nos domínios da sua aplicabilidade, a Psicossomática vem constituir uma nova forma de pensar.

“ Pensar o somático “ parafraseando Sami-Ali, que acerca disto comenta não poder a sua perspectiva ser descrita como uma definição dos mecanismos psíquicos encontrados nas patologias orgânicas. De facto, podem-se encontrar mecanismos psíquicos em toda a patologia orgânica, sem por isso se compreender a sua relação com o somático. Esta relação totalmente original requer ser pensada de uma forma igualmente original.

Advém disto a importância a conferir a diferentes e fundamentais aspectos daqui emanentes, a saber:

a) o ter em conta em termos avaliativos não apenas o funcionamento psíquico (na sua relação positiva ou negativa ao imaginário) como também a situação conflitual do paciente (o que em larga medida vai fundamentar o tipo de anamnese proposto);

b) a atenção sobre as dimensões do espaço e do tempo, a atenção à expressão e às particularidades do funcionamento onírico (que vai definir toda uma relação como projecção mediatizada pelo corpo próprio) da pessoa com o seu imaginário, permitindo com isso equacionar corpo real e corpo imaginário.

É em relação a este segundo ponto que o exame psicológico se pode alargar, levando a que se acentue, nos diferentes testes empregues, a análise das dimensões do espaço e do tempo que neles estão já implicadas, mas a que por vezes se não presta devida atenção quando se fazem apreciações que, tanto espartilham as conclusões que dali se retiram, como podem acabar por cindir a apreciação e o paciente em dois domínios, o cognitivo e o emocional, como se de diferentes pessoas se tratasse.

São dos testes mais empregues numa avaliação, as escalas de Wechsler em relação a uma avaliação das capacidades intelectuais, e o Rorschach, como teste projectivo.

As escalas de Wechsler, nomeadamente a WISC, aqui utilizada, podem ocultar, por vezes por detrás de bons resultados a alguns dos seus sub-testes, a existência de toda uma patologia que tem a ver com uma presença ou ausência de projecção. Referindo exemplos: Assim, um bom resultado no sub-teste de Informação pode relevar de um funcionamento adaptativo que recobre o real como necessária referência, sem a necessidade de qualquer criação própria. O mesmo se poderá dizer em relação ao sub-teste de Compreensão, que em casos de patologia da adaptação pode apresentar algumas respostas típicas, em que as explicações surgem numa referência constante ao "deve ser", à lei e à norma. Fazer a partir daqui inferências em termos adaptativos, pode não dar conta de elementos que tenham a ver com uma patologia que se desenrola sobre o primado do banal.

Por outro lado, pode-se ver nesta prova, no caso da patologia alérgica aqui estudada, a existência de um super-ego corporal que organiza especularmente o espaço e o tempo de um corpo cuja projecção mediatiza. De igual modo, e para referir mais alguns exemplos, no sub-teste de Sequências onde as gravuras têm que ser ordenadas segundo uma lógica que obedece a um sequenciamento causal e temporal, não se depreende deste nada que necessite de ser organizado por uma temporalidade corporal. O tempo que aí está em causa é um tempo social, a que se pode corresponder de forma eficaz, adaptativa, sem que contudo uma ausência de relação com o corpo próprio permita aduzir da inexistência de problemas com a temporalidade (no que esta tem de mais próximo com os ritmos relacionais nos seus alicerces mais precoces).

A dimensão espacial, a propósito da qual se tecem considerações em relação ao sub-teste de Cubos, tem a ver neste, tão só com a cópia de um modelo que ao estar à partida presente logo exclui a necessidade de se recorrer ao corpo próprio como esquema de

representação para pôr em jogo uma projecção corporal que permita definir uma espacialidade. Porque aquilo que se propõe é a simples reprodução de algo que está ali presente, e a cuja referência se pode recorrer para organizar o espaço. Logo, um bom resultado neste sub-teste pode não ser apoio a uma conclusão em termos de inexistência de problemas em relação à espacialidade. Já o sub-teste de Reconstituição, onde o que se pede é a reconstituição de um objecto que não é fornecido previamente como referência, permite pôr em jogo o testar a possibilidade da presença na ausência bem como as capacidades de representação em termos de esquema corporal. Interessante se torna observar mais particularmente o que se passa em relação ao ítem do "rosto", já que sendo o rosto o lugar de identidade é este muitas vezes objecto de especiais dificuldades de reconstituição, atestando com isso prováveis dificuldades no plano da identidade (observa-se, como vimos, que esta é uma problemática candente nas crianças alérgicas).

Em relação à WISC há que ter em conta estas questões de modo a que a análise feita possa contemplar as dimensões em que espaço e tempo, corpo real e corpo imaginário, se projectam nos testes que se realizam.

Em relação ao Rorschach, onde a projecção e a percepção se articulam, processa-se também este mesmo jogo, em que não está apenas em causa a projecção como veículo da fantasmática. Sendo o corpo o esquema de representação entre a realidade interna e externa do sujeito, está também presente um carácter da projecção que a define como possível condutora de uma subjectividade que passa por particularidades em relação ao espaço e ao tempo na sua relação com o corpo. O que faz com que à atenção que é habitualmente conferida quanto à ressonância aos conteúdos latentes, se venha juntar a necessidade de uma também especial atenção à forma, aonde essas dimensões se reflectem.

Para além destes testes, do âmbito mais usual, há a necessidade de se poder configurar a avaliação de uma forma mais específica centrada em torno das dimensões do espaço e do tempo. Daqui decorre a importância do exame psicomotor como instrumento que pode, de uma forma mais precisa, permitir avaliar questões várias, não só no domínio de uma maior ou menor maestria prática mas na perspectiva de se compreender o sujeito segundo as formas como recria o espaço e o tempo, com uma maior ou menor participação do seu mundo interno.

Tal exame permite equacionar várias questões:

- A lateralidade, nas suas formas de definição e predominância, em que a Bateria de Piaget-Head pode ser um auxiliar precioso, com as implicações que ela traz na avaliação da possibilidade da existência de autonomia do corpo, que se define face ao outro, ou na procura de uma referência externa que possibilite a localização no próprio, e que vai assumir aspectos tais, como a presença de truques para definir esquerda e direita ou uma lateralidade que é feita como face a um espelho e que reflecte a necessidade de uma figura materna como ponto de apoio e referência;

- Os ritmos, que o teste de Ritmos de Mira Starbak permite avaliar, onde se define a expressão de uma ritmicidade corporal própria, que parte do corpo como lugar de criação e que toma expressão na possibilidade de se criar um tempo espontâneo de onde se desprenda toda uma harmonia do ritmo corporal. Por contraponto, uma extrema dificuldade na execução deste tempo espontâneo pode aparecer em simultâneo com uma boa capacidade de reprodução das estruturas rítmicas propostas, indo isto no sentido de que apenas a cópia de um modelo previamente fornecido é possível, portanto, no sentido da existência de um organizador externo do espaço, do tempo e da ritmicidade.

Pode assistir-se assim a expressões do espaço e do tempo na sua génese, por isso afastadas de qualquer conteúdo da ordem da simbolização.

Estes são alguns exemplos de um trabalho de avaliação a efectuar no domínio psicomotor.

Importante também a atenção ao despiste e análise de problemas relacionados com a visão (como por exemplo o estrabismo, relacionado com o estabelecimento da visão binocular) e ou com a linguagem e com as características que, a existirem, possam assumir e que se inserem também num quadro avaliativo mais vasto que vai permitir uma melhor compreensão do sujeito.

Neste sentido, numa avaliação psicológica em Psicossomática é todo um conjunto de referências que se integra implicando o corpo e a sua relação com o espaço e o tempo e o imaginário consubstanciado predominantemente pelo funcionamento onírico, onde se define uma correlação negativa entre projecção e somatização.

Tudo o que aqui procurei esboçar tem a ver com uma atenção a uma relação com o corpo e o espaço como criadores de uma organização individual. Cadenciada pelos ritmos biológicos forjados na especificidade das trocas relacionais. Organização que conduz o imaginário à constituição de uma identidade espacial e temporal. Identidade mais ou menos habitada pelo imaginário. É a presença deste ou, no pólo contrário, um recalçamento que o abafa, que vão guiar a avaliação e definir as formas de patologia que podem oscilar ou cristalizar-se mais sobre o pólo do recalçamento da função do imaginário, remetendo a patologia para o quadro do corpo real, logo, para as somatizações que têm lugar no corpo real, ou sobre o pólo da sua expressão, aonde a falha do recalçamento dá origem ao retorno do recalçado que vai configurar os sintomas que serão aí apenas do domínio funcional.

É portanto o funcionamento onírico no quadro geral da relação que rege todo o funcionamento psicossomático. Funcionamento onírico que se não limita ao sonho como a tudo o que na vida vigil dá marca da expressão de uma subjectividade, ao criar sobre um mundo aonde a realidade não basta.

Põe na mesa a toalha adamascada,
Traz as rosas mais frescas do jardim,
Deita o vinho no copo, corta o pão
Com a faca de prata e de marfim.

Alguém se veio sentar à tua mesa,
Alguém a quem não vês mas que presentes.
Cruza as mãos no regaço não perguntes,
Nas perguntas que fazes é que mentes.

Prova depois o vinho, come o pão,
Rasga a palma da mão no caule agudo,
Leva as rosas à frente, cobre os olhos,
Cumpriste o ritual e sabes tudo.

(José Saramago. "Aprendamos o rito", in Os poemas possíveis).

BIBLIOGRAFIA

- . ALCORN, D.; BEAUFILS, F.; CADET, B. et LAFFAITEUR, J.-P. (1977). Mémorisation de la Figure de Rey et structures de personnalité. Bulletin de Psychologie. 32(342), 987-993
- . ALEXANDER, F. (1950). Psychosomatic Medicine. New-York: Norton.
- . ALLEMANY, G.; CALZA, A.; CANCHY-GIROMINI, F.; CONTANT, M.; DEITTE, J.; DUBERTRET, V.; GATECEL, A.; GRIS, B.; JOLI, F.; PLATTEAU, G. (1993). L'Enfant: de l'agi au représenté. In CONTANT, M.; CALZA, A. Psychomotricité (pp. 69-135). Paris: Masson.
- . BERGÈS, J. (1985). Du tonus et de la motricité dans l'examen de l'enfant. In LEOVICI, S.; DIATKINE, R.; SOULÉ, M. Traité de Psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent (Vol.1, chap.25, pp. 391-411). Paris: P.U.F.
- . BERGÈS, J. (1985). Les troubles psychomoteurs chez l'enfant. In LEOVICI, S.; DIATKINE, R.; SOULÉ, M. Traité de Psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent (Vol.2, chap.54, pp. 363-383). Paris: P.U.F.
- . BION, W. R. (1979). The Down of Oblivion. In BION, W. R. A Memoir of the Future (Vol.3). London: Cluny Press.
- . BOEMER, H.; KISTELOW, P. (1991). How the Immune System Learns about Self. Scientific American, 265(4), 50-59.
- . BOURGÈS, S. (1984). Approche génétique et psychanalytique de l'enfant - Essai de synthèse autour du bilan psychologique. Choix et interprétation des épreuves (Vol.1). Neuchâtel: Delachaux et Niestlé.
- . BOUVET, M. (1972). La relation d'objet (Vols.1 e 2). Paris: Payot, 1948-1960.
- . CADY, S. (1988). Latéralité et image du corps chez l'enfant. Une approche psychosomatique. Paris: Le Centurion.
- . CADY, S. (1989). Relation à l'autre et image du corps dans l'allergie. Le Journal des Psychologues, 69, 33-37.

- . CADY, S. (1991). Le corps de l'autre, trop semblable et différent. Un rapport d'identité. Pratiques Corporelles. 92, 10-14.
- . CADY, S. (1992). Le corps, le mouvement et la parole. Contribution à la psychosomatique de l'enfant. Paris: Bayard.
- . CADY, S. (1996). Allergie et relaxation psychosomatique. In SAMI-ALI, M.; BERTOLUS, S.; CADY, S.; GAUTHIER, J.-M.; PORCELLI, R.; TODARELLO, O.; ROSEAU, C.; ROTBARD, S. Allergie et Psychosomatique (pp. 37-54). Paris: C.I.P.S.
- . CALZA, A.; CONTANT, M.; RAOULT, P.-A. (1993). Généralités sur l'investigation et la thérapie psychomotricité. L. CONTANT, M.; CALZA, A. Psychomotricité (pp. 1-29). Paris: Masson.
- . CONTANT, M.; CALZA, A. (1990). L'unité psychosomatique en psychomotricité. Nouvelles clés pour l'examen et le diagnostic psychomoteur. Paris: Masson.
- . DIAS, C. A. (1992). Aventuras de Ali-Babá nos túmulos de Ur. Ensaio psicanalítico sobre a somatopsicose. Lisboa: Fenda.
- . DUNBAR, F. (1943). Psychosomatic Diagnosis. New-York: Hoeber.
- . FREUD, S. (1898). Sexuality on the aetology of neurosis. In J. Strachey (Ed. e Trad.). The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud (Vol.3, pp. 267-268). London: Hogarth Press.
- . FREUD, S. (1915 a). Instincts and their vicissitudes - Papers on Metapsychology. In J. Strachey (Ed. e Trad.). The standard edition of the complete works of Sigmund Freud (Vol.14, pp. 111-140). London: Hogarth Press.
- . FREUD, S. (1915 b). Repression - Papers on Metapsychology. In J. Strachey (Ed. e Trad.). The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud (Vol.14, pp. 143-158). London: Hogarth Press.
- . FREUD, S. (1917). A metapsychological supplement to the theory of dreams. In J. Strachey (Ed. e Trad.). The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud (Vol.16, pp. 219-235). London: Hogarth Press.

- . FREUD, S. (1919). The uncanny. In J. Strachey (Ed. e Trad.). The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud (Vol. 17, pp. 217-256). London: Hogarth Press.
- . FREUD, S. (1923). The ego and the id. In J. Strachey (Ed. e Trad.). The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud (Vol.19, pp. 3-66). London: Hogarth Press.
- . FROLI, G. (1992). Rêve, allergie et transfert. In SAMI-ALI, M.; CADY, S.; FROLI, G.; GAUTHIER, J.-M.; GOROT, J.; PEDRO, A. M.; ROBERT, M. Rêve & Psychosomatique (pp. 119-133). Paris: C.I.P.S.
- . GAILLARD, F. (1979). Des origines de la latéralisation et des rapports entre latéralité manuelle et cérébrale. Bulletin de Psychologie, 33(343), 61-70.
- . GALIFRET-GRANJON, N. (1968). Piaget-Head. In ZAZZO, R. Manual para o exame psicológico da criança (pp. 127-168). São Paulo: Mestre Jou, 1960.
- . GAUTHIER, J.-M. (1993). L'enfant malade de sa peau. Approche psychosomatique de l'allergie précoce. Paris: Dunod.
- . GAUTHIER, J.-M. (1996). Allergie et identité. In SAMI-ALI, M.; BERTOLUS, S.; CADY, S.; GAUTHIER, J.-M.; PORCELLI, O.; ROSEAU, C.; ROTBARD, S. Allergie et psychosomatique (pp. 55-79). Paris: C.I.P.S.
- . GLASSER, A. J.; ZIMMERMAN, I. L. (1988). WISC - Interprétation clínica de la Escala de Inteligencia de Wechsler para Niños (8° ed.). Madrid: T.E.A., 1967.
- . GOROT, J. (1989). Théories de la somatisation. Le Journal des Psychologues, 69, 29-32.
- . GRODDECK, G. (1961). The book of the It. New-York: Vintage.
- . GRODDECK, G. (1969). La maladie, l'art et le symbole. Paris: Gallimard.
- . HUSAIN, O. (1989). Le Wechsler comme support d'un discours psychopathologique. Bulletin de Psychologie, 43(369), 762-772.
- . Institut National de la Consommation (1989). Allergies (Número especial). 50 Millions de Consommateurs. 41.

- . JANEWAY, C. (1993). How the Immune System Recognizes Invaders. Scientific American, 269(3), 44-47.
- . KAPPLER, J. (1993). How the Immune System Recognizes the Body. Scientific American, 269(3), 49-55.
- . KREISLER, L.; FAIN, M. (1981). Asthme du nourrisson. In KREISLER, L.; FAIN, M.; SOULÉ, M. L'enfant et son corps (pp. 278-369). Paris: P.U.F., 1974.
- . LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. (1963). Délimitation du concept freudien de projection. Bulletin de Psychologie, 225(4), 62-66.
- . LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J.-B. (1990). Vocabulário da Psicanálise (7º ed.). Lisboa: Presença. 1967.
- . LBOVICI, S.; MANCIAUX, M.; JEANNERET, S.; SAND, A. E.; TOMKIEWICS, S. (1987). L'enfant et sa santé. Aspects épidémiologiques, biologiques, psychologiques et sociaux. Paris: Doin.
- . LERNER, P. (1991). Psychoanalytic theory and the Rorschach. London: Analytic Press.
- . LICHTENSTEIN, L. (1993). Allergy and the Immune System. Scientific American, 269(3), 85-93.
- . LIPOWSKI, Z. J. (1986). What does the word "Psychosomatic" really mean? A historical and semantic inquiry. In Christie, Mellett (Ed.). The Psychosomatic Approach: Contemporary Practice of Whole-Person Care (pp. 17-38). New-York: John Wiley.
- . LIPOWSKI, Z. J.; LIPSITT, D.; WHYBROW, P. C. (1977). Psychosomatic Medecine. New-York: Oxford University Press.
- . MARQUES, J. F. (1969). Estudos sobre a Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças (WISC). Adaptação e aferição para Portugal. Lisboa: Afonso & Ramos.
- . MARQUES, J. F. (1970). Manual da Escala de Inteligência de Wechsler para Crianças (WISC). Lisboa: Centro de Estudos de Psicologia e História da Filosofia, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- . MARTINS, A. M. (1994, Janeiro). Asma: relação e terreno alérgico. Comunicação apresentada no 1º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde, Lisboa.

- . MARTINS, A. M. (1994, Maio). A avaliação psicológica em psicossomática. Perspectiva teórica e enquadramento clínico. Comunicação apresentada na 2ª Conferência Internacional sobre Avaliação Psicológica, APPORT / Universidade do Minho, Braga.
- . MARTINS, A. M. (1995). O modelo de Sami-Ali no quadro das epistemologias da psicossomática. Trabalho apresentado na cadeira "História e Antropologia da Psicopatologia", do Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica. Manuscrito não publicado. I.S.P.A., Lisboa.
- . MARTINS, A. M. (1996). A perspectiva de Sami-Ali: um modelo para pensar o somático. In MARTINS, A. M.; CRUZ, M. Reflexão sobre a obra - Pensar o Somático. Imaginário e patologia. Trabalho em colaboração, apresentado na cadeira "O objecto em Psicanálise", do Mestrado em Psicopatologia e Psicologia Clínica. Manuscrito não publicado. I.S.P.A., Lisboa.
- . MARTY, P. (1958). La relation objectale allergique. Revue Française de Psychanalyse, 22(1), 5-35.
- . MARTY, P. (1976). Les mouvements individuels de vie et de mort. Essai d'économie psychosomatique. Paris: Payot.
- . MARTY, P. (1980). L'ordre psychosomatique (Vols.1 e 2). Paris: Payot.
- . MAZET, P. et HOUZEL, D. (1975). Psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent (Vol.1). Paris: Maloine.
- McDOUGALL, J. (1974). Le psyché-soma et le psychanalyste. Nouvelle Revue de Psychanalyse, 10, 131-141.
- . NOSSAL, G. (1993). Life, Death and the Immune System. Scientific American, 269(3), 21-30.
- . PEREIRA, F. (1996, Setembro). Discurso proferido na Sessão de Lançamento do livro "Vinte e quatro poemas de Malangatana", em 2 de Março de 1996. Boletim ISPA (nº especial). pp. 4-5.
- . PEZE, M. (1983). Somatização, projecção e transfert - O Rorschach em clínica cirúrgica da mão. Análise Psicológica. 1(4), 121-134.

- . RAUSCH DE TRAUBENBERG, N.; BOIZOU, M.-F. (1977). Le Rorschach en clinique infantile. L'imaginaire et le réel chez l'enfant. Paris: Dunod.
- . REICH, W. (1952). La fonction de l'orgasme. Paris: Payot.
- . REY, A. (1959). Manuel-Test de Copie et de reproduction de mémoire de figures géométriques complexes. Paris: C.P.A.
- . SAMI-ALI, M. (1970). De la projection. Une étude psychanalytique. Paris: Payot.
- . SAMI-ALI, M. (1974). L'espace imaginaire. Paris: Gallimard.
- . SAMI-ALI, M. (1977). Corps réel - Corps imaginaire. Pour une épistémologie psychanalytique. Paris: Dunod.
- . SAMI-ALI, M. (1980). Le banal. Paris: Gallimard.
- . SAMI-ALI, M. (1983). Le visuel et le tactile. Essai sur la psychose et l'allergie. Paris: Dunod.
- . SAMI-ALI, M. (1987). Penser le somatique. Imaginaire et pathologie. Paris: Dunod.
- . SAMI-ALI, M. (1988). Le Haschich em Egypte. Essai d'anthropologie psychanalytique (2^e ed.). Paris: Dunod, 1971.
- . SAMI-ALI, M. (1989). Aux extrêmes du psychique et du somatique: le sujet allergique. Le Journal des Psychologues, 69, 24.
- . SAMI-ALI, M. (1990 a). Imaginaire et pathologie. Une théorie de la psychosomatique. Revue Française de Psychanalyse, 3, 761-767.
- . SAMI-ALI, M. (1990 b). Le corps, l'espace et le temps. Paris: Dunod.
- . SAMI-ALI, M. (1992 a). Du concept de l'angoisse en psychosomatique. Adolescence, 10(1), 89-92.
- . SAMI-ALI, M. (1992 b). Rêve et fonctionnement onirique. In SAMI-ALI, M.; CADY, S.; FROLI, G.; GAUTHIER, J.-M.; GOROT, J.; PEDRO, A. M.; ROBERT, M. Rêve & Psychosomatique (pp. 11-30). Paris: C.I.P.S.

- . SAMI-ALI, M. (1996). Une théorie de l'allergie. In SAMI-ALI, M.; BERTOLUS, S.; CADY, S.; GAUTHIER, J.-M.; PORCELLI, P.; TODARELLO, O.; ROSEAU, C.; ROTBARD, S. Allergie et psychosomatique (pp.7-22). Paris: C.I.P.S.
- . SELYE, M. (1975). Le stress de la vie. Paris: Gallimard.
- . SIFNEOS, P. E.; NEMIAH, J. C. (1977). The phenomenon of alexithymia. Psychotherapy and Psychosomatics, 28, 47-57.
- . SPERLING, M. (1978). Psychosomatic Disorders in Children. New-York: Aronson.
- . SPIEGEL, M. R. (1985). Estatística (2º ed.). São Paulo: Mc Graw-Hill, 1961.
- . SPITZ, R. (1968). De la naissance à la parole. La première année de vie. Paris: P.U.F.
- . STAMBAK, M. (1968). Três provas de ritmo. In ZAZZO, R. Manual para o exame psicológico da criança (pp.107-126).. São Paulo: Mestre Jou, 1960.
- . WECHSLER, D. (1956). La mesure de l'intelligence de l'adulte. Paris: P.U.F.

ANEXOS

Índice:

- Protocolos da W.I.S.C.	5
- Avaliação Psicomotora: - Espacialização, Lateralidade e Estruturação Temporal	62
- Psicogramas de Rorschach	93
- Protocolos do Rorschach	109

PROCOLOS DA W.I.S.C.

Caso Nº 1

SEXO: Feminino

IDADE: 7 anos e 1 mês

QI_V = 119	QI_R = 123
Normal brilhante	Superior
QI_T = 123	
Superior	

ESCALA VERBAL:

Informação	16
Compreensão	12
Aritmética	13
Semelhanças	14
Vocabulário	10
	<hr/>
	$\Sigma V = 65$

ESCALA DE REALIZAÇÃO:

Lacunas	14
Sequências	17
Cubos	12
Reconstituição	13
Código	12
	<hr/>
	$\Sigma R = 68$
	$\Sigma T = 133$

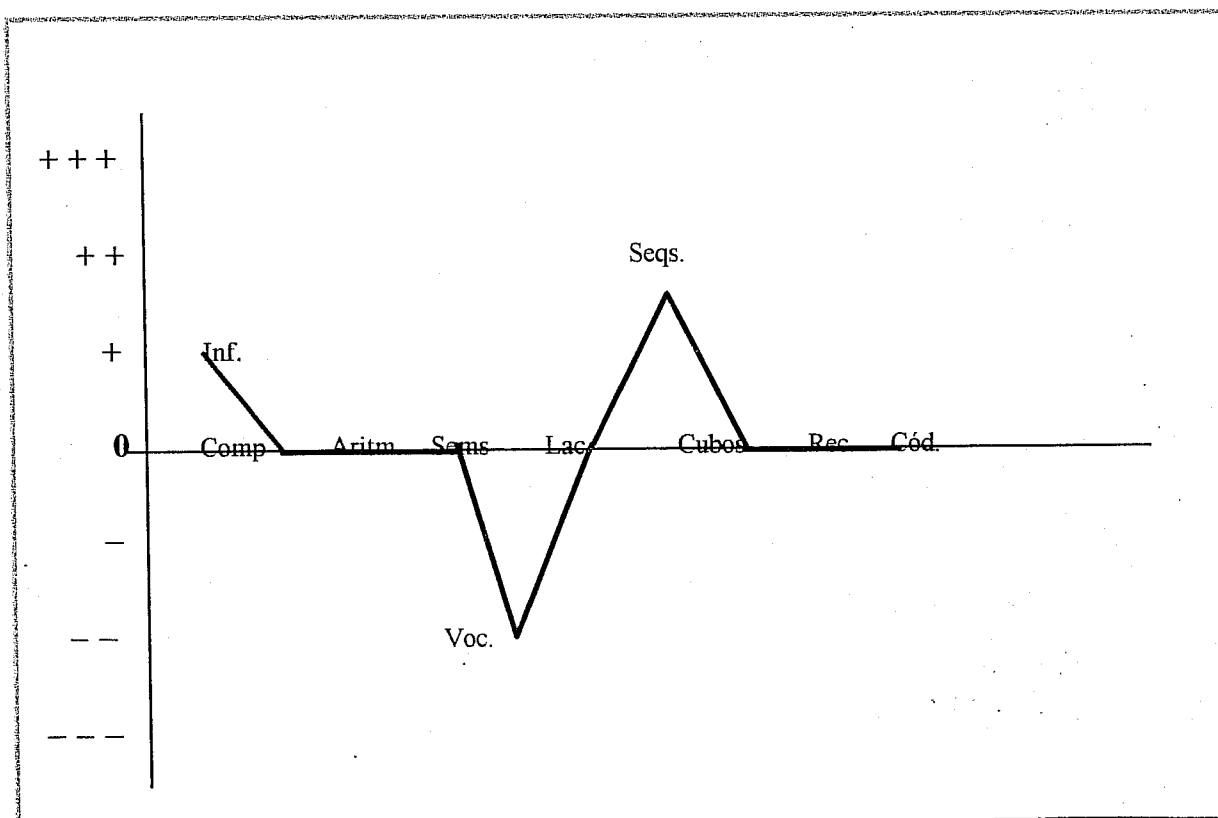
CASO Nº 1

Q.I.V - Q.I.R = 4

$\bar{x}_i = 13,3$

SCATTER DA ESCALA COMPLETA

	8,8	10,3	11,8	13,3	14,8	16,3	17,8
	---	--	-	0	+	++	+++
		Vocabulário		Compreensão Aritmética Semelhanças Lacunas Cubos Reconstituição Código	Informação	Sequências	



Caso N° 1

SEXO: Feminino

IDADE: 7 anos e 1 mês

Extractos do Protocolo**Informação**16 - Pôr-do-Sol - "Do meio."**Compreensão**10 - Naufágio - "Porque as mulheres tinham morrido e podiam afogar-se e elas não podiam ver porque o mar já ia a pôr ondas e elas iam meter dentro de água e tinham afogado."**Aritmética**

Conta pelos dedos.

Semelhanças6 - Gato - Rato - "São iguais! (Q) Porque o gato come queijo e o rato bebe leite e o leite e o queijo são parecidos."7 - Cerveja - Vinho - "Porque bebe, e são diferentes porque algumas cervejas têm o mesmo gosto do vinho!"**Vocabulário**

Inclui sempre o termo numa situação em que este figura incluído na frase ou assume um cariz funcional.

Usa referências pessoais.

7 - Camionete - "É uma coisa que anda, leva as pessoas até ao sitio. Assim eu vou para Benfica e preciso de ir de camionete."8 - Burro - "É uma coisa que come cenouras. Nós quando queremos passear vamos ao burro e damos cenouras para ele andar."13 - Disparate - "Nós vamos jogar bola e acertamos com o homem na vista. O homem fica zangado."16 - Herói - "Parece um príncipe mas é outra coisa!"

Caso Nº 2

SEXO: Feminino

IDADE: 10 anos e 6 meses

Q_V = 92	Q_R = 91
Médio	Médio
Q_T = 91	
Médio	

ESCALA VERBAL:

Informação	7
Compreensão	11
Aritmética	6
Semelhanças	12
Vocabulário	8
	<hr/>
	$\Sigma V = 44$

ESCALA DE REALIZAÇÃO:

Lacunas	10
Sequências	10
Cubos	11
Reconstituição	6
Código	6
	<hr/>
	$\Sigma R = 43$
	$\Sigma T = 87$

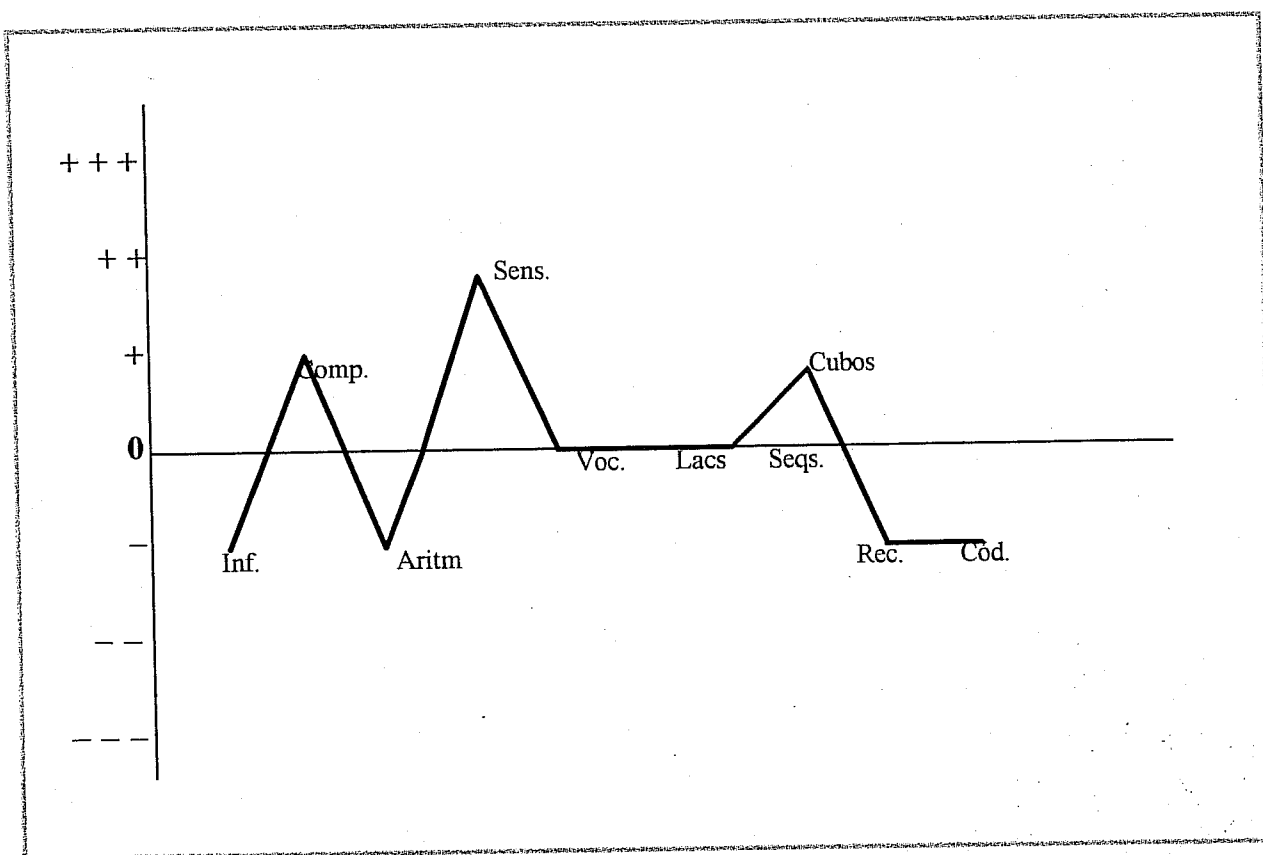
CASO Nº 2

Q.I.V - Q.I.R = 1

$\bar{x}_t = 8,7$

SCATTER DA ESCALA COMPLETA

4,2	5,7	7,2	8,7	10,2	11,7	13,2
---	--	-	0	+	++	+++
		Informação Aritmética Reconstituição Código	Vocabulário Lacunas Sequências	Compreensão Cubos	Semelhanças	



Caso Nº 2

SEXO: Feminino

IDADE: 10 anos e 6 meses

Extractos do Protocolo

Informação

8 - Par - "Uma dúzia. (Q) Um."

9 - Dedo - Toca no seu dedo mostrando o indicador. Olha atentamente e faz o gesto em espelho.

14 - Estômago - "Comer. (Q) Respirar!"

Compreensão

7 - Criminosos - "Porque devemos prender porque matam, roubam as crianças, matam mulheres e filhos."

8 - Caridade - Pedinte - "É melhor dar ao pobrezinho porque eles não têm dinheiro. Têm os filhos doentes e têm medicamentos para comprar. Eu vi um senhor que vinha com uma criança à chuva e ninguém lhe deu nada."

Vocabulário

1 - Cão - "É um ser que vive na terra."

2 - Chapéu - "Serve para se usar no sol."

4 - Guarda-chuva - "É preciso para tapar chuva."

21 - Desinfectar - "Serve para desinfectar micróbios e casas."

23 - Véspera - "É o dia que se comemora nesse dia."

Lacunas

4 - Rapariga - "Uma cabeça! ... Falta uma boca!"

14 - Galo - "Mais uma asa."

15 - Perfil - "Um senhor! Falta o casaco e do outro lado!"

17 - Chapéu - "É um senhor ... Falta um braço."

Sequências

Sem ordenação lógica da quarta história em diante.

4 - Piquenique - "O cão levou o frango, estava a comer. Eles viram que não tinham lá, comeram o frango, levaram no cesto."

Cubos

Êxitos conseguidos á custa da estratégia de tentativa e erro.

Dificuldades de gestalt em termos de figura/fundo.

Procura primeiro as faces de cada cubo e vai depois tentando as reproduções, quando não consegue larga o cubo e procura outro.

Reconstituição

Enquanto reconstitui as figuras não mantém as peças fixas e, apesar de bem colocadas, retira-as e tenta diversos outros encaixes um pouco ao acaso.

Não mantém a orientação das figuras e vai virando todas as peças.

Manequim - Lenta na execução pois troca primeiro as pernas e só depois é que acerta.

Face - Só consegue colocar o cabelo e troca anarquicamente as posições dos olhos, nariz e boca.

Automóvel - Não tem a mínima noção do que a figura representa. No fim dos 3 minutos pergunta: "O que é isto?"

Código

Grande lentidão e referência constante ao modelo.

Caso Nº 3

SEXO: Masculino

IDADE: 6 anos e 3 meses

$Q1_V = 103$	$Q1_R = 96$
Médio	Médio
$Q1_T = 99$	
Médio	

ESCALA VERBAL:

Informação	3
Compreensão	17
Aritmética	10
Semelhanças	11
Vocabulário	11
	<hr/>
	$\Sigma V = 52$

ESCALA DE REALIZAÇÃO:

Lacunas	11
Sequências	12
Cubos	7
Reconstituição	6
Código	11
	<hr/>
	$\Sigma R = 47$
	$\Sigma T = 99$

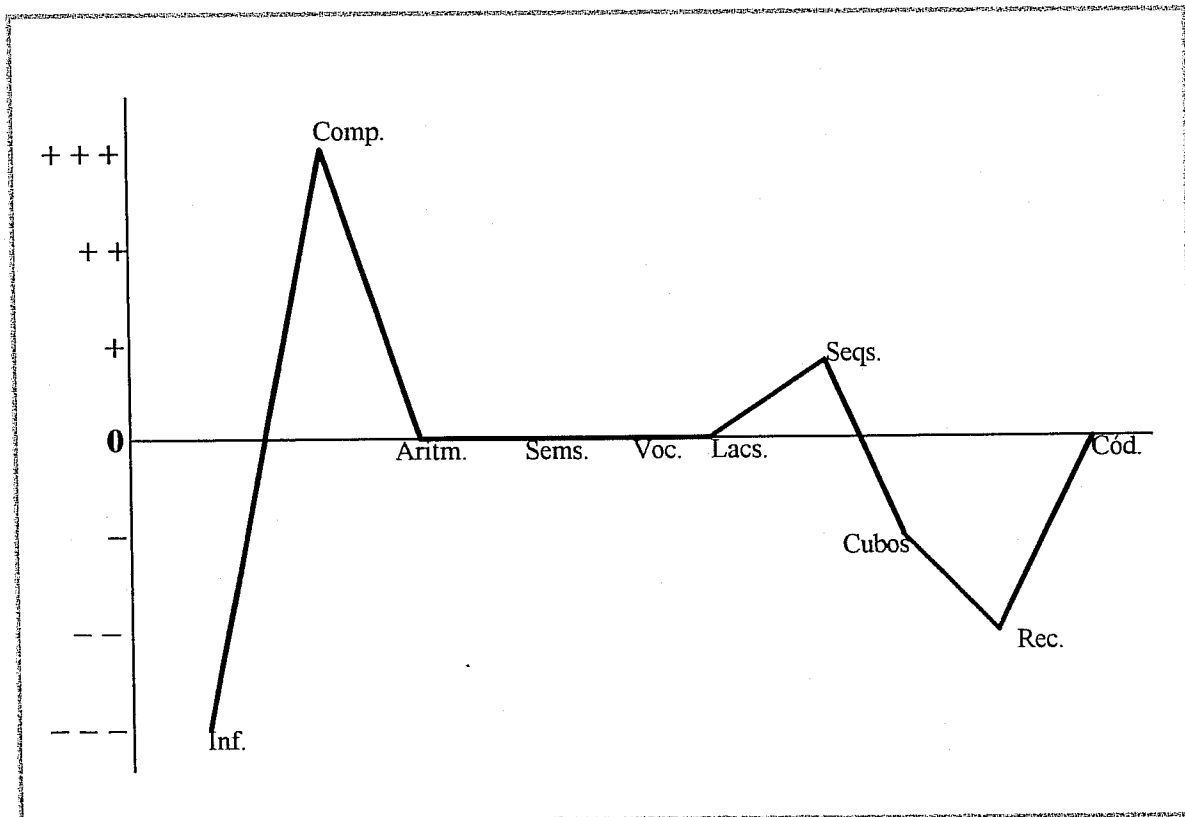
CASO Nº 3

$Q.I.V - Q.I.R = 7$

$\bar{x}_t = 9,9$

SCATTER DA ESCALA COMPLETA

	5,4	6,9	8,4	9,9	11,4	12,9	14,4
	---	--	-	0	+	++	+++
Informação							
Reconstituição							
Cubos							
Aritmética							
Semelhanças							
Vocabulário							
Lacunas							
Código							
Compreensão							



Caso Nº 3

SEXO: Masculino

IDADE: 6 anos e 3 meses

Extractos do Protocolo**Informação**

- 6 - Dúzia - "É levar um monte de comida."
- 7 - Dias-semana - "Dois."
- 8 - Par - "É um menino sozinho quando não está com um companheiro."
- 9 - Dedo - "Não."
- 10 - Estações do ano - "Outono, Janeiro, Verão, Inverno, Natal, Natal!"

Compreensão

- 7 - Criminosos - "Por causa que os criminosos podem matar gente e a nossa mãe não pode saber de nós e nós podemos ir para o céu e ficar lá muitos dias e depois ficamos pequeninos e depois ficamos na barriga da mãe e depois crescemos. Eu quando estava na barriga da mãe tinha 1 ano e depois fiz 2 ..."
- 10 - Naufrágio - "Por causa que eles não conseguiam respirar muito e depois têm que ir ao hospital respirarem ar puro."

Lacunas

- 10 - Casaco - "Falta uma pessoa."
- 13 - Mosca - "Outro olho."
- 15 - Perfil - "Outra orelha."
- 17 - Chapéu - "Uma orelha, os braços."
- 18 - Guarda-chuva - "Uma pessoa."
- 19 - Vaca - "O outro olho."

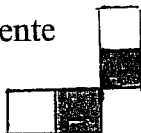
Sequências

Histórias sem qualquer lógica, com uma temática "ao lado" ou mesmo sem relação com a imagem.

Cubos

A - Exclama: "Vermelho com vermelho!
Branco com branco."

B - Procede associando unidade a unidade mas sem fazer o conjunto pois não mantém as ligações espaciais. Junta unicamente

**Reconstituição**

Manequim - Move ao acaso ambas as peças da parte superior do tronco. Depois olha o tronco e exclama: "Esta é daqui?". Diz após olhar atentamente: "Que boneco tão estranho! Só acho estranho é as pernas!"

Cavalo - Começa pela cabeça e vai tentando juntar-lhe todas as outras peças com encaixes sem lógica.

Face - "É uma pessoa." Ao colocar as peças sobrepõe várias à peça maior e deixa de lado o olho e a boca: "Sobram estas ..."

Caso Nº 4

SEXO: Feminino

IDADE: 11 anos e 3 meses

QI_v = 108	QI_r = 104
Médio	Médio
QI_t = 106	
Médio	

ESCALA VERBAL:

Informação	6
Compreensão	16
Aritmética	9
Semelhanças	14
Vocabulário	11
	Σ _v = 56

ESCALA DE REALIZAÇÃO:

Lacunas	12
Sequências	10
Cubos	11
Reconstituição	8
Código	12
	Σ _R = 53
	Σ _T = 109

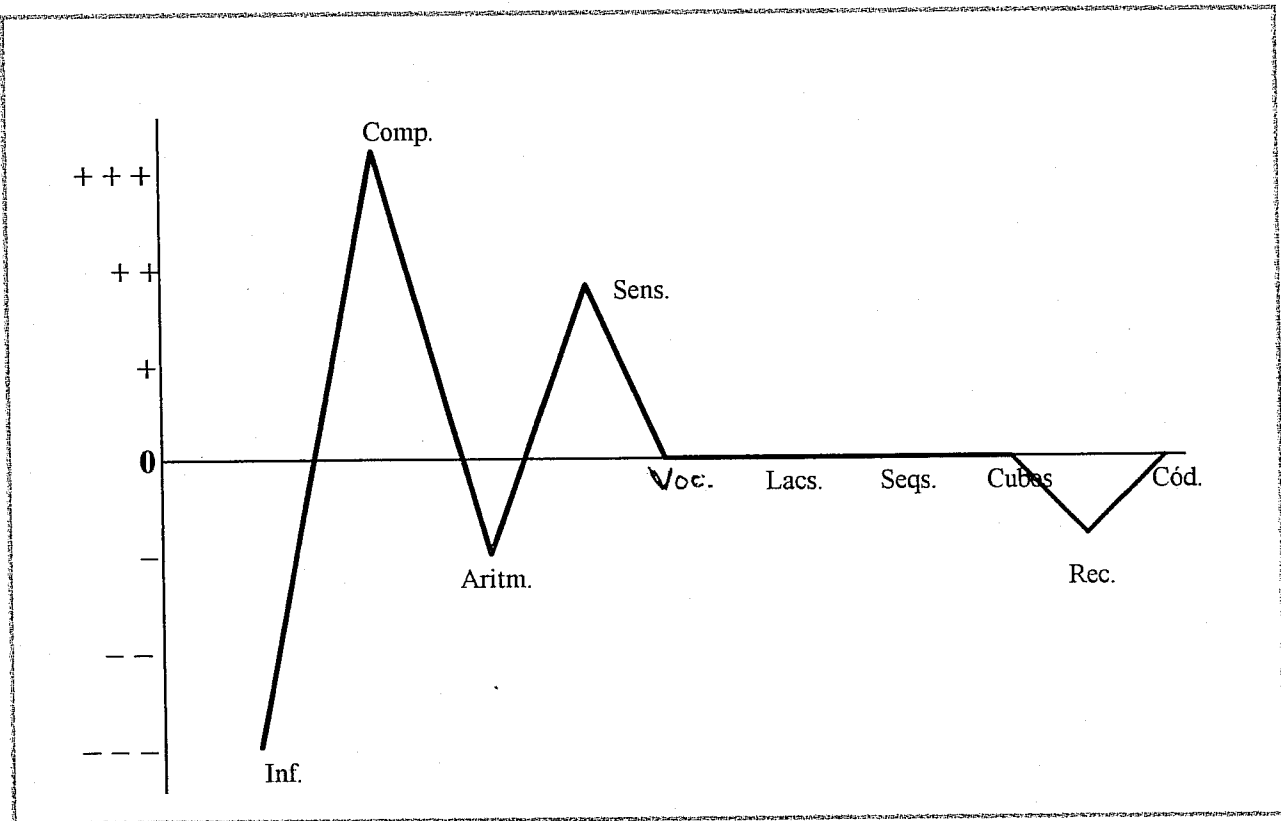
CASO Nº 4

Q.I.V - Q.I.R = 4

$\bar{x}_t = 10,9$

SCATTER DA ESCALA COMPLETA

	6,4	7,9	9,4	10,9	12,4	13,9	15,4
	---	--	-	0	+	++	+++
Informação			Aritmética Reconstituição	Vocabulário Lacunas Sequências Cubos Código		Semelhanças	Compreensão



Caso N° 4

SEXO: Feminino

IDADE: 11 anos e 3 meses

Extractos do Protocolo

Informação

6 - Dúzia - "São 6. (Q) 200!"

9 - Dedo - "Não sei."

10 - Estações do ano - "Março, Abril, Julho, Fevereiro, Setembro ..."

16 - Pôr-do-Sol - "De todos os lados! Ah! É do lado esquerdo ? (Q) Não sei."

Aritmética

Conta pelos dedos.

Quando chega às multiplicações diz: "Só fazendo a conta."

Vocabulário

15 - Binóculo - "É para ver ao longe ou ao perto! (Q) É igual."

Lacunas

14 - Galo - "O nariz."

15 - Perfil - "O outro olho ... Mas não dá para ver o cabelo daqui ... não pode ser ... É o cabelo!"

19 - Vaca - "As pintas pretas e brancas."

Sequências

Muda por várias vezes as sequências de algumas histórias e não se mantém em nenhuma.

Reconstituição

Move as figuras, não tem um ponto de vista fixo. A ordem de reconstituição processa-se em qualquer sentido.

Face - Vai tentando unir a aresta exterior da figura sem dar importância ao traçado do desenho.

Caso Nº 5

SEXO: Feminino

IDADE: 9 anos e 10 meses

$Q1_v = 10$	$Q1_r = 17$
Normal brilhante	Normal brilhante
$Q1_t = 11$	
Normal brilhante	

ESCALA VERBAL:

Informação	10
Compreensão	13
Aritmética	8
Semelhanças	16
Vocabulário	11
	<hr/>
	$\Sigma v = 58$

ESCALA DE REALIZAÇÃO:

Lacunas	11
Sequências	14
Cubos	15
Reconstituição	13
Código	10
	<hr/>
	$\Sigma R = 63$
	$\Sigma T = 121$

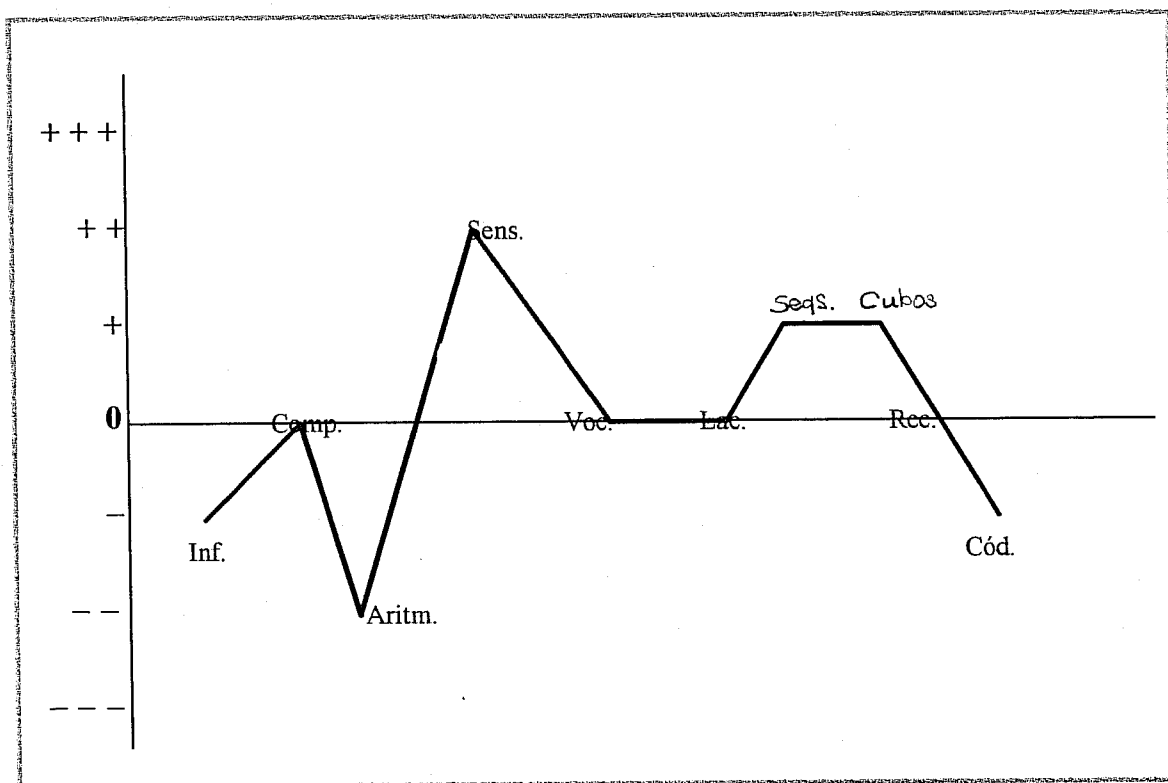
CASO Nº 5

$Q.I.V - Q.I.R = 7$

$\bar{x}_t = 12,1$

SCATTER DA ESCALA COMPLETA

7,6	9,1	10,6	12,1	13,6	15,1	16,6
---	--	-	0	+	++	+++
	Aritmética	Informação Código	Vocabulário Lacunas Reconstituição Compreensão	Cubos Sequências	Semelhanças	



Caso Nº 5

SEXO: Feminino

IDADE: 9 anos e 10 meses

Extractos do Protocolo**Informação**9 - Dedo - "É o L."**Código**

Grande lentidão e referência constante ao modelo.

Observações Gerais

Muito lacónica.

Responde frequentemente e brevemente: "Não sei."

Caso Nº 6

SEXO: Feminino

IDADE: 6 anos e 5 meses

Q _L = 119	Q _R = 118
Normal brilhante	Normal brilhante
Q _T = 120	
Superior	

ESCALA VERBAL:

Informação	12
Compreensão	16
Aritmética	10
Semelhanças	14
Vocabulário	13
	ΣV = 65

ESCALA DE REALIZAÇÃO:

Lacunas	11
Sequências	14
Cubos	15
Reconstituição	12
Código	12
	ΣR = 64
	ΣT = 129

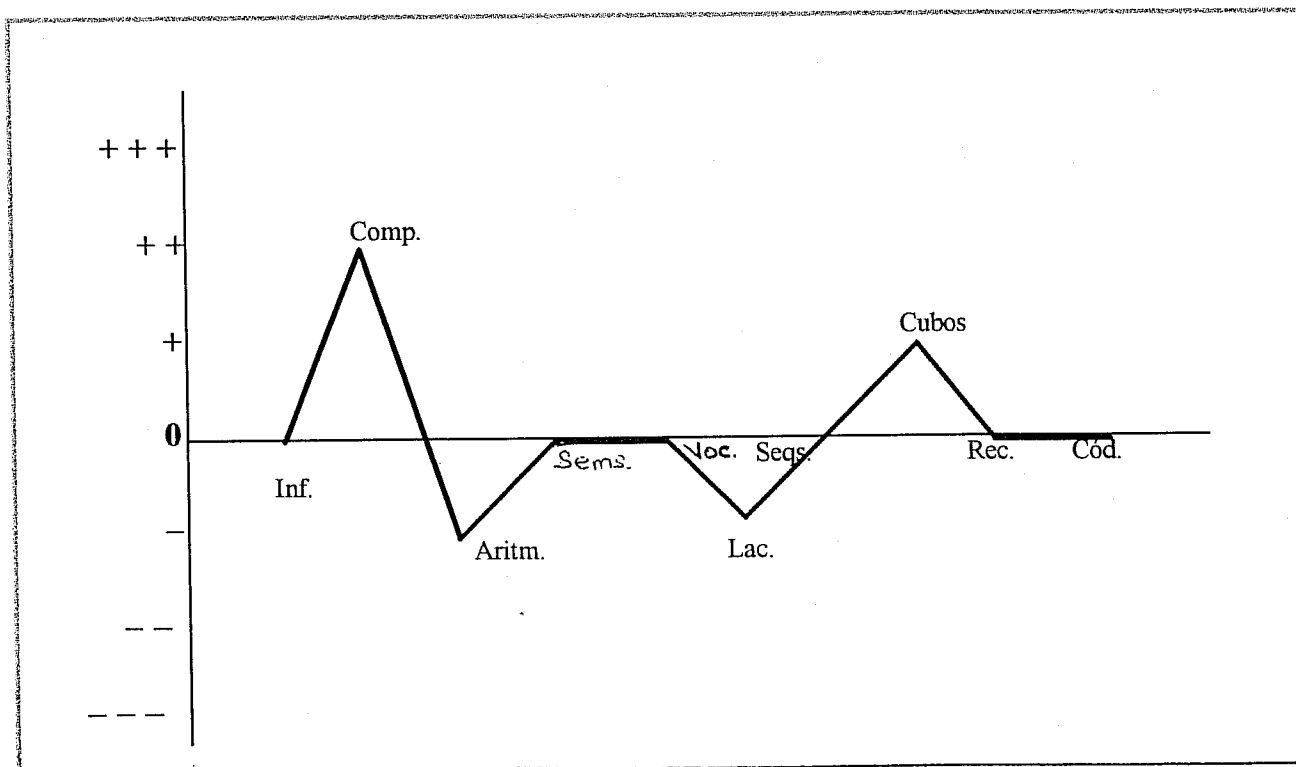
CASO Nº 6

Q.I.V - Q.I.R = 1

$\bar{x}_i = 12,9$

SCATTER DA ESCALA COMPLETA

8,4	9,9	11,4	12,9	14,4	15,9	17,4
---	--	-	0	+	++	+++
		Aritmética Lacunas	Informação Semelhanças Vocabulário Sequências Reconstituição Código	Cubos	Compreensão	



Caso Nº 6

SEXO: Feminino

IDADE: 6 anos e 5 meses

Extractos do Protocolo**Informação**6 - Dúzia - "Não sei."8 - Par - "10 ?"9 - Dedo - "Não sei."**Compreensão**10 - Naufrágio - "Porque as mulheres são as crianças e não sabem nadar."**Aritmética**

Não efectua as somas.

Vocabulário18 - Diamante - "É onde as pessoas metem as pulseiras!"**Lacunas**5 - Gato - "O nariz."15 - Perfil - "O resto do braço."**Sequências**

Não mantém a sequência nas histórias, de peça para peça muda o acontecimento.

Cubos

Tenta fazer apenas as configurações vermelhas com as faces dos cubos vermelhas.

Reconstituição

Face - Julga que a testa são os bigodes. Só tenta juntar as peças duas a duas e só atende a um lado de cada vez.

Caso Nº 7

SEXO: Masculino

IDADE: 8 anos e 5 meses

QI_v = 117	QI_r = 106
Normal brilhante	Médio
QI_t = 112	
Normal brilhante	

ESCALA VERBAL:

Informação	9
Compreensão	11
Aritmética	14
Semelhanças	15
Vocabulário	14
	Σ _v = 63

ESCALA DE REALIZAÇÃO:

Lacunas	9
Sequências	13
Cubos	15
Reconstituição	12
Código	6
	Σ _R = 55
	Σ _T = 118

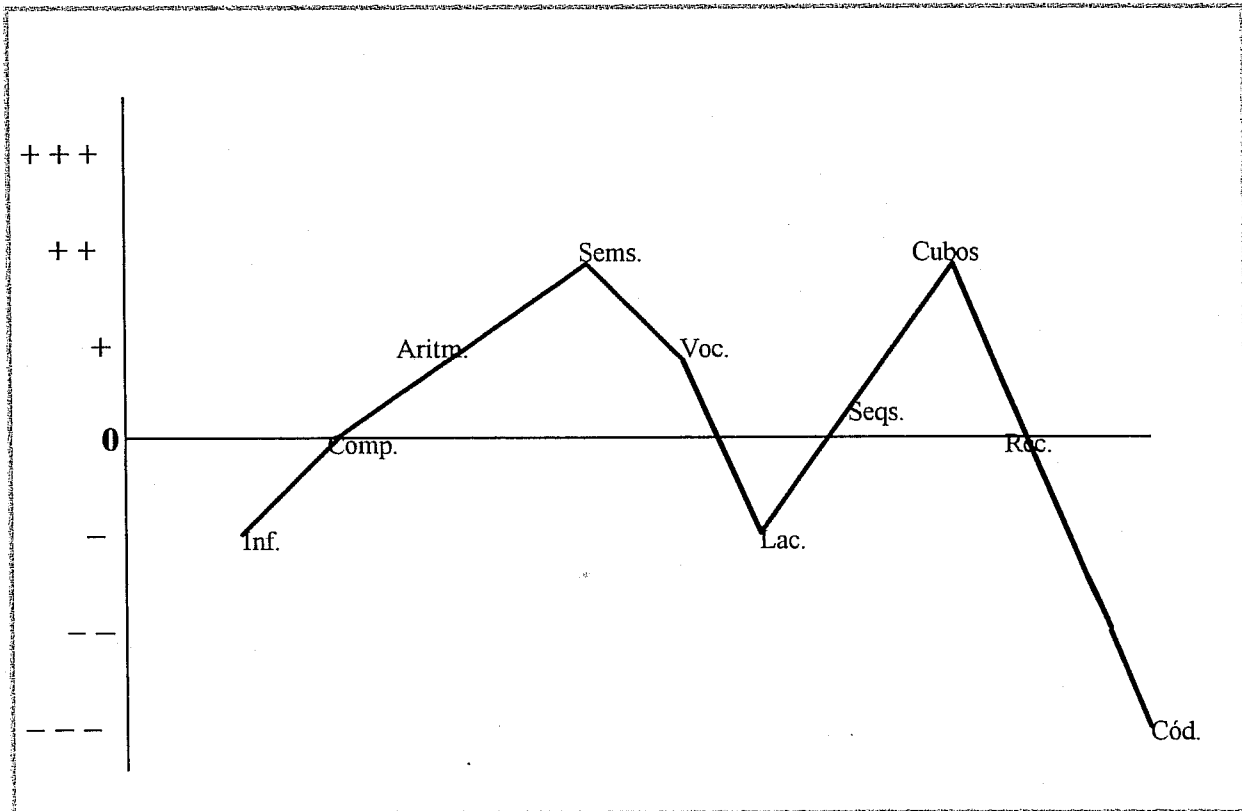
CASO Nº 7

Q.I.V - Q.I.R = 11

$\bar{x}_i = 11,8$

SCATTER DA ESCALA COMPLETA

	7,3	8,8	10,3	11,8	13,3	14,8	16,3
	---	--	-	0	+	++	+++
Código			Informação Lacunas	Compreensão Sequências Reconstituição	Aritmética Vocabulário	Semelhanças Cubos	



Caso Nº 7

SEXO: Masculino

IDADE: 8 anos e 5 meses

Extractos do Protocolo**Informação**6 - Dúzia - "Seis. (Q) ... Seis!"7 - Dias-semana - "Sete. O Sábado e o Domingo também contam?"9 - Dedo - "Não sei."**Aritmética**

7 e 8 - Soma em vez de multiplicar.

Conta pelos dedos.

Semelhanças6 - Gato - Rato - "Porque os gatos comem os ratos e os ratos gostam dos gatos e comem-nos."12 - Montanha-lago - "Os lagos estão ao pé das montanhas ... nascem de lá de dentro e as montanhas estão no meio dos lagos."**Vocabulário**15 - Binóculo - "É aquelas coisas para ver ao longe e ... ao perto?"**Lacunas**

Procura assinalar as diferenças indicando a falta de pequenos traços em simétrico, irrelevantes para o desenho.

ReconstituiçãoManequim - "Esta perna é maior que aquela!" (Tinha-as trocado).Cavalo - Começa pela peça da cauda e faz o cavalo de lado. Não consegue reconstituir a figura e exclama: "Acho que sobram peças."Face - Só consegue unir o cabelo.

Código

Muito lento e com erros frequentes por sobrepor dois símbolos no mesmo número.

Observações gerais

Gaguez no início das palavras.

Muito inseguro e a necessitar de estímulo. Pergunta frequentemente:

- "É assim até agora ?"

Caso Nº 8

SEXO: Masculino

IDADE: 11 anos e 2 meses

QI_v = 122	QI_r = 117
Superior	Normal brilhante
QI = 121	
Superior	

ESCALA VERBAL:

Informação	11
Compreensão	16
Aritmética	13
Semelhanças	14
Vocabulário	13
	<hr/>
	$\Sigma v = 67$

ESCALA DE REALIZAÇÃO:

Lacunas	10
Sequências	14
Cubos	13
Reconstituição	10
Código	16
	<hr/>
	$\Sigma R = 63$
	$\Sigma T = 130$

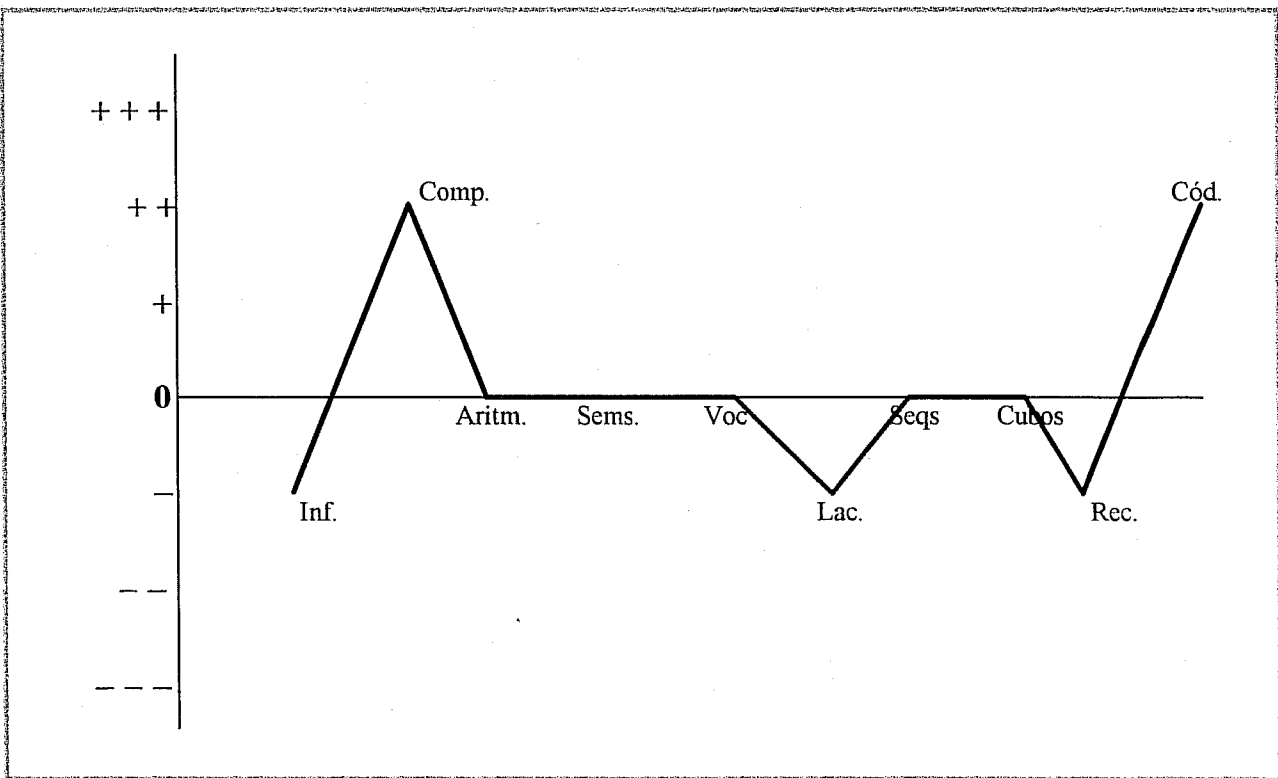
CASO Nº 8

$Q.I.V - Q.I.R = 5$

$\bar{x}_t = 13$

SCATTER DA ESCALA COMPLETA

8,5 10 11,5 13 14,5 16 17,5						
---	--	-	0	+	++	+++
		Informação Lacunas Reconstituição	Aritmética Semelhanças Vocabulário Sequências Cubos		Compreensão Código	



Caso Nº 8

SEXO: Masculino

IDADE: 11 anos e 2 meses

Extractos do Protocolo**Informação**10 - Estações do ano - "Janeiro, Fevereiro, ... (Q) São 52!"16 - Pôr-do-Sol - "É do lado de trás de mim!"**Aritmética**

6 - Exclama aludindo ao enunciado do item precedente: "São todas iguais ? (Q) É todas fruta!"

Semelhanças1 - Ameixa-pêssego - "São seres da natureza e comem-se. (Q) São seres redondos, da agricultura!"12 - Montanha-lago - "São seres da natureza."**Vocabulário**15 - Binóculo - "Serve para olhar ao perto as coisas pequeninhas, ficam grandes dentro do óculo."**Lacunas**15 - Perfil - "A outra orelha."17 - Chapéu - "Os braços."**Cubos**

Tenta junções dispersas das cores vermelhas sem respeitar a configuração do quadrado.

ReconstituiçãoCavalo - Faz várias tentativas, sem olhar à forma e pelo encaixe.Face - Fica bastante desorientado e sobrepõe as peças, acabando por desistir.

Caso N° 9

SEXO: Feminino

IDADE: 7 anos e 11 meses

$QI_v = 115$	$QI_r = 114$
Normal brilhante	Normal brilhante
$QI_t = 116$	
Normal brilhante	

ESCALA VERBAL:

Informação	10
Compreensão	15
Aritmética	10
Semelhanças	14
Vocabulário	13
	$\Sigma v = 62$

ESCALA DE REALIZAÇÃO:

Lacunas	12
Sequências	13
Cubos	13
Reconstituição	9
Código	14
	$\Sigma R = 61$
	$\Sigma T = 123$

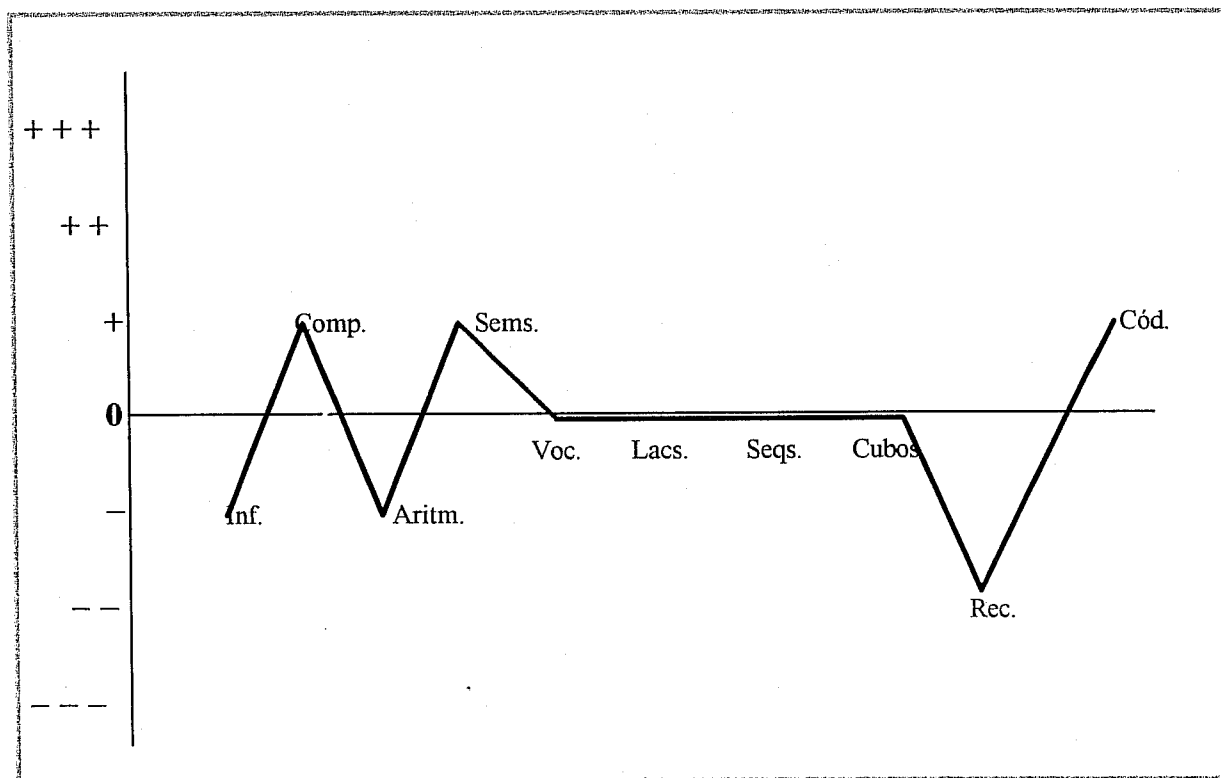
CASO Nº 9

$Q.I.V - Q.I.R = 1$

$\bar{x}_t = 12,3$

SCATTER DA ESCALA COMPLETA

	7,8	9,3	10,8	12,3	13,8	15,3	16,8
	---	--	-	0	+	++	+++
		Reconstituição	Informação Aritmética	Vocabulário Lacunas Sequências Cubos	Compreensão Semelhanças Código		



Caso N° 9

SEXO: Feminino

IDADE: 7 anos e 11 meses

Extractos do Protocolo**Informação**9 - Dedo - "O teu? O meu? ... Não sei qual é."10 - Estações do ano - "Terça, quarta, ... sábado, no sábado estou em casa com a mãe!"16 - Pôr-do-Sol - "Ele anda, está daqui sabes? Se viro vai para outro lado, vai embora!"**Compreensão**10 - Naufrágio - "Porque os homens morrem, se afogam ficam pequeninos."17 - Manter-promessa - "Se não a mãe zanga."**Aritmética**

Soma em vez de multiplicar.

Semelhanças8 - Piano-violino - "São coisas das pessoas."11 - Tesoura-caçarola - "Também são coisas das pessoas."**Vocabulário**26 - Associar - "São os meninos, todos os meninos. (Q) Na escola, todos com o bibe e a mochila."**Reconstituição**Face - "O que é isto? Cortaram ..."

Tenta unir pelos contornos exteriores sem conseguir mais que duas uniões.

Caso Nº 10

SEXO: Masculino

IDADE: 6 anos e 2 meses

QIV = 141	QIR = 125
Muito superior	Superior
QI = 130	
Muito superior	

ESCALA VERBAL:

Informação	12
Compreensão	19
Aritmética	16
Semelhanças	20
Vocabulário	15
	ΣV = 82

ESCALA DE REALIZAÇÃO:

Lacunas	15
Sequências	14
Cubos	16
Reconstituição	13
Código	12
	ΣR = 70
	ΣT = 152

CASO Nº 10

Q.I.V - Q.I.R = 16

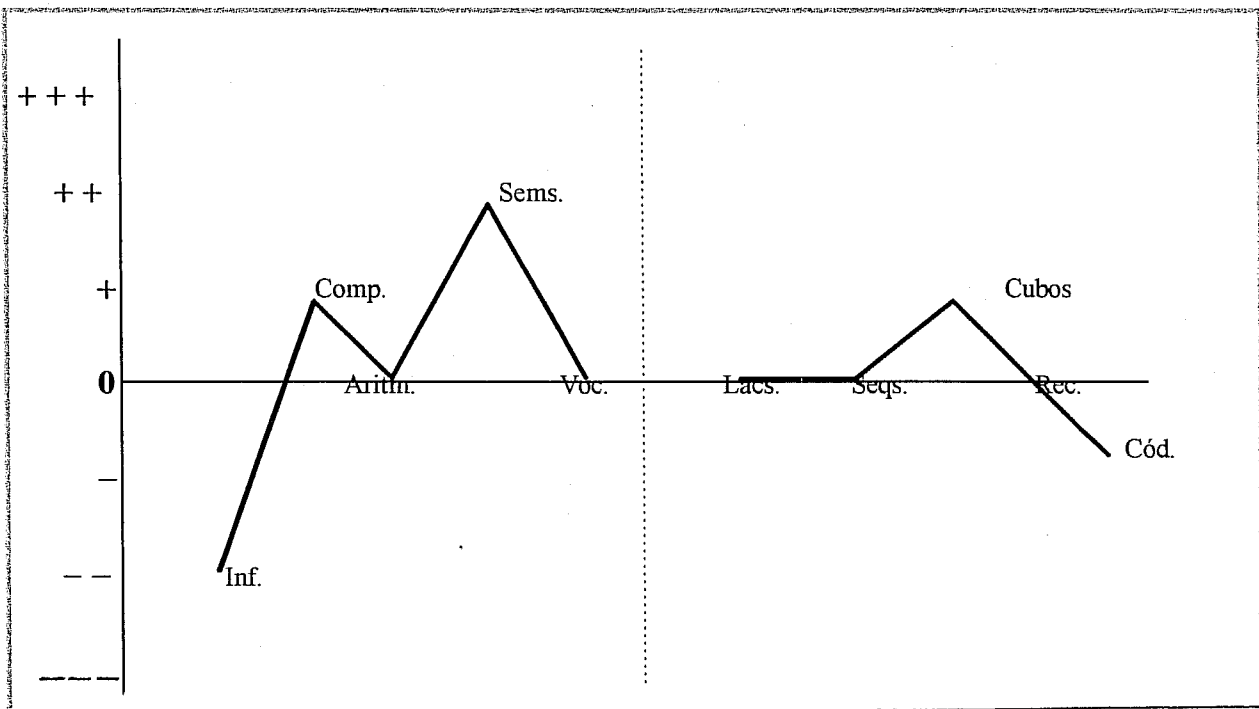
$\bar{x}_v = 16,4$ $\bar{x}_{rr} = 14$

SCATTER VERBAL

11,9		13,4		14,9		16,4		17,9		19,4		(20,9)	
---		--		-		0		+		++		+++	
Informação				Aritmética		Compreensão		Semelhanças					
				Vocabulário									

SCATTER DE REALIZAÇÃO

9,5		11		12,5		14		15,5		17		18,5	
---		--		-		0		+		++		+++	
		Código		Lacunas		Sequências		Reconstituição		Cubos			



Caso Nº 10

SEXO: Masculino

IDADE: 6 anos e 2 meses

Extractos do Protocolo**Informação**

- 5 - Loja - "Numa loja vendem rebuçados, chupa-chupas. (Q) O resto dessa não sei."
- 6 - Dúzia - "Seis."
- 16 - Pôr-do-Sol - "É lá no looonge!!!"

Compreensão

- 6 - Comboio - "Ia ao pé de um sitio onde os meus pais estivessem lá e houvessem muitos carris e a gente arranja-os!"
- 9 - Leis - "Porque tem que haver uma determinada coisa das leis senão era tudo ao contrário!"

Semelhanças

- 6 - Gato - Rato - "É que um é mais maior e o outro é mais grande. Só que um gato pode apanhar um rato e um rato pode apanhar um gato."
- 9 - Papel-carvão - "É que o papel serve para escrever o carvão e o carvão serve para escrever os lápis."

Vocabulário

- 16 - Herói - "Quem vem salvar o herói."

Lacunas

- 10 - Casaco - "Botões deste lado."
- 17 - Chapéu - "Uma orelha."

Sequências

Comenta: - "Estes cartões já estão um bocadinho velhos. Nós temos todos que ficar mais velhos ..."

No fim das histórias observa: - "Eu tenho o hábito de me espreguiçar, mas quando estou num sitio muito apertado não consigo."

Alarga a distância entre as peças: - "Se não for assim não consigo!"

Reconstituição

Manequim - Pega um dos pés da figura e comenta: - "Esta parte não sei bem o que é!".

Vai experimentando várias uniões até que consegue encontrar o sitio certo e mostra-se surpreendido.

Cavalo - "Esta não tem duas partes da cabeça (aponta a única orelha do perfil), não consigo fazer!"

Observações gerais

Respira fundo várias vezes.

Exclama frequentemente: - "Esta é fácil para mim que sou esperto!"

Caso Nº 11

SEXO: Feminino

IDADE: 6 anos e 4 meses

QI_V = 112	QI_R = 118
Normal brilhante	Normal brilhante
QI_T = 116	
Normal brilhante	

ESCALA VERBAL:

Informação	14
Compreensão	15
Aritmética	12
Semelhanças	11
Vocabulário	7
	<hr/>
	$\Sigma V = 59$

ESCALA DE REALIZAÇÃO:

Lacunas	13
Sequências	14
Cubos	12
Reconstituição	14
Código	11
	<hr/>
	$\Sigma R = 64$
	$\Sigma T = 123$

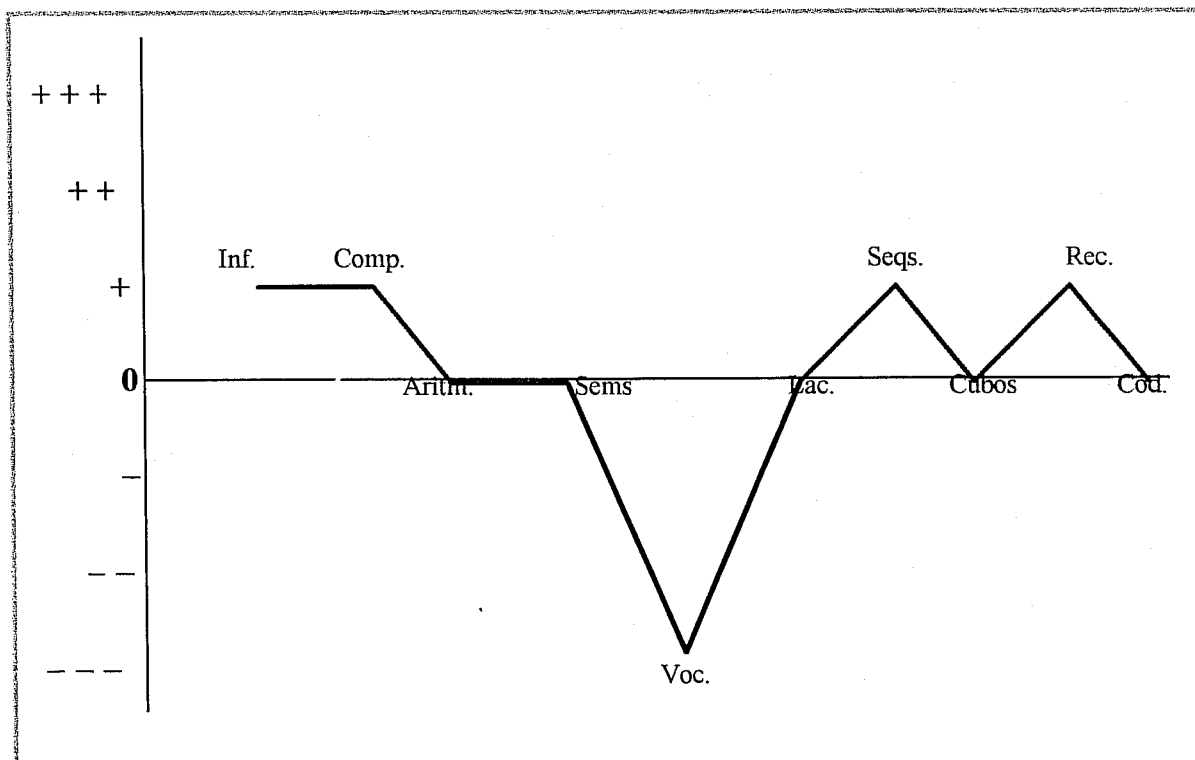
CASO Nº 11

$Q.I.V - Q.I.R = 6$

$\bar{x}_t = 12,3$

SCATTER DA ESCALA COMPLETA

	7,8	9,3	10,8	12,3	13,8	15,3	16,8
	---	--	-	0	+	++	+++
Vocabulário				Aritmética	Informação		
				Semelhanças	Compreensão		
				Lacunas	Sequências		
				Cubos	Reconstituição		
				Código			



Caso N° 11

SEXO: Feminino

IDADE: 6 anos e 4 meses

Extractos do Protocolo**Informação**8 - Par - "São cinco. (Q) Já disse, cinco."16 - Pôr-do-Sol - "Em cima das nuvens."**Compreensão**3 - Casa-tijolos - "Porque a minha mãe faz um tijolos. (Q) Faz eu brincar."4 - Luta - "Nada. Eu ia dizer à mãe dele!"10 - Naufrágio - "Porque eles não podem estar afogados. (Q) Porque depois vão para o fundo do mar e morrem e depois a mãe vai para o mar e a mãe morre e vai para o fundo do mar e eles ficam sozinhos."**Aritmética**

Conta pelos dedos.

Semelhanças6 - Gato - Rato - "Comem a gente! Mordem a gente! São parecidos! (Q) Mães, têm pais ... e são primos, iguais!"7 - Cerveja - Vinho - "São parecidos. Iguais, iguais ..."8 - Piano-violino - "É outro violino."**Vocabulário**1 - Cão - "É outro cão. (Q) E com olhos azuis, com pelo azul, preto, liso, preto e branco!"2 - Chapéu - "É assim como o meu."3 - Faca - "É outra faca. (Q) Para eu comer."6 - Prego - "É um prego."9 - Jogo - "É o jogo! Serve para nós jogarmos."14 - Letra - "É uma letra."

Lacunas

15 - Perfil - "Uma orelha (toca na própria)."

17 - Chapéu -

19 - Vaca - "As manchas (toca no peito)."

20 - Casa - "As mulheres."

Cubos

Faz configurações em que deixa as peças todas afastadas.

Reconstituição

Face - Deixa as peças afastadas entre si. Vai rodando as peças todas sem manter qualquer direcionamento ou ponto de vista.

Observações gerais

Criança extremamente agitada.

Produz constantemente sons com a boca.

Diz frequentemente: - "Já está!" e "Está assim-assim!"

Caso N° 12

SEXO: Masculino

IDADE: 6 anos e 9 meses

QI_V = 115	QI_R = 109
Normal brilhante	Médio
QI_T = 115	
Normal brilhante	

ESCALA VERBAL:

Informação	14
Compreensão	15
Aritmética	9
Semelhanças	14
Vocabulário	10
	ΣV = 62

ESCALA DE REALIZAÇÃO:

Lacunas	11
Sequências	12
Cubos	13
Reconstituição	14
Código	7
	ΣR = 57
	ΣT = 119

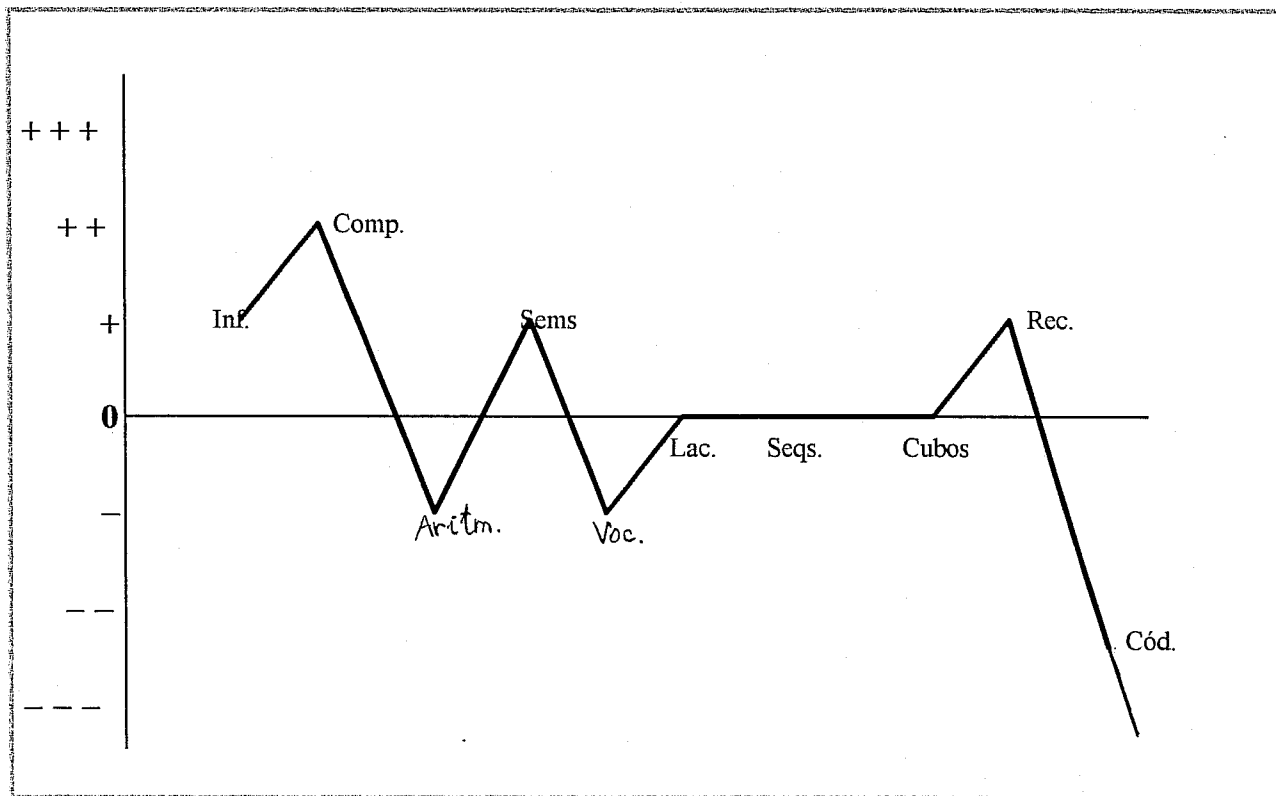
CASO Nº 12

$Q.I.V - Q.I.R = 6$

$\bar{x}_i = 11,9$

SCATTER DA ESCALA COMPLETA

	7,4	8,9	10,4	11,9	13,4	14,9	16,4
	---	--	-	0	+	++	+++
Código			Aritmética Vocabulário	Lacunas Seqüências Cubos	Informação Semelhanças Reconstituição	Compreensão	



Caso Nº 12

SEXO: Masculino

IDADE: 6 anos e 9 meses

Extractos do Protocolo**Informação**6 - Dúzia - (Faz gesto com as mãos) "É um pacote muito grande! (Q) Doze."8 - Par - "Cinco ou seis."9 - Dedo - "Não sei."16 - Pôr-do-Sol - "Do céu!"**Compreensão**10 - Naufrágio - "Porque sim, os homens não se afogam, eles se alevantam e nadam e o barco afoga e eles morrem todos ao mesmo tempo."**Semelhanças**6 - Gato - Rato - "Eles têm os dois rabo e porque sim."10 - Quilo-metro - "São iguais."12 - Montanha-lago - "São iguais."**Vocabulário**3 - Faca - "É uma faca, é de cortar comida."7 - Camionete - "Um carris, é uma carrinha."12 - Valente - "É um homem, é uma pessoa boa."13 - Disparate - "Brincar às pistolas."16 - Herói - "Dos cavalos, o herói está em cima do cavalo com uma corda e salta para cima do cavalo."**Lacunas**13 - Mosca - "O nariz e a boca."15 - Perfil - "Uma orelha."17 - Chapéu - "Uma orelha."

Sequências

Têm lógica mas a ligação entre as acções descritas resulta quase nula.

Cubos

Diz: - "Já está!" E faz figuras completamente diferentes.

Reconstituição

Cavalo - Sem orientação. Tenta encaixes absurdos. Fica perplexo pois "Sobram peças!".

Face - Tenta encaixes absurdos, sem respeitar a forma exterior nem o conteúdo..

Observações gerais

Dificuldade na pronúncia do "r" em fins de sílaba.

Troca o som "quê" pelo "tê":

- Explo: "Tasacos" (casacos)

Troca o som "bê" pelo "mê":

- Explo: "Matatas" (batatas)

Quase não pronuncia audivelmente as primeiras sílabas das palavras.

Caso N° 13

SEXO: Feminino

IDADE: 8 anos

QI_V = 121	QI_R = 136
Superior	Muito superior
QI_T = 150	
Muito superior	

ESCALA VERBAL:

Informação	13
Compreensão	15
Aritmética	11
Semelhanças	16
Vocabulário	11
	Σv = 66

ESCALA DE REALIZAÇÃO:

Lacunas	15
Sequências	20
Cubos	13
Reconstituição	18
Código	12
	Σ _R = 78
	Σ _T = 144

CASO Nº 13

Q.I.V - Q.I.R = 15

$\bar{x}_v = 13,2$

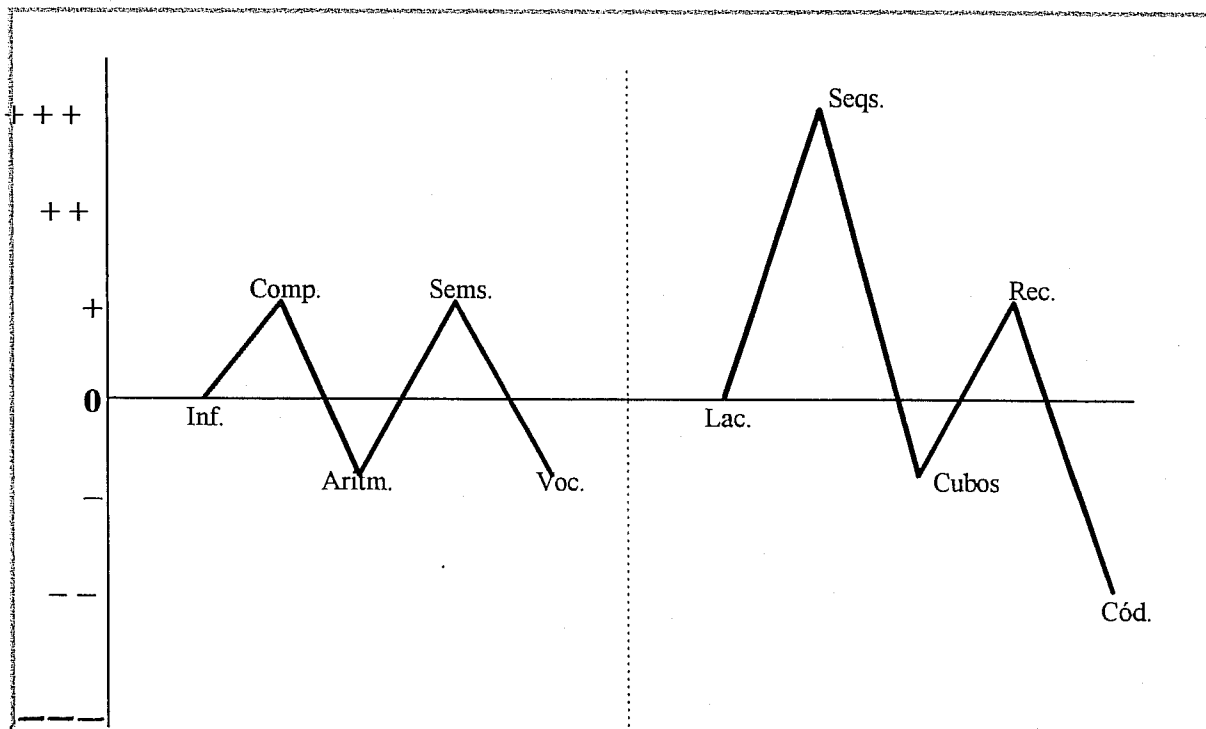
$\bar{x}_r = 15,6$

SCATTER VERBAL

8,7	10,2	11,7	13,2	14,7	16,2	17,7
---	--	-	0	+	++	+++
		Aritmética Vocabulário	Informação	Compreensão Semelhanças		

SCATTER DE REALIZAÇÃO

11,1	12,6	14,1	15,6	17,1	18,1	(20,1)
---	--	-	0	+	++	+++
	Código	Cubos	Lacunas	Reconstituição		Sequências



Caso Nº 13

SEXO: Feminino

IDADE: 8 anos

Extractos do Protocolo**Informação**

16 - Pôr-do-Sol - "Pode ser da direita ou da esquerda!" (Aponta ao contrário).

Semelhanças

5 - Ameixa-pêssego - "Às vezes o pêssego tem a casca da ameixa. O caroço é o mesmo."

10 - Quilo-metro - "O quilo é um metro e o metro é igual. (Q) É um!"

Vocabulário

4 - Guarda-chuva - "Quando se está a chover nós utilizamos que é para não molharmos."

9 - Jogo - "É às vezes quando é um puzzle é às vezes são muitas meninas a construir os puzzles."

Lacunas

3 - Raposa - "Não tem uma orelha ? ... Não pode ter orelha de um lado."

8 - Carta - "Uma cara ?!"

10 - Casaco - "Um risquinho destes." (Aponta a falta de pequenos traços em simétrico).

17 - Chapéu - "Faltam-lhe estes risquinhos." (Aponta a falta de pequenos traçados em simétrico).

Sequências

Organiza as histórias da direita para a esquerda.

Cubos

Vira vários cubos de todos os lados à procura da posição certa, ignorando que são todos iguais.

Reconstituição

Face - "É uma menina ou um menino!" (Mostra-se surpreendida quando as peças se juntam acertadamente).

Caso Nº 14

SEXO: Feminino

IDADE: 8 anos e 7 meses

QI _v = 145	QI _r = 132
Muito superior	Muito superior
QI = 141	
Muito superior	

ESCALA VERBAL:

Informação	13
Compreensão	17
Aritmética	15
Semelhanças	20
Vocabulário	20
	<hr/>
	$\Sigma v = 85$

ESCALA DE REALIZAÇÃO:

Lacunas	17
Sequências	20
Cubos	10
Reconstituição	13
Código	15
	<hr/>
	$\Sigma R = 75$
	$\Sigma T = 160$

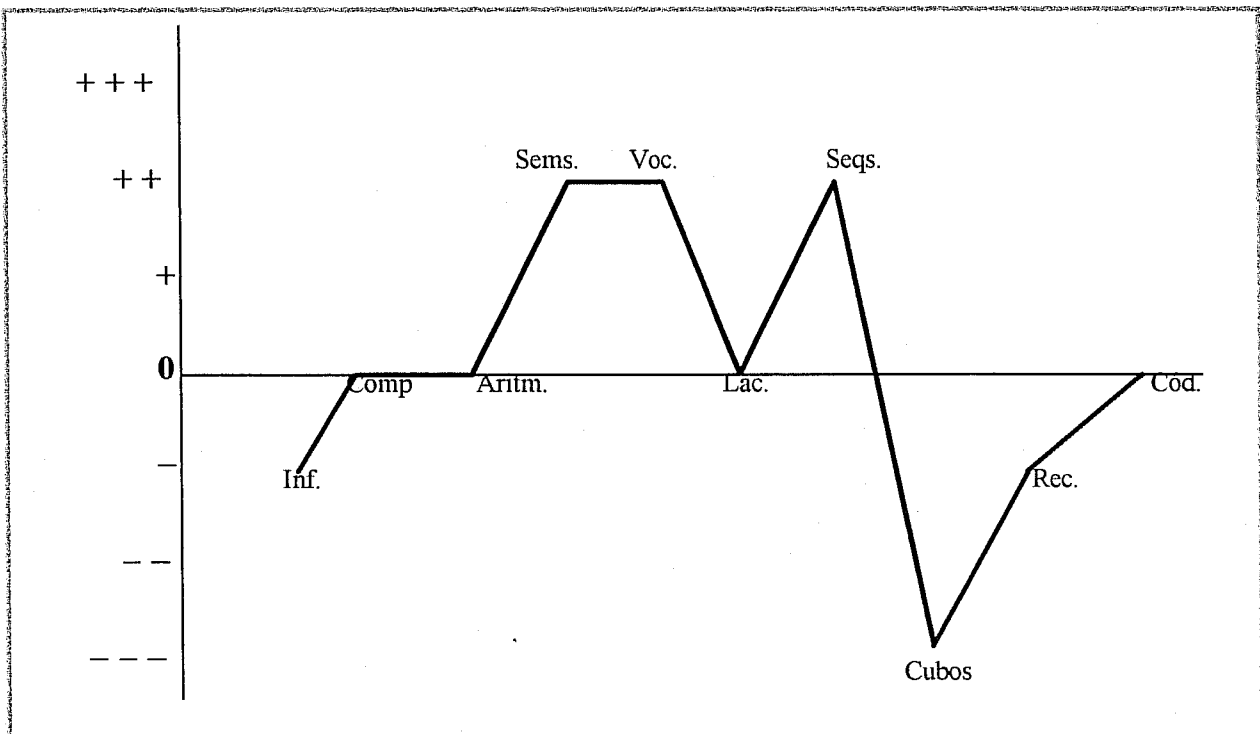
CASO Nº 14

$Q.I.V - Q.I.R = 13$

$\bar{x}_i = 16$

SCATTER DA ESCALA COMPLETA

	11,5	13	14,5	16	17,5	19	(20,5)
	---	--	-	0	+	++	+++
Cubos							
			Informação Reconstituição	Aritmética Compreensão Lacunas Código		Vocabulário Sequências Semelhanças	



Caso Nº 14

SEXO: Feminino

IDADE: 8 anos e 7 meses

Extractos do Protocolo

Compreensão

10 - Naufrágio - "As crianças não sabiam nadar, morriam. E o mar é muito fundo, as mulheres tinham que as levar na barriga."

Aritmética

Soma em vez de multiplicar.

Comenta: - "Eu para fazer contas de dividir de cabeça é muito difícil!"

Semelhanças

12 - Montanha-lago - "São dois seres não vivos."

14 - Liberdade-justiça - "São assim um género universal."

Vocabulário

8 - Burro - "É um cavalo que não é burro porque é inteligente."

13 - Disparate - "É uma pessoa que tem uma coisa que não é muito normal. A mãe não gosta."

Lacunas

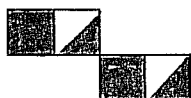
14 - Galo - "O outro olho e a outra asa."

15 - Perfil - "O outro olho e a outra sobrancelha."

Cubos

1 e 2 - Faz associações de peças duas a duas.

Explo:



3 e 4 - Constrói os modelos na diagonal.

Reconstituição

Face - Troca o olho com a boca e não acaba.

Caso Nº 15

SEXO: Feminino

IDADE: 9 anos e 1 mês

$QI_V = 110$	$QI_R = 124$
Médio	Superior
$QI_T = 119$	
Normal brilhante	

ESCALA VERBAL:

Informação	8
Compreensão	13
Aritmética	13
Semelhanças	13
Vocabulário	11
	<hr/>
	$\Sigma_V = 58$

ESCALA DE REALIZAÇÃO:

Lacunas	12
Sequências	14
Cubos	15
Reconstituição	17
Código	11
	<hr/>
	$\Sigma_R = 69$
	$\Sigma_T = 127$

CASO Nº 15

$Q.I.V - Q.I.R = 14$

$\bar{x}_v = 11,6$

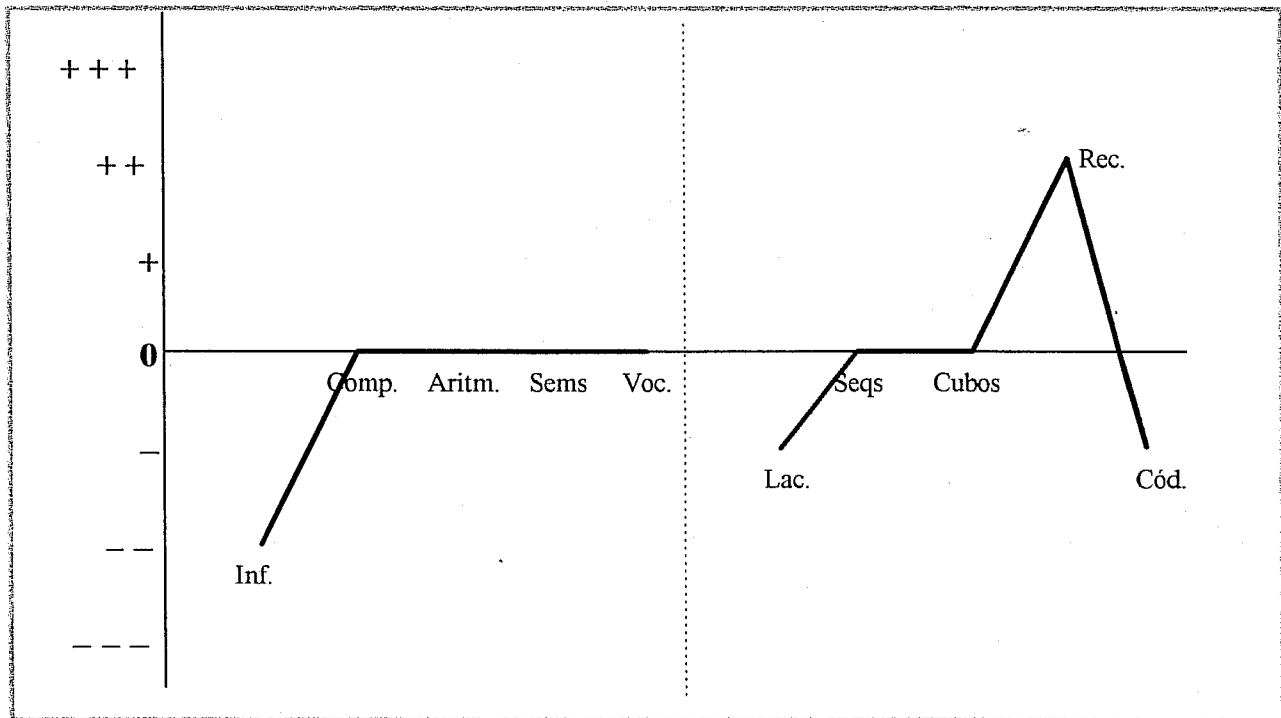
$\bar{x}_r = 13,8$

SCATTER VERBAL

	7,1	8,6	10,1	11,6	13,1	14,6	16,1
	---	--	-	0	+	++	+++
	Informação		Compreensão	Aritmética	Semelhanças	Vocabulário	

SCATTER DE REALIZAÇÃO

	9,3	10,8	12,3	13,8	15,3	16,8	18,3
	---	--	-	0	+	++	+++
		Lacunas	Sequências	Códigos		Reconstituição	



Caso Nº 15

SEXO: Feminino

IDADE: 9 anos e 1 mês

Extractos do Protocolo**Informação**

- 7 - Dias-semana - "Trinta e um."
- 8 - Par - "Um."
- 16 - Pôr-do-Sol - "À volta da terra."

Compreensão

- 7 - Criminosos - "Porque eles fazem mal, prendem os polícias. (Q) E depois vão para a prisão."
- 10 - Naufrágio - "Porque os filhos têm as mães e então ajudam os filhos porque eles são mais pequenos. Como os filhos nascem da barriga da mãe então ela tem que tratar e dar a maminha aos bebés."

Semelhanças

- 5 - Ameixa-pêssego - "Porque são quase parecidos, todos redondos. É tudo redondo, tudo liso!"
- 6 - Gato-Rato - "Têm os bigodes quase iguais e os nomes são quase iguais. Sim, são iguais!"

Vocabulário

- 6 - Prego - "É alguma coisa para prender alguma coisa."
- 8 - Burro - "É um ser ... como os outros! Não, faz hi-hó, hi-hó!"
- 12 - Valente - "É um homem."
- 16 - Herói - "É sempre um homem!"
- 21 - Desinfectar - "É tratar os pensos que nós estamos aleijados."

Lacunas

- 14 - Galo - "A outra asa. O outro olho aqui."
- 15 - Perfil - "Um bocadinho do cabelo deste lado."

Código

Muito lenta, referencia-se constantemente ao modelo.

AVALIAÇÃO PSICOMOTORA:
- ESPACIALIZAÇÃO
- LATERALIDADE
- ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL

CASO Nº 1

SEXO: Feminino

IDADE: 7 anos e 1 mês

A - ESPACIALIZAÇÃO**1 - Orientação espacial** (Teste de Piaget)**1.1 - Noção D/E em si:**

Troca D/E - diz que escreve com a mão esquerda mas é destra quanto à lateralidade de utilização. Não conhece D/E.

1.2 - Noção D/E no outro face a face:

Em espelho e com inversão D/E.

2 - Estruturação espacial (Teste da Figura Complexa de Rey)**2.1 - Tipo de reprodução espacial:****2.1.1 - Presença do modelo** (Cópia):

"Justaposição de detalhes" → "Contorno geral da figura" (Tipo IV → Tipo III).

2.1.2 - Ausência do modelo (Memória):

"Justaposição de detalhes" → "Contorno geral da figura" (Tipo IV → Tipo III).

2.2 - Exactidão da reprodução espacial:**2.2.1 - Presença do modelo** (Cópia):

Pontos - Percentil 50

Tempo - Percentil 100

2.2.2 - Ausência do modelo (Memória):

Pontos - Percentil 30

Tempo - Percentil 25

2.3 - Execução de gestos (Teste de Head):**2.3.1 - Imitação do outro face a face:**

Em espelho.

2.3.2 - Através de ordem oral:

Grande hesitação inicial e resposta errada por desconhecimento e dificuldade de articulação de duas ordens.

B - LATERALIDADE**1- Tipo de lateralidade:** (Teste de Galifret-Granjon)

(Homogénea: destra/esquerdina; Cruzada)

Cruzada - Predominância D

Mão: E Pé: D Olho: D

2 - Pesquisa de sincinésias: (Teste das “Marionetas”)

(De utilização/Axiais)

Sincinésias de utilização da mão E.

C - ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL (Teste de Mira Stamback)**1 - Ritmo espontâneo:**

Com retardamentos e acelerações.

2 - Reprodução de estruturas rítmicas:

Precipitação no início das reproduções.

Total: 5 erros.

CASO Nº 2

SEXO: Feminino

IDADE: 10 anos e 6 meses

A - ESPACIALIZAÇÃO**1 - Orientação espacial (Teste de Piaget)****1.1 - Noção D/E em si:**

Conhece com truque ("A mão direita dá estalinhos nos ossos quando abana.")

1.2 - Noção D/E no outro face a face:

Em espelho.

2 - Estruturação espacial (Teste da Figura Complexa de Rey)**2.1 - Tipo de reprodução espacial:****2.1.1 - Presença do modelo (Cópia):**

"Justaposição de detalhes".

2.1.2 - Ausência do modelo (Memória):

Reprodução simétrica, reportando-se a um "esquema familiar" pelo processo de "justaposição de detalhes" (Tipo IV / Tipo VI).

2.2 - Exactidão da reprodução espacial:**2.2.1 - Presença do modelo (Cópia):**

Pontos - Percentil $25 < p < 30$

Tempo - Percentil 10

2.2.2 - Ausência do modelo (Memória):

Pontos - Percentil $p < 10$

Tempo - Percentil 10

2.3 - Execução de gestos (Teste de Head):**2.3.1 - Imitação do outro face a face:**

Em espelho, com acertos ocasionais após grandes hesitações..

2.3.2 - Através de ordem oral:

Frequentes inversões e acertos ocasionais.

B - LATERALIDADE**1- Tipo de lateralidade: (Teste de Galifret-Granjon)**

(Homogénea: destra/esquerdina; Cruzada)

Homogénea - esquerdina

Mão: E Pé: E Olho: E

2 - Pesquisa de sincinésias: (Teste das “Marionetas”)

(De utilização/Axiais)

Sincinésias de utilização da mão E.

C - ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL (Teste de Mira Stamback)**1 - Ritmo espontâneo:**

Não mantém ritmo homogéneo. Evidencia timidez e dificuldade de iniciativa. Precisa ser incentivada.

2 - Reprodução de estruturas rítmicas:

Total: 1 erro.

CASO Nº 3

SEXO: Masculino

IDADE: 6 anos e 3 meses

A - ESPACIALIZAÇÃO**1 - Orientação espacial (Teste de Piaget)****1.1 - Noção D/E em si:**

Conhece com truque ("A mão esquerda é a do relógio."), mas engana-se frequentemente.

1.2 - Noção D/E no outro face a face:

Em espelho.

2 - Estruturação espacial (Teste da Figura Complexa de Rey)**2.1 - Tipo de reprodução espacial:****2.1.1 - Presença do modelo (Cópia):**

"Justaposição de detalhes" (Tipo IV), com acentuação dos vectores alto/baixo; esquerda/direita.

2.1.2 - Ausência do modelo (Memória):

"Justaposição de detalhes" (Tipo IV), com acentuação dos vectores alto/baixo; esquerda/direita.

2.2 - Exactidão da reprodução espacial:**2.2.1 - Presença do modelo (Cópia):**

Pontos - Percentil p<10

Tempo - Percentil 75

2.2.2 - Ausência do modelo (Memória):

Pontos - Percentil p<10

Tempo - Percentil 75

2.3 - Execução de gestos (Teste de Head):**2.3.1 - Imitação do outro face a face:**

Em espelho.

2.3.2 - Através de ordem oral:

Não reconhece D/E, faz erros frequentes e acertos ocasionais

B - LATERALIDADE

- 1- **Tipo de lateralidade:** (Teste de Galifret-Granjon)
(Homogénea: destra/esquerdina; Cruzada)
Não está lateralizado mas usa preferencialmente a mão E.
Mão: E Pé: Indiscriminado Olho: Indiscriminado

- 2 - **Pesquisa de sincinésias:** (Teste das “Marionetas”)
(De utilização/Axiais)
Sincinésias axiais da mão E.

C - ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL (Teste de Mira Stamback)

- 1 - **Ritmo espontâneo:**
Caótico.
- 2 - **Reprodução de estruturas rítmicas:**
Total: 6 erros.

CASO Nº 4**SEXO: Feminino****IDADE: 11 anos e 3 meses****A - ESPACIALIZAÇÃO****1 - Orientação espacial (Teste de Piaget)****1.1 - Noção D/E em si:**

Adquirida.

1.2 - Noção D/E no outro face a face:

Adquirida.

2 - Estruturação espacial (Teste da Figura Complexa de Rey)**2.1 - Tipo de reprodução espacial:****2.1.1 - *Presença do modelo* (Cópia):**

"Contorno geral da figura" (Tipo III).

2.1.2 - *Ausência do modelo* (Memória):

"Contorno geral da figura" (Tipo III).

2.2 - Exactidão da reprodução espacial:**2.2.1 - *Presença do modelo* (Cópia):**

Pontos - Percentil 50

Tempo - Percentil 25

2.2.2 - *Ausência do modelo* (Memória):

Pontos - Percentil 10

Tempo - Percentil 50

2.3 - Execução de gestos (Teste de Head):**2.3.1 - *Imitação do outro face a face:***

Bem após ligeiras hesitações iniciais pontuais.

2.3.2 - *Através de ordem oral:*

Bem com ligeiras hesitações.

B - LATERALIDADE**1- Tipo de lateralidade:** (Teste de Galifret-Granjon)

(Homogénea: destra/esquerdina; Cruzada)

Cruzada - Predominância lateral D.

Mão: E Pé: D Olho: D

2 - Pesquisa de sincinésias: (Teste das “Marionetas”)

(De utilização/Axiais)

Ausência de sincinésias.

C - ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL (Teste de Mira Stamback)**1 - Ritmo espontâneo:**

Não mantém ritmo uniforme. Alguma timidez e afrouxamento inicial.

2 - Reprodução de estruturas rítmicas:

Total: 2 erros.

CASO Nº 5

SEXO: Feminino

IDADE: 9 anos e 10 meses

A - ESPACIALIZAÇÃO**1 - Orientação espacial** (Teste de Piaget)**1.1 - Noção D/E em si:**

Adquirida.

1.2 - Noção D/E no outro face a face:

Adquirida.

2 - Estruturação espacial (Teste da Figura Complexa de Rey)**2.1 - Tipo de reprodução espacial:****2.1.1 - Presença do modelo** (Cópia):

"Justaposição de detalhes" com tendência a efectuar o "Contorno geral da figura" (Tipo IV → Tipo III).

2.1.2 - Ausência do modelo (Memória):

"Justaposição de detalhes" com tendência para o "Contorno geral da figura" (Tipo → Tipo III).

2.2 - Exactidão da reprodução espacial:**2.2.1 - Presença do modelo** (Cópia):

Pontos - Percentil 40

Tempo - Percentil 40

2.2.2 - Ausência do modelo (Memória):

Pontos - Percentil 20

Tempo - Percentil 50

2.3 - Execução de gestos (Teste de Head):**2.3.1 - Imitação do outro face a face:**

Correcta e rápida.

2.3.2 - Através de ordem oral:

Correcta e rápida.

B - LATERALIDADE**1 - Tipo de lateralidade:** (Teste de Galifret-Granjon)

(Homogénea: destra/esquerdina; Cruzada)

Cruzada - Predominância lateral D.

Mão: E Pé: D Olho: D

2 - Pesquisa de sincinésias: (Teste das “Marionetas”)

(De utilização/Axiais)

Sincinésias de utilização moderadas da mão E (ligeira crispação).

C - ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL (Teste de Mira Stamback)**1 - Ritmo espontâneo:**

Não mantém ritmo cadenciado. Aceleração ligeira e progressiva.

2 - Reprodução de estruturas rítmicas:

Total: 1 erro.

CASO Nº 6**SEXO: Feminino****IDADE: 6 anos e 5 meses****A - ESPACIALIZAÇÃO****1 - Orientação espacial (Teste de Piaget)****1.1 - Noção D/E em si:**

Adquirida através de truque ("A esquerda porque é a do relógio.").

1.2 - Noção D/E no outro face a face:

Em espelho.

2 - Estruturação espacial (Teste da Figura Complexa de Rey)**2.1 - Tipo de reprodução espacial:****2.1.1 - *Presença do modelo* (Cópia):**

"Justaposição de detalhes" (Tipo IV).

2.1.2 - *Ausência do modelo* (Memória):

"Justaposição de detalhes" (Tipo IV).

2.2 - Exactidão da reprodução espacial:**2.2.1 - *Presença do modelo* (Cópia):**

Pontos - Percentil 25

Tempo - Percentil 75

2.2.2 - *Ausência do modelo* (Memória):

Pontos - Percentil $10 < p < 25$

Tempo - Percentil 75

2.3 - Execução de gestos (Teste de Head):**2.3.1 - *Imitação do outro face a face:***

Correcta após hesitações iniciais.

2.3.2 - *Através de ordem oral:*

Correcta após hesitações iniciais.

B - LATERALIDADE**1- Tipo de lateralidade** (Teste de Galifret-Granjon):

(Homogénea: destra/esquerdina; Cruzada)

Não está bem lateralizada, mas usa preferencialmente a mão esquerda.

Mão: E Pé: Indiscriminado Olho: Indiscriminado

2 - Pesquisa de sincinésias: (Teste das “Marionetas”)

(De utilização/Axiais)

Sincinésias de utilização moderadas da mão E (distensões ligeiras da mão E).

C - ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL (Teste de Mira Stamback)**1 - Ritmo espontâneo**:

Acelerado e irregular.

2 - Reprodução de estruturas rítmicas:

Total: 8 erros.

CASO N° 7

SEXO: Masculino

IDADE: 8 anos e 5 meses

A - ESPACIALIZAÇÃO**1 - Orientação espacial (Teste de Piaget)****1.1 - Noção D/E em si:**

Não adquirida embora referencie ocasionalmente através de truque ("Direita é a que não tem o relógio").

1.2 - Noção D/E no outro face a face:

Em espelho.

2 - Estruturação espacial (Teste da Figura Complexa de Rey)**2.1 - Tipo de reprodução espacial:****2.1.1 - Presença do modelo (Cópia):**

"Contorno geral" - "Justaposição de detalhes" (Tipo III - Tipo IV). O interior da figura não tem orientação.

2.1.2 - Ausência do modelo (Memória):

"Contorno geral" - "Justaposição de detalhes" (Tipo III - Tipo IV). Interior omitido quase na totalidade.

2.2 - Exactidão da reprodução espacial:**2.2.1 - Presença do modelo (Cópia):**

Pontos - Percentil $p < 10$

Tempo - Percentil 100

2.2.2 - Ausência do modelo (Memória):

Pontos - Percentil $10 < p < 20$

Tempo - Percentil 100

2.3 - Execução de gestos (Teste de Head):**2.3.1 - Imitação do outro face a face:**

Em espelho com acertos ocasionais.

2.3.2 - Através de ordem oral:

Um pouco ao acaso.

B - LATERALIDADE**1 - Tipo de lateralidade:** (Teste de Galifret-Granjon)

(Homogénea: destra/esquerdina; Cruzada)

Cruzada - Predominância lateral D.

Mão: E Pé: D Olho: D

2 - Pesquisa de sincinésias: (Teste das “Marionetas”)

(/Axiais)

Sincinésias de utilização moderadas da mão E.

C - ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL (Teste de Mira Stamback)**1 - Ritmo espontâneo:**

Desordenado.

2 - Reprodução de estruturas rítmicas:

Total: 3 erros.

CASO Nº 8

SEXO: Masculino

IDADE: 11 anos e 2 meses

A - ESPACIALIZAÇÃO**1 - Orientação espacial (Teste de Piaget)****1.1 - Noção D/E em si:**

Adquirida mas com hesitações nas respostas.

1.2 - Noção D/E no outro face a face:

Em espelho.

2 - Estruturação espacial (Teste da Figura Complexa de Rey)**2.1 - Tipo de reprodução espacial:****2.1.1 - Presença do modelo (Cópia):**

"Contorno geral da figura" (Tipo III).

2.1.2 - Ausência do modelo (Memória):

"Contorno geral da figura" com tendência a "Justaposição de detalhes" (Tipo III / Tipo IV).

2.2 - Exactidão da reprodução espacial:**2.2.1 - Presença do modelo (Cópia):**

Pontos - Percentil 50

Tempo - Percentil 75

2.2.2 - Ausência do modelo (Memória):

Pontos - Percentil 25

Tempo - Percentil 100

2.3 - Execução de gestos (Teste de Head):**2.3.1 - Imitação do outro face a face:**

Com alguns erros devido a respostas em espelho.

2.3.2 - Através de ordem oral:

Correcta com hesitações iniciais.

B - LATERALIDADE**1- Tipo de lateralidade:** (Teste de Galifret-Granjon)

(Homogénea: destra/esquerdina; Cruzada)

Cruzada - Predominância lateral D.

Mão: E Pé: D Olho: D

2 - Pesquisa de sincinésias: (Teste das “Marionetas”)

(De utilização/Axiais)

Ausência de sincinésias.

C - ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL (Teste de Mira Stamback)**1 - Ritmo espontâneo:**

Ligeiramente desorganizado devido a retardamentos pontuais e acelerações à retomada.

2 - Reprodução de estruturas rítmicas:

Total: 1 erro.

CASO Nº 9

SEXO: Feminino

IDADE: 7 anos e 11 meses

A - ESPACIALIZAÇÃO**1 - Orientação espacial (Teste de Piaget)****1.1 - Noção D/E em si:**

Adquiriu a noção mas usa truque ("Uso o anel na mão esquerda.").

1.2 - Noção D/E no outro face a face:

Em espelho.

2 - Estruturação espacial (Teste da Figura Complexa de Rey)**2.1 - Tipo de reprodução espacial:****2.1.1 - Presença do modelo (Cópia):**

"Contorno geral da figura" com tendência para a "Justaposição de detalhes" (Tipo III → Tipo IV).

2.1.2 - Ausência do modelo (Memória):

"Justaposição de detalhes" (Tipo IV).

2.2 - Exactidão da reprodução espacial:**2.2.1 - Presença do modelo (Cópia):**

Pontos - Percentil 50

Tempo - Percentil 75

2.2.2 - Ausência do modelo (Memória):

Pontos - Percentil $10 < p < 25$

Tempo - Percentil 100

2.3 - Execução de gestos (Teste de Head):**2.3.1 - Imitação do outro face a face:**

Em espelho.

2.3.2 - Através de ordem oral:

Com erros frequentes após hesitação.

B - LATERALIDADE**1 - Tipo de lateralidade:** (Teste de Galifret-Granjon)

(Homogénea: destra/esquerdina; Cruzada)

Cruzada com predomínio lateral esquerdo.

Mão: E Pé: E Olho: D

2 - Pesquisa de sincinésias: (Teste das “Marionetas”)

(De utilização/Axiais)

Sincinésias de utilização moderadas da mão E (ligeira tensão muscular).

C - ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL (Teste de Mira Stamback)**1 - Ritmo espontâneo:**

Com grandes irregularidades (afrouxamentos e pausas).

2 - Reprodução de estruturas rítmicas:

Total: 4 erros.

CASO Nº 10

SEXO: Masculino

IDADE: 6 anos e 2 meses

A - ESPACIALIZAÇÃO**1 - Orientação espacial** (Teste de Piaget)1.1 - Noção D/E em si:

Adquirida ("Porque é assim que diziam lá na escola.").

1.2 - Noção D/E no outro face a face:

Erros pontuais devido a respostas em espelho, embora reformule após hesitação.

2 - Estruturação espacial (Teste da Figura Complexa de Rey)2.1 - Tipo de reprodução espacial:2.1.1 - *Presença do modelo* (Cópia):

"Justaposição de detalhes" (Tipo IV).

2.1.2 - *Ausência do modelo* (Memória):

"Justaposição de detalhes" (Tipo IV).

2.2 - Exactidão da reprodução espacial:2.2.1 - *Presença do modelo* (Cópia):

Pontos - Percentil $50 < p < 75$

Tempo - Percentil 50

2.2.2 - *Ausência do modelo* (Memória):

Pontos - Percentil $25 < p < 50$

Tempo - Percentil 100

2.3 - Execução de gestos (Teste de Head):2.3.1 - *Imitação do outro face a face:*

Alguns acertos e algumas respostas em espelho.

2.3.2 - *Através de ordem oral:*

Alguns acertos e algumas respostas com inversão D/E, maioritária.

B - LATERALIDADE

- 1- **Tipo de lateralidade:** (Teste de Galifret-Granjon)
(Homogénea: destra/esquerdina; Cruzada)
Ainda não estruturada mas com predomínio à direita.
Mão: D Pé: D Olho: D

- 2 - **Pesquisa de sincinésias:** (Teste das “Marionetas”)
(De utilização/Axiais)
Ausência de sincinésias.

C - ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL (Teste de Mira Stamback)

- 1 - **Ritmo espontâneo:**
Com irregularidades (retardamentos e acelerações).

- 2 - **Reprodução de estruturas rítmicas:**
Total: 7 erros.

CASO Nº 11

SEXO: Feminino

IDADE: 6 anos e 4 meses

A - ESPACIALIZAÇÃO**1 - Orientação espacial** (Teste de Piaget)1.1 - Noção D/E em si:

Adquirida com truque ("Porque é com a mão direita que como com a colher.").

1.2 - Noção D/E no outro face a face:

Em espelho.

2 - Estruturação espacial (Teste da Figura Complexa de Rey)2.1 - Tipo de reprodução espacial:2.1.1 - Presença do modelo (Cópia):

"Regressão a um esquema familiar"/"Justaposição de detalhes" (Tipo VI / Tipo IV).

2.1.2 - Ausência do modelo (Memória):

"Regressão a um esquema familiar"/"Justaposição de detalhes" (Tipo VI / Tipo IV);
(Perde a direcção da folha).

2.2 - Exactidão da reprodução espacial:2.2.1 - Presença do modelo (Cópia):

Pontos - Percentil $p < 10$

Tempo - Percentil 100

2.2.2 - Ausência do modelo (Memória):

Pontos - Percentil $p < 10$

Tempo - Percentil 100

2.3 - Execução de gestos (Teste de Head):2.3.1 - Imitação do outro face a face:

Em espelho com respostas impulsivas e respostas ao acaso.

2.3.2 - Através de ordem oral:

Respostas impulsivas e respostas ao acaso.

B - LATERALIDADE**1- Tipo de lateralidade:** (Teste de Galifret-Granjon)

(Homogénea: destra/esquerdina; Cruzada)

Cruzada - Predominância lateral D.

Mão: E Pé: D Olho: D

2 - Pesquisa de sincinésias: (Teste das “Marionetas”)

(De utilização/Axiais)

Ausência de sincinésias mas grande crispação de movimentos de ambos os braços.

C - ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL (Teste de Mira Stamback)**1 - Ritmo espontâneo:**

Irregular com hesitações e algumas acelerações.

2 - Reprodução de estruturas rítmicas:

Confunde os batimentos, troca tudo e não acerta nenhuma estrutura rítmica.

CASO Nº 12

SEXO: Masculino

IDADE: 6 anos e 9 meses

A - ESPACIALIZAÇÃO**1 - Orientação espacial** (Teste de Piaget)1.1 - Noção D/E em si:

Adquirida.

1.2 - Noção D/E no outro face a face:

Adquirida.

2 - Estruturação espacial (Teste da Figura Complexa de Rey)2.1 - Tipo de reprodução espacial:2.1.1 - *Presença do modelo* (Cópia):

"Justaposição de detalhes" (Tipo IV); (Frequentes inversões das figuras; perdeu a orientação da folha).

2.1.2 - *Ausência do modelo* (Memória):

"Justaposição de detalhes" (Tipo IV); (Perdeu a orientação da folha).

2.2 - Exactidão da reprodução espacial:2.2.1 - *Presença do modelo* (Cópia):Pontos - Percentil $p < 10$

Tempo - Percentil 100

2.2.2 - *Ausência do modelo* (Memória):Pontos - Percentil $p < 10$

Tempo - Percentil 100

2.3 - Execução de gestos (Teste de Head):2.3.1 - *Imitação do outro face a face:*

Correcta mas com hesitações iniciais.

2.3.2 - *Através de ordem oral:*

Correcta mas com hesitações iniciais.

B - LATERALIDADE**1 - Tipo de lateralidade:** (Teste de Galifret-Granjon)

(Homogénea: destra/esquerdina; Cruzada)

Cruzada - Predominância lateral D.

Mão: E Pé: D Olho: D

2 - Pesquisa de sincinésias: (Teste das “Marionetas”)

(De utilização/Axiais)

Ausência de sincinésias (mas não coordena as duas mãos).

C - ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL (Teste de Mira Stamback)**1 - Ritmo espontâneo:**

Correcto, com cadência mantida.

2 - Reprodução de estruturas rítmicas:

Total: 3 erros.

CASO Nº 13SEXO: *Feminino*IDADE: *8 anos***A - ESPACIALIZAÇÃO****1 - Orientação espacial** (Teste de Piaget)1.1 - Noção D/E em si:

Adquirida.

1.2 - Noção D/E no outro face a face:

Adquirida mas com hesitação inicial.

2 - Estruturação espacial (Teste da Figura Complexa de Rey)2.1 - Tipo de reprodução espacial:2.1.1 - *Presença do modelo* (Cópia):

"Contorno geral" → "Justaposição de detalhes" (Tipo III → Tipo IV). Grande confusão na orientação interna.

2.1.2 - *Ausência do modelo* (Memória):

"Contorno geral" → "Justaposição de detalhes" (Tipo III → Tipo IV). Reproduz apenas uma das metades internas da figura.

2.2 - Exactidão da reprodução espacial:2.2.1 - *Presença do modelo* (Cópia):Pontos - Percentil $p < 10$

Tempo - Percentil 75

2.2.2 - *Ausência do modelo* (Memória):Pontos - Percentil $10 < p < 20$

Tempo - Percentil 75

2.3 - Execução de gestos (Teste de Head):2.3.1 - *Imitação do outro face a face:*

Com muitos erros e hesitações, devido a respostas em espelho.

2.3.2 - *Através de ordem oral:*

Com alguns erros por inversões e algumas hesitações na resposta.

B - LATERALIDADE**1 - Tipo de lateralidade** (Teste de Galifret-Granjon)

(Homogénea: destra/esquerdina; Cruzada)

Homogénea - destra.

Mão: D Pé: D Olho: D

2 - Pesquisa de sincinésias: (Teste das “Marionetas”)

(De utilização/Axiais)

Ausência de sincinésias.

C - ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL (Teste de Mira Stamback)**1 - Ritmo espontâneo**:

Aceleração inicial e dificuldade em manter o ritmo.

2 - Reprodução de estruturas rítmicas:

Total: 4 erros.

CASO Nº 14

SEXO: Feminino

IDADE: 8 anos e 7 meses

A - ESPACIALIZAÇÃO**1 - Orientação espacial** (Teste de Piaget)1.1 - Noção D/E em si:

Adquirida, com truque ("Mão direita é a que não tem o relógio.").

1.2 - Noção D/E no outro face a face:

Adquirida.

2 - Estruturação espacial (Teste da Figura Complexa de Rey)2.1 - Tipo de reprodução espacial:2.1.1 - *Presença do modelo* (Cópia):

"Justaposição de detalhes" (Tipo IV). Começa de baixo para cima e da D para a E.

2.1.2 - *Ausência do modelo* (Memória):

"Justaposição de detalhes" (Tipo IV).

2.2 - Exactidão da reprodução espacial:2.2.1 - *Presença do modelo* (Cópia):

Pontos - Percentil $20 < p < 25$

Tempo - Percentil 100

2.2.2 - *Ausência do modelo* (Memória):

Pontos - Percentil $20 < p < 25$

Tempo - Percentil 100

2.3 - Execução de gestos (Teste de Head):2.3.1 - *Imitação do outro face a face:*

Correcta após erros iniciais corrigidos e hesitações.

2.3.2 - *Através de ordem oral:*

Inversões com alguns acertos.

B - LATERALIDADE**1- Tipo de lateralidade:** (Teste de Galifret-Granjon)

(Homogênea: destra/esquerdina; Cruzada)

Cruzada - Predominância lateral E.

Mão: E Pé: E Olho: D

2 - Pesquisa de sincinésias: (Teste das “Marionetas”)

(De utilização/Axiais)

Sincinésias de utilização da mão E (musculatura um pouco tensa).

C - ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL (Teste de Mira Stamback)**1 - Ritmo espontâneo:**

Lentidão inicial e afrouxamentos que não permitem manter a cadência rítmica.

2 - Reprodução de estruturas rítmicas:

Total: 2 erros.

CASO Nº 15

SEXO: Feminino

IDADE: 9 anos e 1 mês

A - ESPACIALIZAÇÃO**1 - Orientação espacial (Teste de Piaget)****1.1 - Noção D/E em si:**

Adquirida.

1.2 - Noção D/E no outro face a face:

Não adquirida. Respostas hesitantes e um pouco ao acaso.

2 - Estruturação espacial (Teste da Figura Complexa de Rey)**2.1 - Tipo de reprodução espacial:****2.1.1 - Presença do modelo (Cópia):**

"Contorno geral" (Tipo III).

2.1.2 - Ausência do modelo (Memória):

"Contorno geral" (Tipo III). Com linhas directoras centrais mas um pouco vazia.

2.2 - Exactidão da reprodução espacial:**2.2.1 - Presença do modelo (Cópia):**

Pontos - Percentil 25

Tempo - Percentil 50

2.2.2 - Ausência do modelo (Memória):

Pontos - Percentil < 10

Tempo - Percentil 25

2.3 - Execução de gestos (Teste de Head):**2.3.1 - Imitação do outro face a face:**

Incorrecções por inversão e hesitações. Não coordena duas premissas.

2.3.2 - Através de ordem oral:

Incorrecções por inversão e hesitações. Não coordena duas premissas.

B - LATERALIDADE**1- Tipo de lateralidade:** (Teste de Galifret-Granjon)

(Homogênea: destra/esquerdina; Cruzada)

Cruzada - Predominância lateral D.

Mão: E Pé: D Olho: D

2 - Pesquisa de sincinésias: (Teste das “Marionetas”)

(De utilização/Axiais)

Ausência de sincinésias.

C - ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL (Teste de Mira Stamback)**1 - Ritmo espontâneo:**

Dificuldade em manter uma cadência por hesitações e acelerações.

2 - Reprodução de estruturas rítmicas:

Total: 2 erros.

PSICOGRAMAS DE RORSCHACH

Caso N° 1

SEXO: Feminino

IDADE: 7 anos e 1 mês

R = 33 ↗

Recusas = 0

Modos de apreensão

Determinantes

Conteúdos

<p>G = 5 (15%)</p> <p>D = 24 (73%)</p> <p>Dd = 3 (9%)</p> <p>Dbl = 0</p> <p>Do = 1 (3%)</p>	<p>Dd/G = 1</p> <p>D/G = 1</p> <p>G = 1</p>	<p>F = 18</p> <p>K = 3</p> <p>Kp = 1</p> <p>Kan = 3</p> <p>Kob = 1</p> <p>FC = 3</p> <p>CF = 3</p> <p>C = 0</p> <p>FE = 0</p> <p>EF = 0</p> <p>E = 0</p> <p>FClob = 1</p> <p>ClobF = 0</p> <p>Clob = 0</p>	<p>F+ = 8</p> <p>F- = 10</p> <p>F± = 0</p> <p>A = 13</p> <p>Ad = 1</p> <p>H = 4</p> <p>Hd = 2</p> <p>Obj = 8 (24%)</p> <p>Anat = 1 (3%)</p> <p>Bot = 2 (6%)</p> <p>Arq = 1 (3%)</p> <p>Alim = 1 (3%)</p>	<p>A = 10</p> <p>A/(H) = 1</p> <p>A/Bot = 2</p> <p>H = 2</p> <p>(H) = 1</p> <p>H/Bot = 1</p> <p>Obj = 6</p> <p>Vest/Obj = 1</p> <p>Obj/(H) = 1</p> <p>Bot = 1</p> <p>Bot/Arq = 1</p>
--	--	--	--	---

T. Apreensão :

F % = 55% ↘↘

A % = 42% ↗

\bar{G} \underline{D} \bar{Dd} \bar{Dbl} \bar{Do}

F+ % = 17

H % = 18% ↗

H % = 15%
(H) % = 3%

TRI : 6 K/ 4,5 C

F % a = 91% ↗↗

Ban = 5 ↗

Ban = 4

Introversivo Misto

F+ % a = 90% ↗↗

(II, III, V, VIII, X)

(Ban) = 1

RC % = 36% =

Elem. Qualitativos :

Escolhas + : III e VIII

Eq. Choque: I; IX

Escolhas - : IV e IX

Caso Nº 2

SEXO: Feminino

IDADE: 10 anos e 6 meses

R = 25 = ∟

Recusas = 0

Modos de Apreensão

Determinantes

Conteúdos

<p>G = 18 (72%)</p> <p>D = 7 (28%)</p> <p>Dd = 0</p> <p>Dbl = 0</p> <p>Do = 0</p>	<p>G = 8</p> <p>G/bl = 2</p> <p>D/G = 5</p> <p>Dd/G = 3</p>	<p>F = 21</p> <p>K = 0</p> <p>Kp = 0</p> <p>Kan = 2</p> <p>Kob = 0</p> <p>FC = 1</p> <p>CF = 0</p> <p>C = 0</p> <p>FE = 0</p> <p>EF = 0</p> <p>E = 0</p> <p>FClob = 1</p> <p>ClobF = 0</p> <p>Clob = 0</p>	<p>F+ = 6</p> <p>F- = 15</p> <p>F± = 0</p>	<p>A = 22</p> <p>Ad = 1</p> <p>H = 0</p> <p>Hd = 1</p> <p>Bot = 1 (4%)</p>
---	---	--	--	--

<p>T. Apreensão :</p> <p>$\overline{\overline{G}} \overline{\overline{D}} \overline{\overline{Dd}} \overline{\overline{Dbl}} \overline{\overline{Do}}$</p> <p>TRI : 2 K / 0,5 C</p> <p>Introversivo Misto</p> <p>RC % = 16% ∟∟</p> <p>Escolhas + : V e VII</p> <p>Escolhas - : VI e X</p>	<p>F % = 84% ∟∟</p> <p>F+ % = 29% ∟∟</p> <p>F % a = 100% ∟∟</p> <p>F+ % a = 40% ∟∟</p> <p>Elem. Qualitativos :</p> <p>Eq. Choque: VII</p> <p>Choque Cor: III</p> <p>Choque Inicial : I</p>	<p>A% = 92% ∟∟</p> <p>H% = 4% ∟∟</p> <p>Ban = 4 = (I, V, VIII, X)</p> <p>Ban = 3 (Ban) = 1</p>
---	---	--

Caso N° 3

SEXO: Masculino

IDADE: 6 anos e 3 meses

R = 12 ∩∩

Recusas = 0

Modos de apreensão

Determinantes

Conteúdos

G = 6

(50%)

D = 6

(50%)

Dd = 0

Dbl = 0

Do = 0

F = 8

K = 0

Kp = 0

Kan = 0

Kob = 1

FC = 0

CF = 0

C = 1

FE = 0

EF = 0

E = 0

FClob = 2

ClobF = 0

Clob = 0

F+ = 4

F- = 4

F± = 0

A = 5

Ad = 0

H = 1

Hd = 0

Vest/Obj = 1

Bot = 2

(16%)

Arq = 1

(8%)

Sg = 1

(8%)

Abst/Frag = 1

H = 0

(H) = 1

T. Apreensão :

F % = 67% = ∩∩

A % = 42% ∩

G D Dd Dbl Do

F+ % = 50% ∩

H % = 8% ∩

H % = 0

(H) % = 8%

TRI : 0 K / 1,5 C
Extratensivo Puro

F % a = 92% ∩∩

Ban = 2 ∩

RC % = 25% = ∩

F+ % a = 82% ∩∩

(V, VIII)

Elem. Qualitativos :

Escolhas + : VI e VII

Choque Cor: II

Comentário

Escolhas - : II e III

Eq. Choque: III; VII

Cor: VIII

Caso N° 4

SEXO: Feminino

IDADE: 11 anos e 3 meses

R = 9 ∩∩

Recusas = 1 (X)

Modos de apreensão

Determinantes

Conteúdos

G = 5

(56%)

D = 4

(44%)

Dd = 0

Dbl = 0

Do = 0

F = 4

K = 1

Kp = 0

Kan = 3

Kob = 0

FC = 0

CF = 0

C = 0

FE = 0

EF = 0

E = 0

FClob = 1

ClobF = 0

Clob = 0

F+ = 2

F- = 1

F± = 1

A = 7

Ad = 0

H = 2

Hd = 0

H = 1

(H) = 1

T. Apreensão :

F % = 44% ∩∩

A % = 78% ∩∩

G D̄ Dd Dbl Do

F+ % = 44%

H % = 22% ∩

H % = 11%

(H) % = 11%

TRI : 4 K / 0 C

F % a = 100% ∩∩

Intratensivo Puro

Ban = 3 ∩

Ban = 2

F+ % a = 83% ∩

(II, III, VIII)

(Ban) = 1

RC % = 22% ∩

Elem. Qualitativos :

Escolhas + : II e VII

Eq. Choque: II; IX

Choque: X

Escolhas - : IV e I

Crítica Subjectiva: VIII

Caso N° 5

SEXO: Feminino

IDADE: 9 anos e 10 meses

R = 18 ↗

Recusas = 1 (II)

Modos de Apreensão

Determinantes

Conteúdos

G = 7 (39%)	F = 14	F+ = 9 F- = 5 F± = 0	A = 5	H = 1 (H) = 1 H/Estátua = 1
D = 11 (61%)			Ad = 0	
Dd = 0	K = 1		H = 3	
Dbl = 0	Kp = 0			Hd = 2 (Hd) = 1 H/Estátua = 1
Do = 0	Kan = 1		Hd = 4	
	Kob = 0			Obj = 3 (17%) Vest/Obj = 2
	FC = 0		Obj = 3 (17%)	
	CF = 0		Anat = 1 (6%)	
	C = 0		Bot = 1 (6%)	
	FE = 0		Arq = 1 (6%)	
	EF = 0			
	E = 0			
	FClob = 2			
	ClobF = 0			
	Clob = 0			

T. Apreensão :	F % = 78% = ↗	A % = 28% ↘↘
<u>G</u> <u>D</u> Dd Dbl Do	F+ % = 64% ↘	H % = 39% ↗↗ H % = 28% (H) % = 11%
TRI : 2K / 0C	F % a = 100% ↗↗	
Intratensivo Puro		Ban = 5 ↗ Ban = 4 (Ban) = 1
RC % = 44% ↗	F+ % a = 72% = ↘	(III; V; VIII; X)
	Elem. Qualitativos :	
Escolhas + : VII e IX	Eq. Choque: I	
Escolhas - : I e II	Choque: II	

Caso N° 6

SEXO: Feminino

IDADE: 6 anos e 5 meses

R = 13 ∽∽

Recusas = 0

Modos de apreensão

Determinantes

Conteúdos

<p>G = 12 (92%)</p> <p>D = 1 (8%)</p> <p>Dd = 0</p> <p>Dbl = 0</p> <p>Do = 0</p>	<p>G = 5</p> <p>G/bl = 6</p> <p>D/G = 1</p>	<p>F = 9</p> <p>K = 0</p> <p>Kp = 0</p> <p>Kan = 0</p> <p>Kob = 0</p> <p>FC = 1</p> <p>CF = 0</p> <p>C = 0</p> <p>FE = 0</p> <p>EF = 0</p> <p>E = 0</p> <p>FClob = 3</p> <p>ClobF = 0</p> <p>Clob = 0</p>	<p>F+ = 3</p> <p>F- = 5</p> <p>F± = 1</p>	<p>A = 2</p> <p>Ad = 3</p> <p>H = 1</p> <p>Hd = 4</p> <p>Obj = 3 (23%)</p>	<p>H = 0</p> <p>(H) = 1</p> <p>Hd = 1</p> <p>(Hd) = 2</p> <p>Hd/Ad = 1</p> <p>Obj = 2</p> <p>Másc/Obj = 1</p>
---	--	---	--	---	--

T. Apreensão :	F % = 69% = ∽	A % = 38% ∽
G $\overline{\text{D}}$ Dd Dbl Do	F+ % = 33%	H % = 38% ↗↗ H % = 15% (H) % = 23%
TRI : 0 K/ 0,5 C Coartativo	F % a = 100% ↗↗	Ban = 1 ∽∽
RC % = 31% =	F+ % a = 50% ∽	(V)
Escolhas + : IX e X	Elem. Qualitativos :	
Escolhas - : I e IV	Eq. Choque: III; IX	

Caso N° 7

SEXO: Masculino

IDADE: 8 anos e 5 meses

R = 26 =

Recusas = 0 (Tendência Recusa: I; IX)

Modos de apreensão

Determinantes

Conteúdos

G = 4 (15%)	G = 3 G = 1	F = 16	F+ = 8 F- = 8 F± = 0	A = 12 Ad = 0 H = 5	A = 11 (A) = 1 H = 4 (H) = 1
D = 22 (85%)	D = 21 D/bl = 1	K = 2 Kp = 0 Kan = 3 Kob = 2		Obj = 4 (15%) Arq = 1 (4%) Geo = 1 (4%) Frag = 3 (12%)	Obj = 3 Vest/Obj = 1
Dd = 0 Dbl = 0 Do = 0		FC = 0 CF = 2 C = 0 FE = 0 EF = 1 E = 0 FClob = 1 ClobF = 0 Clob = 0			

T. Apreensão :	F % = 62% ↘	A % = 46% = ↘	A % = 42% (A) % = 4%
\bar{G} D Dd Dbl Do	F+ % = 50%	H % = 19% ↗	H % = 15% (H) % = 4%
TRI : 5 K/3 C	F % a = 85% ↗↗	Ban = 4 =	Ban = 3 (Ban) = 1
Intratensivo Misto	F+ % a = 50% ↘↘	(III, V, VIII)	
RC % = 46% ↗	Elem. Qualitativos :		
Escolhas + : VII e VIII	Eq. Choque: I; VI; X		
Escolhas - : IV e VI	Choque: IX		

Caso N° 8

SEXO: Masculino

IDADE: 11 anos e 2 meses

R = 14 =

Recusas = 1 (VIII)

Modos de Apreensão

Determinantes

Conteúdos

G = 10 (72%)	G = 8 G/bl = 2	F = 12	F+ = 3 F- = 8 F± = 1	A = 10 Ad = 1 H = 0 Hd = 1	A = 9 (A) = 1 Hd = 0 (Hd) = 1
D = 3 (21%)	D = 0 D/bl = 2 Dbl/D = 1	K = 0 Kp = 0 Kan = 0 Kob = 0		Frag = 2 (14%)	
Dd = 0					
Dbl = 1 (7%)		FC = 0			
Do = 0		CF = 0 C = 1			
		FE = 0 EF = 0 E = 0			
		FClob = 0 ClobF = 1 Clob = 0			

T. Apreensão :	F % = 86% ↗↗	A % = 78% ↗↗	A % = 71% (A) % = 7%
<u>G</u> <u>D</u> <u>Dd</u> <u>Dbl</u> <u>Do</u>	F+ % = 29% ↘↘	H % = 7% ↘↘	H % = 0 (H) % = 7%
TRI : 0 K/ 1,5 C	F % a = 86% ↗↗	Ban = 2 ↘	
Extratensivo Puro	F+ % a = 29% ↗↗	(I, V)	
RC % = 21% ↘			
	Elem. Qualitativos :		
Escolhas + : III e X	Eq. Choque: II, IV, VII		
Escolhas - : VIII e IX	Choque: VIII		

Caso N° 9

SEXO: Feminino

IDADE: 7 anos e 11 meses

R = 10 ∟

Recusas = 0

Modos de Apreensão

Determinantes

Conteúdos

G = 8

(80%)

D = 2

(20%)

Dd = 0

Dbl = 0

Do = 0

G = 6

G/bl = 2

F = 6

K = 0

Kp = 0

Kan = 2

Kob = 0

FC = 1

CF = 0

C = 0

FE = 0

EF = 0

E = 0

FClob = 0

ClobF = 1

Clob = 0

F+ = 3

F- = 3

F± = 0

A = 4

Ad = 1

H = 2

Hd = 1

Anat = 1

(10%)

Cena = 1

(10%)

H = 0

(H) = 2

T. Apreensão :

F % = 60% ∟

A % = 50% = 7

G $\overline{\text{D}}$ Dd Dbl Do

F+ % = 70

H % = 30% 77

H % = 10%

(H) % = 20%

TRI : 2 K/ 0,5 C
Intratensivo Misto

F % a = 90% 77

Ban = 2 ∟

RC % = 30% =

F+ % a = 56% ∟

(V; X)

Escolhas + : I e V

Escolhas - : IV e IX

Elem. Qualitativos :

Choque: VIII, IX

Caso N° 10

SEXO: Masculino

IDADE: 6 anos e 2 meses

R = 10 ∟∟

Recusas = 1 (VI)

Modos de Apreensão

Determinantes

Conteúdos

G = 9 (90%)	G = 6 G/bl = 3	F = 5	F+ = 2 F- = 3 F± = 0	A = 5 H = 3 Bot = 2 (20%)
D = 1 (10%)		K = 3		
Dd = 0		Kp = 0		
Dbl = 0		Kan = 0		
Do = 0		Kob = 0		
		FC = 0		
		CF = 2		
		C = 0		
		FE = 0		
		EF = 0		
		E = 0		
		FClob = 0		
		ClobF = 0		
		Clob = 0		

T. Apreensão :

F % = 50% ∟∟

A % = 50% ↗

G \bar{D} Dd Dbl Do

F+ % = 50%

H % = 30% ↗↗

TRI : 3 K / 2 C

F % a = 80% ↗

Intraversivo Misto

Ban = 1 ∟∟

RC % = 30% =

F+ % a = 50% ∟∟

(V)

Elem. Qualitativos :

Escolhas + : III e V

Eq. Choque: I, II

Escolhas - : I e IV

Choque: VI

Caso N° 11

SEXO: Feminino

IDADE: 6 anos e 4 meses

R = 13 ∟∟

Recusas = 0

Modos de Apreensão

Determinantes

Conteúdos

G = 10
(77%)

G = 9

G/bl = 1

F = 5

F+ = 1

F- = 4

F± = 0

A = 8

Ad = 0

D = 3

D = 2

D/bl = 1

K = 0

Kp = 0

Kan = 0

Kob = 0

FC = 3

CF = 0

C = 2

FE = 1

EF = 0

E = 0

FClob = 0

ClobF = 0

Clob = 2

H = 0

Hd = 0

Obj = 1

Elem = 2

(15%)

Abst = 2

(15%)

T. Apreensão :

F % = 38% ∟∟

A % = 42% ↗

G \bar{D} Dd Dbl Do

F+ % = 20% ∟∟

H % = 0% ∟∟

TRI : 0 K / 5 C

F % a = 69% = ∟

Extratensivo Puro

F+ % a = 11% ∟∟

Ban = [2]

[v] [x]

Ban = 2

(Ban) = 0

RC % = 23% ∟

Elem. Qualitativos :

Escolhas + : VIII e IX

Choque Inicial: I

Escolhas - : II e III

Choque Cor: II; III

Coment. Subjectivo: VII

Comentário Cor: VIII

Eq. Choque: VIII; IX, X

Caso N° 12

SEXO: Masculino

IDADE: 6 anos e 9 meses

R = 17 ∟

Recusas = 0

Modos de Aprecensão

Determinantes

Conteúdos

G = 8

(47%)

D = 8

(47%)

Dd = 1

(6%)

Dbl = 0

Do = 0

G = 6

G/bl = 2

F = 8

K = 0

Kp = 0

Kan = 1

Kob = 1

FC = 4

CF = 0

C = 1

FE = 0

EF = 0

E = 0

FClob = 2

ClobF = 0

Clob = 0

F+ = 3

F- = 5

F± = 0

A = 12

Ad = 0

H = 0

Hd = 0

Obj = 1

(6%)

Anat = 1

(6%)

Sg = 1

(6%)

Arq = 1

(6%)

Frag = 1

(6%)

Obj = 0

Vest/Obj = 1

T. Aprecensão :

F % = 47% ∟∟

A % = 71% ∟∟

G D Dd Dbl Do

F+ % = ∟

H % = 0 ∟∟

TRI : 1 K / 3,5 C

F % a = 88% ∟

Extratensivo Misto

Ban = 2 ∟

Ban = 1

F+ % a = 27% ∟∟

(I) II

(Ban) = 1

RC % = 24% ∟

Elem. Qualitativos :

Escolhas + : III e V

Escolhas - : I e II

Eq. Choque: II

Caso N° 13

SEXO: Feminino

IDADE: 8 anos

R = 12 √√

Recusas = 0

Modos de Aprecensão

Determinantes

Conteúdos

G = 8

(67%)

D = 4

(33%)

Dd = 0

Dbl = 0

Do = 0

G = 6

G/bl = 2

F = 10

K = 0

Kp = 0

Kan = 2

Kob = 0

FC = 0

CF = 0

C = 0

FE = 0

EF = 0

E = 0

FClob = 0

ClobF = 0

Clob = 0

F+ = 6

F- = 3

F± = 1

A = 7

Ad = 1

H = 0

Hd = 1

Obj = 2

(17%)

Anat = 1

(8%)

Obj = 0

Vest/Obj = 2

T. Aprecensão :

F % = 83% ↗

A % = 67% ↗↗

G D Dd Dbl Do

F+ % = 65% √

H % = 8% √

TRI : 2 K / 0 C

F % a = 100% ↗↗

Introversivo Puro

Ban = 5 ↗

RC % = 33% =

F+ % a = 71% = √

(I, III, IV, VIII, X)

Elem. Qualitativos :

Escolhas + : IV e VII

Eq. Choque: VI

Escolhas - : I e II

Caso N° 14

SEXO: Feminino

IDADE: 8 anos e 7 meses

R = 14 ∩∩

Recusas = 0

Modos de Apreensão

Determinantes

Conteúdos

G = 5

(36%)

D = 9

(64%)

Dd = 0

Dbl = 0

Do = 0

F = 10

K = 2

Kp = 0

Kan = 2

Kob = 0

FC = 0

CF = 0

C = 0

FE = 0

EF = 0

E = 0

FClob = 0

ClobF = 0

Clob = 0

F+ = 6

F- = 4

F± = 0

A = 10

Ad = 1

H = 1

Hd = 1

Cena = 1

(7%)

T. Apreensão :

F % = 71% = ∩

A % = 79% ∩∩

G D Dd Dbl Do

F+ % = 71%

H % = 14% ∩

TRI : 4 K / 0 C

F % a = 100% ∩∩

Introversivo Puro

Ban = 3 = ∩

RC % = 43% ∩

F+ % a = 64% ∩∩

(V, VIII, X)

Elem. Qualitativos :

Escolhas + : I e VII

Eq. Choque: VI, IX

Escolhas - : III e VIII

Caso N° 15

SEXO: Feminino

IDADE: 9 anos e 1 mês

R = 21 =

Recusas = 0

Modos de Aprecensão

Determinantes

Conteúdos

<p>G = 11 (52%)</p> <p>D = 10 (48%)</p> <p>Dd = 0</p> <p>Dbl = 0</p> <p>Do = 0</p>	<p>G = 9</p> <p>G/bl = 2</p> <p>D = 9</p> <p>D/bl = 1</p> <p>K = 0</p> <p>Kp = 0</p> <p>Kan = 1</p> <p>Kob = 0</p> <p>FC = 2</p> <p>CF = 0</p> <p>C = 1</p> <p>FE = 0</p> <p>EF = 0</p> <p>E = 0</p> <p>FClob = 2</p> <p>ClobF = 0</p> <p>Clob = 0</p>	<p>F+ = 7</p> <p>F- = 8</p> <p>F± = 0</p> <p>F = 15</p> <p>K = 0</p> <p>Kp = 0</p> <p>Kan = 1</p> <p>Kob = 0</p> <p>FC = 2</p> <p>CF = 0</p> <p>C = 1</p> <p>FE = 0</p> <p>EF = 0</p> <p>E = 0</p> <p>FClob = 2</p> <p>ClobF = 0</p> <p>Clob = 0</p>	<p>A = 10</p> <p>Ad = 2</p> <p>H = 3</p> <p>Hd = 1</p> <p>Obj = 3 (14%)</p> <p>Bot = 1 (5%)</p> <p>Elem = 1 (5%)</p>	<p>A = 9</p> <p>(A) = 1</p> <p>H = 2</p> <p>(H) = 1</p> <p>Hd = 0</p> <p>(Hd) = 1</p>
--	--	--	--	---

<p>T. Aprecensão :</p> <p><u>G</u> D Dd Dbl Do</p> <p>TRI : 1 K/ 2,5 C</p> <p>Extratensivo Puro</p> <p>RC % = 43% ↗</p> <p>Escolhas + : VIII e X</p> <p>Escolhas - : III e IX</p>	<p>F % = 71% = ↘</p> <p>F+ % = 57% ↘</p> <p>F % a = 95% ↗↗</p> <p>F+ % a = 50% ↘↘</p> <p>Elem. Qualitativos :</p> <p>Eq. Choque: VI, IX</p>	<p>A % = 57% =</p> <p>H % = 19% ↗</p> <p>Ban = 3 ↘</p> <p>(V, VIII, X)</p>	<p>A % = 52%</p> <p>(A) % = 5%</p> <p>H % = 10%</p> <p>(H) % = 9%</p>
--	--	--	---

PROCOLOS DE RORSCHACH

Caso N° 1

SEXO: Feminino
 IDADE: 7 anos e 1 mês

<p>I + 1 - <i>Um as pessoas.</i> ++</p> <p>2 - <i>E pombas. Eu acho que são pombas.</i></p> <p>3 - <i>E, essa coisa aqui</i> (aponta detalhe inferior central) <i>deve ser... o cão...</i></p>	<p>(G) <i>Porque estas coisas parece uma mão</i> (Dd no D sup. central), <i>isso parece o dedo de uma pessoa</i> (Dd lat. no D sup. central). <i>Essa parte aqui</i> (Dd de bordura) <i>parece um nariz também</i> (aponta o seu nariz).</p> <p>(Dd lats. + E sobre D lats.) <i>Estas coisas aqui são as pombas, são as aves.</i></p> <p>(G) <i>No meio</i> (D central). <i>Porque isso</i> (D inf. central) <i>parece o rabinho do cão. O cão estava a tomar banho e saiu</i> (gesto de andar com os dedos). <i>Estava aqui a toalha</i> (E no eixo do D central) <i>e vestiu uma toalha. Aqui</i> (Dds infs. fora da mancha) <i>são água que ele estava a sacudir</i> (e abana-se).</p>	<p>Eq. Choque Dd/G F - H</p> <p>Dd F - A</p> <p>D/G Kan - A</p>
<p>II + 4 - <i>São ursos.</i></p> <p>5 - <i>E são chapéus</i> (aponta os D verms. sups.). <i>E isto</i> (D verm. inf.) <i>não sei. Eu acho que é só isso.</i></p>	<p><i>Estas patas</i> (D infs. lats.) <i>parece um urso.</i> (D negro). <i>Estão a dançar, estão a bater palmas, assim</i> (bate ela própria palmas).</p> <p><i>E estas aqui parece um chapéu mesmo</i> (D verms. sups.)</p> <p><u>ADICIONAL</u> - <i>Mas eu acho que esta coisa encarnada</i> (D verm. inf.) <i>deve ser o coração.</i></p> <p>[D CF Anat]</p>	<p>D Kan + A Ban</p> <p>D F + Obj/Vest</p>

ADICIONAL - *Isso aqui (Dd central) parece formigas. Estão deitadas assim (faz gesto de se deitar sobre a mesa). Parece o alfinete... Formigas! E é só isso.*

[Dd F - A]

III

6 - *São meninas que estão a dançar.*

(D negros)
Isto parece os sapatos (D inf. nos D lats. negros), muito altos, delas.

G K H Ban

7 - *E isto são dois corações.*

(D lats. no D verm. central)
E estes dois corações isto é uma fita, muito gira, tem um bico e o bico é como tenha olhos (Dbl no D inf. central negro). Eles disseram "que giro" e estava, parecia que são namoradas e ficou aqui dois corações. Um menino e uma menina. São dois maiores (aponta D lats. no D verm. central). Eles estava a fazer assim com dois irmãos. Parece algodão (aponta D inf. junto a E sup. central) mas são duas pintadas.

D CF Anat /
Abst

São flores. [Dd F - Bot]

(Aponta Dd "peito" no D negro "pessoa") *Isso como tem uma coisa que parece um bigode. É um menino e isso como tem assim um fio (toca no seu peito). É uma menina.*

8 - *E isto (D verms. sup.) são fitas.*

As fitas são estas coisas encarnadas, que elas gostam muito. Batem palmas, deitam fitas.

D F + Obj

9 - *E isto são pombas, são biquinhos de pombas, como as pombas têm.*

Parecia uma máscara, mas não era uma máscara, era um bico de pomba (Dd no D negro).

Dd F + Ad

Eu acho que é só isto.

IV

+

10 - *Esta é um gigante.*

(G)

Estes pés (D infs. lats.) parece muito grandes. Ele estava todo assim caído (gesto), todo vaidoso. Queria comer pombas mas ele não comeu pombas. Esta coisa aqui (D inf. central) parece o nariz, que cresceu porque ele é mentiroso. Parece o Pinóquio. Ele estava na casa dele e cresceu até ao Aeroporto, o nariz.

G K (H)

→ Clob

11 - *Esta é uma toalha.*

(D inf. central)

Isto é uma toalha, parece um peixe. É porque ele come muito peixe e corta metade do peixe e faz uma toalha.

Estas coisas pretas (E nos D lats.) são água. Ele disse assim "a minha pomba já comeu a minha toalha. (?) A pomba fugiu, fugiu logo! E depois ele correu atrás dela mas não conseguiu. Ele foi para casa. Quase que ia caindo, o gigante! (Ri.)

D F - Obj

12 - *Isto são as mãos.*

(D sups. lats.)

Isto são as mãos, estão assim (gesto com os seus braços).

D Kp + Hd

13 - *Isto são os sapatos, estas coisas (aponta D lats. infs.)*

Isto são as botas, muito grandes, muito grandes! Daqui até aqui (faz gesto alargando os braços).

Do F + Obj

14 - *Isto são os cabelos. É só isto.*

(Dd E no D sup. central)

Dd F - Hd

V

15 - *É uma borboleta. Estas são as asas* (gesto com os braços) *para voar. E isto são os pés* (D inf. centrais). *Isto deve ser uma coisa* (D sup. centrais) *para fingir que é o cabelo* (toca no seu) *que tem. É só isso.*

Porque estas coisas aqui parecem asas (gesto com os braços). *Eu já vi uma borboleta que era quase assim. Então, estas coisas aqui* (D sup. central) *parece mesmo cabelos que estão ao pé. Estes aqui* (Dds no D sup. central) *são cabelôs, são perucas, para fingir que é uma menina. Mas é uma menina. Essa borboleta é uma menina!*

G F + A (Ban)
→ Kan

VI

16 - *Isto deve ser... deve ser uma casa* (aponta D inf.).

(D inf.)

D F - Arq

17 - *E isto deve ser um pau.*

(D sup.)

D F - Obj

18 - *E aqui atrás deve ser pombas, aqui atrás, que estão a pôr assim bigodes* (gesto sobre o seu rosto) *a fingir que é um gato.*

(D lats. no D sup.)

D F + A
→ Kan

A pomba rasga a folha da planta. (?) Essas aves são as pombas. E disse assim: "Eu vou arranjar comida para pôr aqui". Então a pomba fez assim: "Como está ali um gato...". O gato estava muito longe! Ela disse assim: "Ai meu Deus! O gato vai-me comer!". Ela pôs assim bigodes (gesto sobre o seu rosto) *e pôs. Ela tinha o fato de um gato, porque um amigo dela, que era uma pomba muito grande, comeu um gato. O fato tinha assim pelos e o fato ficou para ele. E depois andou, andou, e depois voou.*

19 - *Essa casa deve ser a folha de uma planta.*

(D inf.)

D F + Bot/Arq
→ C

Porque as plantas do Outono são assim, algumas. Parece assim folhas

Parece uma casa.

É só isso.

(faz gesto com as mãos em redondo).
Mas ele comeu as outras plantas
 (aponta o D inf.).

*Porque essa casa não estava muito
 bem uma casa, estava só a planta no
 meio do chão. Ela disse assim:
 "Tenho uma casa no meio do chão".
 Ele disse assim: "Só tenho uma casa
 no meio do chão, vou usar, é pois!".
 Porque o gato estava assim ao pé do
 pau (eixo no D sup.). A pomba voou
 no pau e foi pô-lo na casa.*

VII

20 - *São... são cães. Isto é a
 namorada deste cão* (aponta
 um dos lados da mancha). *Isto
 são namorados. Esta é uma
 menina* (aponta o outro
 lado), *este é um menino*
 (volta a apontar o outro lado).

Porque os cães têm assim uma orelha
 (aponta o D no D sup. e faz gesto na
 sua orelha). *Mas como este estava a
 andar que parecia um foguete, esta
 junto estava a voar que parece
 cabelos. Então a boca estava aberta e
 eles disseram assim: "Cantar!
 Cantar!". Então, como eles eram
 mágicos, a coisa ficou como um
 foguete, andou para baixo. Então,
 como cantam muito depressa, a coisa
 ficou a andar depressa e ficou
 partida. (?)*

D K + A

21 - *Eles estão em cima de
 uma coisa do parque, que vai
 para cima, vai para baixo.
 Estão a passear e devem estar
 a cantar. E estão a cantar
 uma música, e depois vão
 para casa.*
É só isso.

Porque essa coisa aqui (risco no D
 inf.) *tinha um pau e tinha outro pau.*
Coisa do parque (D inf.)

D Kob + Obj

VIII

22 - *Isto eram ratos que estão a comer uma flor que estava num jardim. Que vem uma chuva e pintaram de cor-de-rosa para fingir que era uma flor. Mas não era, era ratos!*

(D rosas lats.)
 Porque os ratos têm assim quatro patas (conta). Os ratos comem a flor e dizem assim: "Olha uma flor!". Comem essa parte e essa (aponta de novo D lats. rosa). Veio uma chuva, parecia flores, era cor-de-rosa. Tinta do céu que caiu. A chuva era cor-de-rosa e nunca assim ficou cor-de-rosa!
ADICIONAL - Eles comeram essa verde e azul (aponta D verde e D azul).

D F⁺C A/Bot Ban

23 - *E este bocadinho de flor era para os outros ratos, para a família*

(Aponta D rosas lats.)

Esse é um amigo, essa é uma amiga.

Eu acho que é só isso.

(D laranja + D rosa inf.)
 Essa aqui, como é cor-de-rosa, fica para a nossa família. "Que bom, que bom!"

[D F + Bot]

D F⁺C Bot

IX

24 - *Isto são formigas gigantes* (aponta com os dedos os D laranjas sups.)
Essa é uma amiga da formiga (aponta um dos lados). *A formiga está a dizer que "Vamos comer essas coisas".*

O jardim já estava comido. (?) A senhora estava dentro de casa e estava para ali! "Que boa planta para o jantar! Eu adoro plantas! Planta para o jantar!" (?)

Eq. Choque

D F⁻Clob A

25 - *E depois elas vão comer essas plantas* (a restante mancha) *que estavam no jardim de uma senhora.*

(Aponta a restante mancha)

D F⁻C Bot

<p>26 - <i>A menina ficou a ser uma cenoura</i> (aponta D sup. laranja) <i>e eles disseram assim. (?) As formigas! "Vamos lá comer!" E elas comeram a casa toda e as plantas e ficaram muito gorduchas. A senhora transformou-se numa cenoura. Eles ficam logo muito contentes porque comeram o resto da casa e foram para a casa da menina.</i> <i>E já acabou!</i></p>	<p>(D sup. laranja)</p> <p><u>ADICIONAL</u> - <i>Essas coisas brancas é a água</i> (aponta parte branca do D central). <i>A senhora estava a tomar banho, transformou-se em branca!</i></p> <p>[D'CF Elem] [D'CF H/Abst]</p>	<p>D CF H/Bot</p>
<p>X</p> <p>27 - <i>Olha isto, são aranhas</i> (gesto vago sobre toda a mancha). <i>Isto e isto</i> (aponta D lats. sup. azuis), <i>que está dentro de uma festa.</i></p>	<p>(D lats. sup. azuis)</p> <p><i>As duas aranhas eram irmãs e faziam no mesmo dia anos.</i></p> <p><u>ADICIONAL</u> - <i>Isso aqui estão a comer gelados</i> (D verdes nos D azuis sup.). <i>Muito bom!</i></p> <p>[D F C Alim]</p>	<p>D F + A Ban</p>
<p>28 - <i>E isto é o avô das aranhas.</i></p>	<p>(D cinz. sup.)</p> <p><i>O avô coitado era tão velho que já não parecia uma aranha. Estava todo assim, coitadinho!</i> (Encolhe-se toda).</p>	<p>D F - A</p>
<p>29 - <i>E estas coisas aqui, cor-de-rosa, são bolos.</i></p>	<p>(D rosas)</p>	<p>D CF Alim</p>

<p>30 - <i>Essas são formigas a voar, são fadas!</i></p>	<p>(D verdes + D amarelos lats.) <i>O amarelo é as asas e essa coisa verde são as formigas.</i></p>	<p>D Kan A/(H)</p>
<p>31 - <i>Isso aqui são fitas. Essas coisas amarelas têm fitas que parecem uma bola, mas são fitas assim fechadas.</i></p>	<p>(D amarelos centrais infs.) <i>São fitas grandes.</i></p>	<p>D F - Obj</p>
<p>32 - <i>Mas as fitas transformaram-se numa fada e ficam numa festa muito gira.</i></p>	<p>(D amarelos centrais infs. + Dd vermelhos) <i>O amarelo já estava a transformar-se numa fada e essa coisa encarnada (Dd verm. no D amarelo inf. central) já era o resto das fitas. Mas a fita fugiu.</i></p>	<p>D F - Obj/(H)</p>
<p>33 - <i>Veio também as borboletas, e depois elas disseram: "Que bom, estamos numa festa muito gira!"</i></p>	<p>(D verdes infs. centrais) <i>E foi assim a festa!</i></p>	<p>D F - A</p>

Prova das Escolhas :

Escolhas + : Selecciona os cartões II, III, V, X, VII, e IX. Afasta os outros para o lado. Acaba por pegar nos cartões VIII e no III.

VIII - *É porque os ratos fizeram uma festa, mas não gostam da festa, mas disseram: "Que bom, vou comer folhas!" E comeram folhas.*

III - *Porque as meninas estavam tão giras com os sapatos! Gostei muito das meninas, estão a dançar! Eu gostei.*

Escolhas – : Do conjunto dos cartões I, IV e VI, que tinha restado dos cartões afastados no início retira o IV. Do conjunto restante escolhe o cartão IX.

IV - *A culpa não foi da formiga, foi do gigante. Era tão vaidoso! Pôs a folha debaixo da casa. A formiga estava cheia de fome, olhou para aqui e disse: "Peixe! Eu adoro peixe!" E comeu o peixe. Era a folha.*

IX - *Porque as formigas não podiam fazer isso, comer a menina que transformou-se em cenoura! Só essa parte aqui (aponta a sua própria face). É que ainda era menina (aponta centro no D rosa inf.), era muito pequenina. Era quase uma formiga, mas não era!*

Caso N° 2

SEXO: Feminino
 IDADE: 10 anos e 6 meses

<p>I</p> <p>+++</p> <p>1 - <i>Um bicho</i> + (!) +</p> <p>2 - <i>Uma mosca. Parece uma mosca.</i></p> <p>3 - <i>Parece também um mosquito...</i></p> <p>4 - <i>Uma abelha!</i> + (Posso guardar?) <i>Não!</i> + + + (Olha de lado) (!) <i>É uma abelha...</i> <i>É uma mosca.</i></p> <p>5 - <i>É um pássaro.</i> (Vira os olhos para cima e fica a pensar). (!) (Sorri). <i>Parece um falcão.</i> + + + <i>É um falcão</i></p>	<p>(G)</p> <p><i>É uma abelha. Porque a abelha... porque quando eu venho para aqui eu penso logo que é uma abelha (?) As asas</i> (gesto com os braços de voar).</p> <p><i>A mosca também tem esta cabeça</i> (aponta Dd central sup.).</p> <p><i>Porque mosquito também tem isto assim</i> (Dd raros - pequenas manchas E em D lats.).</p> <p>(G)</p> <p><i>Porque o falcão também tem essas asas.</i> (Conta que viu um quando foi com a escola ao Jardim Zoológico).</p>	<p>Choque</p> <p>G F - A →Kan</p> <p>Dd/G F - A</p> <p>Dd/G F - A</p> <p>G F - A →Kan</p> <p>G F⁺Clob A (Ban)</p>
<p>II</p> <p>6 - <i>Uma borboleta... ÚÚÚ ...</i> <i>Faz lembrar uma borboleta.</i></p>	<p>(G(bl))</p> <p><i>Corpo</i> (Dbl); <i>a borboleta</i> (D verm. inf.). (?) <i>Ú Assim! Porque a borboleta tem estas asas. E também porque tem isto</i> (Dd negro sup. central). (?) <i>É o pescoço... Eu também achei que esse aqui, não só aqui</i> (Dd inf. central) <i>é o</i></p>	<p>G(bl) F + A</p>

rabo. E penso também porque quando penso na borboleta, é só assim.

III

- 7 - *É uma pessoa (!)*
>ÚÚ + *É só a cabeça e também o pescoço*
(G). **Choque Cor**
G(bl) F + Hd
- 8 - *É um cão.*
(D negro "corpo" sem "pernas" no D **D F - A**
negro "pessoa")
Porque aqui parece o cão.
- 9 - *É um cavalo.*
(D "pé" no D negro "pessoa") **D/G F - A**
Só o pé do cavalo. → Ad
- 10 - *Faz-me lembrar um boi.*
(D negro "corpo" no D negro **D/G F - A**
"pessoa") → Ad
É o peito do boi, só aqui.
- 11 - *É um porco...* (Não há **D/G F - A**
respostas certas nem erradas.) *Porque também parece o pé do porco.* → Ad
... Parece um cavalo.
- 12 - *Parece uma girafa.*
Porque girafa também tem comprido! **Dd/G F - A**
(?) *Só o pescoço!* (D "pescoço" no D → Ad
negro "pessoa").

IV

Ú>Ú ...

- 13 - *É uma lesma.*
(Dd/G) **G F - A**
Porque tem aqui assim e aqui! (Dd
sups.)
- 14 - *É um caramujo (?)*
Parece um caracol. + É um
caracol. (Mostra o D central tapando a restante **D F - A**
mancha com as mãos).

V

15 - *De um pássaro.*

Porque tem essas pernas. Eu tenho assim e é um pássaro (D) e o pé. (Olha obliquamente o cartão).

G F + A Ban

16 - *Também me faz pensar de um falcão.*

É um bicho, leva no bico os pintainhos. Pega e leva. (?) Eu gosto dele no ar, mas não gosto dele quando ele desce.

G Kan + Clob A

17 - *Uma gaivota.*

Falcão... (Olha obliquamente o cartão).

(G)
E o pássaro é mais giro e não faz mal, é mais giro.

G F + A

→Clob

VI

18 - *Uma mosca.*

Porque só a cabeça (Dd sup. central) aqui. Parece uma mosca.

D/G F - A

19 - *Uma borboleta (tom de voz admirado)! É uma borboleta.*

Porque o corpo da borboleta (todo o D inf.) parece ser como este.

D F - A

Parece uma mosca.

É uma borboleta. Eu acho que é borboleta... É! Mosca não é!

VII

+ (Olha séria e atentamente)

20 - *É um cão. É um cão.*

Porque só tem as orelhas, duas (G).

Eq. Choque

D/G F - A

21 - *Parece uma abelha.*

É um cão.

(D inf.)

D F - A

→Kan

ADICIONAL: *Também me faz lembrar um canguru. (?) Porque o canguru tem essa parte aqui em cima (D sup. "ovelha"), e também tem essa*

cabeça, mas corpo não.

[D/G F - Ad]

→Kan

VIII

22 - *É um rato > ... Û É um rato.* (repete e acentua o que diz. Dá-me o cartão).

(D rosa lat.)

Eu vejo aqui e parece um rato.

D F + A Ban

ADICIONAL: *E também me faz lembrar uma borboleta, também aqui (D rosa + D laranja inf.). (Cor?) Fazia, porque a borboleta são várias mais cores.*

[G F⁺C A]

IX

23 - *Parece uma flor... Parece uma flor.*

(G)

Porque isto são verdes (D verde). É as folhas. E aqui também me faz lembrar de uma flor também (D laranjas), estas aqui são os ramos (Dd nas extremidades dos D laranjas).

G F⁺C Bot

X

24 - *É uma aranha. É a que anda pelas paredes... que faz uma coisa assim* (gesto com as mãos formando riscos), *que se tem de tirar.*

Porque eu vejo essa parte toda (D azul). Porque quando também penso na aranha é mesmo assim parecido.

D Kan A Ban

25 - *É um mosquito.* (Repete duas vezes).

(D azul). *O mesmo.*

D F - A

Prova das Escolhas :**Escolhas + :**

VII - *Porque eu gosto de um canguru. Também gosto de ver um cão.*

V - *Porque eu gosto de pássaro. Porque eu gostei do pássaro. (E do falcão?) Gostei. (Só no ar, não é?) Sim!*

Escolhas - :

VI - (Antes tinha retirado momentaneamente o cartão IV e exclamado: - "Caracol eu gosto!" - Trocou-o de imediato pelo cartão VI.) *Porque eu não gosto daqui (aponta filete negro no eixo central do D sup.). Faz-me lembrar uma minhoca.*

X - *Eu não gosto porque é aranhas.*

Caso N° 3

SEXO: Masculino

IDADE: 6 anos e 3 meses

<p>I</p> <p>1 - <i>É um monstro</i> + (bate com o cartão). <i>Prontos, já disse!</i> (Vira o cartão e começa a ler).</p>	<p>(G)</p> <p><i>Por causa que eu estava a pensar e estava a dizer assim: - Quando eu fui ao comboio fantasma vi um monstro igual a este. Estava assim (faz um gesto abrindo os dois braços e aproximando-se). Bebebe! (Ri) Assim com os braços.</i></p>	<p>G F⁺Clob (H) →K</p>
<p>II</p> <p>Ú>Ú<Ú +</p> <p>2 - <i>Uma águia</i> (Pega o cartão e aproxima-o dos olhos. Afasta-o). <i>Aaaa...</i> (murmura imperceptivelmente).</p>	<p>(D negros)</p>	<p>Choque Cor D F - A →Clob</p>
<p>3 - <i>Por acaso até está a deitar sangue, por aqui</i> (aponta, vira e poisa o cartão).</p>	<p>(D verms. sups. e infs.)</p> <p><i>Olha! Está aqui uma mancha!</i> (aponta a mancha vermelha dentro do D negro).</p>	<p>D C Sg → Kob</p>
<p>III</p> <p>4 - <i>É uma estátua.</i> + (Vira o cartão e começa a ler as legendas. Pousa-o sobre os outros tentando que fiquem na mesma direcção. Levanta-se e</p>	<p>(D negros)</p> <p>(?) Só estátua!</p> <p><u>I. L.</u> (Pessoas?) + Não.</p> <p>(Laço? Borboleta?) <i>Borboleta não!</i></p> <p><i>Um laço com forma de sangue</i> (fala</p>	<p>Eq. Choque D F - Arq</p>

espreita pela janela).

baixo e repete).

[D F⁺C Vest/Sg (Ban)]

IV

+++

5 - *Uma árvore... É?! (!)*

Acho uma árvore, pode ser?

(Bate com os dedos na mesa)

++ (Levanta-se e espreita pela janela).

(G)

Por causa que eu uma vez fui à Brincolândia (!) À Brincolândia em Braga! E vi lá uma árvore e essa árvore tinha lá uns barquinhos muito giros, que andavam assim (faz gestos com a mão): Vum! Vum! E passavam por umas grutas, umas cavernas muito giras. E vi lá uma árvore. E os barcos tinham vidros para não molharem os pais. Mas passava lá por umas coisas e ficamos todos molhados!

G F + Bot

V

(Pega no cartão)

6 - *Um morcego!* (Levanta-se e espreita pela janela.)

(G)

(Aponta o cartão) *Bahuuuuu!* (faz com os braços o gesto de voar.)

G F + A Ban

→Kan

→Clob

VI

7 - *Acho um casaco.* ++

(Bate com os dedos na mesa e levanta-se de novo.)

(G)

Porque eu tinha um casaco vestido e depois lembrei-me. Era um casaco castanho muito bonito, com um cavalinho.

G F + Vest/Obj

VII

^v (Olha o cartão de perto)

8 - *É uma copa de uma árvore. Acho que é uma copa.* (Vira o cartão e poisa-o. Levanta-se). *Prontos!*

(G)

Por causa que olhei para aquele pinheiro (aponta pela janela) e alevantei-me assim e achei parecido (levanta-se)! (Diz em voz cantante).

Eq. Choque
G F - Bot

VIII

Uau! Agora aqui é às cores!

++

9 - *Acho que é um bicho! Um bicho com outros dois. Um bicho muito grande, com outros dois. Acho que é um tubarão.*

(D centrais)

O tubarão não está a ver estes dois bichos e os bichos querem matar o tubarão!

Comentário Cor

D F - Clob A

10 - *E com estes dois bichos que eu não conheço.* (levanta-se e arruma o cartão.)

Bichos (D rosas laterais)

D F + A Ban
→ Kan

IX

^v

11 - *Isto... é um caranguejo. Acho que é um caranguejo. Agora inda falta mais uma!*

(G sem Dbl central)

(Dá voltas ao cartão). Por causa que havia um carro parecido com um caranguejo! (?) Um carro que ia ali a passar e que era parecido com um caranguejo! Ali na estrada!

D F - A

X

Um! Um! + Acho...

12 - *Acho que foi um terremoto!* (Olha-me e fica parado.) + *Prontos!*

(G)

Quando houvesse um terremoto o meu irmão acordava-me - Eu tenho um irmão, sabes?! - e puxava a minha mão e corria. Ele corre muito. Ele esta manhã disse que era assim

G Kob Abst/Frag

→ Clob

Prova das Escolhas :

Escolhas + : VII e VI

VII - *Por causa do pinheiro.*

VI - *Porque me faz lembrar um casaco muito lindo, que eu tenho, que tem um cavalinho muito giro!*

Escolhas - : II e III

II - *Porque tem sangue!*

III - *Porque também tem sangue!*

Caso Nº 4

SEXO - Feminino

IDADE - 11 anos e 3 meses

<p>I</p> <p>++ (Abana a cabeça). <i>Não sei. (!)</i></p> <p>1 - <i>Parece um bicho, mas não estou a ver qual é. Conheço o bicho mas não sei o nome. (?) É do ar!</i></p>	<p><i>Está a fazer assim (gesto de agarrar com as mãos), parece que está a andar.</i></p>	<p>Tendência Recusa</p> <p>G Kan + A</p>
<p>II</p> <p>++</p> <p><i>Aqui eu não estou a perceber, aqui em cima...</i> (aponta no cartão). +</p> <p>2 - <i>Parecem dois ursos...</i> + (Diz hesitante) <i>aqui</i> (aponta D negro).</p> <p><i>Aqui agora é que não estou a ver o que é isto</i> (aponta D verm. inf.).</p>	<p><i>Parece que estão a andar, assim com as mãos (gesto das mãos juntas). Estão a dançar.</i></p>	<p>Eq. Choque</p> <p>D Kan A Ban</p>
<p>III</p> <p>+</p> <p>3 - <i>Parece duas pessoas.</i></p>	<p><i>As pessoas têm assim o corpo.</i></p>	<p>G K H Ban</p>

IV

++ *Não sei!* (?)

4 - *Parece um monstro?! Porque era muito grande.*

(Repete).

G F⁺ Clob (H)

V

5 - *Parece um bicho. Ai, Porque tem estas coisas aqui muito*

parece um... não sei o quê... grandes (aponta os D lats. "asas").

(fica a olhar o cartão).

G F[±] A

VI

6 - *Parece um gato, todo... (G)*

todo assim (gesto assustado com o rosto e mãos no ar).

Os bigodes (Dd sups. no D sup.).

Assustado (gesto com o rosto e mãos).

Está todo arrepiado. Eu só notei por estas partes aqui (aponta a mancha indiscriminadamente).

G F + A

→ clob

VII

7 - *Parece dois coelhos, a (D sups. + D médios)*

dançarem.

D Kan + A

VIII

^>
8 - *Aqui parece bichos (D rosas lats.)*

(aponta com os dois dedos das duas mãos os D rosas).

E agora não sei o que é isto

aqui (aponta o D rosa lat.)...

D F + A (Ban)

<p><i>E agora não sei o que é isto aqui...</i> <i>Parece um porco... não sei parecer bem.</i></p>		<p>Crítica Subjectiva</p>
<p>IX</p>		
<p>9 - <i>Parece um caranguejo aqui, com aquelas patas.</i></p>	<p>(D laranja) <i>Porque tem estas coisinhas assim</i> (Dds no D laranja).</p>	<p>Eq. Choque D F - A</p>
<p>X</p>		
<p><i>Não me faz pensar nada!</i></p>		<p>Choque Recusa</p>

Prova das Escolhas :

Escolhas + : II e VII

II - *Porque isto parece dois ursos, que estão assim com as mãos (faz o gesto) pegadas. Parece que estão a dançar.*

VII - *Porque esta parece dois coelhinhos a dançarem e estão a olharem um para o outro.*

Escolhas - : IV e I

IV - *Porque esta parece um fantasma.*

I - *Porque é um bicho muito grande, e depois tem estas asas, e depois outra ...*

Caso Nº 5

SEXO: Feminino
 IDADE: 9 anos e 10 meses

<p>I</p> <p><i>Não sei. É um bocado esquisito. ++</i></p> <p>1 - <i>Uma cara de um monstro... Parece... é esquisito.</i></p>	<p><i>A cara toda. É tudo... um monstro (G).</i></p>	<p>Eq. Choque</p> <p>G F⁺Clob (Hd)</p>
<p>II</p> <p><i>+ Não me parece nada.</i></p>	<p><i>A mim não me parece nada.</i></p>	<p>Choque</p> <p>Recusa</p>
<p>III</p> <p>2 - <i>Duas pessoas assentadas.</i></p> <p>3 - <i>É um laço.</i></p>	<p>(D pretos)</p> <p>(D verm. central)</p>	<p>G K H Ban</p> <p>D F - Vest/Obj Ban</p>
<p>IV</p> <p><i>Sei lá... não me parece nada.</i></p> <p>4 - <i>É um monstro.</i></p>	<p><i>Todo (G).</i></p>	<p>Tendência Recusa</p> <p>G F⁺Clob (H)</p>
<p>V</p> <p>5 - <i>É uma borboleta. É estrambólica!</i></p> <p>6 - <i>É um morcego.</i></p>	<p><i>Está a voar (G).</i></p> <p>(G)</p>	<p>G Kan A (Ban)</p> <p>G F + A</p>

VI

++ *Não me parece nada.* +

7 - *Se calhar é uma borboleta.*

(D sup. sem os Dds sups.)
Está a puxar alguma coisa (aponta D inf.).

Tendência Recusa
G F + A
→ **Kan**

VII

++

8 - *A cabeça dos índios.*

(D sup. no primeiro 1/3).

D F + Hd

9 - *Outra cabeça. É uma estátua. São quatro cabeças. A de lado tem olhos e nariz.*

(D no 2/3).
(Aponta as duas localizações da resposta anterior e as duas desta resposta).

D F + Hd/Estátua

Olhos (Dbl lats.).

10 - *Um capote para cavalo... para nos baloiçarmos.*

(D inf.)

D F - Vest/Obj
→ **Kob**

VIII

11 - *É uma pista dos aviões.*

(D verde sup.)
Pela frente parece uma pista.

D F - Arq
→ **Kob**

12 - *Isto são raposas. Não me parece mais nada.*

(D rosas lats.)

D F + A Ban

IX

13 - *Duas caras.*

(D verdes)
(?) *São caras de pessoas.*

D F + Hd

14 - *É uma estátua.*

(G)
De uma pessoa.

G F - H/Estátua

X		
15 - <i>Um caranguejo.</i>	(D azul lat.)	D F + A Ban
16 - <i>Flores.</i>	(D amarelo + D laranjas centrais inf.)	D F + Bot
17 - <i>Pulmões.</i>	(D azuis + D verms.)	D F - Anat
18 - <i>Óculos estrambólicos.</i> <i>Toda junta não me parece nada.</i>	(D verm. central "cerejas")	D F - Obj

Prova das Escolhas :

Escolhas + : IX e VII

IX - Gosto das cores que ela tem e também por causa dos desenhos.

VII - Gosto desta pelo formato dos desenhos.

Escolhas - : II e I

II - Não gostei do vermelho com o preto. O preto fica feio.

I - Não gosto do formato, o desenho é feio.

Caso N° 6

SEXO: Feminino

IDADE: 6 anos e 5 meses

<p>I</p> <p>1 - <i>Faz lembrar um monstro.</i> + <i>Mais nada.</i></p> <p>2 - <i>E um lobo.</i></p>	<p><i>Porque parece um monstro, porque tem a cara de monstro. A cara e o pescoço. (Vai apontando, em si e no cartão:) Os olhos, o nariz e a boca. É só a cara do monstro e as orelhas e o pescoço.</i></p> <p><u>Cara</u> (G) <u>Olhos</u> (Dbl sups. centrais) <u>Nariz</u> (Dd central sobre o eixo) <u>Boca</u> (Dd central sobre o eixo)</p> <p><i>Porque também tem cara de lobo. (G)</i> <i>Parece-me um lobo e um monstro.</i></p>	<p>G/bl F⁺ Clob (Hd)</p> <p>D/G F⁺ Clob A</p>
<p>II</p> <p>3 - <i>Um gato.</i></p>	<p><i>Porque tem bigodes (D verm. inf.)! Eu sei que é um bigode por causa destes risquinhos, e pode ser um gato. E também pode ser uma gata. Só a cabeça do gato. Os olhos (D verms. sups.), o nariz é aqui (D sup. central negro), a boca é aqui (Dbl central). E os bigodes!</i></p>	<p>G/bl F - Ad</p>
<p>III</p> <p>4 - <i>Uma gata (olha de lado).</i></p>	<p><i>Porque a gata tem um lacinho ao pé do nariz (aponta o D verm. cent. e o seu nariz). Porque eu já vi alguns</i></p>	<p>Eq. Choque G/bl F - Ad</p>

gatinhos assim, portanto (olha de lado). Só a cabeça, só a cara. Os olhos (D sups. pretos "cabeças"), o nariz ("cesto"), as orelhas também (D sups. verms.) e um lacinho (D verm. "habitual"), (?) do amigo monstro que lhe emprestou.

I. L. (Pessoas?) Não.

IV

5 - *Esta é que faz lembrar um lobo. Mais nada.*

Porque tem cara de lobo, e as orelhas de lobo são assim (D sups. lats.). Tem as orelhas parecidas com o lobo, e os olhos (Dbls infs.). (?) É só a cabeça do lobo, os olhos, as orelhas, a boca (Dbl de bordura inf.) e o nariz (D central inf.). É cheio de pelos + E... e também pode ser um cão (aponta recortes laterais).

[G/bl F - Ad]

G/bl F⁻ Clob Ad

V

(Olha de lado) ++

6 - *Também tenho lá um boneco destes que o meu padrinho me deu. (?) Faz-me lembrar.*

Porque sim, porque também é igual a este, mas parece-me mais uma borboleta. (?) Porque as borboletas também tem asas.

[G F + A Ban]

G F[±] Obj

7 - *Mas este parece um borboleta.*

Borboleta (G).

G F + A Ban

VI

8 - *Estas coisas fazem-me lembrar... uma... duas bandeiras... (olha de lado)... que estavam a deitar fumo.*

Bandeiras (D lats. no D sup.)
Isto aqui era o pau (aponta o eixo central), estava a deitar fumo.

D F + Obj
 → Kob

VII

9 - *Faz-me lembrar uma máscara. E mais nada.*

Porque algumas máscaras não tem isto tapado (Dbl central). As máscaras tem as orelhas assim (D sup. lats.), os olhos aqui (Dbl de bordura sup. centrais) e a boca é este espaço aqui (Dd no D inf. central).

G F - Másc/Obj

VIII

10 - *Faz-me lembrar um palhacinho.*

Porque os palhaços também são assim. (?) Como este está. (?) Está como um palhaço. Porque está com os olhos ao pé do carapuço.

Olhos (E nos D azuis)

Carapuço (D cinzento)

Tem cara de palhaço! As orelhas (D lats. rosas)... É a cara e os olhos. E aqui é a boca (D rosa central) e aqui, esta coisinha aqui, é o nariz (Dd central no D azul inf.).

I. L. (Animais?) Não. ++ *Sim, aqui!* (Aponta D lats. rosas). (?) *Parecem-me dois trigueis.*

[D F⁺ A Ban]

11 - *É um "transformer".*

Transformer (G)

G/bl F + C Hd

G F + (H)

IX

12 - *Esta faz-me lembrar um palhaço de gato.*

Porque tem aqui estas coisinhas, risquinhos, e porque alguns gatos também têm isto (Dds sups. nos D laranjas). Os olhos (E nos D azuis sups.), a boca é o verde (D verde) e isto aqui é o lacinho (D rosa). Tem as orelhas (gesto nas suas orelhas), estas aqui (D laranjas).

Eq. Choque
G F - Hd/Ad

X

+++

13 - ^v Ah! Um
"transformer"...

Porque tem este coiso (D cinza sup.). (?) É o pescoço, e tem os olhos parecidos com o "transformer". É só a cara dele. Isto é as orelhas (D laranjas inf.).

G/bl F - (Hd)

Prova das escolhas :

Escolhas + : X e IX

X - *Porque está mais gira com isto, com estas coisas. E porque gosto destas cores.*

IX - *Porque tem a boca toda verde. e também gosto do laçarote.*

Escolhas - : IV e I

IV - *Porque tem cara de mau.*

I - *Porque também tem cara de mau. + Isto é um mocho, também tenho lá em casa.*

Caso N° 7

SEXO: Masculino
 IDADE: 8 anos e 5 meses

I

Não estou a ver. (!)

++ (!) +

1 - *Um grande monstro com asas* (gesto com os braços). +
A atacar uma pessoa assim (gesto com os braços) *pum!*

(G)
Asas (D lat.)
E o homem está com as mãos no ar para amandar-se para a pessoa... não tem cara! A pessoa não está lá, só imagino eu!

Eq. choque
 Tendência recusa
G KanClob (H)

II

+

2 - *Esta aqui é um dragão, acho eu. Tem esta cara assim esquisita... tem a mesma coisa que aquela* (aponta o cartão anterior).

Isto é a cara?! ... (D sup. central)
Dragão (D negros)

D F - (A)

3 - *E levava aqui às costas uma borboleta. Não parece? Mais nada.*

Borboleta (D verm. inf.)
Isto aqui é uma borboleta (aponta D verms. sups.). *Estava como esta, esta... (hesita entre as duas localizações)... e o dragão está a partir ao meio.*

D F + A

III

+

4 - *Dois homens... Aqui olho, mas não parece acho eu! Isto não está negado às nernas. >*

Aqui é o queixo, aqui o olho... aqui os sapatos... Parecem sapatos de mulher. Eles estão a amandar o laco para o

G K H Ban

<i>E à frente eles a pegarem...</i>	<i>fogo, para queimá-lo (D verm.).</i>	
5 - <i>Hum,... como é que se chama?... Um laço!</i>	<u>Fumo</u> (D inf. central).	DF + Vest/Obj Ban
6 - <i>E a meterem o laço no fumo. Isto aqui parece fumo, não é? Mais nada.</i>	<i>Estas coisas aqui (D sups. verms.) não estou a ver o que é que é.</i>	D C'F Frag → E

IV

7 - <i>Um homem muito grande. com os pés muito grandes.</i>	<u>Homem</u> (Habitual sem D inf. central) <i>Com uma cara muito pequenina!</i>	D F + H
---	--	----------------

8 - <i>E outro homem pequenino lá... (pega no cartão e olha de perto) Olha! E outro homem pequenino lá à frente.</i>	(D inf. central)	D F - H
--	------------------	----------------

V

9 - <i>Um bicho pequenino, com umas grandes asas, com a cabeça assim para cima (faz gesto com a sua cabeça olhando o tecto). Mais nada (aponta o cartão).</i>	<i>Assim!</i> (Gesto com a cabeça e aponta o cartão).	G F + A Ban
---	---	--------------------

VI

^>^>		Eq. Choque
10 - <i>Uma seta a fazer fumo...</i>	<i>Quaisquer homens amandava uma seta, e a seta ia assim com tanta</i>	D Kob Obj

11 - *Uma seta a fazer fumo para aqui* (aponta a sua direita e bate no cartão com a mão esquerda).

velocidade que fazia fumo (D inf.).

D C'F Frag
→ E

VII

12 - *Dois cães. Isto parece um cão* (aponta à direita do cartão)... *isto não me parece um cão* (aponta à esquerda). *A fazer xixi* (Ri). *Olha a cauda... E aqui, o que é que isto é?*

D (2/3 sups.)

D F + A
→ Kan

(Aponta D central no 1/3 inf.)

13 - *Parece a ser uma gruta*

Gruta (D no 1/3 inf.)

D F - Geo

14 - *... e lá atrás parece a ser uma ponte!*

Ponte (D central no 1/3 inf.)

D F + Arq

VIII

15 - *Dois sapos a pegarem*

(D rosas)

D F + A Ban

16 - *numa seta no fumo!*

Seta (D cinza sup. + D azul)

D Kob Obj

17 - (Repete)... *A sair do fumo.*

Fumo (D laranja)

D EF Frag

IX

^<^

Esta aqui é que eu não estou a ver nada! ++ (!) O que é

Choque

que lhe parece? isto aqui verde... (!) +

18 - *Olha, parece aqui uma coisa assim!* (Gesto de atirar, sobre o D central, no eixo central).

19 - *E três bichos a amandarem esta coisa assim* (repete o gesto anterior). *A amandarem uma coisa, mas eu não estou cá a ver o que é.* + *Esta coisa... >v<^ parece-me assim uma faca, como na "Bela e o Monstro", a andarem ir para uma árvore, para baterem à porta do monstro: Pumba! Pumba!* (Bate na mesa com os nós dos dedos).

X

20 - *Dois escorpiões* (pega no cartão). *Dois escorpiões com uma coisa.*

21 - *Com um bicho aqui no meio deles... eles, com uma colher, a fazerem assim* (gesto de bater).

22 - *E atrás outras coisas... Bichos também!*

23 - *Este aqui parece a ser um dinossáurio. Só que é*

Uma faca na mão. Um pau! Um pau de uma árvore.

E vão a andar para partirem a porta do castelo para irem lá. (?) (Fala da história de "A Bela e o Monstro".

Bichos (a restante mancha)

(D azul)

Que estavam com uma tampa que parecia uma frigideira (D verde) e ia dar com isso nos homens.

Bicho (a restante mancha)

(D cinzento)

Bicho que parece um dinossáurio.

D F - Obj

G Kan - A

Eq. Choque

D F + A

→ Kan

→ Clob

D/bl F⁻ A

D F - A

D F - A

Caso N° 8

SEXO: Masculino

IDADE: 11 anos e 2 meses

<p>I</p> <p>+</p> <p>1 - <i>Um drácula</i> (abana o cartão).</p> <p>2 - <i>Um morcego, acho eu!</i></p> <p>3 - <i>Touro.</i></p>	<p>(G)</p> <p><i>Tem as orelhas assim. É só a cabeça (?) Porque a cara dele é assim. A cara, os olhos (Dbls sups. centrais), a boca (Dbls inf.), só que a boca é assim (abre a sua boca num esgar). As orelhas.</i></p> <p>(G)</p> <p><i>Tem a cara parecida, os chifres (Dbls sups. laterais).</i></p> <p><u>Touro</u> (G) <i>A cabeça.</i></p>	<p>G/bl ClobF (Hd)</p> <p>G F + A Ban</p> <p>G/bl F⁻ Ad</p>
<p>II</p> <p>^v^ +</p> <p>4 - <i>Borboleta.</i></p> <p>5 - <i>Um buraco, e mais nada</i> (poisa o cartão e tira-o para o lado).</p>	<p>(Dbl + D verms. sups.)</p> <p><i>Um as, os coisos (aponta os Dbls verms. sups.), a cara, e aqui o rabo (aponta no inf. do Dbl central).</i></p> <p>(Dbl)</p>	<p>Eq. Choque</p> <p>Dbl/D F⁻ A</p> <p>Dbl F[±] Frag</p>
<p>III</p> <p>6 - <i>Caranguejo. Sapo, mais nada.</i></p>	<p>(Toda sem D verms. sups.)</p> <p><i>O caranguejo tem isto (gesto sobre o resto da mancha) e o sapo também.</i></p>	<p>D/bl F - A</p>

	<u>I. L.</u> (Pessoas?) <i>Não.</i>	
IV		
+ <i>Não sei.</i> +	(G)	Eq. Choque
7 - Um dragão.	<i>Tem aqui assim a cabeça ao meio (D sup. central) e o dinossáurio também.</i>	Tendência Recusa G F - (A)
8 - <i>Um dinossáurio bebé. Mais nada.</i>	(G)	G F - A
V		
9 - <i>Borboleta. Mais... mais nada.</i>	<i>Tem as asas, aquelas coisas (aponta D sup. centrais), pauzinhos, e uns coisos também tem aqui em baixo (aponta D inf. centrais).</i>	G F + A Ban
VI		
10 - <i>Leão.</i>	<i>Porque tem aqui isto (Dds no D sup. central) e as pernas (aponta os quatro D lats.).</i>	G F - A
11 - Um gato, mais nada.	<i>Porque os dois tem bigode!</i> <u>Leão</u> (G) <u>Gato</u> (G)	G F + A
VII		
<i>Que é isto?! (!)</i>		Eq. Choque
+ 12 - <i>Cão.</i>	(G) <i>As orelhas (D sups.)! Isto aqui devia estar junto (aponta extremidades centrais dos D centrais). É a cara</i>	G F - A

	<p>++ <i>As pernas e o rabo.</i> <u>Pernas</u> (Dd lats. nos D centrais) <u>Rabo</u> (Dd inf. central)</p>	
<p>VIII</p> <p><i>Não sei, não sei!</i> + (!) (Abana a cabeça). √^ (Afasta o cartão).</p>	<p><i>Esta não sei.</i> <u>I. L.</u> (Animais?) <i>Leão</i> (D rosas lats.), [G F + A Ban] <i>borboleta</i> (D rosa + D laranja inf.), [G F + A]</p>	<p>Choque Recusa</p>
<p>IX</p> <p>13 - <i>São gotas, muita tinta.</i></p>	<p><i>As cores juntas</i></p>	<p>G C Frag</p>
<p>X</p> <p>(Murmura. Estala a língua na boca). ++ 14 - <i>Um touro.</i> (Baixinho) <i>Mais nada.</i></p>	<p><i>Os olhos</i> (D amarelos infs.), <i>os chifres</i> (D verdes infs.)... <i>coisos, o corpo</i> (D rosas).</p>	<p>D/bl F - A</p>

Prova das Escolhas :

Escolhas + : X e III

X - *Tem muitas cores.*

III - *Porque tem a forma de um sapo. (?) Fazem aquele barulho, parece que estão a dar arrotos.*

Escolhas – : IX e VIII

IX - *Não tem desenho nenhum.*

VIII - *Porque tem leões. (?) E eu sou benfiquista.*

Caso N° 9

SEXO: Feminino

IDADE: 7 anos e 11 meses

<p>I</p> <p><i>Não sei.</i> (Olha).</p> <p>1 - <i>Um fantasma.</i></p>	<p>(G)</p> <p><i>A parte do meio</i> (D central). (Cor)</p> <p><i>Não tem cara.</i></p> <p><i>Tem gola, tem corpo, pés e mãos</i> (aponta o cartão). <i>Tem asas</i> (D lateral).</p>	<p>Tendência Recusa</p> <p>G ClobF (H)</p> <p>→ C'</p>
<p>II</p> <p>Vi...</p> <p>2 - <i>Um corpo.</i></p>	<p>(Gbl)</p> <p><i>Ao meio e de lado.</i> (O que tem o corpo?) <i>Tem pulmões</i> (D negros), <i>sangue</i> (D verms.), <i>fígado</i> (D verm. inf.).</p> <p><u>ADICIONAL</u> - <i>Um monstro</i> (D verm. sup.). <i>Tem a cara mal feita</i> (Dd no D verm. sup.)... <i>tem olhos, boca e cabeça.</i></p> <p>[D F⁻ Clob (H)]</p>	<p>G/bl F⁻ C Anat</p>
<p>III</p> <p><i>Isto aqui eu não sei...</i> +</p> <p>3 - <i>Uma festa.</i></p>	<p><i>Porque tem dois ratinhos</i> (D negros), <i>tem fitinhas</i> (D verms. sups.)... <i>tem fogo</i> (Dd E no D central inf.), <i>tem lacinho</i> (D verm. central)...</p>	<p>Tendência Recusa</p> <p>G Kan Cena</p> <p>→ Kob</p> <p>→ C</p>

IV

4 - *Um gigante.*

(G)
Tem os pés muito grandes (D inf. lats.), umas mãos muito fininhas (D sup. lats.) e a cara também é muito fininha.

G F + (H)

V

5 - *Borboleta.*

(G)
Mexe-se toda.

G Kan A Ban

VI

6 - *Carneiro.*

(Olha por detrás do cartão) (G).
Aqui os olhos (Dd no D sup.)... aqui as patinhas (D lats. no D inf.) e aqui a boca (Dd no D sup.).

G F - A

VII

7 - *Dois cães.*

(D médios)
ADICIONAL - *Aqui uns banquinhos*
 (D inf.)

D F + A

[D F - Obj]

VIII

^< (Olha por detrás do cartão)

>^ (olha de lado). (Ri-se).

8 - *Uma boca.*

(G)
Aqui a parte da boca (D rosas lats.) e aqui os dentes (D centrais)...

Choque

G/bl F - Hd

<p>IX</p> <p>^<^+</p> <p>9 - <i>Uma boca de leão.</i></p>	<p><u>I. L.</u> (Animais?) <i>Não.</i></p> <p>(G)</p> <p><i>É grande! Tem os dentes muito grandes (D rosa inf.), aqui a boca e a gengiva (o resto da mancha).</i></p>	<p>Choque</p> <p>G F - Ad</p>
<p>X</p> <p>10 - <i>Dois caranguejos.</i></p>	<p>(D lats. azuis)</p> <p><u>ADICIONAL</u> - <i>E aqui é uma festa onde as pessoas se divertem. Gostam de viver e se divertir (G)... (?) Porque tem muitas coisas.</i></p> <p>[G K Cena]</p>	<p>D F + A Ban</p>

Prova das Escolhas :

Escolhas + : IV e IX

IV - *Tem umas pernas muito longas.*

IX - *Porque tem os dentes muito grandes.*

Escolhas - : I e V

I - *Porque é um fantasma... Porque tem duas asas e não tem cabeça.*

V - *Porque tem asas grandes e pés fininhos.*

Caso N° 10

SEXO: Masculino
 IDADE: 6 anos e 2 meses

<p>I</p> <p>1 - <i>Uma mosca.</i> <i>Faz lembrar uma mosca. + É uma mosca que me parece.</i></p>	<p>(G) <i>Olha, porque tem asas!</i> <i>Porque tem estas mãos (aponta Dd sups. centrais) + Onde é que estão os olhos? + Tem aqui outra asa e isto... está pegado. Por isso é que me faz lembrar uma mosca. (?) Aqui as pernas é que estão pegadas (aponta no centro da mancha).</i></p>	<p>Eq. Choque G F - A</p>
<p>II</p> <p>^v^v + <i>Não é uma mosca, é... o que é que é...</i></p> <p>2 - <i>É um morcego!</i> <i>Morcego?!</i></p> <p>3 - <i>Uma borboleta! Qual morcego!</i> (Repete)</p>	<p>(G) <i>Porque tem aqui estes corninhos (Dds verms. infs.), porque tem aqui as asas (D negros lats.) e depois tem aqui os pés, colados também (D verms. sups.).</i></p>	<p>Eq. Choque G/bl F + A</p>
<p>III</p> <p>4 - <i>Dois patos.</i></p>	<p><i>As cabeças, + o corpo, as patas. Só falta aqui uma do outro lado, mas não faz mal! + Também não tem cara, só o bico.</i> <u>I. L.</u> (Pessoas?) <i>Não.</i> (Laço?) <i>Sim</i> (D verm. central). <i>Duas pessoas é que não! Como é que</i></p>	<p>D F - A</p>

podia ser? Tem aqui dois bicos!

[D F⁺ Vest/Obj Ban]

IV

5 - *Um palhaço.*

Faz-me lembrar um palhaço porque tem aqui... tem umas mãos! Tem uns grandes sapatos!

G K + H

V

6 - *Outra borboleta.*

Porque tem cornos (aponta D sup. central). Tem isto, umas patas e estas asas.

G F + A Ban

VI

*Esta faz-me lembrar... Nada!
Não me faz lembrar nada!
Esta não me faz lembrar nada!*

ADICIONAL - *Um gato. Só se for um gato! Não se percebe bem a cabecinha dele... Só se for os bigodes (aponta Dd sup. no D sup. central), as patas (aponta D lats. no D inf.). Não é um gato, é um tapete de gato! (Repete) Porque está deitado, não se consegue ver a cabeça.*

**Choque
Recusa**

[G F + A/Obj]

VII

∧∨ ...

7 - *Uma senhora baixinha a dançar (faz o movimento de se encolher e dançar).*

(G)

Porque tem aqui os cabelos, as mãos e os pés.

G/bl K - H

VIII

^v

8 - *Uma rosa* (toca repetidamente nos D lats.).

Porque tem aqui a rosa (aponta D rosas lats. + D rosa inf. + D laranja inf.), e isto aqui (D verde + D cinza) é onde está plantada.

I.L. (Animais?) Faz! Dois tigres a subir. Porque tem aqui as patas e tem aqui um corpo. São mesmo dois animais a subir à rosa, e depois tem aqui a cauda caída para baixo.

[D F + A Ban]

→ Kan

G CF Bot

IX

^v

9 - *Uma menina a dançar.*

Porque tem aqui cabelos, tem aqui olhos (Dds no D rosa inf.). Depois tem aqui os pés. + É esquisita.

G K + H

X

10 - *Muitas flores.*

Porque aqui está uma flor, aqui outra, aqui outra, aqui outra... (aponta todos os D da mancha), às cores!

G CF Bot

Prova das Escolhas :

Escolhas + : III e V

III - *Porque são dois patos e eu gosto de patos.*

V - *Porque é uma borboleta e eu gosto de borboletas, são giras!*

Escolhas – : I e IV

I - *Porque é uma mosca, não gosto de moscas (levanta-se, olha à volta)*

IV - *Porque é um palhaço e os palhaços fazem-me rir. (?) Gosto! Toda a gente gosta de rir! Mas não gostei deste palhaço porque está todo preto. (Fala na morte da bisavó e aponta a data da morte no calendário.) "Morreu! Morreu! Já não há nada a fazer!" (Fala na avó, com quem dorme, e diz que ela se quer ir embora.).*

Caso Nº 11

SEXO: Feminino
 IDADE: 6 anos e 4 meses

<p>I</p> <p><i>A... Ah! ++ (Coça a cabeça)</i> <i>Isto não sei o que é. (!) ++</i> <i>(?)</i> <i>1 - Um avião. Já sei, é um avião!</i></p>	<p>(G) <i>A cor é cinzenta e eu pensei pela minha cabeça.</i></p>	<p>Choque Inicial G F⁻ C' Obj → Kob</p>
<p>II</p> <p><i>Um! Ai!...</i> <i>2 - Isto parece mais um terror! Parece mais um terror! ++ (!) ++ (põe a mão na cabeça e olha para cima). Isto é só coisas assim] ++ +</i> v</p> <p><i>3 - Fogo.</i></p>	<p><i>Porque eu vejo os filmes de terror na televisão! (?) Porque o terror é cinzento e encarnado. (?) Mais cinzento.</i></p> <p>(D sups.) <i>Porque é encarnado!</i></p>	<p>Choque à Cor G Clob Abst → C' → C</p> <p>D C Elem</p>
<p>III</p> <p><i>^v...</i> <i>4 - Parece-me mais uma aranha.</i></p> <p><i>5 - Fogo! É fogo! (Mostra-me o desenho).</i></p>	<p><i>Porque há aranhas na minha casa. Porque a aranha é cinzenta, e tem veneno encarnado, e tem as patas encarnadas.</i></p> <p><i>Porque o fogo é encarnado.</i></p>	<p>Choque à Cor G F⁻ C A → Clob → C'</p> <p>D C Elem</p>

A aranha tem patas encarnadas, tem vermelho.

6 - *Um terror?! É? (!) É um terror!*

I. L. (Pessoas?) *Não!*
 (Borboleta?) *Não! Sim!* (Abana afirmativamente a cabeça) *Assim,* (aponta D no D negro "pessoa") *tem as pernas aqui e aqui* (D verms. sups.), *as costas delas* (Dbl + D central verm.). *Aqui é as patas!* (D verm. sups.).
 (Laço?) *Não.*

[G/bl F - A]

G Clob Abst

IV

7 - *Um rato* (põe-se de imediato a rodar o cartão).

Porque o rato é cinzento! Tem patas assim, tem rabo assim, e tem uma cabeça assim.

G F⁻C' A

V

8 - *Isto... uma aranha!*

Porque a aranha tem um bocadinho de asas.

ADICIONAL - *Uma borboleta. Uma borboleta tem assim um risquinho* (aponta eixo central).

[G F + A Ban]

G F - A
 → Clob

VI

9 - \wedge *Um gato.*

Porque o gato tem bigodes (Dd no D sup.), *tem patas* (os 4 D lats. inf.) e

G F + A

tem um risquinho no meio (aponta eixo central).

VII

Já vi tantas! Só faltam três!

10 - *Um corcodilo.*

Porque tem um risco... (aponta pequeno eixo central no D inf.) (!) Porque tem bolinhas assim à volta (aponta E nos D negros), porque tem patas.

Com. Subjectivo

G F E A

VIII

Um! Aqui é que são umas cores!

11 - *Um tubarão.*

Porque os tubarões tem uma boca assim grande (D cinz. sup.), as espinhas (Dds no D azul centrais) e o rabo (D laranja).

I. L. (Animais?) *Não.* (?) *Vejo* (aponta D rosas lats.). (?) *Os dinossáurios.* (?) *Porque tem assim um rabo e tem assim patas.*

Eq. Choque

Comentário Cor

G/bl F - A

[D F - (A)]

IX

Ai, mais cores!

+

12 - *Aqui parece mais um corcodilo.*

(G)

ADICIONAL - $\wedge \vee$ *Um elefante.*

Porque o elefante tem assim umas orelhas (D rosas lats. inf.), tem assim espinhas (aponta vagamente Dbl

Eq. Choque

Comentário Cor

G F - A

central) e tem um rabo (D laranja).
 tem aqui umas orelhas grandes
 (aponta e toca nas suas próprias
 orelhas), tem uns olhos assim (aponta
 os olhos dela e aponta E nos D rosas
 centrais) e tem uma... uma tromba
 (aponta o nariz dela e o eixo central
 no Dbl).

[G F + A]

X

Ai! Só falta-me uma! Ah!

Um, um, um! +

13 - Um peixe.

Eq. Choque

D/bl F - A

→ Kan

*Porque o peixe tem um rabo (D verde
 inf.).*

*Ah! Um peixe agulha! (?) Porque tem
 braços + (?) Ah! Um peixe agulha,
 digo! Porque tem braços, quer dizer,
 aquelas coisinhas assim (junta os
 braços ao corpo e faz o movimento de
 ondear), porque tem um nariz aqui,
 grande (D cinz. sup. e aponta o seu
 próprio nariz), barbatanas (D azuis
 sup. lats.).*

I. L. (Aranhas?) Não.

*(Caranguejos?) Vejo aqui (D azuis
 sup. lats.)*

[D F + A Ban]

Prova das Escolhas :

Escolhas + : IX e VIII

IX - *Porque essa é um elefante e eu gosto muito de elefantes e são muito giros.*

VIII - *Porque essa é um tubarão, anda em água. (?) Gosto. Gosto de andar em praias.*

Escolhas – : II e III

II - *Porque essa é um terror e é fogo. (?) Tenho medo! Porque a minha prima põe filmes de terror.*

III - *Porque é uma aranha, é muito feia. Está a andar em casas.*

Caso N° 12

SEXO: Masculino

IDADE: 6 anos e 9 meses

<p>I</p> <p><i>Isto parece...</i></p> <p>1 - <i>Um morcego. (!) E as asas, e até estão mal feitas! + Isto aqui não percebo. (!) Mais uns buracos aqui.</i></p>	<p>(G)</p> <p><i>Porque os morcegos não são assim. Está errado! (?) Estes estão mal feitos. Olha! Os buracos estão no morcego mas estão mal.</i></p>	<p>G/bl F + A (Ban)</p> <p>Crítica de Objecto</p>
<p>II</p> <p>2 - <i>Esta parece um galo e uma galinha...</i></p> <p>3 - <i>a deitarem sangue e a jogarem. E mais nada.</i></p>	<p><i>Porque eles estão mal feitos. Não são assim. (?) Eles nunca morrem! (D verm. sup.). É a cabeça deles, toda mal feita.</i></p> <p>(D verm. inf.)</p> <p><i>A cabeça (D verms. sup.), o corpo (D negros) e o sangue (D verm. inf.).</i></p>	<p>Eq. Choque</p> <p>G Kan - A</p> <p>D C Sg</p>
<p>III</p> <p>4 - <i>Esta parece um esqueleto.</i></p> <p>5 - <i>E um cavalo.</i></p> <p>6 - <i>Um laço.</i></p> <p>7 - <i>E agora pintinhas a caírem, duas!</i></p>	<p>(G)</p> <p><i>Porque estava todo mal feito! Todo mal feito!</i></p> <p>(D negro)</p> <p><i>Mas está mal.</i></p> <p>(D verm. central)</p> <p><i>O laço é que está bem.</i></p> <p>(D verms. sup.)</p> <p><i>Mal feitas, duas!</i></p> <p><u>I. L.</u> (Pessoas?) Não.</p>	<p>G F + Anat</p> <p>D F - A</p> <p>D F⁺ Vest/Obj</p> <p>Ban</p> <p>D Kob Frag</p>

IV	<p>8 - <i>Esta parece um monstro!</i></p> <p>9 - <i>E o Lobo Mau e as mãos abertas.</i></p>	<p><i>Com asas. Mal feito. O monstro é amigo do Lobo Mau. (Asas - D lats. sups.)</i></p> <p><i>(D central)</i></p> <p><i>Estava mal feito.</i></p> <p><u>Mãos</u> - <i>Do lobo e do monstro (D lats. sups.).</i></p>	<p>D F⁺Clob (A)</p> <p>D F⁻Clob A</p>
V	<p>10 - <i>Uma joaninha. O rabo. As asas. Mais nada.</i></p>	<p><i>Isto estava bem feito! Aqui mal feito, porque a joaninha não tem nada aberto nas asas! (Aponta Dbl nos D lats.)</i></p> <p><u>I. L.</u> (Morcego?) <i>Não.</i></p> <p>(Borboleta?) <i>Vejo.</i> (D central na 1/2 sup.).</p>	<p>G F - A</p>
<p>[D F - A]</p>			
VI	<p>11 - <i>É um leão.</i> $\wedge \vee$ <i>Os pelos.</i></p>	<p><i>Isto estava mal feito! (?) Tudo!</i> <i>(Dds lats. no D sup.)</i></p>	<p>G F - A</p>
VII	<p>12 - <i>Parece uma cruz.</i> <i>Um buraco à volta.</i></p> <p>13 - <i>E um bicho.</i></p>	<p><i>Estava mal feita! (?) É isto tudo! (G)</i> <i>(O fundo branco da prancha)</i></p> <p><i>(Dd inf. central) (?) Uma minhoca.</i></p>	<p>G F - Arq $\rightarrow C'$</p> <p>Dd F - A</p>

VIII

14 - *Isto é uma barata. É cor-de-rosa, cinzenta, azul e laranja.*

Isto estava mal feito. A minha casa está cheia de baratas, já é antiga. (?) Não tenho medo, eu mato logo.
I. L. (Animais?) Não.

G/bl F⁻C A
 → C'

IX

15 - *Esta parece um caranguejo. Cheio de tintas. Com as mãos. Mais nada.*

Isto está mal feito. À volta toda dele (aponta o fundo branco de todo o cartão) está mal feito.
Mãos (Dd no D laranja)

G F - C A

X

Ih! Isto até parece... √ Um papa... não!

16 - *Dois papagaios! Um grande*

Isto estava mal feito.
pequeno (D verde inf.)
grande (D cinz. sup.)

D F - C A

17 - e um pequeno.
 Está cheio de tintas.
 Mais nada.

I. L. (Aranhas?) Não.
 (Caranguejos?) Sim. (D cinz. lats. infs.)

D F - C A

[D F + A]

Prova das Escolhas :

Escolhas + : V e III

V - Porque está bem feito.

III - *Gostei disto e disto* (aponta todos os D).

Escolhas – : I e II

I - *Por causa disto* (aponta os Dbl centrais). (?) *Porque os morcegos não são assim.*

II - *Por causa do sangue.*

Caso N° 13

SEXO: Feminino

IDADE: 8 anos

<p>I</p> <p>+</p> <p>1 - <i>Um morcego.</i></p>	<p>(G)</p> <p><i>Porque é parecido com um morcego e tem asas como o morcego. Está virado para a frente. (?) Porque está a voar para a frente.</i></p> <p><i>Tem a cara mais ou menos redonda. Tem aqui os olhos (Dd no D central sup.) e tem aqui as mãos (Dd sup.).</i></p>	<p>G Kan A Ban</p>
<p>II</p> <p>2 - <i>Uma cara.</i></p>	<p><i>Porque aqui tem os olhos (D verms. sups.), depois tem aqui a boca (D verm. inf.), tem aqui o nariz (Dbl) e tem a cara mais ou menos redonda.</i></p>	<p>G/bl F⁻ Hd</p>
<p>III</p> <p>3 - <i>Um casaco?</i></p> <p>4 - <i>Com um laço.</i></p>	<p><i>Porque é muito parecido com o casaco e... porque tem aqui a gola do casaco (Dbl sup.).</i></p> <p>(D verm. central)</p> <p><u>I.L.</u> (Pessoas?) <i>Vejo, aqui. Com a cara virada uma para a outra, com as pernas assim (gesto no cartão sobre os D negros).</i></p> <p>[G K H Ban]</p>	<p>G/bl F⁻</p> <p>Vest/Obj</p> <p>DF⁺ Vest/Obj Ban</p>

IV

++ (!)

5 - *Um coelho.*

Vejo umas orelhas de um lado e de outro (toca nas suas próprias orelhas), vejo umas pernas e vejo um nariz aqui (no D sup.). Ele está virado para a frente, só se vê um bocadinho da cara!

G F - Ad

V

6 - *Uma borboleta.*

Porque tem a cara como a da borboleta. Tem uns corninhos, tem asas parecidas com as da borboleta. Está a voar virada para a frente.

G Kan A Ban

VI

++ (!) ++

7 - *Um gato.*

Que tinha as orelhas (D lats. sups.) e tinha os bigodes (Dd sups.), tinha o nariz (D sup.), tinha aqui as pernas (D lats. infs.). São quatro pernas. Aqui o pescoço e mais nada.

G F + A

VII

+

8 - *Dois coelhos.*

Porque tinham as orelhas como os coelhinhos (D sups.), tinha o rabinho como o coelhinho (D lat. no 1/3 médio), tinha a carinha como a do coelhinho (D nos 1/3 superiores) e tem umas pernas aqui (ligação entre os D do 1/3 médio e do 1/3 inf.).

G F + A

VIII

+

9 - *Dois bichinhos.*

Porque tem um rabinho como o dos bichinhos (Dd na ligação dos D rosas lats. com o D azul), tem quatro pernas, tem a carinha, tem aqui os olhos (Dbl nos D rosa lats.) e mais nada. (?) Estão a subir uma montanha.

D F + A Ban
→ **Kan**

IX

10 - *Um esqueleto?*

Porque aqui parece os ossos (G), depois tem aqui uma risca (aponta o eixo central), onde os ossos estão seguros.

G F + Anat

X

11 - *Duas aranhas.*

(D azuis lats.)

D F + A Ban

E está aqui a cara (Dbl no D azul).

12 - *Dois bichos.*

(D castanhos lats. infs.)

D F[±] A

Prova das Escolhas :

Escolhas + : VII e IV

VII - *Porque os coelhinhos são macios e... tem o pelo muito macio (irregularidades no Dbl de bordura)*

IV - *Porque tem umas orelhas muito fofinhas e tem umas perninhas, e em toda a volta dele tem pelinho.*

Escolhas – : I e II

I - *Porque aquilo é preto! E... faz-me nojo, a mim!*

II - *A cara? Porque aqui na boca parece que está a sangrar... e os olhos são vermelhos. (?)
De um monstro!*

Caso N° 14

SEXO: Feminino

IDADE: 8 anos e 7 meses

<p>I</p> <p>Um...</p> <p>1 - <i>Uma menina e dois meninos a brincarem.</i></p>	<p>(G)</p> <p><i>Porque aqui parece um vestido (D interior) e aqui dois meninos de mãos abertas (D lats.).</i></p>	<p>G K+ Cena</p>
<p>II</p> <p>2 - <i>Dois macacos com um chinelo na mão, a bater.</i></p>	<p><i>Porque isto parece um chinelo (D sups. centrais) e as mãozinhas deles a bater. (?) É o feitio, faz-me lembrar dois macacos.</i></p>	<p>D Kan + A</p>
<p>III</p> <p>++</p> <p>3 - <i>Parecem dois insectos a fazerem comida.</i></p>	<p><i>O feitio parece dois insectos (D negros) e aqui parece uma central (D inf.) e aqui duas colheres (D verms. sups.).</i></p> <p><u>I. L.</u> (Pessoas?) Não.</p> <p>(Laço? Borboleta?) <i>Lacinho! Parece-me, aqui no meio (D verm. central).</i></p> <p>[D F + Vest/Obj Ban]</p>	<p>D Kan - A</p>

IV

^v^+

4 - *Um macaco.*

Isto aqui parecem dois pés de macaco (D inf. lats.) e o feitio também me faz lembrar um macaco (G).

G F + A

V

5 - *Esta aqui é uma borboleta,*
6 - *ou um mocho.*

Porque o mocho e a borboleta tem assim as asas abertas e os pauzinhos.

G F + A Ban

G F - A

VI

^v^+++

7 - *Será uma cobra?!*

*Porque vem daqui, de dentro de...
ADICIONAL - duas pedras... (D inf. aos lados do eixo médio)
[D F⁻ Frag]
... e faz-me lembrar uma cobra (eixo médio + D sup.).*

Eq. Choque

D F + A

→ **Kan**

VII

8 - *Esta aqui são duas meninas, que estão em cima de uma pedra, se não ma engano, e estão a falar.*

Meninas (D nos 1/3 sup. e médio)
Pedra (D no 1/3 inf.)
Porque tem aqui o cabelo (D sup. no D do 1/3 sup.), a cara e as calcinhas, o rabinho e a pedra.

G K + H

VIII

9 - *É um ratinho*

Ratinho (D lat. rosa esq.)

D F + A Ban

10 - *e um passarinho.*

Passarinho (D lat. rosa dto.)
Isso aqui tem a forma de um rato e este aqui tem a forma de um pássaro. O rato tem três pernas, o pássaro tem só duas (aponta ligações dos D rosas lats. aos D cinz. e D azul).

D F - A

IX

^v<^ +

11 - *Talvez a cara de duas pessoas?!*

(D azuis)
Caras - os olhos (Dbl lats.), o queixo e o nariz (Dbl de bordura sobre os D azuis).

Eq. Choque
D F + A

12 - *Dois narizes?!*

Nariz (D laranjas sup.) *Porque tem o feitio dos nossos narizes.*

D F - Hd

X

13 - *Esta aqui são quatro aranhas.*

(D azuis sups. + D castanhos inf.)

D F + A Ban

14 - *Um escorpião. Mais nada.*

(D verde inf.)
Só está a cabecinha e os bracinhos.

D F - Ad
 → Clob

Prova das Escolhas :

Escolhas + : I e VII

I - *Porque acho que é uma coisa, que é uma coisa de amizade. Que crianças todas juntas a brincarem só fazem é bem! Eu acho piada.*

VII - *Porque crianças a falarem, a trocar ideias, é uma coisa bonita. Depois podem dar alguma conclusão... Depois a falarem assim é bonito. (?) Falar sobre os trabalhos de casa.*

Escolhas – : III e VIII

III - *Porque... acho que, que não é muito gira... que não tem assim... que não é assim tão gira como eram aquelas que eu disse que eram. (?) São os insectos, só tem uma perna!*

VIII - *Porque não gosto, acho feio. (?) É o rato, é muito esquisito. E tem o rabinho colado aqui, e o pássaro também, e não gosto!*

Caso N° 15

SEXO: Feminino
 IDADE: 9 anos e 1 mês

<p>I</p> <p>1 - <i>Um lobo.</i></p> <p>2 - <i>Um gato.</i> <i>Mais nada.</i></p>	<p><i>Porque tinha as orelhas assim (gesto nas suas orelhas e sobre os D lats. sups.) e isto (D inf. central), focinho! Mas é uma cabeça de um lobo. (G)</i></p> <p>(G)</p> <p><i>Porque às vezes os gatos quando estão furiosos baixam as orelhas assim (aponta os D lats. sups.). E parece que tem os bigodes (Dds inf. lats.).</i></p>	<p>G F⁻ Clob Ad</p> <p>G F - Ad → Clob → Kan</p>
<p>II</p> <p>3 - <i>Dois homens.</i></p> <p>4 - <i>Uma borboleta.</i></p>	<p><i>Os pés (ligação dos D negros com o D verm. inf.), uma mão, a outra mão (D centrais sups.) e a cabeça com os chapéus (D verms. sups.).</i></p> <p>(G) <i>Estava com as asas assim (gesto com os braços), as asas (D negros), os pauzinhos (D verms. sups.), o corpo (Dbl central) e o rabo (D verm. inf.).</i></p>	<p>D F + H</p> <p>G/bl F⁺ A</p>
<p>III</p> <p>5 - <i>Um sapo.</i></p>	<p>(G)</p> <p><i>Uma boca (interior do Dbl central entre o D negro inf. central, os D negros lats. e o D verm. central), e o nariz (D negro inf.) e os olhos (D lats. no D verm. central).</i></p>	<p>D F - A</p>

6 - *Um jarro.*

Mais nada.

(G)

É o feitio assim do jarro, todo (assinala com o dedo a forma de toda a mancha, em U).

I. L. (Pessoas?) *Vejo. Dois pretos a segurarem uma ave* (D inf. central), *não, um morcego!*

[G K H Ban]

(Borboleta? Laço?) *Lacinho, vejo!* (D verm. central)

[D F + Vest/Obj Ban]

G F - Obj

IV

7 - *Um monstro.*

Porque aqui tem o nariz como os outros monstros (D sup. central). *É um monstro dos "Marretas", não é o "Monstro das Bolachas"!*

G F⁺Clob (H)

8 - <v + E *um passarinho.*

Mais nada.

v *Porque aqui tem as asas* (D sups. lats.) *aqui a cabeça* (D sup. central) e *aqui o rabo* (D inf.).

G F - A

V

9 - *Um morcego.*

< + (?) *Não vejo mais nada!*

Porque tinha aqui as asas (D lats.), *tinha aqui as patinhas* (D inf. central), *tinha aqui a cabecinha* (D sup. central).

G F + A Ban

VI

^v<> + v ...

10 - *Uma rã.*

Mais nada.

(Já não se lembra da rã) (G)

ADICIONAL - v *Faz lembrar uma*

Eq. Choque

G Kan - A

daquelas coisas que se segura um pau para pôr à frente da cara, ... , uma máscara de Carnaval. Tem aqui os bigodes (Dds lats. no D sup.).

[G F + Másc/Obj]

VII

^>^

11 - *Uma menina.*

∨ *Aqui é a cabeleira da menina (D negro - toda a mancha). Não tem a cara.*

G/bl F⁻ H

12 - *E uns cornos assim* (sorri e faz um gesto sobre toda a mancha).

(G) *E aqui os cornos do diabinho.*

D F - (Hd)

Mais nada.

VIII

<^ ...

13 - *Parecem uns lagartos aqui* (aponta D rosas).

(D rosas lats.) *Aqui são os bichinhos.*

D F + A Ban

14 - ∨^ *Umas flores.*

(G) *Aqui é as flores (D cinz. + D azul + D rosa inf. + D laranja) e aqui é por onde elas respiram (D rosas lats.), as folhas!*

G F + C Bot

15 - *Uma árvore de Natal.*

(G) *E aqui é as bolinhas dela (D rosas lats.).*

G F + C Obj

IX

16 - *Dragões.*

(D laranjas + D azuis)

Eq. Choque

<p>X</p> <p>^<^ +</p> <p>17 - <i>Escaravelho</i> <v>.</p> <p>18 - <i>Uma mola</i>.</p> <p>19 - <i>E uma cobra</i>.</p> <p>20 - <i>E o fogo</i>.</p> <p>21 - <i>E uma aranha. Duas!</i></p>	<p>(D rosas + D cinz. sups.) <i>E depois faz de conta que isto aqui é tudo preto!</i> (Aponta o restante interior da mancha).</p> <p>(D verde inf.)</p> <p>(D verde inf.)</p> <p>(D amarelos + D verms. centrais)</p> <p>(D azuis lats. sups.)</p>	<p>D/bl F⁻ A</p> <p>D F + Obj</p> <p>D F + A</p> <p>D C Elem</p> <p>D F + A Ban</p>
--	---	---

Prova das Escolhas :

Escolhas + : X e VIII

X - *Porque tinha muitas cores.*

VIII - *Porque é uma árvore de Natal e flores. Porque aqui é um ramo de flores. Aqui é a terra (D rosa inf. + D laranja). A árvore de Natal tinha um bico (o extremo sup. do D cinz.) e aqui faz de conta que tinha uma estrela (aponta espaço do fundo branco sobre o D cinz.).*

Escolhas - : IX e III

IX - *Porque aqui tem aqui as orelhas e eles não tem as orelhas aqui! E está mal, e aqui também! (Aponta toda a mancha indiscriminadamente). E o rabo devia de ser um bocadinho comprido! Mas era fininho.*